

ROCCO
JOVENS LEITORES

VOCÊ NÃO
PRECISA SER
BOM PARA SER
PERFEITO

as
Perfeccionistas

DA AUTORA DO BESTSELLER
PRETTY LITTLE LIAR

SARA SHEPARD



SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo quatorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezenove](#)

[Capítulo vinte](#)

[Capítulo vinte e um](#)

[Capítulo vinte e dois](#)

[Capítulo vinte e três](#)

[Capítulo vinte e quatro](#)

[Capítulo vinte e cinco](#)

[Capítulo vinte e seis](#)

[Capítulo vinte e sete](#)

[Capítulo vinte e oito](#)

[Capítulo vinte e nove](#)

[Capítulo trinta](#)

[Capítulo trinta e um](#)

[Capítulo trinta e dois](#)

[Capítulo trinta e três](#)

[Capítulo trinta e quatro](#)

[Capítulo trinta e cinco](#)

[Capítulo trinta e seis](#)

[Capítulo trinta e sete](#)

[Agradecimentos](#)

[Leia também](#)

[Créditos](#)

[A Autora](#)

Em plena vida nos achamos na morte.

— AGATHA CHRISTIE, *E não sobrou nenhum*

PRÓLOGO

EM VÁRIOS ASPECTOS, BEACON HEIGHTS, em Washington, é igual a qualquer outro subúrbio abastado: balanços rangem suavemente à brisa da noite na varanda, os gramados são verdes e bem-cuidados e todos os vizinhos se conhecem. Mas essa cidade-satélite de Seattle não tem nada de comum. Em Beacon não basta ser bom; é preciso ser o *melhor*.

Com a perfeição vem a pressão. Os estudantes de lá estão entre os melhores do país e às vezes precisam esfriar a cabeça. Mas o que cinco garotas não sabem é que o frio pode queimar tanto quanto o fogo.

E alguém vai sair queimado.

Na sexta à noite, quando o sol estava se pondo, carros começaram a estacionar em frente ao imenso solar em estilo italiano de Nolan Hotchkiss, que ficava em uma península com vista para o lago Washington. A casa tinha portões de ferro fundido, uma entrada circular para carros com uma fonte de mármore, várias sacadas e um candelabro de cristal de três níveis, visível pela alta janela da frente. Todas as luzes estavam acesas, uma batida alta vinha lá de dentro e gritos animados eram ouvidos no quintal. Adolescentes com bebidas roubadas dos pais ou garrafas de vinho escondidas na bolsa subiam a escada da frente e entravam direto. Não era preciso tocar a campainha, pois o Sr. e a Sra. Hotchkiss não estavam em casa.

Que pena. Estavam perdendo a maior festa do ano.

Caitlin Martell-Lewis, que usava sua melhor calça jeans, uma polo verde que destacava os reflexos âmbar de seus olhos e tênis TOMS com estampa xadrez, saiu de um Escalade com o namorado, Josh Friday, e os amigos do futebol dele, Asher Collins e Timothy Burgess. Josh, cujo hálito já estava com um cheiro azedo por causa da cerveja da festa pré-jogo, protegeu os olhos castanhos com a mão e olhou embasbacado para a mansão.

— Que lugar irado.

Ursula Winters, que queria desesperadamente ser namorada de Timothy, e também era a maior rival de Caitlin no futebol, saiu do banco de trás e ajustou a enorme camiseta de manga morcego.

— Esse cara tem tudo.

— Menos uma alma — murmurou Caitlin, mancando pelo gramado por causa da dor no tornozelo que machucara jogando futebol. O silêncio recaiu sobre o grupo quando eles entraram no grande saguão, com seu piso xadrez e uma grande escadaria dupla. Josh lançou um olhar enviesado a ela.

— O que foi? Era brincadeira — disse Caitlin, rindo.

Porque se alguém falasse mal do Nolan, mesmo se boicotasse sua festa, estaria fora da lista dos mais populares da Beacon Heights High. Mas Nolan tinha tantos inimigos quanto amigos, e Caitlin era quem mais o odiava. O seu coração disparava ao pensar no plano secreto que ela estava prestes a botar em prática. Ela se perguntou se as outras já tinham chegado.

O escritório estava cheio de velas e grandes almofadas vermelhas. Julie Redding era o centro das atenções no meio do cômodo. Seu cabelo castanho avermelhado descia liso e brilhante pelas costas. Ela usava um vestido tomara que caia da Kate Spade e saltos cor de marfim que destacavam suas pernas longas e flexíveis. Um atrás do outro, colegas de turma iam até ela e elogiavam sua roupa, seus dentes brancos, suas joias maravilhosas, aquela coisa engraçada que ela tinha dito na aula de inglês no outro dia. Era típico, claro, todo mundo *sempre* amara a Julie. Ela era a garota mais popular da escola.

Então Ashley Ferguson, uma aluna do segundo ano que tinha acabado de pintar seu cabelo do mesmo tom avermelhado de Julie, parou e abriu um sorriso reverente.

— Você está maravilhosa — derreteu-se ela, assim como os outros.

— Obrigada — disse Julie, com modéstia.

— Onde você comprou esse vestido? — perguntou Ashley.

Nyssa Frankel, amiga de Julie, colocou-se entre as duas.

— Por quê, Ashley? — disparou ela. — Você vai comprar um igual?

Julie riu quando Nyssa e Natalie Houma, sua outra melhor amiga, comemoraram. Ashley fez cara feia e saiu batendo os pés. Julie mordeu o lábio, sem saber se fora cruel demais. Só havia uma pessoa com quem ela queria ser deliberadamente cruel naquela noite.

E essa pessoa era o Nolan.

Enquanto isso, Ava Jalali comia um palitinho de cenoura ao lado do namorado, Alex Cohen, na cozinha de carvalho reaproveitado e mármore dos Hotchkiss. Ela observava com desejo uma torre de bolinhos ao lado da bandeja de legumes.

— Por que foi mesmo que decidi fazer uma dieta de detox?

— Porque você é louca? — Alex ergueu as sobrancelhas com malícia.

Ava lançou a ele um olhar de *dã* e tirou o cabelo escuro, macio, liso e perfeito

dos olhos. Ela era o tipo de garota que detestava ver imagens do interior do corpo humano na aula de biologia; não tolerava a ideia de que *ela* era tão feia e bagunçada por dentro.

Alex passou o polegar na cobertura de um bolinho e aproximou a mão do rosto de Ava.

— Delicioso...

Ava recuou.

— Tire isso daqui!

Mas depois riu. Alex tinha se mudado para lá no nono ano. Ele não era tão popular ou rico quanto os outros caras, mas sempre a fazia rir. Só que a imagem de uma pessoa na porta apagou o sorriso do rosto dela. Nolan Hotchkiss, o anfitrião da festa, a olhava com um sorriso quase territorial.

Ele merece o que vai receber, pensou ela sombriamente.

No quintal, com suas arcadas altas levando de um pátio a outro, enormes vasos de plantas e um longo caminho de ardósia que praticamente terminava na água, Mackenzie Wright dobrou a bainha da calça jeans, tirou os anéis dos dedos dos pés e os enfiou na piscina de borda infinita. Muita gente tinha mergulhado, incluindo sua melhor amiga, Claire Coldwell, e o namorado dela, Blake Strustek.

Blake girou Claire e segurou a mão dela.

— Ei, cuidado com os dedos — avisou Claire. — Eles são minha passagem para a Juilliard.

Blake revirou os olhos para Mac, que desviou o rosto, quase como se detestasse Blake.

Ou talvez porque gostasse *demaís* dele.

Então a porta do pátio se abriu e Nolan Hotchkiss, o centro das atenções, saiu para o gramado com uma expressão convencida de *eu sou o dono desta festa*. Ele se aproximou de dois garotos e os cumprimentou. Após um instante, eles olharam na direção de Mac e começaram a sussurrar.

Mac encolheu a barriga, sentindo o olhar deles examinar seu nariz arrebitado, seus óculos de armação grossa e escura e seu grande e pesado cachecol de tricô. Ela sabia do que eles estavam falando. Seu ódio por Nolan se reacendeu.

Bip.

O telefone, que estava ao lado dela no chão de lajotas, se acendeu. Mac olhou a mensagem de texto de sua nova amiga, Caitlin Martell-Lewis.

Está na hora.

Julie e Ava receberam a mesma mensagem. Como robôs, todas se levantaram, pediram licença e foram até o ponto de encontro. Havia copos vazios no piso do saguão, tinham esmagado um bolinho na parede da cozinha, e o escritório

exalava um odor distinto de maconha. As garotas se reuniram perto da escada e trocaram olhares longos e nervosos.

Caitlin pigarreou.

— Então.

Ava contraiu os lábios grossos e olhou seu reflexo no grande espelho. Caitlin endireitou os ombros e procurou algo na bolsa, que chacoalhou um pouco. Mac verificou a própria bolsa para ter certeza de que a câmera que roubara da mesa da mãe ainda estava ali dentro.

Então o olhar de Julie se fixou em uma figura parada na porta. Era Parker Duvall, sua melhor amiga. Ela tinha *aparecido* exatamente como Julie esperava que fizesse. Como sempre, Parker usava uma saia jeans curta, meias de renda preta e um enorme moletom preto. Quando viu Julie, ela colocou o rosto para fora do capuz, abrindo um grande sorriso e iluminando suas cicatrizes. Julie tentou não reagir, mas era muito raro Parker permitir que vissem seu rosto. Parker foi rapidamente até as garotas, recolocando o capuz sobre o rosto.

Todas as cinco olharam em volta para ver se alguém estrava olhando.

— Não acredito que vamos fazer isso — admitiu Mackenzie.

As sobrancelhas de Caitlin formaram um V.

— Você não vai desistir, não é?

Mac balançou a cabeça rapidamente.

— Claro que não.

— Que bom. — Caitlin olhou para as outras. — Todas ainda estão dentro?

Parker assentiu. Depois de um instante, Julie também disse que sim. E Ava, que retocava seu gloss, assentiu uma única e decidida vez.

O olhar delas se voltou para Nolan, que ziguezagueava pela sala de estar, cumprimentando as pessoas animadamente e dando tapas nas costas dos amigos. Ele lançou um sorriso sedutor para uma garota com cara de caloura, e os olhos dela se arregalaram de choque. Ele sussurrou algo para outra garota, que também ficou perplexa.

Era esse o tipo de poder que Nolan Hotchkiss tinha sobre as pessoas. Ele era o cara mais popular da escola: bonito, atlético, charmoso, o chefe de todos os comitês e clubes dos quais participava. Sua família também era a mais rica. Era impossível andar mais de dois quilômetros sem ver o nome *Hotchkiss* em uma das novas construções que estavam surgindo ou virar uma página do jornal sem ver a mãe de Nolan, uma senadora, cortando uma fita na inauguração de uma padaria, uma creche, um parque comunitário ou uma biblioteca. Sobre tudo, havia algo nele que basicamente... *hipnotizava* as pessoas. Um olhar, uma sugestão, um comando, um comentário sarcástico, um insulto, uma humilhação pública, e você ficava sob o controle dele pelo resto da vida. Nolan controlava

Beacon, doesse a quem doesse. Mas como é mesmo aquele ditado? “O poder absoluto corrompe absolutamente.” E, apesar de todos os que idolatravam o Nolan, também havia quem não conseguisse suportá-lo. Quem o queria... *morto*, para dizer a verdade.

As garotas se entreolharam e sorriram.

— Então tudo bem — disse Ava, entrando no meio na multidão, indo em direção ao Nolan. — Vamos nessa.

Como acontece em qualquer festa boa, a da casa dos Hotchkiss entrou pela madrugada. Nolan tinha contatos com a polícia, porque ninguém apareceu naquela casa para reclamar do barulho ou procurar bebida. Logo depois da meia-noite, fotos da festa foram postadas na internet: duas garotas se beijando no lavabo; a mais certinha da escola tomando um shot no peito do melhor jogador de futebol americano; os maconheiros rindo que nem bobos, mostrando vários bolinhos para a câmera; e o anfitrião da festa desmaiado em um pufe no andar de cima com algo escrito em canetinha no rosto. Afinal de contas, exagerar na diversão era a especialidade de Nolan.

Convidados apagaram no sofá lá de fora, na rede que ficava pendurada entre duas grandes bétulas nos fundos do terreno e espalhados pelo chão. Por várias horas, a casa ficou quieta, a cobertura dos bolinhos foi endurecendo lentamente, uma garrafa de vinho derrubada formou uma poça na pia, um guaxinim revirou alguns dos sacos de lixo que tinham sido deixados no quintal. Nem todo mundo acordou quando o garoto gritou. As pessoas não se mexeram nem quando esse mesmo garoto, um aluno do penúltimo ano chamado Miro, desceu a escada correndo e gritou o que acontecera para o atendente da polícia.

Todos os olhos só se abriram quando as ambulâncias pararam na entrada cantando pneus, com as sirenes tocando, luzes piscando, walkie-talkies estalando. A primeira coisa que todo mundo viu foram os paramédicos com suas jaquetas refletoras entrando às pressas. Miro os encaminhou para o andar de cima. Botas subiram a escada, e depois... os mesmos paramédicos carregaram alguém para baixo. Alguém que tinha pilot no rosto. Alguém mole e cinzento.

O paramédico falou em seu rádio.

— Temos um homem de dezoito anos EM.

Era o Nolan?, sussurrariam todos, horrorizados, ao sair cambaleando da casa, com uma ressaca terrível. *E... EM? Encontrado morto?*

Na tarde de sábado todos já sabiam da notícia. O Sr. e a Sra. Hotchkiss voltaram de sua reunião de negócios em Los Angeles naquela tarde para controlar os danos, mas era tarde demais, a cidade inteira sabia que Nolan Hotchkiss morrera em sua festa, provavelmente por ter se divertido demais.

Rumores mais sombrios supunham que fora *intencional*. Afinal de contas, Beacon era famosa pela dureza com sua prole, e talvez até o menino de ouro Nolan Hotchkiss tivesse sucumbido.

Quando Julie acordou na manhã de sábado e ouviu a notícia, sua garganta se fechou. Ava pegou o telefone três vezes antes de se convencer a desistir. Mac ficou olhando para o nada por um tempão, depois caiu em lágrimas quentes e silenciosas. E para Caitlin, que quisera Nolan morto por tanto tempo, foi inevitável sentir pena de sua família, embora ele tivesse destruído a dela. E Parker? Ela foi para o píer e olhou a água, com o rosto escondido sob o capuz. Sua cabeça latejava com o começo de uma enxaqueca.

Elas ligaram umas para as outras e conversaram em sussurros nervosos. Estavam péssimas, mas eram garotas espertas. Garotas racionais. Nolan Hotchkiss estava morto; o ditador da Beacon Heights High tinha morrido. Isso significava o fim das lágrimas. O fim do bullying. O fim de uma vida com o medo de que ele expusesse os piores segredos das pessoas – por algum motivo, ele sabia muitos. E, de um jeito ou de outro, ninguém as vira subir com Nolan naquela noite. Elas tinham se certificado disso. Ninguém jamais as ligaria a ele.

Mas o problema era que alguém as vira. Alguém que sabia o que tinham feito naquela noite, e muito mais.

E alguém ia fazê-las pagar.

CINCO DIAS DEPOIS

CAPÍTULO UM

EM UMA MANHÃ ENSOLARADA de quinta-feira, Parker Duvall atravessou com dificuldade os corredores lotados da Beacon Heights High, uma escola que distribuía MacBooks como se não fossem nada e se gabava da média mais alta de notas do vestibular em todo o estado de Washington. No alto, um banner marrom e branco dizia: PARABÉNS, BEACON HIGH! VOTADA A MELHOR ESCOLA DE ENSINO MÉDIO DA REGIÃO PELO QUINTO ANO CONSECUTIVO PELA *U.S. NEWS & WORLD REPORT*! VAI PEIXE-ESPADA!

Se manquem, Parker teve vontade de gritar, mas ficou quieta, porque isso pareceria loucura, até mesmo para ela. Ela olhou o corredor. Um bando de garotas de saia e de tênis se reunia em torno do espelho de um armário, aplicando gloss cuidadosamente nos rostos já impecavelmente maquiados. A alguns metros de distância, um cara de camisa social entregava panfletos para as eleições do governo estudantil, seu sorriso de um branco ofuscante. Duas garotas saíram do auditório conversando e esbarraram em Parker ao passar.

— Espero de coração que você consiga o papel se eu não conseguir — disse uma delas. — Você é *tão* talentosa!

Parker revirou os olhos. *Vocês não percebem que nada disso importa?* Todo mundo lutava por alguma coisa ou tentava chegar ao topo com unhas e dentes... e para quê? Uma chance melhor para a bolsa de estudos perfeita? Uma oportunidade melhor de conseguir aquele estágio perfeito? Perfeição, perfeição, perfeição, vaidade, vaidade, vaidade. Claro, antigamente Parker gostava daquilo. Não fazia muito que ela fora popular, inteligente, motivada. Ela tinha um zilhão de amigos no Facebook e no Instagram. Fazia enquetes complicadas das quais todo mundo participava, e era a *alma* das festas em que aparecia. Era convidada para tudo, chamada para fazer parte de todos os clubes. Os garotos a levavam até a sala de aula e imploravam para sair com ela.

Mas aí *tudo* aconteceu, e a Parker que se erguera das cinzas um ano antes tinha passado a usar o mesmo capuz todos os dias para esconder as cicatrizes que desfiguravam o rosto que antes era lindo. Ela nunca ia a festas. Não olhava o Facebook havia meses, não conseguia imaginar sair com ninguém, não tinha interesse em participar de clubes. Nem uma única pessoa a olhava enquanto ela andava pelo corredor. Se ela recebia um olhar, era de apreensão e cautela. *Não fale com ela. Ela é defeituosa. Ela é o que pode acontecer se você não for*

perfeita.

Ela estava prestes a entrar na sala da aula de cinema quando alguém segurou seu braço.

— Parker. Você esqueceu?

Sua melhor — e única — amiga, Julie Redding, estava atrás dela, muito elegante, com uma blusa branca impecável, o cabelo avermelhado brilhando e os olhos arregalados de preocupação.

— Esqueci o quê? — murmurou Parker, puxando ainda mais o capuz sobre o rosto.

— A assembleia de hoje. É obrigatória.

Parker encarou a amiga. Como se ela se importasse com *alguma coisa* obrigatória.

— Vamos. — Julie a puxou pelo corredor, e Parker a seguiu com relutância.

— Então, onde você estava, afinal? — sussurrou Julie. — Passei dois dias mandando mensagens. Você estava doente?

Parker fez um som de desdém.

— Cansada da vida.

Ela tinha matado aula quase a semana toda. Simplesmente não tivera vontade de ir. O que tinha *feito* com seu tempo, não conseguia lembrar muito bem, pois sua memória de curto prazo era complicada nos últimos tempos.

— É contagioso, então talvez seja melhor você manter distância.

Julie enrugou o nariz.

— E você andou fumando de novo? Está com um cheiro nojento.

Parker revirou os olhos. Sua amiga estava no que Parker sempre chamara de Modo Mamãe Urso, feroz e protetora. Parker sempre precisava relembrar a si mesma de que era fofo, sobretudo porque ninguém mais se importava se ela vivia ou morria. Julie era o único vestígio que restara de sua antiga vida, e, agora que Parker saíra dos holofotes, Julie era a nova It Girl da Beacon. Não que Parker invejasse o título. Julie tinha de lutar contra os próprios demônios; só que as cicatrizes dela eram internas.

Elas atravessaram o corredor, passando por Randy, o zelador hippie, que trabalhava duro para manter a escola limpíssima o tempo todo. O auditório ficava à frente, e Julie empurrou a pesada porta de madeira. A grande sala estava cheia de alunos, e mesmo assim sinistramente silenciosa. Muita gente fungava. Mais gente ainda balançava a cabeça. Um grupo de garotas se abraçava. Assim que Parker viu a grande foto de Nolan no palco sua pressão caiu. As palavras DESCANSE EM PAZ tinham sido escritas com flores sob a foto.

Ela olhou para Julie, sentindo-se traída. Ela esperava que o memorial de Nolan já tivesse acontecido em um dos dias em que ela faltara.

— Estou fora — sussurrou ela, recuando.

Julie segurou seu braço.

— Por favor — insistiu ela. — Se você for embora... bom, você sabe. Pode ficar estranho.

Parker mordeu o lábio. Era verdade. Depois do que tinha acontecido na festa do Nolan, elas não podiam se dar ao luxo de chamar atenção.

Ela olhou para as cadeiras. Mackenzie Wright e Caitlin Martell-Lewis estavam sentadas algumas fileiras à frente. Ava Jalali estava do outro lado do corredor sentada rigidamente ao lado do namorado. Elas trocaram olhares com Julie e Parker. Embora estivessem tentando se controlar, todas pareciam apavoradas. Era estranho. Parker mal as conhecia, e, mesmo assim, sentia-se ligada a elas para o resto da vida.

Como você faria? Digo, se fosse matá-lo?

Parker estremeceu. As palavras de Ava naquele dia na aula de cinema surgiram tão naturalmente em sua mente que foi como se Ava estivesse bem ali, sussurrando em seu ouvido. Ela olhou outra vez para o palco. O Sr. Obata, o diretor, passava slides para a apresentação que estava prestes a fazer. Alguns eram fotos do Nolan ao longo dos anos, ganhando o campeonato estadual de lacrosse, sendo coroado rei do baile de boas-vindas, entretendo os outros no refeitório. Parker até estava em algumas delas, da época em que ela e Nolan eram amigos. Outros slides eram imagens genéricas de pílulas tarja preta. Então seria uma mensagem antidrogas, já que, segundo todos os rumores, ele tivera uma overdose accidental de oxicodona, sua droga preferida.

E então veio a surpresa: a imagem de Nolan que Mackenzie tinha postado na internet logo depois da festa com a escrita no rosto. A foto estava bastante embaçada, mas os comentários abaixo, um longo parágrafo dizendo ao mundo o quanto Nolan era terrível, não. Então também seria uma assembleia sobre bullying.

Era a maior ironia do mundo, considerando que Nolan fora o maior bully de todos.

A memória de Parker começou a girar com imagens de Nolan. Entrar no carro com ele. Rir de suas piadas de mau gosto. Dirigir rápido pela estrada da orla para espantar o medo. A sensação inebriante de beber quase uma garrafa inteira de vodka com ele. E então, aquela última noite, quando ele colocou oxicodona na bebida dela sem avisar. Depois ele dissera *Não é maravilhoso? É de graça. Meu presente para você.*

Eles tinham sido amigos durante anos, mas, depois daquela noite, ele nunca mais falou com ela. Fingiu que ela não existia. Mas *era tudo culpa dele*. Se ele não lhe tivesse dado aquelas pílulas, as coisas seriam diferentes. Ela seria como

antes. Imaculada. Linda, cheia de vida. Presente. *Perfeita*.

Ele merece, ela se lembrou de ter dito apenas dias antes. *Todo mundo o odeia. Só tem medo de admitir. Nós seríamos heroínas*.

De repente, o mundo oscilou. Uma forte pontada de dor trespassou a testa de Parker, riscando sua visão como um raio. Quando ela tentou se mover, seus músculos travaram. Seus olhos se fecharam.

Julie a empurrou para a frente.

— Vamos — sussurrou ela. — Precisamos nos sentar. Precisamos agir *normalmente*.

Outra onda de dor atingiu a cabeça de Parker. Seus joelhos cederam. Ela já tivera enxaquecas suficientes depois do acidente para saber que esse era o começo de mais uma. Mas não podia acontecer ali, em um auditório, diante de todas aquelas pessoas.

Um gemido fraco saiu de sua boca. Com a visão embaçada, ela mal conseguia enxergar a repentina preocupação no rosto de Julie.

— Ah, meu Deus — disse Julie, parecendo entender imediatamente o que estava acontecendo. — Eu não tinha percebido. Venha.

Julie a ergueu e a levou para fora do auditório e até a alcova da bilheteria acima. O lugar tinha cheiro de desinfetante de limão, e partículas de poeira giravam no ar. Pôsteres de eventos futuros cobriam a janela do guichê. Um panfleto de *Guys and Dolls*, outro do concerto de outono da orquestra. Havia até o velho programa de uma peça da qual Parker participara, de quando fora Julieta no segundo ano.

Julie fez Parker se sentar.

— Respire — disse ela suavemente. — Essa é das grandes, não é?

— Estou bem — Parker conseguiu dizer, com os punhos fechados, segurando o cabelo louro. Ela piscou algumas vezes para clarear a visão. A dor cedeu até chegar a um ponto tolerável, mas sua mente estava dispersa.

— Tem *certeza*? — perguntou Julie, ajoelhando-se ao lado dela. — Quer que eu chame a enfermeira?

— Não — disse Parker em um tom áspero. Ela deu um suspiro trêmulo. — Estou bem. É só uma dor de cabeça.

Julie contraiu o maxilar, enfiou a mão na bolsa e tirou o frasco de aspirina que sempre carregava exatamente para essas ocasiões. Ela entregou dois comprimidos a Parker, que os engoliu a seco, sentindo a textura áspera arranhar sua garganta.

Julie esperou Parker ter engolido os comprimidos, depois inspirou.

— Você pensou melhor sobre... falar com um terapeuta?

Parker se retraiu.

— Isso de novo, não.

— Estou falando sério. — Os olhos de Julie imploravam. — Parker, as suas dores de cabeça estão piorando, e o estresse não ajuda em nada. E com essa história do Nolan... bom, só estou preocupada com você.

— Nada de terapeuta. — Parker cruzou os braços. Ela imaginou abrir o coração para um completo desconhecido enquanto ele a encarava e perguntava: “Bom, e como você se sente em relação a isso?” Como se realmente se importasse.

— Eu falei com uma pessoa recentemente... sobre a minha mãe. — Julie baixou os olhos.

Parker ergueu a cabeça de repente.

— O quê? Quando?

— Na semana passada. Eu ia contar, mas aí tudo isso aconteceu e... — Ela se calou.

Parker encarou a melhor amiga. Julie parecia muito esperançosa. Parker sabia que era difícil para sua amiga, que nesse momento ela era diferente do que fora no antes. E Julie era tudo o que tinha lhe restado. Ela não queria decepcioná-la.

— Tudo bem — resmungou ela. — Mas não se irrite se eu for embora em dez minutos.

— Fechado. — Os ombros de Julie relaxaram visivelmente. Ela deu a Parker um sorriso sincero e grato. — Mas você não vai fazer isso. Acho que ele pode ajudar muito.

Parker já tinha se levantado e estava indo para a porta. De repente, desesperadamente, ela precisava de um cigarro.

Parker atravessou o estacionamento, indo até um lugar que chamava de Bosque, um aglomerado de árvores que ela e Nolan tinham descoberto no segundo ano e transformado em fumódromo. O lugar sempre tinha cheiro de chuva e seiva de árvore. Ali, Parker podia ser ela mesma sob a proteção das folhas: Parker furiosa, Parker louca ou Parker atormentada e danificada. Não importava. Ninguém ia lá.

Ela pegou um cigarro e o acendeu com avidez. Quando a nicotina chegou a sua corrente sanguínea, outra lembrança de Nolan lhe ocorreu. Quando ele estava ficando tonto naquela noite na festa, tinha olhado para ela, olhado *de verdade*, pela primeira vez desde o acidente. E tudo o que dissera fora: *Eu sempre soube que você era uma louca*.

Parker se obrigou a abrir os olhos. *Não*, disse a si mesma. Ela *não* ia entrar nesse buraco. *Não* ia reviver a última semana. Ela seguiria em frente e esqueceria *tudo*.

— Oi.

Ela ergueu o rosto. O professor de cinema, Sr. Granger, estava na margem do bosque. Granger era um daqueles professores jovens, descolados e bonitos que sempre conheciam música atual, faziam vista grossa quando os alunos mexiam no celular durante a aula e falavam do semestre que tinham passado em Paris, quando ele bebera absinto e ficara com uma dançarina burlesca. Ele tinha começado um clube de fotografia, no qual os alunos revelavam fotos em preto e branco à moda antiga, e quase toda a população de alunas tinha se inscrito.

A pele de Parker pinicou de raiva. Ele não deveria conhecer aquele lugar. E ela também estava zangada com ele por outras razões. Fora ele quem a fizera assistir ao maldito filme. Fora ele quem os dividira em grupos. Ele perguntara: *O assassinato é justificável se a pessoa realmente, sinceramente, merecer?*

Granger se aproximou, tirando um cigarro do próprio bolso, o que a surpreendeu.

— Você não tem cara de fumante — disse ele calmamente, acendendo o cigarro.

Parker tragou. Ela não sabia se ele estava brincando, pois ela tinha *muita* cara de fumante.

— Preciso ir — disse ela em um tom brusco, jogando a guimba na grama e a apagando com o sapato. Até o Bosque estava estragado naquele dia. E, quando ela voltou para a escola, sentiu mais uma pontada de enxaqueca chegando.

Talvez, pensou ela de repente, ir a um terapeuta fosse útil no final das contas. Pode ser que ele a ajudasse a esquecer todas aquelas lembranças. Talvez fizesse algum tipo de hipnose até ela não ter mais nenhum sentimento. Quem sabe pudesse consertá-la.

Ou talvez, disse uma vozinha no fundo de sua mente, o que ela fizera com Nolan provasse que ela era *mesmo* impossível de consertar.

CAPÍTULO DOIS

CAITLIN MARTELL-LEWIS MUDOU O PESO de um pé para o outro no campo de futebol da Beacon Heights. O verde-vivo do gramado bem-cuidado contrastava com as nuvens baixas, cinzentas e fofas da tarde. Parecia que o suave calor do outono fora sugado do ar de repente, deixando um frio úmido que atravessava sua calça de aquecimento. Caitlin inspirou o aroma de grama recém-cortada e da chuva iminente. Os cheiros do futebol.

— Tudo bem, vamos para cima deles. — Caitlin esfregou as mãos enquanto as companheiras de time escutavam. — Megan e Gina, vocês cuidam do meio de campo. Shannon, Sujatha, Katie e Dora, vocês são a defesa e têm de ficar atentas. O resto de nós está no ataque.

— Vamos esmagar aqueles garotos. — Katie O'Malley olhou feio para os oponentes: o time principal de futebol masculino da Beacon. Aquela era a final anual dos times masculino e feminino.

O técnico dos garotos, o treinador Marcus, e a das garotas, a treinadora Leah, os quais, por acaso, eram casados, andavam pelas laterais do campo com abrigos de futebol marrons e brancos idênticos. Caitlin olhou para sua técnica rapidamente, depois se voltou para seu time.

— Viking, você protege o gol, não é? Não deixe esses malditos marcarem.

— Pode deixar — disse Vanessa Larson. Com quase 1,90 de altura, ela era deslumbrante com seu longo cabelo ruivo e maçãs do rosto delineadas. Vanessa, a Viking, também era a melhor amiga da Caitlin no time.

Então, Ursula Winters, que normalmente jogava no meio de campo, porém assumira a posição de atacante depois de Caitlin se machucar, olhou-a com severidade.

— Tem certeza de que o seu tornozelo está curado? Seria péssimo piorar o estado dele só por voltar a jogar cedo demais.

Caitlin franziu a testa.

— Eu estou ótima — insistiu ela.

Claro que Ursula não queria que Caitlin jogasse, ela queria seu lugar. Mas Caitlin *estava* ótima... ou quase. Ela tivera uma distensão no tornozelo, mas tinha superado com fisioterapia e doses ocasionais de oxicodona, a mesma droga com a qual supostamente Nolan tivera uma overdose. E agora ali estava ela, de

volta ao campo depois de apenas três semanas. Ela tinha de provar à treinadora que estava pronta para a grande final em duas semanas. A vitória era sua garantia de uma bolsa de estudos de atletismo na Universidade de Washington, pela qual ela trabalhara a vida inteira.

De repente, Caitlin sentiu braços fortes abraçarem seus ombros.

— Peguei você — murmurou em seu ouvido seu namorado, Josh Friday.

— Me larga — resmungou Caitlin, bem-humorada, acotovelando-o. — Estou tentando me concentrar.

Josh soltou uma risadinha.

— Você fica fofa demais quando está focada no jogo. — Ele cumprimentou dois de seus amigos, Guy Kenwood e Timothy Burgess, que também se aproximaram.

— Há-há — riu Caitlin, tentando não ficar irritada por Josh não estar levando aquele jogo a sério. — Vai ser menos fofo quando acabarmos com vocês.

Ela e Josh estavam juntos desde sempre. Os pais deles eram melhores amigos desde a faculdade; tinham participado do casamento uns dos outros e se mudado para Beacon Heights na mesma época. Sibyl e Mary Ann, as duas mães de Caitlin, a tinham adotado na Coreia no mesmo ano em que Josh nascera e, ao voltar a Seul alguns anos depois para adotar o irmão de Caitlin, Taylor, tinham deixado Caitlin com a família Friday por dois meses. Havia fotos emolduradas em ambas as casas; de Caitlin e Josh de mãos dadas em um parquinho ou com o rosto vermelho, chorando no colo de um Papai Noel de shopping. Também havia algumas delas compartilhando uma banheira quando bebês, mas aquelas tinham sido banidas tanto por Josh quanto por Caitlin por serem esquisitas e bizarras demais.

Ao longo dos anos, as Martell-Lewis e os Friday fizeram viagens de férias e feriados juntos, noites de jogos semanais, churrasco toda noite de sábado e estavam sempre nas laterais nos jogos de Caitlin e Josh. E agora Caitlin e Josh estavam sendo cortejados pelos respectivos técnicos de futebol da Universidade de Washington... o que significava que o caso de amor entre as Martell-Lewis e os Friday podia continuar durante a faculdade. E então, se tudo saísse de acordo com o plano, eles iam se formar, se casar e ter bebês Martell-Lewis-Friday.

E esse plano era mais importante do que nunca naquele momento. Josh e o futebol eram suas duas únicas constantes, as únicas coisas que a mantinham sã quando parecia que seu mundo estava desmoronando. Com a morte de Taylor, sua família inteira mudara. De repente, ela era filha única, e a família que suas mães tinham trabalhado tanto para criar estava se despedaçando. Suas mães mantinham o controle na frente dela, mas, com frequência, ela ouvia Sibyl chorando baixinho em seu quarto. Mary Ann ficava olhando pela janela

enquanto lavava os pratos, como se tivesse a esperança de ver Taylor chegando para a sobremesa se olhasse por tempo bastante. Os únicos momentos nos quais as suas mães ficavam normais eram durante os jantares com os Friday e quando torciam por Caitlin no campo de futebol.

Shannon, que jogava na zaga, pigarreou, arrancando Caitlin de seus pensamentos.

— Então, aquele tributo de hoje foi muito estranho, não é? — perguntou ela em voz baixa, olhando o time feminino e todos os garotos que se aproximavam. — Acho que não fui a muitos eventos como esse para gente da nossa idade. — Então ela empalideceu e olhou para Caitlin. — Desculpe, Caitlin, eu não tive a intenção...

Caitlin baixou os olhos. Ela não ia conversar sobre o irmão naquele momento.

Sujatha, uma esbelta garota indiana, que corria mais rápido que todas as outras do time, colocou as mãos nos quadris.

— Vocês acham mesmo que ele cometeu suicídio?

— Nem pensar — intrometeu-se Asher Collins, o goleiro do time masculino. — Aquele cara era vaidoso demais para se matar.

Marnie Wilson, que tinha um relacionamento vai e volta com Asher, o olhou feio.

— Não é legal falar assim de alguém que morreu.

— Se ele era um idiota, tudo bem — comentou Ursula. Depois olhou direto para Caitlin. — Não é?

As bochechas de Caitlin ficaram vermelhas. Ela tinha ouvido que Nolan dera um pé na bunda de Ursula no ano anterior, mas ele dispensava todo mundo. Mas o fato de *Caitlin* odiar Nolan não era um boato. Ela pigarreou, olhando para Josh em busca de ajuda, mas ele estava ocupado brincando de luta com Timothy.

— Como será tomar *tanta* oxi? — continuou Ursula.

Shannon franziu a testa.

— Quanto ele tomou, afinal?

— Acho que o bastante para matá-lo — disse Ursula, ainda olhando para Caitlin.

De repente, Caitlin ouviu uma voz, *sua* voz, naquele dia na aula de cinema algumas semanas antes. *Sabem como eu faria? Oxi. Todo mundo sabe que é a droga preferida dele.*

Ela piscou para afastar a lembrança.

Ursula deu de ombros.

— Acha que vão fazer uma autópsia? Vocês já viram aqueles programas de TV em que fazem isso? É muito nojento. O legista, tipo, abre as costelas com alicates e *pesa* o coração em uma balança de frutas.

— Chega! — disse Caitlin em voz alta. — Será que a gente pode se concentrar, por favor?

Todos fizeram silêncio.

Ninguém sabia o que tinha acontecido entre ela e Nolan na noite da morte dele, mas todos sabiam perfeitamente que tinham feito uma autópsia no irmão dela apenas seis meses antes e que seu irmão estava morto por causa de Nolan Hotchkiss.

Josh tossiu, desconfortável, depois pegou o braço de Asher e o levou para longe.

— Vamos falar de estratégia. A gente se vê.

O apito soou. Caitlin encarou seu time, olhando para todas elas, menos para Ursula.

— Aos seus lugares — urrou ela, ainda com a voz meio trêmula. — Vamos chutar umas bolas, garotas.

Elas se separaram e entraram em formação diante dos garotos. Caitlin estava ansiosa e desfocada, com o corpo cheio de raiva contida. Quando o treinador Marcus soprou seu apito para o início do jogo, ela correu para a frente, surpreendendo até a si mesma com a própria velocidade. O mundo fora do campo se tornou um borrão. Caitlin correu para pegar a bola, enfiando as chuteiras no campo ao passar para Gina Pedalino. Os garotos do outro lado ficaram perplexos. Gabe Martinez, o melhor atacante do time masculino, ainda não tinha nem se mexido e a bola já estava a meio caminho do gol. Caitlin abriu um sorriso malicioso. *É isso aí, seus idiotas*, pensou ela. *Garotas jogam melhor do que vocês imaginam.*

Ela correu pelo campo. A bola voava entre os pés de suas companheiras de time, passando de um lado para o outro pela defesa. Por uma fração de segundo, Rocky Davidson a interceptou, mas Gina passou voando por ele, roubando a bola na mesma hora. Grandes pingos de chuva começaram a cair, a princípio lentos e depois cada vez mais rápidos. Caitlin sentiu seu sangue fluindo nas veias, sendo bombeado com a empolgação e a emoção do jogo.

De repente, a bola era dela, e ela saiu correndo pela lateral direto para o gol dos garotos. A suas costas, ela ouvia gemidos de esforço enquanto suas companheiras de time mantinham a defesa afastada. Seu coração se elevou. Mas então um borrão marrom e branco apareceu em sua frente. *Ursula*. Ela roubou a bola e correu para o gol.

— O que você está fazendo? — guinchou Caitlin. — Nós somos do mesmo time!

Mas Ursula se limitou a empurrá-la com o ombro. O peito de Caitlin borbulhou de raiva. Já era horrível quando alguém roubava a bola e pior ainda

quando era alguém de seu próprio *time*.

Um grito saiu de algum lugar profundo e frustrado de Caitlin, e ela esticou o pé para fazer a companheira de time tropeçar.

— *Ai!* — gritou ela, caindo com toda a força na grama, balançando os braços e as pernas.

O apito soou.

— Caitlin! — urrou a treinadora Leah atrás dela.

Seu marido também se aproximou correndo.

— Cartão amarelo! — berrou ele, parado diante de Ursula. — Você está bem?

Ursula ofegava e espanava a grama dos joelhos.

— Está *doendo* — choramingou ela.

A treinadora Leah olhou feio para Caitlin.

— O que está acontecendo com você? Isto é apenas um *amistoso*. Eu entendo sua necessidade de ser competitiva, mas não existe desculpa para machucar outra pessoa. Vá para o chuveiro.

— O quê? — gritou Caitlin, boquiaberta. — Você não a viu roubar a bola?

— Estou falando sério. — A treinadora apontou para a escola. — Ande logo.

Todo mundo estava chocado. Alguns caras se cutucavam. Josh olhou para ela com um ar de dúvida. Caitlin suspirou alto.

— Que se dane — disse ela, acenando e saindo do campo a passos pesados. Atrás dela, o apito soou outra vez. Ursula, perfeitamente recuperada, tomou o lugar de Caitlin como atacante.

Caitlin saiu correndo pela lateral da escola, olhando com raiva para seu reflexo nas longas janelas que davam para os campos; lá dentro ficava o centro de informática, um espaço imenso cheio de máquinas de última geração. O lugar onde seu irmão passava o tempo todo.

Esponaneamente, uma imagem dele apareceu em sua mente. Taylor, baixinho e magro demais, mesmo para um calouro, os óculos grandes demais para seu rosto, a barra da calça comprida demais arrastando no chão. Ele era um menino feliz, sempre debruçado sobre seu Nintendo DS ou lendo algum livro enorme de fantasia. Mas então entrou no ensino médio. Para Caitlin, uma garota bonita e atlética, era uma coisa ter duas mães adotivas; mas era completamente diferente para seu irmão nerd, um coreano magro sem o menor interesse por esportes, bebida ou popularidade, a moeda social da Beacon High. Nolan e seus amigos haviam comido Taylor vivo.

— Amor?

Ela se virou. Josh tinha corrido atrás dela com o short escuro e lustroso por causa da chuva.

— Ei — disse ele com cautela, como se ela fosse um animal perigoso. —

Você está bem? O que aconteceu lá?

Caitlin se limitou a dar de ombros.

— Estou bem. — Ela levantou ainda mais a sacola de equipamentos e tirou suas chaves de um pequeno bolso na frente. — Eu não deveria deixar a Ursula me afetar. — Ela fez um gesto para ele voltar para o campo. — É melhor você voltar. Continue jogando. Todo treino é um passo importante para a Universidade de Washington, sabia?

Mas Josh continuou a acompanhá-la.

— Você está indo para casa?

Caitlin umedeceu os lábios.

— Estou indo para o cemitério — disse ela, decidindo naquele exato momento: — Quero ver o Taylor.

Não deu para ter certeza, mas pareceu que o rosto de Josh se desanimou por uma fração de segundo. Mas ele deu um passo à frente, como o bom namorado que era.

— Eu levo você.

Vinte minutos depois, Josh e Caitlin pararam no estacionamento do cemitério McAllister. Para um lugar de descanso final, aquele não era nada mau, com sua vista do lago, várias árvores antigas e lindas, e elegantes caminhos que atravessavam o jardim.

Mas, quando Caitlin tirou o cinto de segurança e saiu do carro, Josh olhou para seu telefone.

— Merda. Acho que o olheiro da Universidade de Washington está me ligando.

Caitlin franziu a testa.

— O seu telefone não está tocando.

Josh segurava o telefone de um jeito que a impedia de ver a tela.

— Está no silencioso. Preciso atender. Vá na frente.

Ele colocou o telefone na orelha e disse alô. Caitlin o observou por um instante, sem saber se ele tinha mesmo recebido uma ligação. Mas será que Josh fingiria uma ligação para não entrar no cemitério com ela?

Mas ele *realmente* odiava ir lá. Tinha ido apenas uma vez desde a morte de Taylor. Depois disso, sempre dizia que estava ocupado, ou que as flores pioravam sua alergia, ou que estava chovendo demais, ou qualquer outra desculpa na qual conseguisse pensar. Caitlin lembrou da breve expressão de... o que fora aquilo? Irritação? — que tinha passado pelo rosto de Josh no campo de futebol quando ela tinha mencionado o nome de Taylor. Aquela reação era frequente, se Caitlin fosse ser honesta consigo mesma. Mas ela não conseguia

pensar em um jeito de perguntar o que ele estava sentindo. Eles não tinham esse tipo de relacionamento. Antes de Taylor morrer, não precisavam. Mas agora ela desejava poder falar com ele sobre o assunto. Mesmo que fosse só um *pouquinho*.

Josh disse mais algumas coisas ao telefone e, finalmente, Caitlin grudou os braços às laterais do corpo e atravessou o estacionamento sem ele. Ela conseguiria ir até o túmulo de seu irmão com os olhos vendados: vinte passos do carro, trinta e três passos para a esquerda, e depois era só passar por um pequeno corredor ao lado de um túmulo com a estátua de um pastor alemão. Tommy Maroney, que morrera na apropriada idade de oitenta e cinco anos, criava pastores alemães campeões.

E ali estava: TAYLOR ANTHONY MARTELL-LEWIS. Ele morrera dois dias depois de seu aniversário de quinze anos.

— Oi — disse ela suavemente, parando para chutar algumas folhas secas de cima do túmulo. — Desculpe por não vir há algumas semanas. Estava ocupada. E esse tornozelo chato me deixou parada. — Ela ergueu a perna para ele ver.

Uma rajada de vento soprou, tirando o cabelo dela no rosto. Caitlin respirou fundo.

— Então, você ficou sabendo? — disse ela em um tom suave. — Quer dizer, quem sabe? Talvez você tenha... visto o Nolan, onde quer que esteja agora. Ainda que eu sinceramente espere que não. — Ela olhou para os próprios dedos. — Olha, não sei o que você consegue ver daí de cima, seja onde for, e talvez tenha me visto... com ele... naquela noite. Mas eu fiz aquilo por você. Ele não podia sair ileso.

Ela fez uma pausa, como sempre fazia, fingindo que Taylor, sempre tão pensativo e introspectivo, estava tirando um momento para absorver aquilo. Então ela pigarreou outra vez.

— Mas não me sinto mal pelo que aconteceu. E não concordo com o que a mamãe disse. Não era o suficiente para o Nolan viver com o que aconteceu. Ele precisava pagar.

Se ainda pudesse falar, Caitlin tinha certeza de que Taylor concordaria com sua opinião de que o que acontecera com o Nolan fora carma. Quando voltara para casa do treino um dia e encontrara um bilhete suicida na porta do quarto de Taylor, ela tinha sido pega de surpresa. Mais tarde, naquela mesma noite, Caitlin havia entrado no quarto dele, que ainda tinha seu cheiro, e encontrado um diário à vista de todos em cima da cama: *Motivos para a Morte ser Melhor que a Escola* era o nome. Ela tinha aberto na primeira página.

17 de setembro: Colocaram um saco de cocô de cachorro dentro do meu armário. Tenho o pressentimento de que foi o N.

30 de setembro: N e seus amigos roubaram as minhas roupas durante a aula de educação física e as enfiaram no vaso sanitário. Passei a tarde inteira com cheiro de água sanitária.

8 de outubro: Garotas riram de mim na aula de biologia de hoje. Parece que escreveram uma carta para a Casey Ryan, a garota mais bonita da minha sala, e assinaram com meu nome.

A pior parte era que Caitlin não tinha nem visto aquilo acontecer... e eles eram da *mesma escola*. Ela estava ocupada demais com o futebol e com Josh para se preocupar. E o Taylor nunca a procurava para conversar. Ele nunca reclamava durante os jantares em família ou nos finais de semana. Simplesmente... *aguentara* aquilo, até desmoronar.

Lágrimas quentes pinicaram em seus olhos.

— Eu sinto muito — disse ela com a voz embargada, olhando o túmulo de seu irmão, sentindo uma nova onda de culpa. — Quem dera eu soubesse. Quem dera não tivesse sido tão egoísta.

— Cate?

Caitlin se assustou e olhou para a direção da voz. Um garoto alto com uma calça jeans skinny amarrotada e uma camiseta cinza se aproximava dela. Por um momento, ela pensou que era Josh, mas então se deu conta de que era Jeremy Friday, o irmão mais novo de Josh.

— O-oi — disse ela. — O-o que você está fazendo aqui?

Jeremy abriu um sorriso triste para ela.

— Provavelmente a mesma coisa que você.

Caitlin se surpreendeu. Era verdade. Jeremy e Taylor eram amigos. Sempre que as famílias jantavam juntas, eles sumiam para jogar videogame por horas.

Jeremy se agachou ao lado da lápide de Taylor e colocou um bonequinho ali em cima.

— Pronto, cara — disse ele suavemente. Ele se colocou atrás da lápide e pegou vários outros bonequinhos do chão. Embora estivessem desbotados e enlameados, ele os enfileirou outra vez ao lado do novo. Caitlin sempre se perguntara quem levava aqueles bonequinhos.

— Esse aí é um personagem de *Dragon Ball Z*? — disse ela.

Jeremy olhou para ela.

— Como você sabia?

Ela sentiu suas bochechas ficarem vermelhas.

— Talvez eu tenha assistido a um episódio, ou cinquenta, com o Taylor. Só para fazer companhia a ele e tal.

— Não porque você *gostava* — brincou Jeremy, com um sorriso no rosto. — Sabe, não tem problema admitir que gosta de anime. As histórias são incríveis.

Muito melhores que os desenhos animados americanos.

— Concordo — admitiu Caitlin, lembrando do quanto gostava de assistir àqueles episódios com o irmão. Eles se sentavam juntos no sofá, compartilhando uma tigela de pipoca com parmesão e pimenta e debatendo que máquina louca pediriam que a personagem inventora, Bulma, construísse para eles. — Você ainda assiste?

— Claro, embora só esteja disponível na internet ou em DVD hoje em dia — disse Jeremy. Ele deu uma olhada para ela. — Se você quiser, eu topo.

O rosto de Caitlin ficou vermelho outra vez.

— Ah, não. Não precisa.

Jeremy olhou para ela calmamente.

— Eu entendo. O Josh não gosta muito.

Caitlin baixou a cabeça. Ela queria dizer que não fazia tudo com o Josh, mas não era verdade. Ela olhou outra vez para Jeremy. Seus traços se pareciam muito com os de Josh: ambos tinham os mesmos olhos cor de mel, as mesmas maçãs do rosto altas, mas o rosto de Jeremy era mais delineado, seu queixo e nariz eram mais pontudos. Os dois eram muito diferentes, Josh era esportivo e popular e Jeremy se parecia muito com Taylor: quieto, introspectivo, mais interessado em livros que em esportes. Sempre que ela estava na casa dos Friday, ele se sentava na cabeceira da mesa de jantar e ficava lendo enquanto Josh e seus amigos jogavam *Madden*.

Era estranho. Quando eram pequenos, Caitlin e Jeremy tinham dividido uma barraca quando iam acampar nas férias e passavam horas juntos no banco de trás do carro brincando. Agora eram praticamente estranhos.

Ela pigarreou e olhou para os bonequinhos, depois para Jeremy.

— Você vem muito aqui, não é?

Jeremy assentiu.

— Tento vir toda semana.

Caitlin sentiu mais lágrimas nos olhos.

— É mesmo?

— Claro que sim — disse Jeremy, enfiando as mãos nos bolsos. — Eu sinto saudades dele. — Depois ele olhou para ela com os olhos estreitados. — Você não deveria estar no futebol agora?

Caitlin curvou os ombros.

— Eu irritei a treinadora. — Ela olhou outra vez para o túmulo do irmão. — Depois disso, eu precisava conversar com ele.

— Sei como é — disse Jeremy suavemente.

Ela engoliu em seco.

— Sabe, às vezes me pergunto se *um dia* vou conseguir superar isso.

Jeremy estreitou os olhos.

— Talvez você não precise. E talvez isso não seja um problema.

Era a coisa mais perfeita que ele poderia ter dito. Era o que ela sempre quisera que o *Josh* dissesse.

— Obrigada — disse ela em voz baixa.

Jeremy ficou surpreso.

— Pelo quê?

Caitlin deu de ombros.

— Por vir aqui. Por dizer oi para o Taylor. Por *entender*.

— Bom. De nada. — Jeremy se levantou, e espanou a calça. — É melhor eu ir.

Caitlin assentiu e, sem pensar demais, abraçou Jeremy. Depois de um instante, ele retribuiu o abraço. E enquanto ela ficou ali parada, aquecida no abraço dele, percebeu que era a primeira vez desde a morte de seu irmão que não se sentia tão terrivelmente sozinha.

CAPÍTULO TRÊS

NO COMEÇO DA NOITE de quinta-feira, Mackenzie Wright, com uma saia de patchwork e o longo cabelo louro desgrenhado preso com grampos para não cair no rosto, estava sentada no banco do carona do carro de sua melhor amiga, Claire Coldwell, cantarolando junto com a *Sinfonia do novo mundo*, de Dvorák. A Sra. Rabinowitz, sua maestrina da orquestra, fazia questão de que elas vivessem, respirassem e dormissem a peça até o próximo concerto. Distraidamente, Mackenzie movia os dedos junto com a melodia, como se seu violoncelo estivesse bem ali diante dela, e não enfiado no banco de trás do Ford Escape azul de Claire.

— Alô? Terra para Mackenzie. — Claire balançou a mão diante dos óculos de Mackenzie.

Mackenzie voltou à realidade, percebendo que Claire estava falando com ela.

— Ah, desculpe. Estou meio fora do ar hoje.

Claire deu uma olhada compreensiva para Mac, com os lábios perfeitamente cor-de-rosa contraídos.

— Eu também — confidenciou ela. — Aquela assembleia sobre o Nolan foi horrível. Não consigo aceitar que ele simplesmente... *morreu*.

Mackenzie olhou pela janela, vendo os gramados verdes demais dos jardins das casas que passavam. Nolan podia ter morrido, mas havia lembretes de sua existência em *todo lugar*: fotos nas paredes, novos programas sobre sua “overdose acidental”, as notificações matutinas dizendo que o funeral seria no domingo, dali a apenas três dias. E aquela assembleia, *argh*. O diretor tinha mostrado fotos do rosto rabiscado de Nolan que a própria Mac tinha postado anonimamente de um cyber café. Sem dúvida, na Beacon High, a maior panela de pressão de todas, até uma assembleia era intensa.

Mas mais intensas eram as lembranças daquela noite.

— Podemos mudar de assunto? — murmurou ela.

— Claro. Você teve alguma resposta sobre o horário da sua audição? — disse Claire.

A palavra *audição* causou outra pontada de medo no coração de Mackenzie, como um caco de gelo. Claire estava falando da audição da Juilliard.

— Hmm, já. É na próxima sexta. Às cinco da tarde.

— É? — Claire se endireitou, jogando seu chanel encaracolado para trás. Era um estilo que ficaria horrível em Mac, mas ficava delicado e lindo em Claire. Um leve sorrisinho dançou em seu rosto. — A minha também. Só que eu sou às quatro. Logo antes de você.

Gotas de suor pontilharam a nuca de Mackenzie. Mac e Claire tinham se conhecido aos cinco anos em um acampamento de música para alunos precoces da pré-escola e desde então eram inseparáveis. Claire era supercompetitiva com Mackenzie, sempre tentando tirá-la da posição de primeiro-violoncelo ou ditando o que elas faziam toda sexta à noite, mas também era a única pessoa com quem Mackenzie tinha algo em comum; mesmo com toda a pressão para ser perfeita na Beacon Heights High, não eram muitos os que conseguiam entender os sacrifícios que elas precisavam fazer pela música. Elas compartilhavam tudo: por qual garoto tinham quedinhas secretas, que professores e que música odiavam e que, às vezes, não tinham a mínima vontade de tocar.

Agora ambas estavam competindo por uma vaga na Juilliard, embora o conservatório nunca tivesse aceitado dois violoncelistas da mesma escola. Era muito provável que não fosse haver espaço para as duas. E depois de tudo o que acontecera com elas no último ano, Mackenzie não sabia se queria que houvesse.

— Aqui estamos.

Claire parou diante do Reino do Cupcake, um lugar popular em Beacon Heights, bem na praça central. A chuva da tarde tinha diminuído, mas o asfalto ainda estava molhado e escorregadio, e as árvores e postes pingavam na calçada em um padrão arrítmico.

— Divirta-se no ensaio da banda.

— Obrigada pela carona — disse Mackenzie, abrindo a porta do banco de trás e puxando seu violoncelo com cuidado. Seus pais tinham prometido comprar um instrumento profissional alemão de qualidade se ela entrasse para a Juilliard. Ela precisaria de um novo para tocar com profissionais, mas amava seu violoncelo atual. Ela conhecia cada pequeno arranhão e moxa na brilhante madeira de bordo, cada peculiaridade estranha. Ela tinha até lhe dado um nome: Moomintroll.

— Disponha! — gritou Claire pela janela. — Diga ao Blake que eu o amo!

— Tudo bem, pode deixar — murmurou Mackenzie enquanto Claire saía.

Então ela olhou pela vitrine do Reino do Cupcake. E lá estava ele, limpando o balcão, sexy mesmo de avental de listras rosas e brancas. Blake Strustek, o motivo dos problemas na amizade de Claire e Mac.

Mac tinha se tornado amiga de Blake ainda no Fundamental e se juntara a sua banda, a Black Lodge. Eles ensaiavam toda semana, mas só no começo do ensino médio Mac percebeu que gostava dele como *mais* que um amigo...

embora não fizesse ideia do que fazer. Ela ficava até tarde no ensaio da banda, se esforçava ao máximo para tocar com ele em festivais de música de câmara, e no acampamento de cordas ficava perto dele a cada oportunidade que tinha. A única pessoa a quem confessara sua paixão fora Claire.

Por isso fora um choque tão grande quando Claire tinha se aproximado dela na viagem da orquestra à Disneylândia.

— O Blake acabou de me beijar — anunciara ela sem fôlego. — Eu não retribuí, porque sei que *você também gosta dele.*

— *Também gosto dele?* — repetira Mackenzie em um tom vazio, pensando em Blake com sua boca grande e curvada, seu cabelo grosso e desgrenhado. Seus olhos azul-claros, intensos e de cílios longos. Mackenzie gostava dele desde sempre, sim, mas Claire nunca tinha mencionado que sentia o mesmo. Jamais.

— Eu vou dizer que não, ok? Vou falar que *você gosta dele.* Então, mesmo que eu também goste muito, muito mesmo dele, seria estranho demais se a gente saísse — continuou Claire.

— *Não!* — ofegara Mackenzie, humilhada. A única coisa pior que Claire gostar de Blake era Blake saber que Mac gostava dele. — Tudo bem... — disse ela em um tom hesitante. — Pode ir em frente.

É melhor assim, e você sabe disso, dissera Mackenzie a si mesma. Garotos eram uma distração do que realmente importava. Mas isso não significava que ela perdoasse totalmente Claire, que era sua *melhor* amiga, sua confidente. Claire não deveria ter feito aquilo.

Blake viu Mac e abriu a porta.

— Oi. Você vai entrar?

Ela apontou para o bolinho no torso dele.

— Belo avental — implicou ela.

Blake soltou um som de desdém.

— Ei. Só um homem seguro usa um bolinho rosa no peito. — Ele estendeu a mão para trás e começou a desamarrar as tiras. — Entre. Só estou fechando, depois podemos ir lá para trás.

Ela entrou com ele na loja, que parecia o tabuleiro do jogo Candy Land. As paredes eram pintadas com glitter rosa. Havia pôsteres coloridos em todo canto, e frases como QUE COMAM CUPCAKES! e A VIDA É DOCE! em fontes simples. Duas mesas vintage de bistrô ficavam sob arandelas de vidro jateado, e um aroma quente e amanteigado deixou a sua boca cheia d'água. No mostruário de vidro do balcão havia longas fileiras de lindos bolinhos com cobertura. Todos os “sabores” tinham nomes como “O Elvis Gordo” ou “A Bomba de Cereja”. Os bolinhos estavam bem escolhidos, parecia que haviam vendido quase todos ao

longo do dia, mas os que tinham sobrado ainda estavam com uma cara ótima.

— Cadê a sua irmã? — perguntou Mac quando Blake virou a placa de ABERTO para FECHADO. A irmã dele, Marion, abrira aquela loja no ano anterior.

Blake revirou os olhos.

— Tirou o dia de folga. Provavelmente foi fazer as unhas.

— Deixe eu ver se adivinho? Mãos e pés combinando em tom rosa-chiclete?

— Claro. — Marion era praticamente obcecada pela cor, tinha até mechas cor-de-rosa no cabelo.

Blake amassou o avental e jogou-o atrás do balcão, abrindo um sorriso enviesado.

— Lembra quando nós a desafiámos a usar uma roupa toda preta?

Mac caiu na gargalhada.

— Eu achei que ela ia ter uma convulsão.

— Bons tempos, Macks — disse Blake, usando o antigo apelido que dera a ela, olhando-a por um instante a mais. Ela ajeitou os óculos de armações pretas no nariz e olhou para o chão, sentindo-se repentinamente culpada. Aquelas lembranças com Blake eram de *antes* de ele namorar a Claire. Quando Blake ainda era todo seu.

Ele abriu a porta dos fundos. Mackenzie passou com ele por uma cozinha industrial atravancada, cheia de batedeiras e tigelas, e depois por outra porta dupla, entrando em um estoque de tamanho médio. Enormes sacos de farinha e açúcar, sacolas de guardanapos, forminhas de bolo e pilhas de papel de recibo estavam arrumados nas prateleiras. No meio do cômodo havia espaço suficiente para uma bateria, algumas cadeiras e um amplificador. O violino de Blake estava sobre um arquivo baixo no estojo aberto.

— Cadê o resto da banda? — perguntou ela, olhando em volta como se os outros integrantes pudessem estar se escondendo embaixo das prateleiras.

Blake fez uma careta, contando nos dedos.

— O Javier teve que estudar para o vestibular, o Dave está reescrevendo sua redação de Yale pela quinta vez, e o Warren tem, abre aspas, “um lance com uma senhora”, ainda que eu aposte que vão estudar juntos para a prova de química avançada. — Ele revirou os olhos. — Então somos só nós dois hoje.

Mackenzie engoliu em seco. Ela e Blake... sozinhos? Isso não acontecia desde que ele começara a namorar a Claire.

Forçando-se a ficar normal, Mac se sentou, e eles começaram a repassar a lista de músicas para um show que aconteceria em breve. Havia alguns covers do Coldplay, Mumford & Sons e até um arranjo da Beyoncé, mas muitas das músicas tinham sido compostas pelo próprio Blake. Ele tinha saído da orquestra no começo do segundo ano, mas tinha mais talento musical do que quase todo

mundo que ela conhecia.

Mac tocou e tocou, tentando encontrar aquela sensação inebriante que tinha sempre que estava concentrada. Era para isso que ela vivia: fazer música, *sentir* a música. Ela tocava violoncelo desde os quatro anos, quando seus pais a tinham sentado para ouvir a *O guia dos jovens para a orquestra* e dito para ela escolher o instrumento que queria aprender. Eles tinham um interesse pessoal, claro: sua mãe tocava flauta na Orquestra Sinfônica de Seattle, e seu pai era um pianista profissional que já tinha trabalhado com Yo-Yo Ma, James Galway e Itzhak Perlman.

Mackenzie escolhera o violoncelo. Ela amava os sons profundos e melodiosos e o imenso alcance que o instrumento produzia. Quando estava concentrada, ela sentia que era parte da música e que o instrumento era uma extensão sua. Quando ela tocava, quase conseguia esquecer a prova importante de espanhol para a qual ainda não começara a estudar, a Audição com *A* maiúsculo *ou* o Nolan.

Quase.

Depois da primeira vez que vira Claire e Blake de mãos dadas no concerto de primavera, Mackenzie começou a evitar os dois deliberadamente. Não que eles tivessem notado. Ela se enfiara na arejada sala de ensaio de sua família, repassando cada música de seu repertório. Seus pais tinham ficado muito animados. Ninguém parecia notar o quanto ela estava solitária.

E então, cerca de uma semana depois de sua decepção amorosa, Nolan Hotchkiss se aproximara dela no shopping. *Seu nome é Mackenzie, não é?*

Sim, respondera ela timidamente.

Ele abriu um sorriso ainda maior. *Você está bonita hoje*, dissera ele. E depois tinha virado as costas e ido embora.

O Nolan Hotchkiss. Capitão do time de lacrosse, escolha certa para orador. O lindo e confiante Nolan, com seu maxilar forte e seu sorriso inebriante. Ele achara que *Mac* estava bonita. De repente, o Blake já não parecia mais tão maravilhoso. Aquele comentário levava a uma conversa durante o almoço... e depois a mensagens de texto... e então a uma *ligação* de verdade. Mac podia ter perdido Blake, mas talvez não tivesse problema. Talvez ela devesse estar em busca de algo melhor desde o começo.

Então, quando Nolan a convidara para ir com ele ao Le Poisson, o restaurante mais extravagante de Beacon Heights, e lhe dissera para “usar um vestido”, foi o que ela fez.

Nolan tinha sido muito charmoso naquela primeira vez... e na segunda também. E então, quando ele pedira aquelas fotos, ela quase não hesitara. Ela... *posou*... e depois apertou enviar em seu telefone antes de poder pensar duas

vezes. Só ao vê-lo em sua porta no dia seguinte ela percebera que tinha sido enganada.

— Obrigado — dissera ele, balançando algo diante do rosto dela. Eram as fotos, impressas em papel brilhante. A maior parte do corpo dela estava escondida atrás do violoncelo, mas era óbvio que estava nua. Mac olhou para o carro dele, onde os amigos se penduravam nas janelas, rindo dela. Seu coração tinha afundado.

— Eu só queria dizer que ganhei uma aposta importante por sua causa. — Nolan soltara uma risadinha, depois jogara outra coisa em Mac: um rolo de notas. Antes que ela conseguisse juntar as peças, antes que conseguisse jogar o dinheiro nele, ele tinha soltado um grito e ido para o carro, com as fotos enfiadas no bolso de trás. Quando Mac voltara a si, tinha queimado o dinheiro no quintal. E depois chorara pelo que tinha parecido dias.

Era *compreensível* que ela quisesse vingança.

Quando ela terminou a peça e reabriu os olhos, Blake a encarava.

— Isso foi... uau.

Mac passou as mãos pelo rosto, tentando retomar o foco. Ela tinha se perdido tanto na música que se esquecera de que Blake estava ali. Ela desviou os olhos, pois o olhar dele era intenso demais, potente demais.

— Por que você sempre faz isso? — perguntou ele.

Ela olhou para ele outra vez.

— O quê?

— Desvia o rosto. Se esconde. — Agora ele a observava atentamente com os olhos azuis penetrantes. — É muito estranho. Quando toca, você fica tão... tão confiante. Como se nada pudesse abalar você. Mas, quando acaba, fica quieta e misteriosa. É como se guardasse a melhor parte de si mesma para a sua música.

As bochechas dela coraram e seu coração balançou no peito.

— Não estou escondendo nada.

— Não? — Ele estendeu as mãos para ela e tirou seus óculos cuidadosamente, dobrando as hastes e os colocando sobre o amplificador. Ela se surpreendeu, o mundo ficava embaçado sem suas lentes, mas Blake estava tão perto que ela o via perfeitamente. Os olhos dele percorreram seus traços devagar, como se ele a estivesse guardando na memória.

— Você sabe o quanto fica linda quando toca? — Depois, para seu choque, a sua boca se colou à dela, suave, mas insistente.

Por um instante, ela ficou completamente imóvel, confusa demais para reagir. Blake tinha um gosto suave de chocolate e manteiga de amendoim, a barba malfeita de seu maxilar arranhava de leve seu queixo. Mac sabia que devia fazer alguma coisa para impedir aquilo, mas logo tudo desapareceu: seu nervosismo,

suas preocupações, o que aconteceu com Nolan. Aquilo era simplesmente... certo.

Foi quando uma música da Feist começou a tocar no telefone dele. Mac conhecia o toque: era a música preferida da Claire. Ela se afastou depressa, com as bochechas coradas.

Blake também recuou, com uma expressão culpada.

— Droga.

Nervoso, ele passou pela porta da cozinha, mas não antes que ela o entreouvisse.

— Oi, amor, e aí?

Mackenzie ficou congelada, ainda com gosto de manteiga de amendoim nos lábios. Ela estremeceu, como se Claire conseguisse vê-la pelo telefone. Como se Claire *soubesse*.

Ela se levantou depressa, pegou suas coisas e saiu sorrateiramente da loja antes que Blake pudesse impedi-la. Saiu às pressas pela porta da frente, balançando os sininhos. Assim que chegou lá fora e a chuva molhou seu rosto, ela percebeu a enormidade do que tinha feito.

Ela tinha beijado o namorado de sua melhor amiga. E tinha gostado.

CAPÍTULO QUATRO

AVA JALALI SE SENTOU EM SUA mesa na sala de aula de cinema bem quando o sinal do quarto período tocou na sexta-feira. Em geral, ela se atrasava um pouco para a aula, mas com a cabeça tão cheia naquela semana estava pior do que de costume.

— Foi por pouco, senhorita Jalali — disse o Sr. Granger, mas ela notou que ele só estava brincando. O Sr. Granger era um dos professores mais jovens da escola, saído da faculdade havia apenas cerca de um ano. Ele não conseguia nem fingir que tinha um ar autoritário quando seus alunos eram apenas cinco anos mais novos do que ele.

Ava ligou seu sorriso de mil watts para o professor.

— Desculpe, Sr. Granger. Tive uma emergência com a máquina de lanches. Gente, as balas azedinhas voltaram ao estoque!

Uma onda de risadas atravessou a sala de aula. Seu namorado, Alex, se virou na carteira na frente e piscou. Outro professor poderia ter ficado zangado, mas era disso que Ava gostava no Sr. Granger, e por isso sabia que podia fazer essas coisas. Ele se limitou a abrir um sorriso seco para ela.

— Bom, agora que nossa crise da falta de balas acabou, podemos nos concentrar no nosso objetivo. — O Sr. Granger pegou um pedaço de giz e começou a escrever com um garrancho no quadro-negro. MORALIDADE E ÉTICA NOS FILMES DE CRIME. — Estamos começando uma unidade nova hoje.

Ava abriu o caderno em uma página em branco e posicionou a caneta para fazer anotações, pronta para pensar em outra coisa que não fosse o Nolan. A foto dele estava colada a cada trinta centímetros dos corredores, e ela mal tinha conseguido aguentar a assembleia no dia anterior. A aula de cinema avançado era sua preferida. A princípio, ela tinha se matriculado porque parecera um jeito fácil de tirar uma boa nota, uma chance de passar o semestre inteiro assistindo a filmes, porém, acabara adorando os filmes clássicos a que assistiam. Até então, tinham falado das representações da mulher nos primeiros filmes de monstros, do jeito que os desenhos do Pernalonga da época da Segunda Guerra Mundial tinham sido usados como propaganda americana, e de identidade e trauma em thrillers psicológicos. Havia muito a aprender. Sob a superfície brilhante e

glamourosa do mais bobo e simples dos filmes, em geral havia uma grande profundidade escondida.

Exatamente como ela, pensou Ava.

Ava nem sempre levava a escola a sério. No primeiro ano, achava que estudar era para perdedores. Nerds. Geeks. Feios. Ava era deslumbrante e sabia disso. Metade iraniana e metade irlandesa, ela tinha incríveis olhos amendoados, uma pele lisa cor de caramelo e uma silhueta longilínea com curvas impressionantes. Fizera até alguns trabalhos como modelo, posando para uma empresa de maquiagem sofisticada de Seattle e vestindo calça jeans justíssima para a campanha de publicidade de uma loja de departamentos. Quem se importava com Yale ou Stanford? Talvez ela nem precisasse fazer faculdade.

Então sua mãe morrera, atropelada por um motorista bêbado em uma noite, quando estava voltando do campus para casa. Sua mãe sempre insistira que Ava era mais inteligente que seus boletins demonstravam. Toda vez que Ava levava para casa mais uma prova com uma nota medíocre, a mãe a defendia para o pai: “Ela está descobrindo quem é, Firouz. Obviamente, ela tem um modelo de brilhantismo”, ela apontava para si mesma de um jeito irônico, “mas ninguém aqui pode ensiná-la a ser brilhante e linda ao mesmo tempo. É um fardo que só ela pode carregar.” O pai de Ava ria e a tempestade passava.

No vazio que ficou depois da morte da mãe, Ava tinha sentido vontade de estudar pela primeira vez. E, no final das contas, sua mãe estava certa. Ela *era* inteligente. Seu pai percebeu a mudança em seu comportamento e em sua média, e sempre dizia quanto estava orgulhoso. Os professores começaram a levá-la a sério.

Quer dizer, até Nolan Hotchkiss lançar seus esforços por água abaixo.

— O gênero de crime mudou de forma várias vezes ao longo dos anos, sempre se modificando para elaborar sobre o ponto de vista moral dos americanos em determinado momento. — A voz do Sr. Granger puxou Ava de volta para o presente. — Muitos filmes de crime investigam a ideia de uma área indefinida da moralidade, na qual os heróis seriam desafiados a se comportar como criminosos, e vice-versa. Algumas pessoas amam essa característica dos filmes de crime e outras odeiam.

Ava olhou para suas anotações. Ela tinha escrito as palavras *heróis*, *criminosos* e *ódio*. Com uma sensação de inquietude, percebeu que a palavra *ódio* do caderno era parecida demais com o *ódio* que ela escrevera no rosto do Nolan na semana anterior, aquele que aparecera nos jornais, noticiários e blogs de todo o país. Rapidamente, ela virou uma nova página antes que alguém percebesse.

— Bom, antes de prosseguirmos, vou devolver seus trabalhos sobre O

vingador invisível.

A sala inteira se endireitou nas carteiras, em alerta, como a maioria dos alunos fazia quando um professor estava entregando um trabalho ou prova. Ava sabia que nos próximos momentos haveria enormes sorrisos... e também algumas lágrimas. Sim, até uma aula de cinema importava. *Todas* as notas importavam na Beacon.

— Alguns de vocês se saíram muito bem — murmurou o Sr. Granger, tirando um trabalho da pilha. Ava teve a certeza de que ele olhara direto para ela ao dizer isso e se endireitou um pouco mais na cadeira. — Mas outros precisam ser desafiados. As questões morais que este filme traz são complicadas e talvez até um pouco subversivas. Eu gostaria de ver vocês realmente estenderem seus argumentos nesta próxima unidade. — O Sr. Granger pegou uma pilha de trabalhos em sua mesa e começou a percorrer a sala.

Quando chegou à fileira de Ava, o Sr. Granger colocou seu trabalho virado para baixo na mesa. Ava o desviou, ansiosa para ver as anotações... e ofegou ao ver o *C* em vermelho-vivo rabiscado na parte de cima.

Um *C*? Ava não conseguia acreditar. Ela se empenhava muito naquela aula, assistindo a entrevistas chatas com diretores e lendo matérias sobre teoria cinematográfica na internet. Seus trabalhos sobre os primeiros filmes a que tinha assistido, *Psicose* e *Um corpo que cai*, tinham recebido A+. Mas também, ela tinha escrito o trabalho sobre *O vingador invisível* após aquela discussão sinistra na sala e depois de atrair Nolan para o andar de cima na festa dele. Ela se lembrava do peso de seu corpo quando ele se apoiou nela, o cheiro de cerveja em seu hálito quando tentou beijá-la de um jeito desastrado. O momento em que os músculos dele ficaram flácidos...

Ela balançou a cabeça. A última coisa que queria fazer era pensar no Nolan, no filme ou no que ela tinha feito.

— Como você foi?

Ela ergueu o rosto e viu Alex, com o braço apoiado nas costas da cadeira. Sua expressão mudou rapidamente quando percebeu que ela estava triste.

— Hmm, não muito bem — murmurou ela.

— Tudo bem. Talvez ele a deixe refazer. Podemos assistir ao filme de novo juntos...

— Não — disse Ava rapidamente, depois estremeceu ao ver o lampejo de mágoa nos olhos castanhos dele. Ela simplesmente não queria assistir ao filme outra vez, de jeito nenhum. — Desculpe, é que eu...

— Srta. Jalali, se não se importar, temos mais matéria para passar. — O Sr. Granger observava os dois com as sobrancelhas franzidas. Alex se virou para a frente depressa.

Ava mal ouviu o resto da aula. Ela virou as páginas de seu trabalho, olhando a tinta vermelha nas margens. *O que você está tentando dizer com isso?* O Sr. Granger tinha escrito ao lado de um parágrafo. *Este argumento não se sustenta*, escrevera ao lado de outro. Ela se sentia arrasada. Fazia muito tempo que não recebia um C. A nota quase a fazia se sentir suja, e ela enfiou o trabalho em sua bolsa Hervé Chapelier porque não queria mais olhar para ele.

Finalmente, o sinal do almoço tocou.

— Vamos definir novos grupos para esta próxima unidade — falou o Sr. Granger, mais alto que o barulho de gente se levantando e começando a arrumar suas coisas. — Preparem-se para um novo projeto na semana que vem.

Graças a Deus, pensou Ava, erguendo o rosto para ver se seu alívio se refletia no rosto das outras integrantes do seu grupo de *O vingador invisível*. Julie respirou fundo. Mackenzie tamborilava com os dedos na mesa. Ava desviou os olhos. Ela não tinha nada contra nenhuma daquelas garotas. Só queria deixar todo aquele projeto, e suas consequências, para trás. Ela sabia que era injusto, mas, se não fosse por elas e aquela conversa, tudo seria diferente. Ela não teria tirado C. Ela não estaria atormentada pela culpa.

E talvez Nolan não estivesse morto.

CAPÍTULO CINCO

NA SEXTA-FEIRA À NOITE, Julie Redding foi até a casa de Matthew Hill. Embora a casa fosse grande e imponente, e tivesse um bom suprimento de cerveja e dos petiscos típicos de festas, não chegava nem aos pés da festa de Nolan Hotchkiss na semana anterior.

Julie estremeceu quando essas lembranças sombrias lhe voltaram à mente. Mas as afastou com a mesma rapidez que chegaram. Ela definitivamente não queria pensar em Nolan naquele momento.

Ela abriu caminho através do portão para o pátio dos fundos, sentindo no peito a mesma agitação que tinha antes de toda festa. *Será que vai dar tudo certo? E se alguém me desmascarar? E se alguém adivinhar?* Então ela fez o que sempre fazia, um truque calmante sobre o qual tinha lido anos antes em um livro chamado *O guia do mestre zen para a calma*: ela contou, respirou, tentou aquietar sua mente. *Um. Dois. Três. Quatro. Cinco.* Depois balançou as mãos, respirou fundo e colou seu melhor sorriso no rosto. O sorriso de festa. O sorriso *Eu-sou-a-Julie-e-todo-mundo-me-ama*.

A batida pesada de uma música pulsava, pontuada por risadas e gritos. A fonte de pedra já estava cheia de copos de plástico descartados, ao lado do iPhone de alguém. Alguns adolescentes estavam sentados em cadeiras no gramado conversando intensamente, a fumaça de seus cigarros de cravo formando espirais ao redor. Quando as pessoas viam Julie, acenavam e seus rostos se alegravam.

— Você está maravilhosa! — arrulhou Renata Thomas, uma garota meio desleixada que era capitã da equipe de ginástica artística.

— Jules! — disse Helene Robinson da aula de química, abraçando-a com força. Três outras garotas a abraçaram em seguida. Ela sentiu o cheiro frutado do cabelo delas e aceitou seus apertos amorosos. Quando conseguiu entrar na casa, parecia que a festa inteira a tinha cumprimentado.

A pulsação de Julie começou a desacelerar. Claro que ia dar tudo certo. Ela não precisava se preocupar. Ninguém ia descobrir tudo o que estava escondendo. Todo mundo a *adorava*, e ia continuar assim.

Ela já tinha aprendido a fazer os outros a admirarem. Isso fora útil ao longo dos anos, porque, se estivessem ocupadas reparando no quanto ela era engraçada, estilosa e fofa, as pessoas não teriam tempo para notar que havia

algumas coisas nela que eram... estranhas. Como o fato de nunca receber ninguém em casa e de nem *saberem* onde ela morava. Mas isso não importava, porque Julie era uma abelha-rainha benevolente, ao contrário de muitos alunos ricos e esnobes da Beacon Heights High. Ela tornava fácil para os outros gostarem dela. Então eles gostavam.

— Ai, meu Deus, Julie! — gritou uma voz, arrancando Julie de seus pensamentos. — Nós estamos gêmeas! Que loucura, não é?

Julie olhou nos olhos de Ashley Ferguson, do penúltimo ano da Beacon, uma pessoa com quem ela achava muito, *muito* difícil ser legal.

Pelo menos Julie *achava* que era a Ashley. Porque de um jeito sinistro parecia que estava se olhando no espelho. As duas tinham mais ou menos a mesma altura e peso, e pouco tempo antes Ashley pintara o cabelo em um tom quase igual ao castanho-avermelhado de Julie. Ela também usava a mesma sombra marrom com glitter nas pálpebras e o mesmo gloss neutro nos lábios. E naquela noite, *como* Julie não sabia, estava com o mesmo vestido da BCBG que Julie. Os sapatos eram diferentes: os de Ashley pareciam ser da Jimmy Choos, enquanto Julie usava um par de sandálias Nine West compradas na liquidação.

Não era incomum as garotas copiarem o estilo de Julie. Se Julie usasse esmalte azul com glitter em uma sexta-feira, já na segunda, metade da escola também estaria usando. Em geral, isso a fazia sentir especial, poderosa, mas com a Ashley, Julie sentia apenas que estava no filme *Mulher solteira procura*. Aquela garota forçava *demais* a barra. Era constrangedor. Se contasse isso a seu terapeuta, Elliot Fielder, ele provavelmente diria que Ashley era o que Julie temia se tornar se seu segredo fosse revelado: ridicularizada, fraca, *desesperada*.

Ela se perguntou se Parker já a olhara assim. Ao entrar para a Beacon Heights no sexto ano, Julie percebera imediatamente que Parker, que era loura, destemida e tinha uma pele linda, era a amiga que ela precisava ter. Levou algumas semanas, mas Julie conseguiu entrar no grupinho de Parker, e logo era sua melhor amiga. Ambas eram igualmente lindas e extrovertidas, parceiras naturais de crime no topo da pirâmide da popularidade. E embora conversassem diariamente depois da escola, e Julie tivesse passado muitas noites na casa de Parker, a amiga nunca ia à dela. Julie dissera que era porque sua mãe era muito rígida. Por sorte, Parker não a questionara.

Mas então aquela noite acontecera a Parker. A noite em que manter seu segredo quase custara a vida de Parker. Depois disso, elas começaram a ser honestas uma com a outra.

Ashley ainda encarava Julie ansiosamente.

— Hmm, que loucura — disse Julie, enfim, em um tom monótono, fingindo olhar algo em seu telefone. Era o máximo de sua antipatia.

— *Alerta vermelho* — sussurrou Nyssa Frankel, que pegou seu braço e a puxou para a esquerda. — Vamos sair daqui antes que aquela psicopata corte o seu cabelo e cole na própria cabeça, ok?

Julie riu e deixou Nyssa levá-la embora. Ela olhou por cima do ombro para Ashley, que estava parada, com as sobrancelhas franzidas, sabendo muito bem que tinha sido desdenhada.

— Eu queria que ela encontrasse outra pessoa para copiar — murmurou Julie no ouvido de Nyssa enquanto voltavam lá para fora.

Nyssa acendeu um cigarro, e o cheiro de tabaco flutuou pelo ar.

— Ah, roubo de estilo é a maior forma de elogio — disse ela ao exalar a fumaça, balançando seus cachos castanhos. Ela ofereceu um trago a Julie, que recusou. — Enfim, todo mundo sabe que ela é uma perdedora. — Nyssa apertou o braço de Julie. — Quer que eu coloque uma foto horrível dela no Instagram? Ou comece um boato sobre ela?

— Não precisa — disse Julie, mas se sentia agradecida por Nyssa defendê-la. Desde que Parker deixara de ser o que era, Nyssa se tornara seu braço direito.

Nyssa olhou em volta com as mãos nos quadris.

— Este lugar está uma loucura, não é?

— Muito — respondeu Julie. Através das janelas panorâmicas, ela via um grupo de adolescentes dançando loucamente no escritório, pulando ao ritmo da música. Um garoto com uma camisa dos Seahawks segurava outro em um mata-leão, e ambos riam. Havia um vaso de lírios quebrado no pátio coberto, e obviamente as pessoas tinham passado por cima da terra, levando-a para dentro da casa. James Wong, Zev Schaeffer e Karen Little começavam um jogo de bebida em uma mesa no quintal.

— Todo mundo veio hoje — murmurou Nyssa, abrindo caminho em meio a um aglomerado de pessoas.

Julie olhou em volta, vendo Ava, perfeita como um modelo, segurando com força a mão de Alex. Caitlin estava lá, com um vestido simples de listras e o cabelo preto brilhante preso em um rabo de cavalo, rindo com algumas garotas de seu time de futebol. Até Mackenzie tinha ido com a amiga Claire e seu namorado, Blake. Mas nem todo mundo estava lá. Nolan não estava. E nem a Parker.

Julie não achara realmente que a Parker iria. Era impressionante ela ter aparecido na festa do Nolan, mas também não foi porque ela queria socializar. Sentiu uma pontada. Parker passara por muita coisa; claro que tinha mudado, e claro que estava tendo dificuldades para se adaptar. E depois da questão do Nolan, Parker parecia mais atormentada do que nunca.

Jessa Cooper e Will Mika, dois dos editores do jornal, estavam ao lado de

Julie e Nyssa, conversando aos sussurros.

— Ainda dá para encontrá-las na internet se você procurar bem — sussurrou Will.

— Então você chegou a *ver* as fotos? — Os olhos de Jessa estavam arregalados. — Do Nolan *morto*?

O estômago de Julie afundou. Ela sabia de que fotos eles estavam falando.

Will deu de ombros.

— Muita gente viu.

Julie pigarreou.

— Como você sabe que ele estava mesmo *morto* quando aquelas fotos foram tiradas?

Os dois se viraram para ela, e a expressão deles ficou reverente e respeitosa. Afinal de contas, ela era Julie Redding, e eles eram alunos do segundo ano.

— Hmm, eu não tenho *certeza* — admitiu Will. — Mas por que outro motivo a escola mandaria tirá-las do ar?

— Talvez porque tivesse um monte de maldades escritas na cara do Nolan? — intrometeu-se Jessa. — Eu queria saber quem escreveu aquelas coisas na cara dele.

Nyssa fez um som de desdém.

— Aposto que foi o Mark Brody — disse ela, referindo-se ao amigo do time de lacrosse do Nolan. — Garotos não estão sempre fazendo essas brincadeiras idiotas uns com os outros?

O coração de Julie batia com força. *Ela* sabia quem tinha escrito no rosto de Nolan, e não fora Mark. Ela virou as costas e imediatamente esbarrou em uma pessoa. Cerveja gelada escorreu por suas costas e entrou em seus sapatos. Julie gritou, afastando-se com um pulo, depois se virou e se viu cara a cara com Carson Wells, o garoto novo vindo da Austrália. Ele era meio que um mistério para todo mundo em Beacon. O único fato verificável era que ele era absolutamente maravilhoso, com a pele cor de café, cabeça raspada, olhos verde-oliva e um sotaque incrível.

— *Mil* desculpas — disse ele.

— Tudo bem — ofegou Julie, e Carson saiu correndo em busca de guardanapos e começou a limpar os sapatos de Julie. — Ah, meu Deus — disse Julie, repentinamente envergonhada. — Não se preocupe com isso. Não caiu quase nada em mim.

— Tem certeza? — Carson se levantou outra vez. Seu olhar ainda era de desculpas. — Você é a Julie, não é?

— Sou — disse Julie suavemente.

— Eu sou o Carson — disse ele. Depois olhou para o copo de cerveja, agora

vazio. — Parece que preciso de um refil, não é? Posso pegar um para você também?

Julie sentiu suas bochechas ficarem quentes.

— Acho que é o mínimo que você pode fazer.

Eles foram para o final da fila do barril de cerveja que atravessava a sala de estar até o banheiro. A música estava muito alta e uma enorme TV de tela plana estava ligada, mas no mudo.

— Então, esta é a sua primeira festa em Beacon? — perguntou Julie.

Carson balançou a cabeça.

— Na verdade, a primeira foi a da semana passada. Do Nolan.

— Ah. — Julie baixou os olhos. Ela não tinha visto Carson lá, claro, pois tinha outras coisas em mente. — Não foi um ótimo começo para o ano, infelizmente.

— Nem um pouco. — Carson enfiou as mãos nos bolsos. — Eu deveria ter seguido meu plano de passar a noite com chá de camomila e um livro da Jane Austen.

— Sei. — Julie riu. — Então, o que está achando daqui? — Ela quase bateu na testa depois de falar. *Essa é uma pergunta que a sua avó faria!*

— Nada mau — disse Carson. — Fora o fato de que a primeira pergunta que a maioria das pessoas me faz é quanto tirei no vestibular, quantas aulas avançadas já fiz ou, quando digo que corro, quantos quilômetros eu faço.

Julie soltou uma risadinha.

— Essa é a Beacon High.

Carson fez uma careta.

— E o clima é horrível. Não sei como vou aguentar seis meses de chuva.

— Está mais para nove — disse ela com uma risada. — É, também me incomoda. Eu morava na Califórnia.

— Você morava na Califórnia? — Ele se animou. — Cara, eu adoraria morar lá. Meu pai quase aceitou um emprego na Universidade do Sul da Califórnia, mas a Universidade de Washington ofereceu condições melhores. A princípio fiquei meio chateado. Mas tudo bem. Se eu estivesse na Califórnia, não estaria aqui conversando com você. — Ele sorriu. — Por que se mudou?

— Hmm, família — disse ela vagamente. — A minha mãe queria ficar mais perto da minha avó. — Era parcialmente verdade, afinal de contas. — Ela morreu — acrescentou ela, para o caso de Carson perguntar se elas ainda se viam.

— Sinto muito. — A voz de Carson foi suave.

A garganta de Julie começou a coçar, o que sempre acontecia quando ela mentia. Ela se perguntou o que ele diria se ela contasse a verdade: que elas

tinham sido *obrigadas* a se mudar. Que seu pai as abandonara havia anos. Que nem sua avó conseguia lidar com sua mãe.

Era por isso que ela nunca tivera um namorado. Ela podia não contar à amiga sobre sua vida doméstica, mas com um namorado a história seria diferente. Haveria perguntas que ela não podia responder, o “encontro com os pais” com o qual sua mãe nunca conseguiria lidar. Só Parker sabia a verdade sobre a mãe de Julie, e Julie só lhe contara depois do acidente. Mas era claro que a vida doméstica de Parker era pior, e mais perigosa, que a de Julie. Agora Parker tinha a chave da casa de Julie e protegia seu segredo ferozmente. “Morre comigo”, prometera, e Julie não conseguia imaginar confiar em mais ninguém como confiava nela. Algum dia, talvez na faculdade, quando ela tivesse dado o fora daquele lugar e vivesse por conta própria, pensaria *então* em se apaixonar e abrir a alma. Mas ainda não. Não quando havia tanto em risco. Não quando alguém podia ver... *tudo*.

E agora havia um segredo ainda maior para esconder.

Sem mais nem menos, uma rachadura se abriu em sua mente, e Julie de repente voltou à sala de cinema no dia em que tudo começou. Em todos os outros aspectos, fora um dia completamente normal. Nolan Hotchkiss zombara de três alunos em rápida sucessão no primeiro minuto da aula: primeiro Laurie Odenton, que era estrábica; depois Ursula Winters, que tinha pernas gordas e era, segundo Nolan, impegável; e depois Oliver Hodges, que era gay, tinha orgulho disso e era praticamente imune a insultos àquela altura. O Sr. Granger tinha colocado um filme chamado *O vingador invisível*, o terceiro da série de mistério da turma.

O filme era preto e branco, com uma trilha sonora retumbante e antiquada. Contava a história de oito desconhecidos que eram chamados para uma ilha por um anfitrião misterioso, mas quando chegavam não encontravam o anfitrião. Em vez dele, uma mensagem gravada acusava cada um deles de assassinato.

Um a um, os convidados da ilha começaram a morrer: o general que mandou o amante da esposa em uma missão suicida. O criado que matou a patroa aleijada. A solteirona ríspida que deixou seu sobrinho trancado no reformatório até ele cometer suicídio. Alguém os estava punindo por seus crimes. No final do filme, Julie estava sentada na ponta da cadeira, de olhos arregalados. Era estranhamente satisfatório ver cada um ter o que merecia. Será que dava para chamar aquilo de assassinato?

Quando finalmente tinham acendido a luz, Julie piscara por causa do clarão repentino. Granger havia designado os grupos de discussão imediatamente e ela se vira diante de Parker, Mackenzie, Ava e Caitlin. Com exceção da Parker, ela só conhecia as outras de vista.

Caitlin tinha espreguiçado os braços musculosos.

— Foi meio intenso.

Ava abriu o caderno em uma página em branco, tirando o cabelo escuro do rosto.

— Mas faz sentido. Tudo se resume ao estado de direito, não é? Como é perigoso que o julgamento venha de um justiceiro.

Mackenzie se intrometeu.

— Eu não achei que algumas daquelas pessoas mereciam ser punidas. Aquela tal da Srta. Brent? Ela não matou ninguém. Ela só mandou prenderem o sobrinho. Não foi culpa dela ele ter se matado.

— Foi, sim. — A voz de Caitlin saiu severa. Seus lábios formaram uma linha reta e rígida, e seu maxilar estava contraído. Julie pensou no suicídio do irmão dela. Todo mundo sabia que Nolan tinha implicado com ele implacavelmente, e então ele tinha se matado.

As outras garotas pareceram se lembrar de Taylor ao mesmo tempo. Mackenzie enrolou seu suéter grosso de tricô com mais força ao redor do corpo.

— Eu não tive a intenção...

— Na verdade, ela é a pior de todos — continuou Caitlin. — Porque nem se importou. Ela nem se arrependeu.

Um silêncio constrangido caiu sobre elas. Mackenzie olhava para as mãos, infeliz. Julie olhava de uma garota para a outra. Ava clicava sua caneta sem parar.

Então Parker respirou fundo.

— Eu sei que é meio doentio — disse ela em voz baixa. — Mas às vezes acho que o juiz estava certo. Algumas pessoas merecem ser punidas.

Lágrimas quase se formaram nos olhos de Julie. Fazia séculos que Parker não falava durante a aula. Mas depois ela olhou para os rostos chocados. Tudo bem, talvez as palavras de Parker tivessem sido meio duras, mas Julie não queria que ela voltasse a se fechar.

— Não é? — disse ela. — Quer dizer, *eu* conheço algumas pessoas que merecem punição. Pessoalmente, o primeiro da minha lista seria o pai da Parker. O juiz foi bonzinho demais com ele.

Os músculos das garotas se enrijeceram, como acontecia com todo mundo quando falavam do acidente da Parker. A escola inteira sabia o que o pai da Parker havia feito com ela naquela noite. Para começo de conversa, as evidências se espalhavam por todo o seu rosto; além disso, ele tinha acabado na cadeia, o que nunca acontecia em um lugar como Beacon.

Elas continuaram falando, mencionando pessoas de suas vidas que lhes tinham feito mal – cada garota tinha alguém que as magoara também –, quando

de repente Caitlin se inclinou para a frente.

— Sabem de quem eu me livraria? — Seus olhos cintilaram quando ela olhou para o outro lado da sala em direção à mesa de outro grupo. Nolan Hotchkiss estava recostado na cadeira com os braços cruzados sobre o peito. Ele riu alto de alguma coisa com uma expressão de zombaria no rosto bonito. — Ele — disse ela com uma voz sombria.

A mesa ficou silenciosa outra vez. Por algum motivo, admitir que Nolan era um idiota parecia perigoso. Se ele descobrisse, elas seriam seu próximo alvo.

— O Nolan *é* um babaca — sussurrou Ava. — Ele começou boatos sobre mim. Boatos *horríveis*.

As bochechas de Mackenzie estavam num tom vivo de vermelho. Ela fixou os olhos nas mãos, cutucando a ponta de uma cutícula.

— Ele também tem... uma coisa comprometedora sobre mim.

Julie assentiu. Ela odiava Nolan por seu papel no acidente de Parker. Se não fosse por ele, talvez nada daquilo tivesse acontecido. Parker ainda seria quem era antes.

Ava arranhou a mesa com a caneta.

— Como você faria? Quer dizer, se fossem matá-lo?

Os olhos de Caitlin se iluminaram.

— Sabe como eu faria? Oxi. Todo mundo sabe que é a droga preferida dele.

— E então ele estaria... *morto* — disse Parker em um tom ávido.

— Ou cianureto — continuou Caitlin. — Como nos filmes. É completamente inodoro e incolor. Difícil de detectar. Ele morreria em minutos.

Mackenzie tinha soltado uma risadinha.

— Sem dúvida isso resolveria.

— *Finalmente*.

Julie ergueu o rosto. Ela e Carson tinham chegado à frente da fila, e Carson bombeava cerveja em um copo de plástico vermelho. Ele o entregou a Julie.

— Bem, saúde, Julie Redding — disse ele, encostando seu copo ao dela. — Espero conhecê-la melhor.

— Eu também... — Julie estava prestes a dizer mais quando algo na TV do escritório chamou sua atenção. O chefe de polícia estava em um pódio diante de dezenas de repórteres com o rosto iluminado pelos flashes das câmeras. Na parte de baixo da tela o texto dizia: POLÍCIA DÁ COLETIVA DE IMPRENSA SOBRE MORTE DE HOTCHKISS.

— Ah, meu Deus — disse ela. Sem pensar, ela se afastou do barril de cerveja, pegou o controle remoto na mesinha de apoio e aumentou o volume.

Mais gente se aproximou.

— Desliguem a música — gritou Asher Collins. Matt Hill fez o que ele pedia,

e Rihanna foi silenciada no meio da letra. A sala inteira ficou quieta. Percebendo claramente que algo importante estava acontecendo, as pessoas que estavam lá fora entraram para assistir também.

Na tela, o chefe pigarreou e falou no microfone.

“O relatório da autópsia de Nolan Hotchkiss chegou”, disse ele. Um flash disparou. Um microfone se aproximou do rosto dele. “Embora não possamos revelar os detalhes a esta altura, foram encontradas evidências de ação criminosa, e não acreditamos mais que sua morte tenha sido causada por uma overdose accidental.”

— Como assim?... — murmurou alguém.

— Intenso — disse Nyssa com o rosto pálido. Ela tinha se aproximado de Julie sem ser notada. E Julie observou Claire Coldwell apertar a mão de Blake com lágrimas descendo pelo rosto. Do outro lado da sala, os olhos de Mackenzie se moviam rapidamente por trás dos óculos. Caitlin e Ava trocaram olhares aterrorizados. Alex encarava a tela da TV, parecendo confuso.

Julie se deixou cair na ponta do sofá com o coração parando no peito. *Não*, pensou ela. *Isto não pode estar acontecendo*. Ela pensou na conversa da sala de cinema. Todas aquelas pessoas à volta delas. Todos aqueles ouvidos atentos.

O policial pigarreou, olhando friamente para a multidão de repórteres por um instante. Quando voltou a falar, foi com uma voz direta, calma e deliberada.

“Estamos investigando todas as pistas.” Ele fez uma pausa, olhando suas anotações. “No momento, estamos tratando o caso como uma investigação de homicídio. Alguém, ou *mais de uma pessoa*, matou Nolan Hotchkiss. E não vamos descansar até descobrirmos quem foi.”

CAPÍTULO SEIS

ERA DOMINGO DE MANHÃ, e a Igreja Episcopal de Beacon Heights estava completamente lotada para o funeral de Nolan Hotchkiss. No fundo, Parker puxava a calça de lã preta que pegara emprestada com Julie. O ar estava quente e pungente. O cheiro ceroso das velas se misturava ao de perfumes caros. Lá no alto, o teto folhado e as colunas ornamentadas cintilavam à luz fraca. Diante do altar havia um caixão de madeira brilhante, coberto de lírios, rosas e hortênsias. O velório seria com o caixão fechado. Parker ficou imaginando se era porque a tinta de canetinha não tinha saído da pele de Nolan.

Agora você tem tantas cicatrizes quanto eu, pensou ela, sem conseguir se conter, e depois se odiou por sua amargura.

Os bancos estavam cheios de adolescentes, alguns sentados com os pais, outros aglomerados com os amigos. A escola inteira tinha aparecido, sobretudo agora que haviam divulgado a notícia de que Nolan fora assassinado. Corria todo tipo de teoria. Que Nolan havia se envolvido demais com um grupo de traficantes e que o tinham matado enquanto as pessoas estavam se divertindo no andar de baixo. Que Nolan roubara a namorada de um chefe da máfia e que seus capangas tinham entrado pela janela. Que um dos funcionários descontentes do Sr. Hotchkiss finalmente se vingara.

Parker não sabia o que pensar. Ela sabia que escrevera em Nolan, mas quanto a quem o matara... não tinham sido ela e as garotas da aula de cinema. Não podiam ter sido.

Não é?

Na primeira fila, a Sra. Hotchkiss soltou um urro alto e angustiado. Então Parker sentiu a mão de alguém em seu braço e se virou. Era Julie.

— Venha — sussurrou ela. — Já está quase acabando. E precisamos conversar.

Ela tropeçou nos próprios pés quando Julie a puxou para o gramado e virou uma esquina para o estacionamento, que estava deserto. A chuva deixara o chão prateado. Um frio úmido pairava no ar.

Ava, Mackenzie e Caitlin já esperavam perto de uma alcova cheia de arbustos de murta e junco. No meio ficava uma estátua gasta de São Francisco, cheia de sementes nas palmas das mãos para alimentar os pássaros.

Julie abriu seu guarda-chuva xadrez rosa e verde, e ela e Parker se encolheram sob ele.

— Oi — murmuraram elas para as garotas quando se aproximaram. Parker puxou o capuz para cima da cabeça. Aquelas garotas eram legais, olhavam-na sem ficar encarando, como se não houvesse nada errado com ela, mas mesmo assim ela se sentia desconfortável perto delas.

— O que vamos fazer? — disparou Ava em um tom choroso.

— Precisamos ficar calmas — disse Julie com calma, embora estivesse apertando a mão de Parker com tanta força que Parker achou que fosse furar sua pele com as unhas. — Olha, nós não fizemos *nada*. Demos uma pílula de oxi para ele, só isso. Não é o suficiente para matar ninguém. Muito menos ele.

— Mas aquela conversa que a gente teve. — O olhar de Caitlin ia de um lado para o outro. — As coisas que eu *disse*. As coisas que a gente *fez*.

— Eu sei — interrompeu Parker, lembrando aquela noite.

Durante as horas antes da festa, ela havia pensado em não ir, mas a tentação de se vingar de Nolan, se vingar de verdade, fora grande demais. Ela tinha entrado na festa sem ser vista, com o capuz sobre a cabeça, e encontrara Julie na mesma hora.

— Está pronta? — perguntara ela com um sorriso largo.

O sorriso de Julie fora mais nervoso.

— Acho que sim.

Elas haviam subido uma a uma. No patamar da escada, Parker olhara a multidão lá embaixo, mas *ninguém* as estava observando; estavam mexendo no celular, tomando cerveja ou ficando com alguém. Ela se lembrava de ver Asher em um canto, flertando com uma garota da Brillwood Prep, e Ursula conversava com um jogador de futebol americano. Nyssa, a amiga de Julie, estava com um jogador de basquete enquanto seu projeto de clone, Ashley, conversava com o gatinho novo da Austrália. Parker tinha continuado a subir a escada escura, virando uma cerveja e largando o copo em um dos degraus.

As outras se juntaram a ela no banheiro do terceiro andar. Havia um vaso de flores amarelas frescas sobre a bancada.

Mackenzie olhara para Caitlin.

— Está com você, não é?

Caitlin pegou um frasco laranja de remédios que tinha seu nome na etiqueta.

— Está.

— Quanto devemos dar para ele? — perguntou Ava.

— Só uma — disse Parker com ar de quem sabia do que estava falando, lembrando o que Nolan fizera com ela. — É forte, ainda mais misturado com bebida.

Caitlin jogou uma pílula em cima da bancada e usou a tampa do frasco para amassá-la até virar pó. Julie entregou um copo de cerveja a ela, que jogou o pó ali dentro, mexendo com o dedo.

Então elas desligaram a luz. O copo passou de garota em garota: cada uma cuspiu ali dentro para complementar. Suas vozes se misturaram. *Ele merece tudo o que vai acontecer. Todo mundo vai nos agradecer por isso.*

Elas olharam em silêncio da balaustrada quando Ava pegou o copo e desceu. Levaram alguns minutos para encontrar Nolan na multidão. Ele estava enchendo seu copo de cerveja no barril.

Nolan pareceu se surpreender ao ver Ava, mas aceitou a bebida sem questionar.

— *E aí?* — disse Mackenzie em uma voz sussurrada como se estivesse narrando, quando Ava se inclinou para a frente para murmurar no ouvido de Nolan. — *Está se divertindo?*

Então Mac trocou para a parte de Nolan, deixando a voz mais grave.

— *Agora que você chegou, sim. Que bebida deliciosa é essa que você trouxe para mim? Tão boa! Glub, glub, glub.*

As outras garotas, incluindo Parker, riram. Ela prendeu a respiração quando Nolan deu o primeiro gole.

— *Esta noite está sendo incrível* — Mackenzie continuou a brincadeira. — *Eu já abaixei a calça de um calouro, derramei cerveja em uma garota para deixar sua blusa transparente e empurrei quatro dos meus supostos amigos dentro da piscina. Por sorte, eu sou muito rico e todos esses idiotas patéticos passam o tempo todo cuidando de todas as minhas necessidades. Então meu comportamento imbecil não tem nenhuma consequência.*

Lá embaixo, Ava tocou o bíceps de Nolan com um sorriso tímido brincando nos lábios. Sem dúvida ela sabia segurar a atenção de um garoto. Era uma habilidade que Parker também tivera antes.

De repente, eles estavam subindo a escada. As garotas voltaram para dentro do banheiro, deixando apenas uma frestinha da porta aberta. Um instante depois, Ava passou por elas, meio acompanhando e meio arrastando Nolan. Ele já parecia drogado.

— Eu senti tanta saudade de você, gato — ronronou ela. Elas o ouviram murmurar uma resposta.

Todas foram às pressas para o corredor. Dali, através da porta aberta de um quarto, viam Nolan deitado em sua cama e Ava parada diante dele.

A princípio ele tentara alcançá-la, mas depois suas pálpebras começaram a se fechar sonolentas e suas palavras se embolaram. Parker se lembrava de olhar por cima do ombro, nervosa, torcendo para ninguém subir e ver aquilo. Todas se

reuniram para observar, e por um instante tudo pareceu errado, como se elas tivessem se transformando em bullies.

Então ele notou as outras na porta. Ele olhou para todas, uma a uma, dizendo algo sobre cada uma delas. O coração de Parker se endurecera outra vez. Ela ficara quase feliz quando as pálpebras dele se fecharam e ele apagou.

Ele está bem, ela ouvira uma das vozes das outras dizendo. *Ele desmaia todo fim de semana. Vamos ao trabalho.*

Então Mackenzie tirara as canetas coloridas da bolsa. Cada uma escolhera uma e se aproximara. Caitlin tinha sido a primeira, escrevendo *Traíçoeiro* na testa dele. Mackenzie começara a escrever *MENTIROSO*, e Julie escrevera *Monstro*.

— A polícia vai interrogar todo mundo que estava na festa — dizia Ava agora. — E se alguém nos viu subir com ele? E não fomos nem um pouco cuidadosas. Nossas impressões digitais provavelmente estavam em todo aquele banheiro e na cerveja que ele bebeu. Eles podem voltar e coletar tudo para a investigação criminal.

Mac colocou as mãos nos quadris.

— Você está falando como se a gente tivesse mesmo *feito* alguma coisa. Só demos uma pílula para ele, Ava, algo que ele mesmo fazia o tempo todo. Não é só porque conversamos sobre matá-lo que somos culpadas. A polícia encontrou evidências de crime. É impossível *uma pílula* ser considerada crime.

— Mas nós fizemos alguma coisa! Demos *uma* pílula para ele. E escrevemos na cara dele toda — exclamou Caitlin em um tom histérico, levantando as mãos.

Parker contorceu a boca, mas não conseguia lidar com aquela questão diretamente. Mal conseguia relembrar aquela noite sem ficar com dor de cabeça.

— Talvez a gente devesse contar a alguém — sugeriu Mac. — Tipo, sabe, abrir o jogo sobre a nossa pegadinha.

Os olhos de Ava se arregalaram.

— Nós *demos* oxi para ele, e isso *já é* muito grave. E se não acreditarem na gente? E se de um jeito ou de outro acharem que fomos nós?

— Eu concordo — admitiu Julie. — Podemos nos encrencar muito. Quer dizer, temos muito a perder. — Ela engoliu em seco.

Todas fizeram silêncio outra vez, pensando no que estava em risco: reputação, formatura, faculdade, a aprovação de seus pais.

— Eu não entendo o que *realmente* aconteceu — sussurrou Caitlin, enfim, olhando nervosa de um lado para o outro. — Quer dizer, todo mundo está dizendo que foi oxi. Se foi, outra pessoa deve ter dado mais drogas depois que saímos, não acham?

— Muita gente o odiava — sussurrou Mac, lançando um olhar inseguro ao estacionamento lotado de carros.

Então uma coisa horrível ocorreu a Parker.

— Vocês acham que alguém está tentando nos incriminar?

— Eu pensei a mesma coisa — disse Ava.

Mackenzie mexia com os óculos.

— Não tinha ninguém por perto quando conversamos na aula.

— A sala não é *tão* grande assim — disse Caitlin, trêmula. — Quem faz aula de cinema com a gente?

— Nolan — disse Julie. — Pelo menos *fazia*.

— O Alex — disse Ava. — Ele nunca faria algo assim, mesmo que estivesse ouvindo.

— Oliver Hodges — citou Caitlin. — Ben Riddle. Quentin Aaron. Eles não estavam no radar do Nolan. Ursula Winters é do meu time de futebol. A Fiona Ridge, que é vegana.

Parker revirou os olhos.

— Não é só pelo fato de ser vegana que ela não assassinaria alguém.

Caitlin também assentiu.

— A Fiona não machucaria uma mosca.

— Minha amiga Claire está na aula, mas tenho certeza de que *ela* não nos ouviu — sugeriu Mackenzie. — Ela estava do outro lado da sala.

Por um bom tempo, ninguém falou. Passarinhos se perseguiam pelo pátio, brigando por sementes. Para além dos muros de pedra do pátio, elas ouviam o som dos carros nas ruas molhadas.

— Que confusão. — Ava andava de um lado para o outro, e seus saltos altos oscilavam precariamente nas pedras molhadas. — O que vamos fazer?

— Ser o mais possível discretas — disse Julie com uma voz firme. — Nós sabemos que não matamos ninguém. Tudo isto é uma espécie de... coincidência, talvez. Se não, alguém está tentando nos encrencar. De um jeito ou de outro devemos fingir que nada aconteceu.

— Então nós... mentimos? — perguntou Mackenzie, mordendo o canto do lábio.

— Mentimos — disse Julie com firmeza.

Parker deu um suspiro rápido e trêmulo. De repente, sentiu que estava sendo observada. Ela olhou para trás, em direção à entrada do pátio, mas não havia ninguém ali, ninguém observando, exceto São Francisco, com seu olhar vazio de pedra, frio e distante. Um calafrio percorreu seu corpo, e uma forte pontada característica de dor penetrou seu olho. Ela apoiou a cabeça entre as mãos.

Controle-se, pensou ela. Você não pode desmoronar agora.

— Vocês vão à recepção? — perguntava Ava, olhando para as outras. Os Hotchkiss tinham feito questão de convidar todo mundo para seu country club

grã-fino do outro lado da cidade.

Mackenzie assentiu, triste.

— Vamos nos apresentar lá com a orquestra. Eu preciso ir. E vocês?

Ava deu de ombros.

— Acho que é uma boa ideia ser vista lá. Vamos só dar uma passada. Comer alguns salgadinhos. — Ela soltou uma risada curta e amarga. — Vai ser a festa do ano.

Outra pontada de dor atravessou o crânio de Parker, riscando sua visão com filetes brancos como raios. Ela sentiu a mão de Julie em suas costas e ergueu o rosto, vendo que a amiga percebera o que estava acontecendo. Seus olhos estavam arregalados. Seu rosto tinha uma expressão preocupada.

— Encontro vocês lá — disse Julie, depois se virou, ajudando Parker a ir até um banco. Em segundos, ela e Julie estavam sozinhas.

— Você está bem? — perguntou Julie, acariciando as costas de Parker.

Parker engoliu em seco, com a boca pegajosa de bile. O enjoo começou a se espalhar por seu corpo. Ela achou que ia vomitar.

— Acho que não vou conseguir aguentar a recepção — sussurrou ela, puxando os joelhos para cima do banco e apoiando a testa contra eles. — Dor de cabeça. Forte. Preciso me deitar.

— Tudo bem — disse Julie suavemente. — Não tem problema. De um jeito ou de outro, acho que ninguém na festa viu você perto do Nolan. Não precisa se preocupar.

— Não estou preocupada. — A voz de Parker saiu mais zangada do que ela pretendia.

Mas seu estômago se contraiu. Julie estava certa, ninguém a vira na festa. Afinal de contas, ela era a garota invisível. Não havia motivo para ficar paranoica.

Julie se levantou.

— Vou levar você para casa, ok? Para a *minha* casa, digo. Você está com uma cara horrível.

— Não. — Parker balançou a cabeça, depois imediatamente se arrependeu quando outra onda de dor a percorreu. — Vá você. A Ava está certa. Vocês devem ir à recepção. Eu posso voltar para a sua casa sozinha.

Julie a avaliou por um bom tempo. Depois a abraçou.

— Ligue se precisar de alguma coisa, ok?

— Ok. Prometo.

Julie entregou o guarda-chuva a ela, depois puxou o capuz de sua jaqueta e andou rapidamente pela chuva em direção à rua onde tinha estacionado o carro. Parker ficou sentada imóvel por um longo momento, olhando para ela. Ela

percebeu uma gárgula em uma cornija alta na lateral da igreja mostrando a língua para ela. Um calafrio a percorreu quando ela encarou seus olhinhos maliciosos.

Não há nada com que se preocupar, ela disse a si mesma. Não existe motivo para alguém sequer suspeitar de que você estava envolvida.

Mas ela não conseguia se livrar da sensação de que sua vida já complicada estava prestes a ficar muito pior.

CAPÍTULO SETE

— CORDAS, EU MAL CONSIGO OUVIR VOCÊS! — gritou a Sra. Rabinowitz, apontando para os violinos. — Esse *crescendo* precisa ser poderoso!

Mac estava sentada em uma pequena cadeira na ala de música da Beacon Heights High, com seu violoncelo entre os joelhos. Era segunda-feira e a Sra. Rabinowitz os estava fazendo ensaiar a marcha fúnebre de Mahler. Ela a acrescentara ao programa do concerto de outono, em memória de Nolan.

A sala cheirava a um aromatizador de ambientes floral que a Sra. Rabinowitz sempre usava antes do ensaio, e havia retratos de maestros e compositores famosos nas paredes: um Mozart esnobe, um Beethoven distraído, um Scarlatti orgulhoso, que Mackenzie achava que sempre a seguia pela sala com seu olhar penetrante. Nesse dia ela sentia que todos eles a olhavam, condenando-a pelo que fizera com o Nolan. A ficha ainda não tinha caído. Será que alguém estava mesmo querendo incriminá-las?

Foi você que enviou aquelas fotos, disse uma voz cruel em sua cabeça. Acha mesmo que aquele truque que o cara nerd do acampamento da banda ensinou para criar um endereço falso de e-mail vai adiantar com a polícia? Eles vão encontrar você.

Ao lado dela, Claire, que atualmente era a segunda violoncelista, depois de Mac, balançava-se para a frente e para trás com a música enquanto elas tocavam. Quando chegaram ao final da página da partitura, Claire a virou rapidamente e retomou o arco. Era sempre a segunda cadeira quem virava a página. Max conhecia bem esse dever: ela e Claire estavam sempre trocando de posição, pois ambas eram igualmente talentosas.

Quando Mac levantou o rosto outra vez, a sala estava silenciosa e a Sra. R. olhava diretamente para ela.

— Mackenzie, você está meio compasso atrasada.

Mac se surpreendeu.

— Estou?

A Sra. R. assentiu.

— Não percebeu?

Mac começou a entrar em pânico. Será que ela estava *tão* fora de si assim?

Claire lançou um olhar compreensivo a Mac.

— Todos nós estamos meio distraídos hoje.

Aquilo sim era amenizar o problema. Durante o dia inteiro, Mac estivera a ponto de hiperventilar. O que piorara as coisas tinha sido o anúncio do diretor Obata quando todo mundo voltara para a sala depois do almoço. *Assistentes sociais estão à disposição para qualquer pessoa que precisa de apoio extra neste momento. E, por favor, se você tiver qualquer informação sobre a festa, converse com um professor ou um orientador: você não vai se comprometer.*

Você não vai se comprometer. As palavras não paravam de rodopiar pela mente de Mac enquanto ela corria o arco sobre as cordas. Talvez elas *devessem* se apresentar. E se tivessem visto algo importante, algo que nem sequer tinham percebido? Talvez pudessem ajudar a pegar o verdadeiro assassino.

— *Psiiu.*

Mac olhou na direção da voz. Claire estava sentada a seu lado, apoiando o arco do violoncelo levemente sobre o instrumento. Ela pegou um saco de papel marrom e o entregou.

— Comprei isto para você — sussurrou Claire.

Mac olhou lá dentro. Minijubas em forma de violino iam quase até o topo. Jubas eram sua comida preferida, e as de violino eram difíceis de encontrar. Só eram vendidas em uma loja de doces especiais em Seattle.

Ela olhou para Claire.

— Por que isso?

Sua amiga deu de ombros.

— Para animar. Você anda para baixo nos últimos tempos.

Não havia malícia na expressão dela. Nenhuma manipulação sarcástica, dissimulada, apenas uma expressão bondosa e sincera. Um gosto amargo tomou a boca de Mac. *Você beijou o namorado dela*, repreendeu uma voz. *Você disse uma coisa terrível sobre ela na aula de cinema. E é tarde demais para voltar atrás nos dois erros.*

Pela primeira vez na vida, Mac se perguntou se era uma pessoa horrível.

De repente, a porta da sala de música se abriu e todas as cabeças se viraram. Dois homens de terno entraram. Eles olharam em volta por um instante, perscrutando a orquestra. A Sra. Rabinowitz se sobressaltou levemente e também se virou para eles.

— Desculpem pela interrupção — disse o primeiro homem. Ele era muito alto, com no mínimo dois metros de altura, a pele escura e usava um terno carvão. Sua voz era de um barítono estrondoso que preencheu o espaço com facilidade.

A Sra. Rabinowitz desceu do pódio. Ao lado dele, ela ficava pequena, como um ursinho de pelúcia com seu cardigã marrom felpudo.

— Como podemos ajudá-los?

— Eu sou o detetive Peters. Este é meu parceiro, o detetive McMinnamin. Estamos tentando reunir informações sobre o que aconteceu na festa daquela noite. Podemos tomar alguns minutos do seu tempo de aula?

A Sra. Rabinowitz fez um gesto para ele assumir, mas quem se aproximou foi McMinnamin. Ele era um homem magro e pálido com dentes de coelho e segurava uma pilha de cartões. Ele olhou a sala com os olhos estreitados.

— Vou passar estes cartões, e quero que todos vocês escrevam o alfabeto de um lado e seu nome do outro. — A voz dele era viva e direta. — Em letras maiúsculas, por favor. Letras de forma, não cursivas.

Kenleigh Robbins, que tocava viola, levantou a mão.

— Eu preciso *mesmo*?

— Claro que não — disse McMinnamin quase automaticamente. — Mas vamos notar qualquer um que não participar.

Ele começou a entregar os cartões. Mackenzie se contraiu quando ele passou por seu suporte de partitura, fixando os olhos nela por um instante antes de seguir em frente.

Ela sabia o que estava acontecendo. Eles precisavam de uma amostra de caligrafia. Sua mente se acelerou e ela tentou se lembrar exatamente do que tinha escrito no corpo de Nolan naquela noite de sexta. Ela tinha começado uma careta com sobrelinhas grossas, depois escrito MENTIROSO em letras maiúsculas.

Lentamente, ela colocou o violoncelo no suporte e pegou sua pasta de partituras para usar como apoio para escrever. Com as mãos trêmulas, ela escreveu as letras uma a uma, tentando deixá-las um pouco mais inclinadas que as que tinha usado na pele de Nolan.

Quando todo mundo terminou, McMinnamin recolheu os cartões. Peters pegou uma caneta e escreveu um número de telefone e seu nome no quadro branco.

— Eu sei como são essas festas — disse ele em um tom simpático, com um traço de sorriso brincando nos lábios. — Ninguém quer admitir que estava lá porque vai acabar encrencando todo mundo. — Então sua atitude mudou, sua boca se curvou para baixo, seus olhos ficaram sérios. — Mas aconteceu algo ruim com um de vocês. — Ele fez uma pausa para deixá-los absorver o que dissera. — Queremos saber o que aconteceu. E precisamos da sua ajuda para isso. Estou pedindo a todo mundo que estava na festa naquela noite, mesmo que não tenha visto o Nolan, para me ligar neste número. Talvez vocês saibam de detalhes que vão nos ajudar a ter uma noção cronológica dos acontecimentos. Tudo o que me contarem vai ser completamente confidencial.

Mackenzie engoliu em seco. Depois sentiu a mão de alguém tocá-la. Os dedos

de Claire a apertaram com força. Seus lábios tremiam.

Mac olhou para ela, surpresa.

— Você está bem?

Claire balançou a cabeça.

— *Nós* estávamos naquela festa. Isso significa que vamos ter de falar com eles. *Eu* vou ter de falar com eles.

E daí? Mac teve vontade de dizer. Por que a *Claire* se sentiria culpada? Elas tinham ido juntas à festa do Nolan, mas a Claire desaparecera no segundo em que vira o Blake.

O policial Peters assentiu com simpatia para a professora.

— Muito obrigado pelo seu tempo. — Ele trocou um olhar significativo com o policial McMinnamin e ambos saíram para o corredor.

Mac olhou de novo para Claire. Seus joelhos estavam inquietos, e ela estava roendo a unha do polegar até o sabugo.

— Ei — disse Mac suavemente, tocando a mão de Claire. — Se está com medo de conversar com a polícia, não fique. Tenho certeza de que vai ficar tudo bem. Eles vão ser legais. Você não fez nada. — *Mas eu fiz*, disse uma voz em sua cabeça.

A garganta de Claire oscilou quando ela engoliu.

— Obrigada — disse ela, trêmula. — Não sei por que estou tão nervosa. — Ela apertou a mão de Mac de novo e respirou fundo algumas vezes.

O telefone de Mackenzie apitou. Ela olhou para a tela dentro da bolsa. *Nova mensagem de Blake*, dizia.

Seu coração começou a bater com força. Ela pegou o telefone e leu a mensagem, escondendo-a de Claire.

Oi, escrevera Blake. Precisamos ensaiar a nova lista de músicas. Ensaio extra esta semana? Minha casa, amanhã às sete?

Mac segurou o telefone entre as mãos, deliberando. Ela não entendia o que tinha acontecido entre eles naquela noite no Reino do Cupcake. A única vez que o vira desde o beijo fora na festa de Matt Hill, onde Claire o tinha levado para o grande escritório cheio de almofadas, deixando Mackenzie sozinha perto da mesa de petiscos segurando a cerveja dos dois. Relembrando a ela que sim, Blake a beijara, mas estava com a Claire, e Claire era sua melhor amiga.

Seu olhar recaiu sobre o saco de jujubas em forma de violino no chão. Em seguida, ela olhou para Claire, cujo rosto estava vulnerável e sincero. Daquele dia em diante, Mac seria uma pessoa diferente. Uma pessoa *melhor*. O que significava que nunca mais beijaria Blake.

Pode ser, mas vai ter que ser rápido. A Audição está chegando, digitou ela, e mandou a mensagem. Pronto. Ela esperava que tivesse sido frio. Desinteressado.

Como se ela fosse apenas mais um integrante da banda dele.

Depois ela deletou a mensagem dele, desejando poder apagar a lembrança do beijo com a mesma facilidade.

CAPÍTULO OITO

NAQUELE DIA, DEPOIS DA AULA, Caitlin parou na entrada de sua casa para pegar as chuteiras que ela tinha esquecido de levar para o treino. Ela as encontrou na mesma hora e saiu correndo de seu quarto de volta ao carro. Com sorte, só perderia o aquecimento. Mas então notou a TV no escritório. Um repórter estava diante da casa de Nolan Hotchkiss, agora rodeada de fita amarela da polícia, cavaletes e curiosos.

“No momento, a polícia só está fazendo perguntas, reunindo fatos e examinando a casa dos Hotchkiss”, disse o repórter. “Havia muitos estudantes na casa dos Hotchkiss na noite da festa, e ainda não se sabe exatamente o que aconteceu, e quando.”

Ursula Winters apareceu na tela.

“Eu amava muito o Nolan”, disse ela, com a voz cheia de emoção. “Todo mundo amava. Foi um golpe terrível.”

Caitlin ficou boquiaberta. Ursula odiava Nolan. Não por causa do que ele tinha feito com o Taylor, mas porque ele a rejeitara quando ela o chamara para sair. Ela se lembrava até de Ursula falando mal dele no campo de futebol logo após sua morte: *tudo bem falar de alguém que morreu se ele era um idiota*. E depois tinha olhado diretamente para Caitlin, como se aquelas fossem as palavras *dela*. E meio que eram.

Então apareceu uma tomada da Sra. Hotchkiss, uma mulher magra, de aparência severa e cheia de botox cujo cabelo louro-cinza estava preso com uma faixa xadrez. Seus olhos estavam vermelhos, e sua boca tremia.

“Eu simplesmente não entendo quem faria uma coisa dessas com o meu filho. Ele era amigo de todo mundo”.

— Você está de *sacanagem* comigo? — rosnou Caitlin.

— Hum-Hum.

Ela ergueu o rosto. Uma de suas mães, Sibyl, estava sentada na poltrona do canto, com uma pilha de papéis e uma calculadora apoiadas no colo. Sua mãe era contadora. Então era comum trabalhar em horários estranhos, chegando em casa no meio do dia para almoçar, saindo às pressas para terminar um imposto de renda em um final de semana, praticamente ausente de março a abril.

— Caitlin — disse Sibyl em um tom suave, mas também firme.

— O que foi? — Caitlin a olhou com raiva. — Desculpe se foi insensível, mas ele *não* era amigo de todo mundo. Você também sabe disso.

Sibyl colocou os papéis sobre a mesinha a seu lado e olhou para o colo.

— Eu sei o que sei — disse ela delicadamente. — Mas me livrei do ódio que tinha por esse garoto há muito tempo. Se não tivesse feito isso, seria consumida por ele. Como talvez esteja acontecendo com você.

Caitlin cruzou os braços.

— É, bom. Você é uma pessoa mais forte do que eu.

Sua mãe se levantou da poltrona, aproximando-se e parando ao lado de Caitlin. De perto, ela tinha linhas finas ao redor dos olhos e mechas grisalhas pelo cabelo. Seu corpo era macio, confortável, do jeito que o corpo de uma mãe devia ser. Seus lábios se entreabriram.

— Você estava naquela festa, não é? Eu e a Michelle conversamos sobre isso. Ela disse que você e o Josh foram juntos — disse ela.

— Muita gente foi àquela festa — disse rapidamente, com o coração começando a bater com força.

— Eu sei, eu sei. É que detesto o fato de algo tão... *terrível* ter acontecido tão perto de você. De novo. — Sua mãe a encarou. — Sabe, às vezes, quando estou zangada, faço coisas que não devia. Já contei que implicavam muito comigo no ensino médio por eu ser gay. Uma vez, eu me vinguei de uma das garotas que mais implicava. O nome dela era Lindsey.

— O que você fez?

Sua mãe mexeu com a caneta Bic que segurava.

— Durante a aula de educação física, eu entrei escondida no vestiário, cortei o gancho da calça dela e roubei sua calcinha. Ninguém trancava as próprias coisas, eu nem precisei arrombar.

— Mãe! — Caitlin arregalou os olhos. — Isso é horrível!

— Eu sei. — Sibyl franziu a testa. — É horrível *mesmo*. E quer saber? Eu me senti muito mal assim que fiz aquilo. Simplesmente não valeu a pena.

Caitlin sentia que a mãe a observava. Houve um longo silêncio, como se talvez sua mãe esperasse que ela confessasse alguma coisa.

Uma lembrança daquela noite surgiu em sua mente, e Nolan tinha caído na cama, tonto. Logo depois, Caitlin sentiu uma pontada de culpa. Deitado ali, Nolan parecia quase vulnerável, mais ou menos como seu irmão quando adormecia no sofá.

Mas aí ele tinha olhado para Caitlin e sorrido.

— Sabe o que o seu irmão fazia quando eu enfiava a cabeça dele na privada e dava a descarga? — Então ele soltara um urro horrível e feminino, um som tão humilhante que ela quase lhe dera um tapa. Mas em vez disso escrevera

Traíçoeiro no rosto dele.

Ela virou as costas.

— Eu não fiz nada com o Nolan, se é isso que você vai perguntar — mentiu ela.

Sua mãe a encarou por mais um instante, depois assentiu.

— Eu sei.

Então ela se levantou, recolheu suas coisas e saiu do escritório.

— Estou indo para o trabalho — falou ela por cima do ombro. — Tenho uma reunião mais tarde. Volto depois.

A porta bateu. Caitlin ficou sentada com as mãos no colo, sentindo-se inquieta e estranha. Ela detestava mentir para a mãe, mas o que deveria fazer?

Ela ainda tinha dificuldade de aceitar o fato de que alguém *tinha* mesmo matado o Nolan. Havia tanta gente na festa. Mas será que alguém que *a* odiava, especificamente, estava lá? Alguém que quisesse Nolan morto e quisesse que ela levasse a culpa? Alguém que estava em sua aula de cinema *e* na festa?

Ursula, percebeu ela com um susto. A garota sentava no fundo da sala de cinema e em geral dormia assim que o Sr. Granger apagava a luz. Mas elas eram apenas rivais no futebol. Ursula não era insana o suficiente para matar alguém e incriminar Caitlin só para conseguir sua vaga no time da escola. *Era?*

Caitlin se levantou e balançou as mãos, louca para ir para o campo. Talvez isso a ajudasse a relaxar. Ela pegou suas chuteiras, andou rapidamente até o carro e se sentou no banco do motorista.

Mas quando virou a chave na ignição nada aconteceu. Caitlin franziu a testa. Nenhuma luz se acendeu. O rádio não ligou. O carregador do telefone não ficou azul. Ela tentou a ignição várias vezes, mas parecia que a bateria tinha acabado.

— Droga — sussurrou ela, olhando para a entrada de carros da casa. Sibyl já tinha saído. Será que *mais* alguma coisa podia dar errado naquele dia?

Pegando o telefone, ela tentou pensar. Primeiro, ligou para Vanessa, mas ela não atendeu, provavelmente porque já estava no campo se aquecendo. Shannon, Sujatha e Gina também não atenderam. Caixa de mensagens, caixa de mensagens, caixa de mensagens.

— Merda — sussurrou Caitlin, andando em volta do carro. Depois de um instante, ela apertou o número dois em sua discagem rápida: Josh. Ele não tinha treino naquele dia; o treinador do time masculino estava doente.

O telefone de Josh caiu na caixa de mensagens, embora isso fosse típico; metade do tempo ele deixava o telefone em casa. Em seguida, ela ligou para seu número fixo, que tocou algumas vezes. Depois uma voz áspera atendeu e murmurou um alô.

— Oi — disse Caitlin, agradecida, falando em um turbilhão. — Meu carro não

quer ligar e eu preciso muito ir para o treino.

— Ah, eu levo você — disse a voz do outro lado da linha.

Caitlin se sobressaltou.

— Jeremy? — A voz dos dois irmãos muito parecida. — Espere, o Josh está em casa?

— Não. — Jeremy pareceu meio decepcionado. — Mas, sério, Caitlin. Eu posso levar você. Não é nada de mais.

— Hm, tem certeza de que não se incomoda? — perguntou Caitlin.

Jeremy riu do outro lado da linha.

— Se eu me incomodasse, não teria oferecido. Passo aí em cinco minutos.

— Ok. — Caitlin desligou e tentou ligar o carro mais algumas vezes, mas não funcionou magicamente só porque ela queria. Quando ela saiu e bateu a porta com força, ouviu um zumbido fraco a distância. Uma Vespa verde-clara apareceu no final da rua. Caitlin estreitou os olhos quando viu que o veículo vinha direto para sua casa, o motorista de capacete inclinado para a frente.

Caitlin deu um suspiro curto ao vê-lo. Ele estava com uma bermuda cargo e um colete acolchoado da North Face por cima de uma camiseta de manga comprida, com o cabelo meio longo caindo nos olhos. Foi inevitável notar como suas pernas descobertas eram musculosas. *Ele é lindo*, pensou ela. Depois fechou os olhos, surpresa com a ideia.

— Então, como você quebrou o seu carro? — perguntou Jeremy.

Caitlin olhou para o chão. De repente, sentiu seus olhos se encherem de lágrimas.

— Ei. — Jeremy baixou a voz. — Ah, meu Deus, Caitlin. O que foi?

Caitlin nem sabia o que era. A estranha confissão de sua mãe sobre a garota que implicava com ela? O Taylor? O Nolan? *Sem dúvida* o Nolan. Tudo, tudo aquilo.

Jeremy tinha se aproximado. Ele colocou a mão no braço dela.

— Eu entendo — disse ele suavemente. — Você precisa ir para o futebol. Você precisa correr, se soltar e se perder. Não é?

Ela olhou para ele, surpresa. Era como se fossem suas palavras.

— Eu me sinto assim às vezes — admitiu Jeremy. — Como se... se não fizer alguma coisa, se não fizer naquele exato segundo, eu vou explodir.

Ela piscou com força, tentando afastar as lágrimas.

— Então o que você faz?

Jeremy deu de ombros.

— Normalmente eu subo aqui e vou. — Ele deu um tapinha na Vespa. — Tudo bem para você? Ou ainda acha que é um transporte para perdedores?

— Eu não... — Então Caitlin fechou a boca. Ela se lembrou do dia em que

Jeremy comprara a Vespa. Ele tinha quatorze anos, tecnicamente nem tinha idade para dirigi-la, mas a comprara usada nos Classificados. A moto tinha trinta anos e não andava, mas ele a levava para a garagem dos pais, baixara um manual antigo e fizera perguntas em vários fóruns de discussão. Em poucos meses, ela estava funcionando.

Essas coisas são para bichinhas, dissera Josh. *É a droga de uma scooter*. E Caitlin também tinha rido. Jeremy ficara com a cara no chão. Isso foi na época em que a opinião de Josh importava para ele.

Agora, enquanto ela olhava para a moto, percebia o esforço que ele tinha feito para restaurá-la a sua glória original... e como estava *linda*. Será que *ela* conseguiria fazer algo tão incrível? Será que o Josh conseguiria? Talvez fosse por isso que ele tinha debochado: porque, de um jeito estranho, estava com inveja.

Caitlin tinha rido das piadas que Josh fazia sobre Jeremy porque parecia desleal ficar do lado do irmão mais novo de seu namorado. Mas agora percebia quanto aquilo tinha sido imaturo. Jeremy era uma pessoa, uma pessoa aparentemente interessante. Ela já o conhecia havia anos e tinha acabado de perceber. Ela sentiu que lidava com Taylor com a mesma cegueira, sem *enxergá-lo* ou compreendê-lo de verdade até ser tarde demais.

— Posso usar seu capacete? — perguntou ela.

— Eu faço questão. — Os olhos de Jeremy brilharam quando o entregou a ela. Estava quente por ele ter usado momentos antes. Tinha cheiro de algum produto para cabelos.

Jeremy colocou o equipamento dela em uma bolsa lateral de lona, depois montou na moto. Caitlin subiu atrás dele, sentindo seu torso quente contra o dela, e passou os braços em torno de sua cintura. A camisa dele tinha cheiro de fumaça de madeira e pinheiro, como se ele tivesse feito uma longa caminhada pela natureza. Ela nunca notara isso nele.

— Segure-se — instruiu Jeremy.

Eles saíram do condomínio de Caitlin e entraram em uma estrada de terra arborizada. O sol fraco se infiltrava através das copas das árvores, deixando tudo verde e dourado abaixo. Para Caitlin, parecia que eles estavam voando.

— Isto é maravilhoso — admitiu ela quando eles desaceleraram por causa de um sinal de trânsito.

— Não é? — Jeremy olhou para ela e sorriu. — Andar de moto é a coisa de que mais gosto. Sabe o que eu adoraria fazer um dia? Uma viagem pelo país. Como o Jack Kerouac em *Pé na estrada*. Conhecer várias pessoas malucas. Viver aventuras.

— Eu também li esse livro — disse Caitlin, admirada. — Mas, hm, o Kerouac

não estava de carro?

— Ah, é quase a mesma coisa. — Jeremy deu de ombros. — Não acha que ia ser divertido?

— Para falar a verdade, acho — disse Caitlin em voz baixa. Ela também sonhara em viajar depois de terminar o livro. *Talvez eu pudesse viajar antes da faculdade*, pensara.

Mas, quando tinha contado a ideia a Josh, ele a olhara como se estivesse louca.

— E o campeonato? — perguntara ele. — E vão precisar de você em julho na Universidade de Washington para os treinos.

O lago Washington surgiu diante deles, azul e cintilante. Jeremy os guiou por um caminho tranquilo que entrava pelo Parque Kikisoblu Bay e encontrava a água em uma praia irregular e rochosa. Caitlin adorava ir para o treino por aquele caminho. Demorava um pouco mais, mas era lindo. De repente, ela desejou poder passar o dia fazendo aquilo: percorrer a estrada na garupa da scooter dele, com o cabelo voando, o vento batendo, os sons passando por ela tão altos que ela não tinha tempo de pensar em nenhum de seus problemas. E, sim, seus braços envolvendo com força um garoto, o corpo dele pressionado ao seu também, impedindo-a de cair.

Jeremy falou quando eles desaceleraram.

— Você se lembra de mim no nono ano?

Ela fez um som de desdém.

— Hmm, claro que sim.

— Naquela época eu era um nerd magrelo. Fazia três aulas avançadas de nível do segundo ano, debate e participava de modelo diplomático. Sabe, todas essas coisas que nerds magrelos fazem. Mas éramos da mesma sala de estudos. Eu e você.

Caitlin estreitou os olhos.

— É — disse ela lentamente. — Eu me lembro.

— E teve uma vez que você me emprestou uma caneta porque eu não tinha nenhuma. E quando olhei para ela fiquei perplexo porque era uma caneta do Dungeons & Dragons. Foi a coisa mais legal que já vi.

Caitlin riu.

— Devia ser do Taylor.

— É, mas você estava usando antes de me emprestar — disse Jeremy. — Nem passou pela sua cabeça que era, sei lá, estranho.

Caitlin deu de ombros.

— Ok.

— É que eu... me lembro disso a respeito de você — disse Jeremy. — Eu

gostei. Você era diferente. Quer dizer, era uma boa jogadora de futebol, sem dúvida, mas também tinha profundidade.

Caitlin pensou naquilo por um instante. Ela tentou lutar contra o elogio, mas era muito simpático. Será que o Josh já tinha falado que ela era profunda ou diferente? Com certeza, não é? Só que ela não conseguia pensar em um exemplo.

— Obrigada — disse ela, sorrindo.

Jeremy parou diante da escola e apertou os freios por um tempo. Ele olhou para trás e sorriu para ela.

— Sabe, é bom ver você sorrindo. Você tem uma atitude de garota durona desde que o Taylor morreu — disse ele suavemente, aproximando-se ainda mais.

Quase como se fosse beijá-la.

Caitlin disse a si mesma para se afastar, mas seu corpo não cooperou. Ela ficou apenas olhando para os olhos grandes e inquisitivos de Jeremy, perguntando-se o que aconteceria em seguida.

— *Aí está você!*

Caitlin virou a cabeça depressa.

Vanessa, cujo cabelo ruivo cintilava ao sol, correu até eles pelo estacionamento, estalando as chuteiras no asfalto.

— A treinadora Leah já estava quase mandando um grupo de busca! — Então ela olhou para a carona de Caitlin e teve de olhar de novo. — Ah, oi, Jeremy.

— Desculpe. Tive um problema com o carro. — Caitlin desceu da Vespa com as bochechas ardendo. Ela se sentia culpada, como se de alguma forma tivesse feito alguma coisa errada.

Vanessa se virou.

— Bom, vamos logo. A treinadora está de mau humor.

Caitlin correu atrás da amiga. Só quando chegou ao campo de treino percebeu que não tinha agradecido a Jeremy, nem sequer admitido o que eles estavam quase fazendo. Mas claro que ela não tinha admitido *aquilo*. Ele era *irmão* do Josh. Nada mais.

Mesmo assim, ela olhou para o meio-fio. Josh ainda estava ali parado com o capacete na mão. Ele olhou longamente para Caitlin. Ela congelou quando seus intensos olhos castanhos encontraram os dela. Por algum motivo, era como se ele estivesse olhando direto para sua alma.

E como se ele soubesse que ela quase o deixara beijá-la.

CAPÍTULO NOVE

NA SEGUNDA-FEIRA À NOITE, Ava e Alex estavam aninhados no gigantesco sofá em forma de L na sala de TV de Ava. Estava passando uma maratona de filmes do Harry Potter, mas os dois estavam prestando mais atenção um ao outro. Ava teria preferido levá-lo para o quarto, claro; mas seu pai e sua madrasta estavam em casa, e havia regras rígidas sobre contato de namorados sem supervisão na casa de Ava.

— Eu já disse quanto você é linda nos últimos tempos? — murmurou Alex, puxando-a mais para perto. O cheiro dele era de suéter de caxemira limpo e Old Spice.

Ava o empurrou de brincadeira.

— Bajulação não vai levar você a lugar nenhum, amigo.

— Sem segundas intenções. — Alex balançou enfaticamente a cabeça coberta de cachos castanhos. — É só a verdade. Você, Ava Jalali, é totalmente deslumbrante. Só não deixe isso subir à sua cabeça.

— Não se preocupe — brincou Ava, tocando a ponta do nariz dele. — Com você por perto para manter meu ego controlado, isso é impossível.

Alex se aproximou e a beijou. Ava fechou os olhos e passou os braços ao redor dos ombros dele para puxá-lo mais para perto. Ela e Alex namoravam havia um ano, mas seus beijos *nunca* ficavam cansativos.

Nem os elogios. Era estranho: durante toda a sua vida, Ava soubera que era linda. Muita gente lhe dizia isso: fotógrafos, agentes de modelos, até um cara que queria fazer um avatar dela para um videogame que estava criando. Mas só quando Alex dizia parecia real, porque, ao contrário de todos os outros, ele gostava *dela* de verdade, da Ava, não só da sua aparência. Alex a fazia se sentir especial o tempo todo, e tinha uma capacidade única de manter seus pés no chão e sua sanidade em meio ao mundo excessivamente competitivo de Beacon Heights.

O telefone de Alex vibrou em seu bolso e ele o pegou para olhar a tela.

— Droga — disse ele. — Eu não tinha me dado conta de que estava tão tarde. Meus pais vão me matar se eu perder a hora.

— Fique aqui — disse ela. — Você sabe que os seus pais te amam. — *Muito mais que os meus neste momento.* A verdade era que ela estava detestando ficar

sozinha. Sempre que ficava, o pânico por causa do Nolan e de suas notas cada vez mais baixas começava a dominá-la. Graças a sua madrasta maligna, seu relacionamento com o pai era distante, na melhor das hipóteses. Se ele nem ouvisse os boatos sobre o Nolan, seria o fim.

— Você ainda está chateada por causa do trabalho? — perguntou ele, como se estivesse lendo sua mente, com os olhos castanhos ternos de preocupação. — O Sr. Granger foi muito duro.

De repente, Ava voltou àquele dia na aula, quando ela e as outras garotas do grupo tinham debatido a vingança e acabado falando do Nolan. *E se o drogássemos com oxi?* Ela ouviu a voz delas dizendo. *Não muita, só o suficiente para ele apagar. Só o suficiente para tirarmos umas fotos incriminadoras.*

Ela cerrou os dentes. *Pare de pensar nisso.*

— É, foi uma droga — disse ela. — Será que eu deveria conversar com ele? Ver se posso refazer?

Alex desviou os olhos.

— Tem certeza de que é uma boa ideia?

Ava o olhou severamente.

— Por que está dizendo isso? — No mesmo instante, ela pensou nos rumores sobre ela. Mas Alex não acreditava neles. — Foi ideia *sua* — acrescentou ela.

Alex deu de ombros.

— Deixe para lá. Você está certa. Você deve tentar mudar a nota.

— Ok. — Ava apertou a mão de Alex. Ela ficou meio insegura depois do comentário dele, mas talvez o Granger irritasse os garotos pelo mesmo motivo que agradava às garotas. — Vou pedir a ele na segunda.

Eles desceram a escada para o primeiro andar. Na mesma hora, o cheiro forte de aromatizador de ambientes que a madrasta de Ava usava atacou suas narinas. Embora seu pai fosse casado com Leslie havia anos, Ava ainda achava o cheiro desagradável. A última coisa de que a casa precisava era ficar com cheiro dos temperos iranianos que seu pai usava na cozinha. Isso seria estrangeiro e estranho demais.

Claro, o resto da casa também tinha mudado. Tinham sumido os tapetes persas que seu pai e sua mãe haviam comprado no Teerã durante sua última visita, substituídos por dois sofás bege e uma espreguiçadeira de couro que Leslie escolhera. A mesinha de centro de pés dourados e os panos de seda nas janelas no meio dos quais Ava brincava quando era pequena foram também; em seu lugar, havia uma mesa de vidro e modernas persianas de madeira. Ava não sabia o que Leslie estava tentando apagar: as origens de seu marido ou o legado de sua ex-mulher.

Eles chegaram à porta da frente e Ava ficou na ponta dos pés para dar mais

um beijo de despedida em Alex. Ava era alta, mas mesmo assim ele tinha uns quinze centímetros a mais que ela.

— Ligue quando chegar em casa — disse ela.

Ele assentiu.

— Amo você — disse ele, beijando-a de leve na testa antes de sair.

— Ava? — ouviu ela lá de cima quando fechou a porta. — É você?

Seu pai apareceu no alto da escadaria usando um robe de toalha branco que nunca teria comprado para si mesmo, claramente uma escolha da Leslie. Seu cabelo grisalho estava desgrenhado, como sempre ficava quando ele trabalhava até tarde, e seus óculos de armação de ferro estavam baixos no nariz.

— Como está a minha menina? — perguntou ele, com o leve toque de sotaque que sobrara em sua voz.

— Está tudo *ótimo*! — Ava estremeceu, percebendo que tinha injetado entusiasmo demais na mentira. Para sua surpresa, seu pai não percebeu.

— Que bom. Boa noite, *jigar* — disse ele, usando o antigo termo carinhoso deles em iraniano. Ava sentiu uma repentina onda de afeição pelo pai. Com todo o seu nervosismo por causa do que acontecera com o Nolan, ela não passara tempo suficiente com ele nos últimos tempos, e decidiu mudar isso.

— Boa noite — respondeu ela, observando-o voltar para seu quarto. Ela começou a subir a escada, mas mudou de ideia e foi até a cozinha buscar um copo d'água, Tateando a parede do corredor para achar o interruptor.

— Oi, Ava — disse uma voz arrastada vinda da escuridão.

— *Leslie!* — Ava pulou pelo menos trinta centímetros no ar. *Por que você está sentada nessa escuridão que nem uma louca?*, ela teve vontade de perguntar. Seus dedos encontraram o interruptor, e de repente a cozinha foi inundada de luz, revelando outro cômodo que ela mal reconhecia, com suas bancadas brilhantes de granito e armários novos. Leslie estava sentada em um dos bancos, com as pernas longas e bronzeadas cruzadas, o cabelo louro solto em torno do rosto e uma garrafa vazia de Chardonnay a seu lado na mesa.

Bastava olhar para Leslie para Ava se encher de frustração. Sua mãe era baixinha e desajeitada, com um cabelo avermelhado revoltado que ela sempre prendia em um coque. Não tinha nada a ver com aquela mulher dura e frágil. E seu pai amava a mãe por sua mente: ela era a diretora do departamento de matemática da Universidade de Washington, brilhante, agitada e engraçada. Ava ainda não sabia se Leslie sequer *tinha* uma mente. E a inteligência que possuía parecia querer destruir com bebida.

— Acho que a pergunta é o que *você* está fazendo, se despedindo escondida do seu namorado tão tarde? — desafiou Leslie.

— São nove da noite e estávamos assistindo a um filme na sala de TV. Que eu

saiba, isso ainda é permitido. — Ava cruzou os braços na defensiva.

— Acho que você está passando tempo demais com ele. Eu gostaria que ele não viesse mais aqui — disse Leslie lentamente.

— Ah, é? — revidou Ava. — Bom, ainda bem que não depende de você.

Leslie nem piscou.

— Estou preocupada com você, Ava. — Ela baixou a voz com uma falsa preocupação. — Ouvi coisas perturbadoras a seu respeito nos últimos tempos sobre a repentina... *melhora* na sua média. Eu detestaria ter de compartilhá-las com o seu pai.

Ava ofegou. Como a *Leslie* teria ouvido aqueles boatos? De outra mãe? Será que muitos pais sabiam?

— E-esses são boatos cruéis que um ex-namorado começou — gaguejou ela.

— Viu? — Leslie sorriu, exibindo os dentes brancos demais. — Com você, sempre tem a ver com algum garoto. O que eu deveria fazer além de pedir que você parasse de ver esse tal de Alex?

Ava fechou os punhos e se esforçou para controlar a respiração. Mesmo morto, Nolan Hotchkiss ainda conseguia arruinar sua vida.

Na primavera do primeiro ano, Ava e Nolan tinham namorado durante meses. Em geral, Ava não andava com o grupo dele, mas Nolan correra atrás dela e fora tão persistente que Ava não conseguira dizer não. E, embora certas coisas em Nolan a irritassem, ela tinha de admitir que havia sido *divertido* ser a namorada de Nolan Hotchkiss. As garotas mais novas abriam caminho para ela no corredor, como normalmente faziam para Julie Redding, Parker Duvall e seu séquito. Todo mundo sempre lhe oferecia coisas, guias de estudos, passes de liberação e convites para countries clubs e casas no lago. Quando Ava soube que Nolan estava se gabando de que ia transar com ela depois da formatura, nem se incomodou tanto quanto deveria, e agora odiava esse fato, odiava não ter tido o amor próprio para ver o idiota que ele era. Ela estava envolvida demais com seu sorriso deslumbrante e suas mentiras, e fez tudo o que ele queria.

Só depois, quando Nolan estava no chuveiro, ela pegou o iPhone dele para colocar uma música e viu as mensagens de texto. Havia fotos de várias garotas da sala deles nuas, inclusive uma de Delia Marks, enviada apenas uma hora antes. *Eu quero ver você*, escrevera ela. *Amanhã à noite*, respondera Nolan, enquanto estava com Ava. *Mal posso esperar para te ver. Cada centímetro de você*.

Com uma calma muito maior do que sentia, Ava se levantou, colocou seu vestido Zac Posen amarrotado e bateu a porta ao sair.

Mas Ava tinha aprendido do jeito difícil que ninguém terminava com Nolan Hotchkiss sem sofrer as consequências. Em retaliação, ele contara para todos

que ela estava transando com todos os homens do corpo docente da Beacon Heights High, e talvez até uma ou duas mulheres. Todo mundo sabia que Ava vinha recebendo notas melhores no último ano, ficando mais do que satisfeitos em acreditar na explicação de Nolan. “Garotas bonitas não precisam ser inteligentes”, dizia Nolan bem alto no corredor sempre que Ava estava por perto. “Elas têm outros jeitos de conseguir o que querem.”

A princípio, foi horrível. As pessoas passaram uma semana escrevendo VADIA em seu armário. Os garotos ficavam atrás dela perguntando detalhes de suas façanhas. As garotas paravam de falar quando ela entrava em uma sala. Ela tinha mandado uma mensagem de texto para Nolan com uma raiva cega: *Se você continuar dizendo mentiras sobre mim, eu mato você.* Mas era Beacon Heights, e o estrago já estava feito.

A maior parte dos boatos já tinha perdido a força no começo do segundo ano. Todos já haviam se interessado por outros escândalos e, de um jeito ou de outro, os amigos de Ava sabiam que o Nolan era um mentiroso desgraçado. E então ela começara a namorar Alex, que a amava por quem ela era, e não por sua aparência. Mas Ava sabia que rumores nunca terminavam de verdade. Toda vez que pegava um grupo de garotas sussurrando e lançando olhares na direção dela ou que um garoto a olhava por tempo demais, ela se perguntava se era por causa do que Nolan inventara.

Ela pensou naquela noite, na festa do Nolan, quando Caitlin a tinha convencido a levá-lo para o andar de cima. *Tem de ser você, Ava. Diga que quer voltar com ele. Ele vai adorar. Ele se acha uma dádiva de Deus para as mulheres.*

E Caitlin estava certa.

Um caroço duro e frio se formou em seu estômago, como sempre acontecia quando ela pensava na pegadinha. Nolan subira com ela sem hesitar, como se realmente acreditasse que ela o queria de volta. Ava não se atrevera a contar a Alex o que tinha feito; tinha certeza de que ele ficaria com ciúmes por ela ter seduzido o ex. Mas, sobretudo agora, ficaria preocupado com o fato de isso conectá-la à morte de Nolan. Sem dúvida Ava estava com medo. As outras insistiam sem parar que a morte dele era coincidência, mas ela se sentia atormentada. Fora *ela* quem levava Nolan para o andar de cima. *Ela* lhe dera a bebida com drogas. Mas sabia exatamente quanta oxi Caitlin tinha colocado na cerveja: uma mísera pílula. Só o suficiente para deixar Nolan tonto. Não para matá-lo.

Então como tinha *matado*?

— Tudo bem. — Ava voltou-se para Leslie e suspirou. — Você venceu. Eu não vou mais trazer o Alex aqui. Só não conte esses boatos idiotas ao meu pai.

Leslie sorriu, satisfeita e entretida.

— Que bom que concordamos, Ava. Eu só quero o que é melhor para você. Você sabe disso. — Ela se virou e se dirigiu para a escada sem mais uma palavra.

Ava estava com tanta raiva que tremia. *Eu não deveria me surpreender*, pensou ela. Os boatos de Nolan a atormentavam havia mais de um ano. Esse tormento pararia só porque ele estava morto?

CAPÍTULO DEZ

NA TERÇA-FEIRA, DEPOIS DA AULA, Julie estava em seu quarto elegante e impecável aninhada entre duas almofadas fofas com um cobertor de pele falsa enrolado nas pernas. A luz entrava pela janela, deixando o quarto com uma aparência limpa, alegre e, sobretudo, normal, como o quarto bonito e normal de uma garota que tinha uma mãe normal e uma casa normal. Uma garota normal que não tinha a possibilidade de ter matado sem querer um colega de turma em uma pegadinha que dera muito errado.

Não pense nisso, disse a si mesma. Era uma coincidência. Uma coincidência horrível e impressionante que elas tivessem escrito nele antes de sua morte. Mas ninguém acreditaria se ela mesma não tivesse certeza.

Policiais tinham aparecido nas salas de aula no dia anterior, fazendo perguntas. Alguns alunos diziam que já tinham sido entrevistados sobre a noite da festa, embora Julie não tivesse sido chamada. E se alguém a tivesse visto subir? E se alguém tivesse ouvido a conversa delas na aula de cinema? Era muito *provável*, não era?

Mas... quem?

Agora, Julie só queria se deitar em sua cama com a cabeça debaixo das cobertas, mas tinha de ser a Julie normal e perfeita. E a Julie normal e perfeita era feliz e popular. Por isso estava com Nyssa no telefone e sua amiga Colette em espera. Natalie mandava mensagens em seu MacBook Air, ela tinha quinze mensagens para ler no Facebook e trezentas curtidas em uma selfie do Instagram que postara na noite anterior.

— E me disseram que eles estavam ficando na sala escura de fotografia — dizia Nyssa no ouvido de Julie, pontuando a fofoca com uma risadinha irônica. Ela estava falando de Rebecca Hallswell e Corey Grier, o mais novo casal da Beacon, escandaloso porque ambos tinham traído seus ex. — Quer dizer, seja um *pouquinho* criativo, Corey! O cabelo da coitada da garota vai ficar cheirando a fixador pelo resto do dia!

— Sem noção — disse Julie, revirando os olhos. — Mas a sala escura *tem* algo de romântico, sabe? A luz fraca. E todas aquelas fotos em preto e branco penduradas...

— Julie! — chamou uma voz.

— Sua esquisita — brincou Nyssa. — Se bem que eu iria para qualquer sala escura com o Sr. Granger. Sem sombra de dúvida, o clube de Fotografia é o melhor de todos os tempos.

— *Julie!* — repetiu a voz. Então ela ouviu uma tosse seca.

— Quem é *essa*? — perguntou Nyssa, parecendo meio enojada.

— Hm, nossa faxineira — disse Julie, com o coração batendo forte.

— Você deveria mandá-la para casa. Parece que ela está doente — disse Nyssa. Depois ela gemeu. — Minha mãe está me chamando. O que você vai fazer hoje à tarde?

— Julie!

— Hm... — Julie precisava desligar rápido. — Na verdade, eu preciso ir. Ligo para você mais tarde.

Ela desligou e se levantou, com o coração cada vez mais acelerado. Sua mãe a chamou mais uma vez, com a voz mais aguda de urgência.

— Estou indo — disse Julie, com a voz embargada pelo choro.

Então ela abriu a porta.

Cada metro quadrado do carpete era atravancado com caixas, mobília ou engradados cheios de coleções aleatórias. Ela se espremeu para passar pelo corredor, abrindo caminho em meio a um labirinto de caixas. Havia sacos de lixo empilhados tão alto que bloqueavam as arandelas. Seu coração batia contra o esterno, e um enjoo familiar começava em seu estômago.

A cada passo que dava, ela sentia gatos roçando suas panturrilhas, aglomerando-se ao redor de seus tornozelos. Na cozinha, utensílios quebrados atravancavam o chão, velhas batedeiras e sorveteiras aninhadas em meio a sacos de papel cheios de cacos de pratos quebrados. Um fogão antigo imprestável que sua mãe encontrara em algum lugar ficava abaixo da janela, coberto de livros de receitas manchados e úmidos. Pilhas de um metro e meio de jornais e revistas velhos amarrados com barbante ficavam encostadas às paredes. Um gato branco sujo dormia enrolado sobre uma das pilhas, enquanto outro afiava as unhas no papel, deixando fiapos de notícias pelo chão. Pelo de gato flutuava no ar ao redor deles, redemoinhando toda vez que Julie se movia.

Calma, disse Julie a si mesma. Ela começou a contar. *Um, dois, três...*

O rabo de um gato roçou contra sua perna. Ela achou que ia enlouquecer. *Quatro, cinco, seis...*

— Julie? Você vem?

Quase engolida pelas pilhas instáveis, sua mãe estava sentada à mesa, deixando um pequeno gato cinza rajado beber o leite de sua tigela de cereal. Mais quatro gatos rodeavam seus tornozelos grossos, miando para pedir comida. A Sra. Redding usava uma camisola rosa de matelassê, cinza na barra e

manchada de comida. Seu rosto era mole e rechonchudo, sua pele não tinha viço. Julie lutou contra a necessidade de passar a escova de cozinha na pele da mãe para eliminar a camada externa de sujeira e negligência. E depois voltar sua atenção para o restante da casa. Jogar tudo fora. Incendiar aquele lugar.

— Estou aqui — disse Julie, entrando no cômodo. Julie pegou a tigela e a levou para a pia, sabendo que se não a lavasse ficaria ali por semanas, talvez até meses.

— Eu não tinha terminado! — gritou sua mãe. Então seus olhos se arregalaram. — E não jogue isso fora!

Ela apontou para a mão de Julie, que segurava um pedaço amassado de jornal sobre a pia, assim como um encarte de promoções que tinham terminado havia semanas. Ela não sabia *por que* sua mãe precisava daqueles dois itens, mas, desanimada, recolocou-os na bancada sobre alguns pratos sujos e outra pilha de encartes de jornal que também deviam ser obsoletos.

Nove. Dez. Onze. Não fique zangada. Você vai fazê-la chorar, e isso é o pior. Doze. Treze. Julie apertou a esponja com força, observando a espuma sair por seus poros.

— Eu só estava tentando ajudar, mãe — disse ela, com a voz firme. Ela enxaguou as últimas panelas do café da manhã e tirou a tampa do ralo. Claro que não havia lugar nenhum para empilhar os pratos limpos, a não ser sobre outros. Ela os enxugou com um pano e os colocou cuidadosamente em uma pilha instável. — Então, hm, você estava me chamando?

— Sim. Você pode depositar meu cheque hoje? — disse sua mãe. — E comprar areia higiênica para os gatos?

Quatorze. Quinze. Dezesseis. Claro que sua mãe precisava de areia higiênica. E nem morta *ela mesma* sairia de casa. Mas Julie até ficava grata por isso: ela podia admitir para alguém que era sua mãe, e talvez as pessoas da escola ficassem sabendo. E aí ela seria desmascarada.

— Hm, claro.

— E, quando sair, pode me comprar uma *Entertainment Weekly*?

Uma repentina necessidade histérica de rir subiu pela garganta de Julie quando seus olhos se voltaram para as torres de papel da cozinha.

— Não sei, mãe — disparou ela, incapaz de resistir. — Será que não é melhor você ler os números atrasados antes?

Ela viu um rápido relance da expressão magoada da mãe antes de conseguir passar por uma caixa de papelão com enfeites de natal e sair para o corredor. A culpa a inundou. Ela sabia que sua mãe era doente, que isso era uma *doença*, como o Dr. Fielder dissera, mas Julie não conseguia evitar a raiva que sentia dela.

Ela se espremeu para entrar no banheiro, que tinha cheiro de água sanitária com a qual ela esfregara o pequeno cômodo, e era cheio de caixas de macarrão com queijo, sacos abertos de areia higiênica para gatos, escovas de dentes usadas, frascos vazios de xampu e sabe-se lá mais o quê.

Ela respirou fundo e se olhou no espelho. Seu cabelo brilhante avermelhado era macio e liso. Sua blusa verde-clara estava impecável e sem amarrotados.

— Você não é a sua mãe. Você não vai se tornar como ela — repetiu Julie para si mesma. Ela se acalmou um pouco, mas sabia que precisava sair de casa para não enlouquecer. Pegando o telefone, ela ligou para Parker. — Preciso fazer um pouco de terapia de compras... agora. Está dentro? — disse Julie quando Parker atendeu.

— Claro. Você me busca? — disse Parker com uma voz rouca. — Mas preciso acabar antes das seis. Eu vou ver o Dr. Fielder.

Julie fechou os olhos e deu graças a Deus em silêncio.

— Feito. Estou saindo.

Vinte minutos depois, Julie e Parker andavam pelos corredores da Tara's Consignment, um brechó em Beacon cuja dona tinha uma queda por ...*E o vento levou*. Havia pôsteres do filme por todas as paredes, frases famosas nos provadores e uma boneca da Scarlett O'Hara atrás do balcão. Era a loja preferida de Julie, parcialmente porque ficava em uma rua secundária genérica longe das lojas principais, o que significava que ela podia entrar sem que suas amigas a vissem e perguntassem o óbvio: por que uma garota como *ela* faria compras em um brechó. Além disso, era para onde os moradores ricos levavam os restos do ano anterior para abrir espaço para a coleção da estação atual. Por causa da Tara's, Julie, que basicamente vivia de seu salário de salva-vidas, conseguia comprar Joe's Jeans, vestidos Diane von Furstenberg, blusas Joie e acessórios Elizabeth and James.

— Que tal este? — perguntou Julie, erguendo um vestido amarelo-canário diante da silhueta magra de Parker.

Parker fez uma careta.

— Eu já usei amarelo *alguma vez*?

— Tem um tempo que não — disse Julie em voz baixa. — Estou feliz por saber que você vai ver o Dr. Fielder hoje. Está nervosa?

Parker deu de ombros e foi até as prateleiras de sapatos nos fundos da loja. Julie a seguiu, sabendo que não devia forçar a barra.

Ela pensou na própria sessão com Elliot Fielder. Muitas coisas eram estigma em Beacon Heights, mas ter um terapeuta era normal. Nyssa, que tivera problemas alimentares, falava o tempo todo sobre o dela. Havia até um boato de

que Nolan tinha um terapeuta, embora Julie duvidasse. Ele não era humano o suficiente para precisar de terapia.

Pode me chamar de Elliot, dissera o Dr. Fielder, enrugando os olhos ao sorrir. Julie ficara surpresa ao ver o quanto ele era jovem quando abriu a porta para seu consultório pequeno, mas aconchegante.

Elliot deixara Julie muito confortável enquanto explicava a história de sua família para ele. Todas as suas preocupações com a mãe. *Tenho medo de ficar igual a ela*, dissera. *Ela era tão deslumbrante, bem-sucedida, perfeita, mas aí... algo mudou.*

Muito tempo antes, sua mãe era exatamente igual a ela. E também agia como ela, preocupando-se com a aparência e a casa; preocupando-se com o que as pessoas pensavam. Julie não sabia quando ela tinha começado a se largar, só que fora pouco a pouco. Se alguém tivesse lhe dito dez anos antes que elas seriam despejadas pelo conselho de saúde da Califórnia porque era inseguro morar em sua casa *por causa dos gatos de sua mãe*, Julie acharia que era mentira. Ela não percebera o início da doença de sua mãe. E agora não sabia como lidar com ela com outro método além de respirar, contar e se esconder.

— Você falou com mais alguém sobre isso? — perguntara Elliot.

Julie baixara o rosto. Seu segredo era *horrível*. As pessoas tinham se afastado na Califórnia, zombado dela sem parar, rido dela no parquinho, escrito fofocas sobre ela no quadro-negro quando a turma saía para o almoço. Todos presumiam que ela era tão suja quanto a casa em que morava. O ano anterior havia parecido uma prisão porque ela não tinha amigos. Sua mãe agora era uma desconhecida. Ela literalmente não tinha ninguém.

— Só com a minha amiga Parker. E agora só preciso saber se o que aconteceu com a minha mãe vai acontecer comigo — disse ela suavemente, tomando coragem.

Elliot fora compreensivo e tranquilizador.

— Sabe, de uma perspectiva clínica, você não se encaixa no modelo de alguém destinado a ter um colapso mental — dissera ele. — Você parece ser uma adolescente extremamente ativa e inteligente que está equilibrando um monte de problemas muito pesados. – Em outras palavras: *você não é a sua mãe*.

Julie parou diante de uma foto de Vivien Leigh na porta da Tara's com uma expressão ávida no rosto. Quem dera pudesse adotar a mentalidade de *...E o vento levou* de que amanhã é um outro dia. Outro dia sem preocupações sobre o Nolan ou sobre seu segredinho sórdido.

Julie pigarreou e pegou uma pulseira de tachinhas de uma bandeja de bijuterias sobre uma mesa.

— O que acha desta?

Parker franziu a testa.

— Tem mais o meu estilo que o seu, não acha?

— Bom, então vou comprá-la para você — disse Julie, indo até o caixa. Ela a deslizou sobre a mesa para uma universitária com mechas verdes no cabelo que estava sempre lá. — Eu gostaria de comprar isto para a minha amiga — disse ela, apontando para Parker a suas costas.

Algo passou pelo rosto da garota do caixa quando ela olhou para a amiga de Julie. Às vezes, as pessoas eram *superficiais* demais. Julie fechou o punho.

Depois, elas saíram para a calçada, percorreram o quarteirão e entraram na rua principal de compras. Havia uma joalheria sofisticada, uma loja de móveis com candelabros de gaiola e cobertores de caxemira de mil dólares, uma Madewell, uma Coach, uma Williams-Sonoma e vários restaurantes.

— Julie?

— Ai, merda — murmurou Parker.

Julie se virou. Nyssa aparecera na esquina com várias sacolas de compras enroladas no pulso. Natalie Houma estava com ela, com o telefone na mão.

— É você *mesmo*! — gritou Nyssa. Ela saltitou até Julie alegremente e pegou sua mão. — Mais cedo, você desligou o telefone rápido demais para eu convidar, mas estamos indo encontrar algumas pessoas na Judy's Diner. Você *precisa* ir. O Carson está lá. Ele tem perguntado sobre você. — Ela piscou.

Julie corou. Ela olhou para Parker, imaginando se ela também iria. Mas sua amiga já tinha sumido. *Típico*.

— Claro — disse ela, curvando os ombros. Podia parecer que estava abandonando Parker, mas sabia que ela não queria estar ali. Julie resolveu falar com ela depois da consulta, o que poderia até ajudar. Talvez com o tempo, Parker se abrisse outra vez para o mundo e deixasse todos verem a garota que agora só Julie conhecia.

CAPÍTULO ONZE

NAQUELA NOITE, ÀS SEIS HORAS, Parker abriu a porta de um prédio comercial sem graça no centro de Beacon Heights. A sala de espera não tinha nada além de algumas cadeiras, um vaso de flores e revistas velhas. Ela olhou para a segunda porta que dava para outro corredor. ELLIOT FIELDER, MESTRE EM SERVIÇO SOCIAL estava escrito em letras grandes na parte de cima.

O analista. Ela não estava *nem um pouco* animada, mas tinha prometido a Julie. E agora que a morte do Nolan estava sendo investigada, era mais importante do que nunca aprender a manter a cabeça no lugar.

A porta se abriu e um homem apareceu. Ele tinha cabelo escuro desganhado e seus olhos eram levemente sombrios, de um jeito sério e pensativo. Ele tinha um corpo magro e musculoso de corredor. Ele pareceu surpreso ao vê-la.

— Hm... — disse ele.

Parker se levantou, envergonhada com todos os pensamentos que tinham acabado de passar pela sua cabeça.

— Eu sou a Parker — disse ela. — Parker Duvall. Amiga da Julie.

O olhar dele continuou sobre ela. Mas não era um olhar perplexo, apenas inquisidor, como se ele tentasse entender algo a respeito dela. Então ele pigarreou e pegou sua prancheta.

— Ah, sim. A Julie falou que você vinha. Entre e sente-se.

Ela passou por ele para entrar no consultório. A lâmpada fluorescente do teto estava desligada, mas alguns abajures de piso emitiam um brilho suave nos cantos da sala. Do lado de fora da janela, o céu estava pesado e cinzento como seu estado de espírito.

Ela se deixou cair na poltrona, jogando as pernas por cima de um dos braços.

O Dr. Fielder fechou a porta e se sentou na cadeira de sua escrivaninha, puxando-a para o meio da sala. Por alguns instantes, ele a observou com uma expressão que ela não conseguia interpretar. O relógio de parede marcava os minutos de silêncio.

— Por que você está me encarando? — disparou ela, finalmente. — Eu sei que tenho cicatrizes. Você não precisa me fazer sentir mais estranha ainda.

Fielder franziu as sobrancelhas.

— Cicatrizes?

Parker fez um som de desdém.

— Belo truque, doutor. Mas elas estão bem aqui. — Ela apontou para o próprio rosto, meio escondido sob o capuz. — Eu sei que meu rosto parece ter passado por um processador de carne, ok?

— Não estou vendo nenhuma cicatriz — disse Fielder em um tom desafiador. Umedeceu os lábios. — Desculpe, Parker. É que a Julie me contou um pouco sobre você, e devo admitir que estou um pouco surpreso por você ter vindo hoje.

O que a Julie dissera? Provavelmente a mesma bobagem que dizia a Parker todos os dias: *É como se você tivesse desistido. Se você se esforçasse um pouco. Blá-blá-blá.*

— A Julie é minha melhor amiga e acha que sabe de tudo. Mas às vezes ela se engana.

Ele sorriu de leve.

— A Julie está preocupada com você, Parker.

Ela bufou.

— A Julie se preocupa com tudo. Eu sei me cuidar. Quer dizer, eu atravessei o inferno e continuo de pé. Isso deve valer alguma coisa, Dr. Fielder.

Ele assentiu devagar, esfregando o queixo.

— Por favor, me chame de Elliot. Não sou um médico de verdade. Sou um orientador, o que significa que estou mais interessado em ouvir do que consertar você. Ok?

Parker franziu a testa, desconfiada. *Me chame de Elliot. Estou interessado em ouvir. Não estou vendo cicatriz nenhuma.* Aquele cara era cheio de manhas.

— É verdade — continuou ele. — Está na cara que você é uma garota durona, Parker. Uma guerreira. Mas isso não significa que tenha que lidar com tudo sozinha.

Ela desviou o rosto, olhando suas pernas longas e esguias com botas gastas de motociclista.

— Quer falar sobre o que aconteceu? — A voz de Elliot era suave, delicada.

Ela deu de ombros com desdém.

— Não é nada de mais.

— Tem certeza?

Ela olhou para ele outra vez. Uma dor profunda pulsava em seu esterno. Fazia muito tempo que ninguém além de Julie a tratava como um ser humano.

Ela pigarreou.

— Então, meu pai me batia. Não é grande coisa.

Elliot arregalou os olhos.

— Para mim parece grande coisa.

Uma risada áspera saiu com dificuldade da garganta dela.

— Eu merecia. Era o que a minha mãe sempre dizia. Eu o desafiava. Eu estava sempre fazendo alguma bobagem. Ele me ouvia falando sobre alguma festa no telefone ou me pegava saindo da escola com a saia mais curta que o permitido. Sempre havia um ou outro motivo. — Ela manteve a cabeça baixa, sem olhar o terapeuta, enrolando uma mecha de cabelo no dedo.

Elliot cruzou os braços.

— Nunca é certo alguém machucar você. Não importa *o que* você faz. Sabe disso, não é?

Parker fez um som de desdém.

— Bom, ao que parece a polícia achou a mesma coisa. Porque agora ele está preso. Problema resolvido, não é?

Elliot enrugou o nariz.

— A Julie mencionou um ataque.

Claro que Julie a havia dedurado.

— É. Foi o que mudou tudo. A noite em que a polícia apareceu e o levou.

— Pode descrever essa noite?

Ela deu de ombros.

— Ele surtou. Ficou furioso. E *isto* aconteceu. — Ela apontou para o próprio rosto, depois tentou rir, como se não importasse, mas claro que importava. Claro que importava que seu rosto, que já fora perfeito, agora fosse *assim*.

Ela se lembrou da festa e de Julie encontrando-a no quarto de Nolan completamente drogada. Aquela fora a noite em que ele tinha lhe dado uma oxi, uma droga que ela nunca tomara.

— Vamos, vou levar você para casa — dissera Julie.

Parker lhe implorara para não fazer isso.

— E se o meu pai estiver acordado? Não posso dormir na sua casa?

Julie mordera o lábio; nessa época ainda não tinha contado seu segredo a Parker.

— Ele não vai estar acordado. Você já entrou escondida antes. É só ficar bem quietinha e dormir para isso passar.

Ela se lembrava de sair do carro de Julie e cambalear até sua casa. Mas não se lembrava muito do que acontecera depois que tinha entrado. Mesmo assim, vira seu pai zangado vezes suficientes para preencher as lacunas.

— Foi horrível, não foi? — disse Elliot delicadamente.

Parker fixou os olhos em suas mãos, no colo.

— E o que aconteceu depois? Você ficou no hospital, não é?

Nossa, será que a Julie tinha contado *tudo* para ele?

— E depois o seu pai foi para a prisão, imagino. Como se sente com isso?

Parker bufou.

— Como *você acha? — Depois seu olhar se desviou para a janela. — A minha mãe me odeia por causa disso. Ela acha que foi minha culpa naquela noite. Talvez tenha sido. Mas também foi culpa *dele.**

— Do seu pai?

— Não. — A voz dela falhou. — Do m-meu amigo.

— Como assim?

Parker fechou os olhos. O rosto de Nolan apareceu em sua mente. Ela pensou em não dizer nada, mas já tinha ido longe demais.

— Eu tinha outro melhor amigo além da Julie. Naquela noite, na noite do ataque, ele me deu oxi, mesmo sabendo que meu pai me mataria se me pegasse drogada.

Elliot franziu a testa.

— Por que seu amigo fez isso?

Parker deu de ombros.

— O Nolan era assim. Às vezes brincava de ser Deus só por diversão.

Elliot estreitou os olhos.

— Nolan... Hotchkiss?

Parker o encarou, com o coração acelerado.

— Você o conhecia?

Elliot balançou a cabeça.

— Só sei o que li nos jornais. Como *você está?*

Parker se recostou na poltrona e abraçou uma das almofadas de jacquard contra o peito.

— Eu não exatamente o amava.

Elliot franziu a testa de leve.

— Então vocês não eram mais amigos no fim?

— Nem pensar. Ele nem olhava para mim depois de tudo o que aconteceu.

— Você foi ao velório?

Parker deu de ombros.

— Fui. Quer dizer, eu não queria que ele se machucasse. Mas se quer saber se estou disposta a, tipo, fazer uma grande homenagem? Não muito. — Um calafrio percorreu sua espinha. — Todo esse choro e teatro estão... trazendo de volta à tona lembranças ruins.

Elliot assentiu devagar.

— Não é incomum.

— Não?

Elliot baixou os olhos para seu bloco.

— A Julie mencionou uma vez que *você tem episódios. Dores de cabeça. Ataques de pânico. Com que frequência isso tem acontecido?*

Ela deu de ombros.

— Algumas vezes por semana. As dores de cabeça vêm e vão. Os ataques de pânico... acontecem quando algo me sobressalta. Barulhos altos, movimentos repentinos. Estouros de canos de descarga. Esse tipo de coisa. E às vezes tenho dificuldade de me lembrar das coisas. Há lacunas enormes...

— Isso está me parecendo transtorno de estresse pós-traumático — disse ele, recostando-se na cadeira. — O que não deveria ser uma surpresa, considerando tudo o que você passou.

Ela ergueu os olhos para ele.

— Não é isso que os veteranos têm quando voltam da guerra?

— É quando vemos esse problema com frequência, verdade. Mas o TEPT pode acontecer com qualquer pessoa que tenha passado por um trauma grave. Seu corpo continua reagindo ao que interpreta como ameaças, mesmo que não sejam ameaças válidas. Mas a boa notícia é que é totalmente tratável.

Parker se endireitou, colocando os pés no chão e voltando-se para ele. Sua cabeça girava. Ela tinha ido até ali para acalmar Julie, na certeza de que nada e ninguém poderiam curá-la. Mas, a julgar pelo jeito que Elliot falava, talvez pudesse ajudá-la. Talvez ela não fosse uma causa perdida.

Fazia muito tempo que ela não se sentia assim.

— É o seguinte, Parker. — A voz de Elliot era gentil. Ela enxugou os olhos e olhou para ele. — Isso não significa que você seja defeituosa. Só que sua mente se adaptou à sensação de insegurança. É um mecanismo de defesa.

— Isso me parece coisa de gente defeituosa — disse ela, dando um suspiro profundo e trêmulo. — Ótimo. Eu sou duplamente defeituosa. Rosto e mente.

Ele estalou a língua.

— Parker, todos nós somos danificados do nosso jeito. É que a maioria das pessoas chama isso de “experiência”. E você teve muita experiência. Com seu pai. Com sua mãe. E com o Nolan.

Ela assentiu.

De repente, ela sentiu a mão dele na dela. Era quente e levemente calejada nas pontas dos dedos, como se ele tocasse um instrumento em seu tempo livre. Ele apertou sua mão de leve e a soltou.

— Parker, você tem todos os motivos do mundo para não confiar em ninguém — murmurou ele. — Ninguém pode culpá-la por ser desconfiada. Mas você não tem nada a temer. Eu prometo que se você acreditar só um pouquinho em mim, se você puder me dar um voto de confiança, vou fazer o melhor que puder para ajudá-la.

— Como? — disparou Parker, certa de que suas bochechas estavam vermelhas.

— Podemos lidar com essas coisas juntos. O primeiro passo de qualquer terapia é um pouco de autoconsciência. Quero que você pense no jeito como seus hábitos, suas crenças e seus traços de personalidade foram desenvolvidos para ajudá-la e protegê-la. Depois pergunte a si mesma se estão mesmo funcionando ou se a estão prejudicando. Por exemplo, quando sentir uma dor de cabeça começando, concentre-se em algo que estiver diante de você. Algo real, como a sua mão, para se manter presente no momento. Parece pouco, mas ajuda, juro.

Ela avaliou o rosto do terapeuta. Ele parecia muito sincero. Mais do que tudo, ela queria acreditar nele. Acreditar que as coisas não precisavam sempre ser tão irremediáveis, tão dolorosas. Acreditar que não precisava ficar sempre sozinha. Acreditar que talvez, um dia, tudo fosse ficar bem.

CAPÍTULO DOZE

NAQUELA MESMA NOITE, depois de algumas horas ensaiando o material no pacote de audição da Juilliard, Mac estacionou no meio-fio da casa de Blake. Ele morava em um bairro de antigas casas vitorianas perto da biblioteca de Beacon Heights; antigamente, ela ia lá com frequência e brincava no trampolim dele no quintal. Eles faziam competições para ver quem conseguia pular mais alto e quem dava a melhor cambalhota no ar. Será que a Claire já tinha participado?, perguntou-se Mac. Ela não se lembrava.

Ela bateu a porta do carro e respirou fundo, decidida. *Tudo bem. É só o ensaio da banda. E aquele beijo? Nunca aconteceu. E nunca mais vai acontecer.* Além disso, a banda inteira estaria presente dessa vez. Blake não ia beijá-la na frente de todas aquelas pessoas.

Ela pegou o estojo do violoncelo no porta-malas e percorreu rapidamente o caminho até a porta. A campainha de Blake era a mesma de sempre, as primeiras notas da *Quinta Sinfonia* de Beethoven. A porta se abriu e Blake apareceu de meias, calça jeans escura e uma camiseta verde-bandeira. Seu sorriso estava cauteloso e tímido.

— Oi — disse Mac em tom frio.

— Ei. — Blake foi tão despreocupado e distante quanto ela. Ele abriu mais a porta. — Entra.

Viu? pensou Mac enquanto o acompanhava, com o estojo do violoncelo batendo contra os joelhos. O Blake *queria* esquecer. Aquilo ia ser mais fácil do que ela tinha imaginado. E quando passou por uma fileira de fotos no corredor, ela olhou uma de Blake e Claire em uma viagem que a orquestra fizera à Disneylândia no ano anterior. Naquela época, Blake já havia deixado a orquestra, mas implorara aos pais para lhe comprar uma passagem mesmo assim. Ele estava com orelhas do Mickey Mouse e fazia o sinal do diabo para a câmera. Claire beijava sua bochecha com o rosto corado.

Eles deviam ficar juntos, disse Mac a si mesma com determinação. E ela era apenas uma amiga.

Blake a conduziu através da cozinha antiga e abriu a porta para o porão reformado. Quando Mac desceu a escada atrás dele, percebeu o quanto a casa estava silenciosa. Ela entrou no grande porão, que tinha um cheiro meio mofado

e um desumidificador roncando no canto. Havia vários suportes de partituras e amplificadores montados perto da TV, mas o cômodo estava vazio.

— Os outros ainda não chegaram? — perguntou ela.

Blake pulou do último degrau e se virou para ela.

— Eles cancelaram de novo. Acho que tinham coisas para fazer.

Mac se surpreendeu. Blake não parecia estar tão chateado quanto da última vez. Será que *dissera* aos outros para que não aparecessem?

Ela apertou com força a alça do estojo do violoncelo.

— Ah. Bom, neste caso, acho que é melhor eu ir ensaiar para a minha audição.

Ele assentiu, mas Mac teve a impressão de notar a frustração passar pelo rosto dele.

— É, aposto que você está nervosa. O que vai tocar?

Mackenzie mordeu o lábio.

— Estou indecisa entre o primeiro e o quarto movimento do *Concerto em Mi Menor* de Elgar. E acho que vou terminar em grande estilo com o *Pezzo Capriccioso* de Tchaikovsky. Mas sei lá. Ando muito indecisa. Toquei *Spinning Song* do Popper na competição estadual de solos no ano passado, e ainda a toco bem. Talvez eu escolha essa. — Ela beliscou a ponta do nariz. — A minha mãe tem uma amiga chamada Darlene que trabalha na Juilliard e conhece alguém no setor de admissões. Se eu quisesse, acho que poderia simplesmente perguntar a ela o que acha. Mas isso parece trapaça. — A única coisa pior do que não entrar para a Juilliard, pensava ela, era entrar de forma desonesta.

— Bom, a Claire vai tocar o Popper — avisou ele. — Você deveria ficar com o Tchaikovsky. Vai se destacar mais.

Ele fez uma leve careta, como se tivesse percebido que dissera o nome de Claire.

— É, tudo bem — disse Mac, constrangida e já pronta para subir a escada novamente.

Blake segurou seu braço.

— Mac, espere. Fique. *Por favor*. Mesmo que seja só por uma música.

Ela ficou surpresa com a ênfase na voz dele. Seu coração bateu contra o peito. Mas ela pigarreou.

— Não acho que seja uma boa ideia — disse ela. — Não depois do que... você sabe o quê. Na semana passada. — Ela não ia dizer *beijo* em voz alta de jeito nenhum.

Blake olhou para o chão.

— Eu estava com medo de que você dissesse isso. Eu não deveria ter beijado você, ok? Você não está... *a fim* de mim.

— Não... quer dizer, *sim*. Eu sou. — Mac deu um tapa na testa. — Espere. Eu quis dizer *não*. Você não deveria ter me beijado. A Claire é minha melhor amiga, Blake. Não posso fazer isso com ela.

Ele colocou as mãos nos quadris.

— Espere, volte para a primeira parte. Você está a fim de mim?

Mac ergueu um dos ombros. Ela achava que era totalmente óbvio.

— E, se não fosse pela Claire, você não estaria dizendo isso?

Mac fixou os olhos em suas sapatilhas bordadas. Ela não podia se deixar envolver naquilo. Ela precisava se concentrar na Juilliard. Já era ruim o bastante que provavelmente fosse ser entrevistada pela polícia em breve. Era ruim o suficiente que alguém provavelmente a *vira* subir a escada pouco antes de Nolan. E também havia aquelas fotos que ela postara... Ela seria interrogada, ela sabia disso. Já estavam acontecendo coisas demais. Ela não podia se envolver também com o Blake.

Mas, quando ele pegou sua mão, ela não se afastou. Seu toque parecia enfraquecê-la, e de repente seus membros ficaram moles. Ele a puxou para o sofá, que era macio, acolchoado e tinha uma manta de crochê que Mac sempre adorara. Ele colocou as mãos em seu rosto e abriu um sorriso terno.

— Você é *tão* linda — disse ele. — Não consigo parar de pensar em nós dois na loja.

O hálito dele fazia cócegas no lóbulo de sua orelha. Ele tinha cheiro de sabonete Ivory e de algo doce, cheirando a bolo mesmo quando não estava no trabalho. Ela estava tonta.

— Eu também — Mac ouviu-se admitir. Mas depois virou o rosto. — Mas o que estamos *fazendo*? Você tem namorada, Blake. E isto não está certo.

Blake balançou a cabeça.

— Eu estou tentando terminar com ela. Quero ficar com você.

Mac ficou perplexa.

— *Quer? Por quê?*

— Porque você é *tão... você*. — Ele assentiu.

Mac abriu um sorriso irônico.

— Infelizmente.

— Isso é uma coisa boa. — Blake se endireitou e pegou as mãos dela. — Eu *sempre* quis você.

— Então por que beijou a Claire na Disneylândia? — disparou ela.

Por um instante, Blake pareceu estar verdadeiramente confuso.

— Do que você está falando? Foi a *Claire* quem me beijou.

— O quê? — disse Mackenzie, olhando para ele através dos óculos. — A Claire disse que você a tinha beijado no brinquedo, mas que ela tinha parado

porque queria me perguntar se não tinha problema.

Blake balançou a cabeça devagar.

— Hm, não. Nós estávamos no Piratas do Caribe. E eu perguntei se, sabe, ela achava que você sairia comigo. — As bochechas de Blake estavam vermelhas. — Ela disse que você estava interessada em outra pessoa, mas que ela gostava de mim... e me beijou ali mesmo. — Blake a olhou com sinceridade, erguendo seu queixo. — Eu *nunca* teria ficado com ela se achasse que tinha uma chance com você.

Mac ficou boquiaberta. Não tinha sido isso o que Claire lhe dissera. Na verdade, fora exatamente o *oposto*. E, durante todo aquele tempo, ela tinha se escondido, dando espaço a eles. Seu sangue começou a ferver.

Ele passou os braços em torno de sua cintura e a puxou de repente para seu colo.

— Não vamos falar da Claire agora, está bem?

Então se beijaram de novo. E Mac fez o que ele pedira: sua mente ficou em branco. Pelo menos uma vez, ela não estava preocupada com sua aparência nem com o que dizia ou o que estava fazendo com a Claire. Ela não estava pensando em nada além da boca de Blake, as mãos de Blake e o corpo de Blake. Naquele momento, não havia nada nem ninguém além dela e do garoto que ela amara durante tantos anos a distância.

CAPÍTULO TREZE

NA QUARTA-FEIRA, Ava chegou à aula de cinema mais cedo, torcendo para conversar com o Sr. Granger, mas ele só entrou na sala quando o último sinal tocou.

— Tudo bem, gente — disse ele, e voltou-se para escrever no quadro-negro. — Hoje vamos começar um novo filme. Este se chama *Tara maldita*. Alguém já ouviu falar dele?

Várias mãos ávidas se ergueram, incluindo a de Ava. Ele se virou e seus olhos recaíram sobre ela.

— É sobre uma menina que comete assassinato — disse ela, encorajada.

Granger assentiu.

— Uma criança de aparência perfeita. Filha de uma família perfeita. Como ela poderia ser capaz de algo tão horrível?

O estômago de Ava se contraiu. Era uma escolha estranha de filme depois que um de seus alunos fora assassinado. Ela olhou para as outras. Mac se remexeu. Julie batia com o pé sem parar.

Granger foi até a televisão e a ligou.

— Para os que já viram, quais diriam que são os temas principais?

A mão de Ava se ergueu outra vez. Ela estava determinada a se redimir depois daquele grande C vermelho.

— Natureza versus criação — supôs ela. — Talvez algumas pessoas simplesmente nasçam más. Elas não conseguem evitar.

Granger estalou os dedos.

— Este é um dos argumentos centrais deste filme: *será que as pessoas nascem más ou boas?* Muito inteligente, Ava.

Ela se recostou e sorriu. Alex a encarou e ergueu a sobrancelha. *Exibida*, murmurou ele de brincadeira.

— Podemos pensar em exemplos na nossa própria vida — continuou Granger. — Talvez a gente conheça pessoas que nos fazem questionar a mesma coisa.

Granger diminuiu a luz, e todo mundo fez silêncio quando o filme começou na tela. Era tão assustador quanto Ava se lembrava, e a garotinha do filme a fazia lembrar muito o Nolan. Quando o último sinal tocou, ela começou a guardar seus livros, puxando nervosa a barra do vestido Theory cinza que tinha colocado

porque sabia que a deixava com uma aparência séria.

— Oi — disse Alex, virando-se com um sorriso. — Quer ir almoçar fora do campus hoje?

Ela sorriu para ele.

— Obrigada. Mas preciso conversar com o Sr. Granger.

— Ah, está bem. Boa sorte. — Ele apertou a mão dela de um jeito tranquilizador.

Ava esperou até todos os outros alunos saírem antes de se levantar e ir lentamente até a frente da sala. O Sr. Granger estava apagando o quadro-negro de costas para ela. Do lado de fora da sala ela ouviu o corredor se encher com o caos dos alunos liberados, armários batendo e gente gritando. Quando o Sr. Granger finalmente se virou, ficou surpreso ao vê-la ali.

— Ava. O que posso fazer por você?

O trabalho tremia nas mãos dela, o grande C vermelho em cima se destacava. Ela mordeu o lábio e tentou ser o mais confiante possível.

— Eu queria falar com você sobre esta nota, Sr. Granger.

Ele se sentou na borda na mesa.

— Entendo. Meus comentários fazem sentido para você?

Ela deu de ombros, ainda olhando para o trabalho.

— Acho que sim. Você achou idiota.

— Idiota, não. — Ele se levantou rapidamente da mesa, e de repente eles ficaram tão próximos que ela teve de olhar para cima para encontrar os olhos dele. Ele exalava um cheiro quente e cítrico, como o de tangerinas sob o sol. Ela engoliu em seco.

— O trabalho foi muito bem escrito, Ava. Seu estilo está entre os mais sofisticados da turma. Mas os argumentos não tinham foco, algo completamente diferente de seus trabalhos anteriores.

Ava assentiu.

— É. Eu estava meio distraída quando escrevi.

— Era um tópico difícil, e foi uma semana difícil — disse Granger, com os olhos verdes fixos nos dela. — É duro perder um colega de turma... ou, no meu caso, um aluno.

Ava assentiu, baixando os olhos.

Granger se apoiou contra a mesa.

— Talvez você tenha ficado em desvantagem por causa do seu grupo.

— Hm... verdade. — Ava tentou julgar a expressão dele. O que ele queria dizer com aquilo?

Ele olhou para ela com expectativa, e ela tentou não parecer muito trêmula ao seguir em frente.

— O que vim pedir é se poderia refazer o trabalho para tentar uma nota melhor.

O Sr. Granger fez uma breve pausa, depois assentiu.

— É justo — disse ele. — Por que não nos encontramos para conversar sobre isso? Como está a sua agenda esta semana?

— Estou livre quando você puder — disse Ava em um tom agradável.

Granger pegou seu iPhone para checar o calendário, depois franziu a testa.

— Na verdade, esta semana está bem difícil para mim, sobretudo logo depois da aula. Você poderia na sexta... lá pelas sete? — Ele abriu um sorriso encorajador para ela.

Os ombros de Ava relaxaram, a tensão se esvaiu de seu corpo.

— Posso. Claro. Muito obrigada, Sr. Granger. Encontro você aqui?

Ele olhou para a parede, abrindo um sorriso estranho.

— Infelizmente para mim, o clube de teatro está fazendo ensaios com figurino para *Guys and Dolls*, e o auditório é colado com aquela parede. Vai estar uma barulheira aqui. — Ele pensou por um instante. — Que tal a minha casa? Moro a apenas alguns quarteirões daqui. Além do mais, tenho um livro sobre vilões de Chuck Klosterman que adoraria lhe mostrar.

Ava se surpreendeu. Ela nunca fora à casa de um professor. Mas ele estava fazendo de tudo para ajudá-la com o trabalho. Então o mínimo que podia fazer era ir até ele.

— Tudo bem — disse ela. — Estarei lá.

— Ótimo. — Ele recolocou o telefone no bolso e anotou rapidamente seu endereço para ela. — Acho você muito talentosa, Ava. Você tem muito potencial.

— Obrigada, Sr. Granger. — Ela endireitou os ombros e se virou para sair da sala quando alguém no corredor abriu a porta.

— Com licença — disse um homem, entrando na sala.

— Sim? — Granger se levantou depressa, arrumando seus papéis.

O homem atravessou a sala.

— Eu sou o detetive Peters. Gostaria de saber se posso falar com a Srta. Jalali.

Seu olhar se voltou para Ava. Ela recuou, perguntando-se como ele sabia seu nome... mas talvez o trabalho de um policial fosse saber. Sua cabeça girava. O que *mais* ele sabia?

— Tenho apenas algumas perguntas para você, Srta. Jalali — disse Peters, talvez percebendo a expressão nervosa de Ava.

— Por mim, tudo bem — disse Granger, com um sorriso indulgente. — Nós já acabamos. Pode usar a sala.

— Na verdade, preciso levá-la para a delegacia — disse Peters.

O coração de Ava afundou.

— P-para a delegacia? — Ela sentia o olhar de Granger.

— Tecnicamente, não podemos fazer entrevistas dentro da escola, mas tenho permissão da secretaria para entrar aqui.

— V-você vai contar ao meu pai? — soltou Ava.

A expressão tranquila de Peters não se alterou.

— Que você está sendo questionada, sim. Mas todo mundo está sendo questionado, Srta. Jalali. Há *mais* alguma coisa que eu deveria contar a ele?

Ava balançou a cabeça, abatida.

— Claro que não. — Depois se virou e saiu da sala com o policial. Alex estava esperando do outro lado da porta. Quando a viu com o policial, ficou perplexa, admirada.

— Eles só vão me fazer algumas perguntas — disse ela rapidamente, tentando apagar a preocupação de seus olhos.

— Hm, tudo bem. — Alex tocou o braço dela de leve. — Quer que eu vá com você?

Ela pensou no assunto. Depois fez uma expressão muito mais confiante e corajosa. Ela precisava se controlar. Não podia se dar ao luxo de parecer culpada. Não tinha feito nada *errado*.

— Não precisa — disse ela alegremente, dando um beijo da bochecha de Alex. — Tenho certeza de que é só uma formalidade. Volto logo.

E então ela voltou seu sorriso para o detetive e o seguiu para fora da escola, onde sua viatura estava estacionada no meio-fio. Ela parou no banco de trás, e o detetive riu alegremente.

— Pode se sentar na frente comigo. A não ser que seja uma criminosa.

As bochechas de Ava ficaram vermelhas e ela conseguiu rir enquanto ia até o banco do carona.

— Claro que não — murmurou ao se sentar.

Pelo menos, ainda não.

Ava nunca tinha estado em uma delegacia, mas não era muito diferente do que ela imaginara: paredes azuis monótonas, gente em escrivatinhas, pôsteres de PROCURADOS, linóleo. O detetive a levou para uma salinha nos fundos e perguntou se ela queria café. Ela recusou, temendo que a bebida fizesse suas mãos tremerem ainda mais. Havia um longo espelho em uma das paredes da sala; seu lindo rosto de olhos grandes e cabelo escuro a encarava. Ela se perguntou se o espelho era mesmo transparente do outro lado da parede. Será que havia policiais parados ali e prontos para observá-la?

Seu telefone apitou. *Tudo bem?* escrevera Alex.

Ava virou o telefone, apavorada demais para responder. Ela olhou sua

expressão no espelho outra vez. Ela precisava se concentrar.

Peters voltou com um café para ele e fechou a porta.

— Então, Ava Jalali. J-A-L-A-L-I, certo?

Ava assentiu.

— A-hã.

Peters se inclinou para a frente.

— Tudo bem. Nós ficamos sabendo que você foi a última pessoa que se lembram de ter visto com Nolan Hotchkiss na noite da morte dele.

Ava franziu a testa com a pulsação muito acelerada.

— Duvido.

Peters nem piscou.

— Uma testemunha ocular disse que viu você na pista de dança com ele. Você estava “se jogando em cima dele”, segundo descreveram.

Graças a Deus, Alex não tinha ido com ela. De repente, a lembrança do corpo lindo e próximo de Nolan pressionado contra o dela na pista de dança lhe veio à mente. *O seu namorado sabe que você está flertando comigo?*, dissera ele, com cheiro de álcool. Ava precisara de toda a sua força de vontade para não perder o controle. *O que os olhos não veem, o coração não sente*. Ela se lembrava do quanto seu coração estava acelerado. Que ela ficara olhando por cima do ombro, morrendo de medo que Alex entrasse na sala e visse o que estava fazendo. Ela o mandara em uma procura inútil por seu telefone, que dissera ter deixado no carro, que estava estacionado lá longe no final da rua. Quando Ava levara Nolan para o andar de cima, Alex provavelmente ainda estava procurando o telefone.

— Quem lhe disse isso? — disparou ela.

— É verdade? — retrucou Peters.

Ava girou uma mecha de cabelo no dedo.

— Eu bebi demais naquela noite. Mas tenho namorado, e ele sabe que eu e o Nolan namoramos há alguns anos. Ele ainda tem ciúmes. Eu preferiria que ele não soubesse.

— Nada disso vai chegar aos ouvidos dele — garantiu Peters. — Então você estava flertando com o Nolan?

Ava pesou suas opções. Se as pessoas que estavam na pista de dança a tinham visto, talvez não fosse inteligente mentir.

— Eu sou atirada — disse ela em um tom prático. — Ainda mais depois de algumas cervejas.

— Você subiu com ele?

Ela recuou e fez uma careta.

— Eu não estava *tão* bêbada assim.

— Disseram que a viram subir.

De suas profundezas mais fortes e audaciosas, Ava encontrou a coragem de encarar o detetive.

— Foi um dos amigos do Nolan quem disse isso? — Ela se inclinou para a frente, batendo os cílios. — Nem toda garota sobe com um cara nas festas. Algumas de nós têm um pouco de dignidade.

— Tudo bem, tudo bem. — O detetive virou algumas páginas de seu caderno, começando a escrever. — Mas *alguém* subiu com o Nolan naquela noite. Várias testemunhas oculares disseram ter certeza de que o viram subir com uma garota. Tem alguma ideia de quem possa ser?

Ava balançou a cabeça, jogando o cabelo longo de um lado para o outro. Seu coração estava disparado.

— Não.

— E você não estava... zangada com o Nolan por algum motivo? Porque eu soube que vocês dois tiveram um término difícil. O Nolan até começou alguns boatos sobre você, se não me engano. Boatos de que você era... mais que “atirada”, como você diz. E talvez o Nolan a tenha rejeitado na festa, não quisesse o mesmo que você. Talvez você tenha ficado zangada.

— Eu posso garantir que não foi o Nolan quem me rejeitou. — Ava fez uma pausa, sem saber se estava sendo sarcástica demais. — Desculpe, detetive. Mas é tudo o que sei.

— Pode me contar para onde foi depois que dançou com o Nolan?

— Voltei para o meu namorado. Onde era o meu lugar.

— E ele pode confirmar isso?

— Claro — disse Ava, olhando Peters direto nos olhos. Alex tinha voltado logo depois que ela descera sorrateiramente a escada; ela o encontrara na cozinha depois da pegadinha. Era, basicamente, a verdade.

O detetive a encarou pelo que pareceu uma eternidade. Ava fez o mesmo, forçando-se a não piscar. *Eles não sabem de nada*, repetia ela para si mesma. *Só sabem que ele subiu com uma garota. E nem disso eles têm certeza.*

Finalmente, Peters recuou.

— Então tudo bem — disse ele, jogando o copo de café vazio em uma pequena lata de lixo no canto. — Vou levá-la de volta para a escola. Obrigado por seu tempo.

As pernas de Ava pareciam gelatina quando ela atravessou com ele o longo corredor e se sentou novamente na viatura. Depois que Peters bateu a porta e ligou o motor, passou o braço sobre a parte de trás do banco e sorriu para ela.

— Mas você vai me dizer se lembrar mais alguma coisa, não é? Qualquer coisa?

— Claro — disse Ava, dando seu sorriso mais brilhante e cooperativo para

ele.

Mas o que realmente estava pensando era: *Nem morta.*

CAPÍTULO QUATORZE

— ENTÃO, É O SEPTUAGÉSIMO SEXTO MINUTO DO JOGO, e estamos empatados com Kirkland. E estamos todos nervosos porque é o jogo que decide quem vai para o estadual. Estou no meio de campo e lá vem o atacante deles.

Caitlin cutucou seu salmão com a ponta do garfo, sem prestar muita atenção a Josh, que contava uma de suas vitórias no futebol à mesa. Ao lado dela, sua mãe Sibyl ria.

— Eu me lembro daquele garoto — disse ela. — Ele era enorme. Eu não conseguia acreditar que ele era tão rápido.

— É, ele foi para a universidade de Indiana este ano. Bolsa total — disse Josh. Ele deu outra enorme mordida em seu bolinho de caranguejo. — Enfim, o tempo está passando e esse cara é enorme, rápido e está indo direto para o gol. Não tem mais ninguém perto dele. — Ele fez uma pausa dramática. — Eu sou o único que tem uma chance de detê-lo.

Diante de Caitlin na mesa, o pai de Josh, Ted, tomava uma taça de vinho tinto, com o rosto corado e agradável. Ao lado dele, a mãe de Josh, Michelle, observava o filho com uma expressão extasiada. As mães de Caitlin estavam perto dela na mesa: Sibyl a seu lado e Mary Ann ao lado de Sibyl. Eles tinham se reunido na casa das Martell-Lewis para seu jantar semanal de quarta-feira. Jeremy não estava, e Caitlin não conseguia evitar de se perguntar onde ele estava.

Apenas dois dias antes, eles quase haviam se beijado. Ou... *não*? Talvez ela tivesse interpretado mal. Talvez ele fosse se inclinar para a frente apenas para lhe dar um abraço amigável e platônico. *Só podia* ser isso.

— O que aconteceu depois? — suspirou Michelle, olhando para Josh.

Caitlin lutou contra a vontade de revirar os olhos. Ela também tinha orgulho de Josh, mas o jogo acontecera havia quase um ano, e todos eles estavam lá. Todos tinham visto o que acontecera em seguida.

Josh largou o garfo e se inclinou sobre a mesa.

— Eu sabia que não tinha a menor chance de dominá-lo. Ele era rápido demais e eu estava, tipo, a trinta metros de distância. Mas, de repente, do nada, eu me dei conta. Eu vi o caminho diante dos meus pés, como se alguém o tivesse desenhando só para mim. Estava quase brilhando, era muito vívido. E eu percebi

que se conseguisse seguir o caminho iria interceptá-lo, bem a tempo.

Caitlin tentou prestar atenção às palavras de Josh, mas sua mente se desligou. Ela pensou no que Ava dissera quando havia ligado uma hora antes. Todas aquelas coisas sobre ser levada para a delegacia. Sobre as pessoas vendo-a subir com Nolan. E se a polícia estava de olho em Ava, quanto tempo até ela mencionar com quem estava e o que elas tinham feito? E, depois, o que suas mães fariam? Caitlin era tudo o que lhes restava. Isso as destruiria.

De repente, ela ouviu Josh pigarrear. Ela tomou um susto ao perceber que a mesa inteira fizera silêncio. Erguendo o rosto, ela viu que Josh havia tirado uma pequena caixa de veludo do bolso. Com um sorriso confiante, ele a deslizou para ela sobre a mesa.

A boca de Caitlin ficou seca. Seus olhos percorreram a mesa. Ted tinha um sorriso malicioso sob a barba cheia e grisalha, mas, ao lado dele, Michelle cobrira a boca com as mãos. Mary Ann segurou a mão de Sibyl enquanto as duas observavam, de olhos arregalados. Diante dela, Josh assentia, incitando-a abrir logo a caixa.

Só que Caitlin não *queria* abri-la. Temia ver o que era. Mas todo mundo estava olhando para ela, e cada segundo que passava tornava o momento ainda mais estranho. Ela respirou fundo e abriu a tampa.

Ali dentro havia um pingente em uma corrente fina de ouro. Tinha a forma de uma pequena bola de vidro, e dentro havia um pedacinho de algo verde. O ar voltou a seus pulmões, e a tensão na mesa foi quebrada.

— É um pedaço de grama — disse Josh, com um sorriso enviesado. — Do estádio Husky.

— Que lindo — exclamou Mary Ann, inclinando-se sobre Sibyl para olhar dentro da caixa. Mas Caitlin achou que ela estava meio decepcionada. Será que suas mães queriam que ela ficasse *noiva*... ainda no ensino médio? Mas, enfim, assim ela e Josh seriam o perfeito casal de jogadores de futebol... para sempre.

Mas Caitlin não queria nem pensar nisso. E ficou meio apavorada ao perceber *quanto* não queria pensar nisso. Será que *deveria* estar pensando nisso?

— Obrigada — disse ela, encontrando finalmente sua voz. E fechou a caixa. — É muito... legal.

Josh sorriu.

— Você vai dominar nas semifinais — disse ele. — Mal posso esperar.

Caitlin fixou os olhos em seu prato, um borrão de verde e vermelho. Ela sabia que era um gesto bonito. Sabia que deveria deixá-la feliz. Mas, por algum motivo, só a fazia sentir... presa. Algo no olhar de suas mães, como se ela fosse sua última esperança, como se *precisassem* que ela fosse feliz, e no jeito que Josh a olhava, tão fofo, mas tão alheio a tudo o que ela estava enfrentando, a

incomodou de um jeito que ela nem conseguia explicar. Ela precisava sair dali antes que começasse a chorar à mesa.

— Hm, podem me dar licença um minuto? — murmurou ela, levantando-se depressa. — Não estou me sentindo bem.

Ela se virou, saiu da cozinha e correu para o andar de cima. Mas em vez de ir para seu quarto foi para o de Taylor. Ela e suas mães não tinham mudado nada ali; ainda havia livros no chão, onde ele os deixara, e o calendário ainda estava no mês de sua morte. Elas sempre diziam que iam limpar o cômodo e transformá-lo em um quarto de hóspedes, mas por algum motivo nunca faziam isso.

Imagens de Taylor voltaram a sua mente quando ela se deixou cair em sua cama de solteiro. O hábito de seu irmão mais novo de carregar todos os seus livros didáticos ao mesmo tempo na mochila em vez de usar seu armário como uma pessoa normal, de forma que parecia uma tartaruga sob a enorme corcunda da mochila. O jeito que ele ficava curvado sobre um bonequinho do Dungeons & Dragons, pintando a armadura com um pincel minúsculo e delicado, com a língua entre os lábios de tanta concentração. Seu grito, agudo como o de uma menina, se alguém lhe desse um susto. Caitlin adorava chegar de fininho e cutucar as costelas dele para vê-lo pular.

Então pensou em Nolan trancando-o em um armário durante três horas, como ele havia registrado em *Motivos para a Morte ser Melhor que a Escola*. Quando Nolan o fizera tropeçar no corredor, jogando-o de barriga no linóleo sujo. Quando Nolan tinha pisado no iPhone de Taylor para quebrá-lo ou arrancado as páginas de seu livro de Robert Jordan bem na frente dele. Caitlin não vira a maioria dessas coisas acontecer, só lera sobre elas no diário depois. Taylor tinha engolido tudo aquilo com muita coragem. Ele guardara tudo para si. As últimas entradas eram tanto desesperadas quanto resolutas. Para ele, a morte *era* uma opção melhor que o ensino médio. Ele escaparia de Nolan.

Não era de estranhar que ela tivesse se animado tanto para a pegadinha na festa. Não era de estranhar que tivesse segurado o braço de Julie com o corpo vibrando de adrenalina quando todas tinham se reunido ao lado da escada do Nolan. Até naquele momento, sabendo que podia ser incriminada por sua morte, ela não se arrependia de ter feito Nolan tomar o próprio veneno.

— Caitlin.

Arrancada de seus pensamentos com o susto, ela se sentou. Mary Ann estava na porta.

Ela pensou que sua linguagem corporal afastaria a mãe, mas Mary Ann entrou e parou ao lado da cama. Caitlin sentia seu olhar sobre ela. Os olhos das duas tinham o mesmo castanho-escuro. Sempre que desconhecidos a viam com Mary

Ann e perguntavam se Caitlin era adotada, Mary Ann respondia: “Não, ela é minha. Não dá para notar pelos olhos?”

Mary Ann se sentou ao lado de Caitlin na cama e cruzou as mãos.

— Está tudo bem, querida? — perguntou ela em voz baixa. — Está com saudades do Taylor?

— Não — disse ela em um tom sombrio. — Quer dizer, sim, eu sempre tenho saudades dele. Mas hoje não estou sentindo mais que de costume.

— É alguma coisa com o Josh? — suspirou Mary Ann. — Vocês dois não deviam brigar. São um casal incrível.

Caitlin encarou a mãe, enchendo-se de frustração. Por que suas mães eram tão obcecadas com sua vida amorosa com o Josh?

— Eu não estou brigada com o Josh. Por que você acha isso?

Mary Ann deu um sorriso triste.

— Você não tem o hábito de sair da mesa. E tem andado estranha nos últimos tempos, querida. Só estou preocupada com você. — Ela hesitou. — Você tomou aquela oxicodona que o Dr. Magnuson receitou?

Caitlin se surpreendeu.

— O quê? Por quê?

— Só estou... curiosa. — Sua mãe não a olhou.

Caitlin enrolou uma mecha de cabelo escuro no dedo com a pulsação repentinamente acelerada.

— Algumas — disse ela com cautela.

— Quando?

— Não sei. — Caitlin jogou as mãos para o alto.

Sua mãe suspirou alto.

— Bom, eu esperava que você não tivesse tomado. Se ainda tivesse todas as pílulas prescritas, estaria inocentada.

O coração dela parou.

— Do que está falando?

Havia algo estranho, quase desconfiado, na expressão dela.

— Bom, a polícia ligou mais cedo. Eles estão entrando em contato com todo mundo da sua escola que tenha uma receita de oxicodona. Eles conseguiram os registros de todas as farmácias locais. Obviamente, seu nome apareceu.

O coração de Caitlin batia depressa.

— Todo mundo sabia que o Nolan tomava pílulas. Ele tinha o próprio estoque.

— Talvez. — Mary Ann assentiu como se quisesse acreditar. Mas sua expressão estava assustada, como se estivesse prestes a cair no choro. — É que... você poderia fazer uma coisa para mim?

— Claro. O quê?

— Traga-me o resto das suas pílulas de oxicodona?

Caitlin a encarou.

— Por quê?

— Só para me agradar, querida. — Mary Ann parecia desconfortável. — Você não precisa mais delas, não é? Vou jogá-las fora para você.

Caitlin se surpreendeu.

— Acha que eu tenho alguma coisa a ver com o que aconteceu com o Nolan?

— Não! — disse Mary Ann rapidamente, arregalando os olhos. — Querida, não a estou acusando de nada. É que eu... bom, você anda estranha nos últimos tempos. E a treinadora Leah ligou para dizer que teve de expulsá-la do treino outro dia. Às vezes esse remédio causa mudanças nas pessoas. Prefiro ficar com as pílulas, ok? Só para prevenir...

Só para prevenir o quê? Caitlin queria perguntar, temendo o tom vago da mãe.

Então ela se levantou como um robô, andou até o banheiro que dividia com Taylor e pegou as pílulas, examinando o frasco cuidadosamente. Todo tipo de pensamento paranoico passou por sua mente: E se houvesse um dispositivo de rastreamento naquilo? E se o frasco pudesse *informar* aonde tinha ido e que tivesse registrado que estivera na casa dos Hotchkiss? Ela fechou os olhos e se viu jogando uma única pílula na palma da mão. Esmagando-a e colocando-a naquele copo. Será que toda a oxi era igual ou cada pílula era única, como um floco de neve? E se houvesse um jeito de identificar que viera dela a pílula que estava no estômago do Nolan?

Mas, se vacilasse naquele momento, suas mães sem dúvida suspeitariam de que alguma coisa estava acontecendo. Engolindo em seco, Caitlin levou o frasco para Mary Ann.

— Pronto — disse ela, desanimada. — Espero que isso a tranquilize.

— Ah, querida, você sabe que só quero o melhor para você — disse Mary Ann, tentando puxar Caitlin para um abraço. Caitlin se soltou, passando por baixo do braço dela, entrando em seu quarto e trancando a porta. Ela se jogou na cama e pressionou um travesseiro contra o rosto, com o corpo inteiro tremendo. A polícia já tinha falado com Ava. Era só uma questão de tempo até a chamarem para ir à delegacia também. E, se sua própria mãe achava que ela tinha a capacidade de matar Nolan, por que qualquer outra pessoa a consideraria inocente?

CAPÍTULO QUINZE

NA TARDE DE QUARTA-FEIRA, Parker estava sentada na varanda de sua casa em South Kenwood, uma cidade na fronteira de Beacon Heights, fumando um cigarro e olhando a chuva. Era estranho estar sentada naquele lugar; ela detestava tanto ir para casa que raramente estava li. Aquele bairro era completamente diferente do que eles moravam em Beacon. Depois que seu pai fora para a cadeia, sua mãe tinha vendido a grande casa de cinco quartos e se mudado para aquele bangalô. A pintura descascava em longas tiras. Uma begônia abandonada murchara em um vaso na escada. Todas as casas da rua eram pequenas e deterioradas, com mato alto nos pequenos gramados fechados por cercas de arame curvadas. Latas vazias de cerveja rolavam para as sarjetas, e alguns quintais tinham carros quebrados.

Ela deu um trago rápido e nervoso, exalando uma nuvem brusca de fumaça. Uma sombra apareceu na porta da casa do outro lado da rua e ela ficou tensa. *Pare com essa paranoia*, brigou consigo mesma. *Não tem ninguém atrás de você.*

Mas era mais fácil falar do que fazer. Nos últimos dias, ela estava um caco. A todo lugar que ia, ela sentia olhos voltados para si. *Por quê*, ela não sabia... mas simplesmente se sentia observada. Havia policiais pela escola toda, e vários alunos estavam sendo chamados à delegacia para confessar qualquer coisa que soubessem sobre a festa. Aquilo estava virando uma caça às bruxas: pessoas diziam o nome de rivais e inimigos para tentar fazer com que fossem chamados até a delegacia para interrogatório, alegando que tinham visto a tal pessoa conversando com o Nolan naquela noite de sexta.

Ava tinha ligado para todo mundo naquela tarde para dizer que alguém a vira conversando com Nolan no andar de cima.

— Eu neguei — dissera ela em um tom monótono. — Mas precisamos ter cuidado. As pessoas podem ter visto mais do que imaginamos.

Até então, ninguém fizera nenhuma pergunta a Parker, e ela esperava que continuasse assim. Mas e todas as fotos que os convidados haviam tirado naquela noite? E se alguém tivesse capturado sua figura curvada de capuz preto ao fundo? Alguém podia sussurrar para a polícia que ela se tornara sombria e isolada depois do ataque. Podiam correr boatos de que Nolan a drogara na noite

em que ela fora espancada. *Parker Duvall tem um motivo*, as pessoas podiam dizer.

E então havia um pensamento ainda mais terrível: embora Parker quisesse confiar em suas novas amigas, será que *podia*? Como saber se uma delas não ia ceder e entregá-la? Ela não achava que Caitlin seria um problema, Caitlin ainda odiava demais o Nolan para se esforçar em ajudar a polícia. E claro que Parker podia confiar em Julie. Mas Mackenzie? Ela parecia pronta para contar tudo no dia do funeral. E Ava... bom, a polícia já estava de olho nela. Parker duvidava de que aquela princesa aguentasse bem a prisão. Parker não contribuía muito para ao círculo de amigas. Talvez a considerassem dispensável. Um bode expiatório fácil. Uma garota já danificada sem nada a perder.

Seus pensamentos foram interrompidos quando um Lexus já com cinco anos de uso, mas mesmo assim muito melhor que qualquer outro carro daquela vizinhança, parou bem na entrada da casa. Sua mãe saiu do carro, batendo a porta, e olhou para Parker.

— O que você está fazendo aqui? — disparou ela, com as mãos nos quadris.

Parker fez uma careta.

— Que bom ver você também.

A Sra. Duvall abriu a mala do carro e começou a tirar sacolas de compras. Parker observou a mãe calmamente, sem oferecer ajuda.

Se a casa era um retrocesso na vida, a roupa da sua mãe era uma completa desgraça. Desde o julgamento, a Sra. Duvall usava a mesma camisa de mangas compridas e calças de ioga quase todos os dias, embora estivessem cada vez mais largas em seu corpo ossudo conforme ela definhava. Seu cabelo, que antes era perfeitamente pintado, tinha crescido e ganhado um tom fosco e grisalho de castanho, e pendia em mechas lambidas ao redor de seu rosto. E, sobretudo, ela tinha uma aparência... cansada. Como se tivesse lutado contra o mundo e o mundo tivesse ganhado. Ela não sorria mais. Nunca ria. Tudo era difícil.

A Sra. Duvall colocou as sacolas nos braços e subiu a escada com dificuldade.

— Vai ficar aí sentada na varanda o dia inteiro? — disparou ela.

Foi surpreendente quanto aquilo doeu. Ela se levantou depressa.

— Foi *você* quem estragou tudo, sabe — disparou, sem saber o que tinha dado nela. Talvez tivesse sido sua conversa com Elliot, mas se sentia mais corajosa que de costume. — É a função da mãe proteger a família. Mas você simplesmente *deixou aquilo acontecer*.

As bochechas da Sra. Duvall ficaram pálidas. Por um instante, parecia que Parker tinha lhe dado um tapa. Depois ela contraiu os lábios e destrancou a porta.

— Nossa senhora — rosnou ela. — Você já não fez o suficiente?

Ela empurrou a porta, arrastando as sacolas de compras. Antes que Parker pudesse segui-la, ela fechou a porta. Parker ouviu o clique da fechadura do outro lado.

Parker ficou ali parada por um instante, com os olhos fixos no tapete de boas-vindas desbotado. *Tudo bem. Que se dane.* Ela se virou e chutou o vaso da begônia com a ponta de metal da bota. O vaso se estilhaçou com um som agradável no caminho de ardósia abaixo.

Bom, de volta para a casa da Julie. Ela percorreu a rua em direção ao ponto de ônibus, passando pelas casas e a loja de conveniência dilapidadas. Mas então suas mãos começaram a tremer. O que ela tinha feito de tão ruim que ela merecera um tratamento tão horrível? Por que *ambos* os seus pais a odiavam tanto?

Ela se lembrou de uma noite em que estava sentada à mesa da cozinha, pouco antes da noite que mudara tudo. Ela estava no telefone com a Julie, rindo de alguma coisa que o Nolan havia feito na escola naquele dia. Então ouviu a porta bater com força. Seu pai tinha chegado. Seus passos eram pesados, sua respiração, forte. Parker conhecia os sinais, mas, em vez de se levantar e correr para o quarto como fazia normalmente, ela ficara à mesa com o telefone contra a orelha. *Esta casa também é minha*, pensara, desafiadora. *Eu não deveria precisar me esconder.*

Ela não teve tempo de desligar o telefone antes que ele lhe batesse. Depois que seu pai terminara, sua mãe tinha se agachado a seu lado no chão, colocando uma embalagem de ervilhas congeladas sobre suas costelas machucadas. Seu pai aprendera a feri-la em lugares que ninguém via.

— Você precisa aprender a ficar fora do caminho do seu pai — repreendera a mãe. — Só está piorando as coisas.

Snap.

Parker não sabia de onde o som tinha vindo. Ela se virou e olhou a rua, com os pelos da nuca arrepiados. Será que alguém a estava seguindo? Tirando fotos? *Observando*? Três adolescentes saíram da loja de conveniência segurando copos de raspadinha e falando alto em espanhol. A um quarteirão dali, uma senhora cambaleava até sua caixa de correio. Três passarinhos voaram de um fio de telefone ao mesmo tempo.

Ninguém está observando, disse ela a si mesma com raiva. *Acha mesmo que alguém se importa com você?*

O ônibus roncou no quarteirão adjacente. Parker acelerou o passo para chegar ao ponto a tempo. De repente, tudo o que queria era estar dentro do ônibus em meio a uma multidão anônima de pessoas voltando do trabalho, com o capuz puxado sobre o rosto, fones nos ouvidos e música alta. O ônibus passou pelo

ponto na hora em que ela virou a esquina.

— Ei! — gritou Parker, balançando as mãos para o motorista enquanto corria para alcançá-lo. O motorista seguiu em frente. — Não! — gritou Parker, batendo os braços contra as laterais do corpo. Agora teria de esperar vinte minutos pelo próximo ônibus.

Snap.

A pele de Parker se arrepiou outra vez. Ela olhou em volta, vendo um Nissan Maxima desencostar do meio-fio. Quando ele passou, ela viu o motorista de relance através das janelas fumê, mas não conseguiu enxergar o rosto. Parecia um homem. Quase seu pai.

Ela teve aquela sensação angustiada e latejante de outra dor de cabeça chegando, mas tentou combatê-la. O que Elliot tinha ensinado como mecanismo de defesa durante a sessão? Ela não conseguia se lembrar de nada. Sua visão estava turva e distorcida. Tonta, ela tentou encontrar seu telefone, discando um número.

— Alô? — disse a voz de Elliot.

— Hm, Dr. Fielder... Elliot? — Sua voz estava aguda e fina, completamente diferente do normal.

— Julie? — disse Elliot, incerto.

— N-não, é a Parker. Parker Duvall.

— Ah. Parker. Claro. — Havia um som de movimento ao fundo, como se ele estivesse no trânsito, talvez, falando no celular. Parker se perguntou se não seria uma hora péssima para ligar. Ele tinha uma vida saudável. Uma vida *normal*. Não queria ser incomodado por ela.

— Você está ocupado — disse ela. — Vou desligar.

— Espere, Parker — disse Elliot. — Eu sempre vou atender as suas ligações. Você está bem? O que foi?

— É... — Parker engoliu em seco. — *Tudo*. Minha mãe... este bairro no qual estou... sinto que tem alguém me seguindo... meio que estou tendo dificuldade para lidar com isso. Eu sinto que estou me perdendo, e você disse para ligar, então...

— E estou feliz por você ter ligado. — A voz de Elliot estava mais próxima, não tão abafada. — Você precisa aguentar, Parker. Tentar ficar no aqui e agora. Concentre-se em algo real: sua mão, seu pé, e diga a si mesma que vai ficar tudo bem.

Ela já estava sentada no banco do ponto de ônibus com a cabeça entre os joelhos.

— Mas eu não estou me *sentindo* bem — admitiu ela. — É como se ninguém me enxergasse.

— Eu sei que isso não é verdade. — A voz dele estava firme e confiável. — *Eu te enxergo, Parker.*

Parker olhou trêmula para a rua, fixando os olhos no canteiro central até voltar a si. Agora os carros passavam calmamente, e nenhum deles parecia suspeito. Seu coração começou a desacelerar e sua respiração também já não estava tão curta. Foi maravilhoso: ouvir a voz de Elliot a trouxera de volta à terra.

Alguns instantes se passaram.

— Como você está se sentindo agora? — perguntou Elliot.

— Melhor — admitiu Parker. — Não tão... tensa. Já consigo ver tudo novamente. Estou me sentindo focada.

— Que bom — disse Elliot. — Ouça, Parker, vamos adiantar sua próxima sessão. Acha que consegue arranjar tempo?

A garganta de Parker ficou seca.

— A-acho que sim — disse ela.

— Ótimo — disse Elliot. — E ouça. Se sentir mais algum ataque chegando, se precisar de mim por *qualquer motivo*, estarei sempre aqui. Por favor, ligue. Sempre quero conversar.

— O-ok — disse Parker. Ela desligou e abraçou o peito com força. A paranoia tinha desaparecido completamente, e no lugar dela havia imagens do consultório de Elliot. Aquele sofá confortável. Aquela luz relaxante. E o rosto seguro e sincero de Elliot, sorrindo para ela, ajudando-a, salvando-a.

Mas aí o carro da polícia passou. O policial a olhou de cima a baixo pela janela. Parker puxou ainda mais o capuz sobre o rosto, prendendo a respiração até o carro passar. Ela soltou o ar com força, olhando seu telefone. Elliot podia querer salvá-la, mas, se a polícia descobrisse o que ela e suas amigas tinham feito com o Nolan, talvez ele não tivesse tempo.

CAPÍTULO DEZESSEIS

ESTAVA CHOVENDO NA SEXTA-FEIRA quando Ava foi de carro até a casa do Sr. Granger. No final do quarteirão, ela entrou na Rua Shadywood, uma rua familiar de casas pequenas e diferentes. Quando ela passou pela de Alex, acenou de leve, apesar de saber que ele estava no shopping comprando um par novo de Vans. Então parou apenas duas casas depois. Era engraçado: uma vez o Alex tinha mencionado que vira o Sr. Granger correndo em seu quarteirão, mas Ava não tinha se dado conta do quanto a casa deles era próxima até parar na entrada da garagem.

A casa de Granger tinha venezianas azuis e uma porta da frente vermelha. Endireitando os ombros, Ava foi até a entrada e tocou a campainha, ajeitando a alça da bolsa, que estava cheia de cadernos de espiral, seu laptop e até cartões de anotações, pois ela não sabia do que ia precisar.

Ela ouviu passos, e a porta se abriu.

— Srta. Jalali — disse Granger com um sorriso. — Por favor, entre. — Ava entrou com ele, olhando em volta com curiosidade. Sua sala de estar era aconchegante, com dois sofás baixos de couro ao redor de uma mesinha de centro quadrada de teca. Havia pôsteres de filmes noir pelas paredes, um monte de câmeras de aparência antiga e um velho projetor em uma mesinha de apoio.

— Aquilo ainda passa filmes? — perguntou Ava, apontando para o projetor.

— Sim. Eu até pensei em levar para a aula. Talvez na próxima unidade.

— Eu adoraria assistir alguma coisa nele — disse ela, e depois ficou se perguntando se estava se convidando para ir à casa dele outra vez. — Quer dizer, aposto que é o melhor jeito de assistir a filmes antigos, do jeito que foram criados.

— Exatamente. — Por uma fração de segundo, o olhar dele pareceu percorrer seu corpo, notando sua pele macia. Seu decote profundo. Ava sentiu suas bochechas ficando quentes, mas um segundo depois se convenceu de que tinha imaginado aquilo. O boato idiota do Nolan a estava deixando paranoica.

— Obrigada por me deixar refazer o trabalho — disse ela. Quanto antes eles comessem, mais cedo ela poderia ligar para o Alex.

— Acho que você escreve muito bem. Adoraria vê-la fazer mais com esse talento.

Ela franziu a testa.

— Obrigada. Mas não acho que pessoas que escrevem bem tirem C.

— Ava. — Granger ficou sério de repente. — Eu não lhe dei um C porque seu trabalho estava *ruim*. E sim porque sei que você pode fazer até melhor. Você é especial... espero mais de você que dos outros alunos da turma. — Ele inclinou a cabeça. — Você escreve alguma coisa além dos trabalhos para a escola?

— Já escrevi alguns, hm, ensaios a respeito de minha mãe. Coisas sobre a minha família. — Ela deu de ombros, constrangida. — Mas ninguém nunca viu.

Granger assentiu.

— Se algo a estiver incomodando, escrever é uma ótima forma de aliviar a tensão. Então, você gosta de não ficção.

— Acho que sim — disse ela. — Mas acho que vejo isso mais como um diário. É só para mim mesmo... ninguém mais nunca leu.

— Nem mesmo seu namorado?

— Ainda não — disse Ava. Não era estranho Granger falar do Alex? Ela tentou não deixar aquilo incomodá-la. Talvez ele só estivesse tentando ser legal, mostrar que sabia algumas das fofocas da escola.

— Bom, *eu* adoraria ler. — Granger cruzou os braços. — Você tem uma mente fascinante, Ava. Você é linda e brilhante.

— Obrigada? — disse Ava, insegura. Um professor não deveria dizer que ela era linda. Um professor não deveria nem *notar* sua aparência. Mas a julgar pelo jeito que a olhava, sem dúvida o Sr. Granger tinha notado.

— Então, hm, meu trabalho? — disse ela, com a voz aguda.

— Claro. — Granger se surpreendeu, como se estivesse saindo de um transe. — Vamos começar. — Mas então ele se aproximou. — Olhe. Se você não se importar que eu pergunte, foi tudo bem na delegacia naquele dia? Fiquei preocupado com você.

Ava sentiu um gosto amargo na boca.

— Hm, tudo bem — disse ela em voz baixa. — Só perguntas de rotina.

Granger fungou.

— A polícia não devia estar interrogando adolescentes. É assustador e intimidador, e eles nunca vão fazer ninguém falar assim. — O sorriso dele era superficial, e Ava percebia outra emoção por baixo. — Mas chega de falar disso. Eu acabei de fazer um café Caffé Vita, o melhor de Seattle. Quer uma caneca?

Ava ainda estava inquieta por causa do café que tomara mais cedo, mas achou que seria indelicado recusar.

— Hm, claro.

Ela foi com ele até a cozinha, que tinha bancadas de cerâmica branca e uma longa mesa de madeira rústica coberta de peças de câmeras e equipamentos de

revelação. Tirando a cafeteira da base, Granger serviu duas canecas e entregou uma a Ava.

— Desculpe a bagunça.

— Para que é isso? — perguntou ela.

— Ah, é um hobby. Vou tirar tudo isto daqui, ok? De um jeito ou de outro, preciso me lembrar de levar isto para a escola para o clube de fotografia. — Ele pegou caixas rotuladas MATERIAL DE FOTOGRAFIA B&H. — Depois começaremos seu trabalho.

— Tudo bem. — Ava se sentou na ponta de uma cadeira quando Granger saiu do cômodo. Ela olhou a cozinha limpa e eficiente, notando a fileira de recipientes perto da pia, os panos de prato com listras vermelhas e amarelas pendurados na porta do forno e uma foto de Marlene Dietrich com uma expressão particularmente misteriosa.

Bip.

O telefone de Granger, que ele deixara sobre a mesa, se acendeu. Ava olhou para ele e congelou. Na tela havia uma mensagem com uma foto... dos seios de alguém.

Ela olhou na direção da porta da frente, depois puxou lentamente o telefone e olhou a foto de novo. Sem dúvida era uma foto de seios... e havia um pôster familiar de *Casablanca* na parede. Ava sentiu seu estômago se revirar.

Aquela foto fora tirada em sua sala de cinema.

Ela destravou a tela, e os ícones apareceram no lugar da foto. Com as mãos trêmulas, Ava clicou no ícone *Mensagens*. Várias mensagens de texto, a maioria delas de *fotos* de garotas sem camisa, encheram a tela. Horrorizada, Ava passou por várias mensagens eróticas. Os números não foram salvos nos contatos, e as garotas nunca mostravam o rosto, porém, Beacon era pequena. Ela reconheceu a fivela do Texas do cinto de Jenny Thiel em uma delas. A adorada bolsa Chanel de Mimi Colt estava na mesa atrás dela em outra. As mãos tatuadas com hena de Polly Kramer, que as retocava meticulosamente de tempos em tempos. Ela reconheceu veteranas do ano anterior, quando Granger começara a dar aulas na Beacon High.

Ava estava boquiaberta. Ele tinha conseguido que todas aquelas garotas lhe mandassem fotos? O que mais tinham feito por ele? Ava ouviu cliques baixos e ergueu a cabeça. A porta da frente de Granger continuava fechada, mas ele entraria a qualquer momento. Ela estava prestes a recolocar o telefone na mesa e ir embora quando algo mais chamou sua atenção: um número que ela reconhecia.

Que mensagem *Nolan Hotchkiss* tinha enviado ao Sr. Granger?

Ava abriu a troca de mensagens e viu que consistia de apenas uma coisa: um

vídeo. Ela apertou play.

O vídeo começava na sala de Granger. Justine Williams, uma aluna do segundo ano com lábios grossos, estava sentada na ponta da mesa dele. Granger estava diante dela, entre suas pernas entreabertas, e acariciava sua bochecha.

— Você já assistiu *La Dolce Vita*?

— Não — disse Justine, em um tom levemente trêmulo e inocente.

Ele pegou as mãos dela.

— Em uma das cenas, um casal entra na Fontana di Trevi em Roma. É muito romântico. Imagino nós dois fazendo o mesmo.

— S-sério? — disse Justine, nervosa, soltando uma risada aguda.

Então ele a beijou na boca.

Foi a expressão de Justine que fez Ava quase vomitar. Justine parecia ao mesmo tempo desconfortável e excitada. Também parecia esperançosa. Embora soubesse que era errado, Ava estava tão absorta que não se importou.

A câmera começou a tremer, saiu de foco por um momento, depois foi virada para o cinegrafista. Era Nolan, parado do lado de fora da sala de Granger, no corredor. Um sorriso lento e hostil se abriu em seu rosto.

— Oooh, professor — arrulhou ele para a câmera. — Seus trabalhos extras são incríveis. — Seu tom mudou abruptamente. — Por falar em trabalhos, tenho um ou dois para você. Se não quiser que isso se torne público, é melhor prestar atenção.

Squeak.

Ava se levantou de verdade dessa vez bem na hora em que a porta de Granger se abriu. Ela recolocou depressa o iPhone exatamente onde ele o deixara e voltou para seu lugar.

Granger se sentou na cadeira ao lado dela e se aproximou até seu rosto ficar a centímetros do dela.

— Ok, vamos começar — disse ele. Depois olhou para o rosto de Ava com mais atenção e franziu a testa. — Você está bem?

Ava não podia ficar ali nem mais um segundo.

— Hm, na verdade, tenho de ir ao banheiro — disparou ela, e suas palavras saíram em um turbilhão. Ela estendeu a mão para pegar a bolsa e quase a virou de tanta força.

Ele apontou para uma porta no corredor, e ela foi rapidamente até lá, trancando a porta ao entrar, deixando-se cair contra a porta, tentando processar o que acabara de ver. Todas aquelas fotos de seios. Todas aquelas garotas de quem ele tirara vantagem. A expressão de Justine. E o *Nolan*. Será que o Nolan estava *chantageando* Granger?

A janela estava aberta, e uma brisa fresca a tirou de seu transe. Sem pensar, ela

abriu o armário atrás do espelho do banheiro. E bem ali, na prateleira do meio, havia um frasco laranja claramente rotulado: LUCAS GRANGER. OXICODONA, 20 MG. TOMAR PARA DOR CONFORME ORIENTAÇÃO MÉDICA.

Ah. Meu. Deus. Com as mãos trêmulas, Ava pegou o telefone na bolsa e tirou uma foto do frasco. Depois, com o coração acelerado, deu a descarga, desligou a torneira e saiu do banheiro.

O Sr. Granger estava sentado à mesa, esperando por ela.

Ela se forçou a abrir um sorriso de desculpas.

— Sinto muito por fazer isso, mas acabei de receber uma mensagem do meu pai. Preciso ir.

Granger se levantou e deu alguns passos até ela, bloqueando seu caminho.

— Já?

A respiração de Ava ficou presa.

— Podemos fazer o trabalho em outra hora, não é?

O sorriso de Granger estava nervoso.

— Mas eu arranjei tempo para você *agora*, Ava. Você está sendo indelicada.

Ava se atreveu a encará-lo, percebendo o tom inapropriado para um professor. Ele parecia completamente seguro de si. Nem um pouco culpado. Nem tímido. Ele não achava que estava fazendo nada de errado.

— M-meu pai precisa de mim — enrolou ela, tentando lembrá-lo de que ela ainda era uma *criança*. Com um pai. E um pai que o *mataria*.

— Tem certeza de que não quer nem ganhar um crédito extra antes de ir? — disse ele de forma sugestiva, colocando uma das mãos no pescoço de Ava.

Ela recuou, horrorizada.

— Eu... eu tenho namorado — reiterou ela com a voz falhando.

Granger arregalou os olhos de um jeito cômico.

— Ora, Srta. Jalali! O que acha que eu estou sugerindo?

Isso confundiu Ava ainda mais. Sem querer, seu olhar recaiu sobre o telefone dele. Ela tinha *visto* aquelas fotos. Não estava sugerindo nada que já não estivesse implícito.

Granger também olhou, depois voltou a olhar para ela, parecendo ligar os pontos. Seus olhos ficaram sombrios.

Ava tentou recuar.

— Eu preciso mesmo ir.

Os dedos de Granger a seguraram com força.

— Eu sei que os boatos sobre você são verdade, Ava — disse ele, já sem o menor traço de simpatia. — E devo dizer que estou decepcionado por você fazer isso com outros professores e não comigo.

O tempo pareceu parar. *Você fazer isso com outros professores e não comigo.* As palavras pairaram no ar, dando voz às histórias horríveis que Nolan contara muito tempo antes. Ela sabia que outros alunos as tinham ouvido, mas os professores? A quem o Nolan *não* tinha contado?

Será que havia sido por isso que Granger lhe dera todas aquelas notas altas? Porque era parte de seu plano para fazê-la ir até sua casa? Por um momento apavorante, ela se perguntou por que se dava ao trabalho de estudar tanto. Se todo mundo pensava o pior sobre ela mesmo, o que um beijo lhe custaria, se significava que ela tiraria um A?

O sangue de Ava ficou gelado.

— São apenas boatos — sussurrou ela. — Eu não faria... eu não fiz...

Granger a olhou com condescendência.

— Ava, você sabia exatamente o que estava fazendo. Então pare de se fingir de inocente, ok?

Então ele a puxou para si com força. Ava conseguiu se libertar e correu para a porta, saindo sem que ele a pegasse. Ela foi em disparada até seu carro e bateu a porta, ligando o motor. Só depois de fazer algumas curvas é que finalmente parou, inclinou-se para a frente a fim de encostar a testa no volante e começou a chorar.

CAPÍTULO DEZESSETE

ÀS OITO DA NOITE de sexta-feira, Julie entrou correndo em seu quarto. Parker estava sentada na segunda cama de solteiro, pintando as unhas de preto. Adele cantava na caixa de som do iPod e a chuva tamborilava do lado de fora da janela.

— Ainda bem que você está aqui. Você não vai acreditar no que acabou de acontecer — disse Julie, mostrando seu telefone para Parker.

Na tela havia uma mensagem de texto de Carson. *Vc gosta de sushi? Estava pensando em ir ao Maru. Amanhã?*

Parker olhou o telefone e o devolveu.

— Vai aceitar?

— Você conhece a minha regra. Nada de namorados.

Parker deu de ombros.

— Viva um pouco. Um encontro não é a mesma coisa que ter um namorado.

— Eu sei. — Julie se balançou sobre o colchão. Seus braços estavam arrepiados por causa do frio, mas ela mal percebeu. — Mas você consegue imaginar o que aconteceria se o Carson descobrisse algo sobre a minha mãe?

Parker deu de ombros.

— Nada que um pouco de controle de danos não possa resolver. Você só precisa distorcer a história.

Julie balançou a cabeça.

— É mais fácil falar do que fazer. Pense no que aconteceu com a Ava. — Embora Ava fosse inteligente, bonita e popular, fora fácil para Nolan manchar sua reputação, mesmo que lá no fundo todo mundo soubesse que ele era um mentiroso. — Ou até com você — acrescentou Julie, olhando para a amiga. Parker era a garota mais admirada da escola antes de ser atacada pelo pai. Mesmo quando era caloura, estivera em quase todas as páginas do anuário. Mas agora, só porque seu pai tinha ido para a cadeia, só porque havia cicatrizes em seu rosto, ela era persona non grata.

Se a reputação *delas* fora danificada com tanta facilidade, Julie não tinha a menor chance.

De repente, “Firework” da Katy Perry começou a tocar em seu telefone. Ela se sobressaltou, depois pegou o aparelho e franziu as sobrancelhas ao ver o identificador de chamadas. Por falar no diabo. Ava estava ligando. Assim que

Julie atendeu, ouviu Ava dizer ah, meu Deus, ah, meu Deus sem parar. Ela lançou um olhar nervoso para Parker.

— Ei, o que foi? — disse Julie, hesitante.

Ava parou de dizer *ah, meu, deus*.

— Acho que o Granger matou o Nolan.

Julie ficou paralisada, apertando o telefone com os dedos.

— Nosso *professor* Granger?

— Eu tenho quase certeza. — A voz de Ava estava baixa e trêmula. Julie chamou Parker com um gesto e colocou o telefone no viva-voz. — Eu estava na casa do Granger — continuou Ava. — Ofereceu-se para me ajudar com um trabalho, só que era tudo mentira, ele é um perverso. Eu não deveria ter ido, mas isso é outra história. Enfim, eu encontrei... fotos. No telefone dele... — Ela se calou. Parecia que estava chorando.

Aos poucos, Julie conseguiu que Ava dissesse que fotos eram aquelas. Depois Ava contou sobre o vídeo de Nolan, no qual ele ameaçava Granger. O coração de Julie se contraiu no peito.

— É uma causa provável — disse ela devagar. — Mas acha mesmo que pode ter sido ele?

— Ele queria me beijar quando saí de lá hoje — explicou Ava. — E, quando eu disse não, o rosto dele... — Ela começou a chorar. — Foi *horrível*. E ele tem um frasco de oxicodona. Eu vi no banheiro.

— Não creio que você foi até a *casa* dele — soltou Parker.

— Eu sei o que pode parecer — chorou Ava. — Porém eu só estava tentando conseguir ajuda com o meu trabalho. É sério.

— Nós acreditamos em você — afirmou Julie. Ela se levantou da cama e começou a andar de um lado para o outro. Granger parecia ser tão *legal*. Tão... incentivador. Era chocante ele ser tão babaca. Ela pensou outra vez naquele dia na aula dele. Será que *ele* podia ter entre ouvido?

Caitlin tinha se inclinado para a frente sobre a mesa, animada.

— Oxi. Todo mundo sabe que é a droga preferida dele — dissera. — Ou cianureto. Ele morreria em minutos.

Julie pigarreara, olhando para Nolan do outro lado da sala. Ele estava em um grupo com Ursula, o namorado de Ava, Alex, e uma garota tímida chamada Renee Foley, e todos pareciam infelizes.

— Só estamos *brincando*, não é? — perguntara ela em um tom nervoso.

— Claro — dissera Mackenzie rapidamente com uma risada aguda.

Depois Parker tinha se inclinado para a frente, entrelaçando os dedos, pensativa.

— Mas não precisamos matá-lo para derrubá-lo.

— Como assim? — perguntara Ava devagar.

Parker havia pensado por um instante.

— Bom, da próxima vez que ele der uma festa, podemos fazer uma pegadinha com ele. Claro que não vamos usar cianureto, mas que tal oxi? Ele adora aquilo. Não muito... só o suficiente para fazê-lo apagar. Só o suficiente para tirar fotos incriminadoras.

Um brilho de animação apareceu nos olhos de Caitlin.

— Podíamos tirar fotos dele sem calça. Ou escrever no rosto dele.

Mackenzie se remexeu.

— Todo mundo o odeia. Só tem medo de admitir. Seríamos heroínas se o pegássemos.

Ava endireitara as costas e levantara o queixo.

— Devemos fazer isso?

— Eu estou dentro — sussurrara Mackenzie.

— Eu também. — Caitlin assentira.

As garotas tinham olhado para Julie. Por mais que ela quisesse participar, aquilo não tinha *nada* a ver com ela. Mas ela respirou fundo.

— Onde vamos conseguir a oxi?

Naquele momento, uma sombra caíra sobre ela. Parker lançara à amiga um olhar de alerta, e Julie havia se virado na cadeira, vendo o Sr. Granger. Por um instante, Julie tivera certeza de que o professor tinha ouvido tudo. Às vezes ele participava de conversas como se fosse uma mosca na parede. Julie, assim como todas as outras garotas, ficava lisonjeada e meio desconfortável com aquela atenção: ele era lindo e charmoso, e tinha um conhecimento vasto e impressionante de filmes incríveis, mas naquele dia as olhara com uma expressão indecifrável.

Mas então dissera, abrindo um grande sorriso:

— Então, como está indo a discussão por aqui, senhoritas?

Agora, Julie engolia com dificuldade, com a garganta seca.

— *De fato* ele se aproximou no final da conversa — disse a Ava em um tom preocupado.

— Talvez tenha ouvido tudo — disse Ava.

— Então, o que acham que aconteceu? — disse Julie, pensando em voz alta.

— Granger subiu sorrateiramente e deu mais oxi ao Nolan depois que fomos embora? E como? Enfiou garganta abaixo e o obrigou a engolir?

— Talvez o Nolan tenha acordado depois que fomos embora — sugeriu Ava.

— E acha que o Granger estava nos observando o tempo todo? Tipo, ele *ouviu* a nossa conversa na aula e decidiu, tipo, pegar carona no nosso plano?

— Por que ele nos incriminaria? — perguntou Parker. — Quer dizer, ele não

parece ser um cara *tão* ruim assim.

— Oi? — interrompeu Ava. — Vocês não acabaram de ouvir a minha história?

— É verdade — disse Julie. — Mas o que *nós* fizemos? Por que o Granger desejaria nosso mal? Será que foi apenas por conveniência? Será que ele é tão psicopata assim?

— Você devia contar isso à polícia — disse Parker com firmeza.

— Eu não posso ir sozinha! — guinchou Ava. — Vocês precisam ir comigo. Eu já falei com a Caitlin e a Mackenzie. Elas disseram que também vão. Eu até busco vocês.

— Não! — Julie quase gritou. Parker a olhou com uma expressão de alerta. — Quer dizer, não estou em casa. Encontro vocês na delegacia.

Vinte minutos depois, ela e Parker pararam no estacionamento da delegacia. O asfalto era rachado e irregular, e ela pisou em uma poça funda ao sair do carro, encharcando seus tênis. Elas correram em direção ao toldo que cobria a porta dupla de vidro, onde Mackenzie, Ava e Caitlin já se reuniam.

Ava estava com o rosto inchado de tanto chorar e a maquiagem borrada. Caitlin envolvia seus ombros com um dos braços e parecia nervosa, mas determinada. As mãos de Julie se contraíram levemente e uma onda quente de raiva pelo Sr. Granger a percorreu.

— Você está bem? — perguntou ela a Ava, impetuosamente.

— Estou. — Ava estava com uma cara horrível. — Só estou... furiosa. E assustada. — Ela olhou para as outras. — Acho que ele percebeu que vi o telefone.

Julie olhou em volta, meio esperando que Granger estivesse sentado no estacionamento, observando-as. Mas havia apenas fileiras e mais fileiras de carros de polícia.

Ela se virou para a porta.

— Vamos — disse. — Você precisa entregar esse idiota, Ava.

Ela as conduziu para dentro da delegacia. Eram quase nove horas, e a sala de espera estava quase vazia. Um policial jovem com um chamativo bigode moldado com cera estava sozinho na recepção, rindo de alguma coisa na tela do computador. Quando as viu, ergueu uma das sobrancelhas.

— O que posso fazer por vocês, moças? — Ele se inclinou sobre a mesa, olhando-as de cima a baixo. Julie enfiou as unhas nas palmas das mãos. A última coisa de que Parker precisava era ser encarada por um idiota de uniforme.

Julie apontou um dedo para Ava.

— Ela precisa falar com alguém a respeito do assassinato do Nolan Hotchkiss — disse ela, e sua voz ressoou com clareza pela sala.

O policial olhou para cada uma delas, respirando pela boca como um peixe fora d'água. Antes que conseguisse se recuperar, uma voz grossa falou lá dos fundos, atrás da mesa.

— Mande-as para cá, delegado.

Era o detetive Peters, o que tinha ido de sala em sala entregando seu cartão. Ele estivera na turma de cálculo de Julie, e ela tinha disfarçado sua caligrafia do melhor jeito que pudera, torcendo para que não lembrasse em nada as letras alegres que tinha escrito no peito de Nolan.

Em silêncio, o delegado abriu um pequeno portão na recepção e as deixou passar, conduzindo-as para uma grande sala de interrogatório, onde venezianas cobriam uma grande janela. Julie sentiu Parker se enrijecer; quanto mais se afastavam de uma rota de fuga, mais tensa ela ficava. Julie tocou o braço de Parker para reconfortá-la, desejando que ela relaxasse.

Todas se sentaram em desconfortáveis cadeiras dobráveis de um dos lados da mesa retangular. O detetive se sentou diante delas. A sala tinha um leve cheiro de mofo, como se algo úmido tivesse entrado no duto de aquecimento. Em uma das paredes, havia um grande pôster do monte Santa Helena explodindo.

— Desculpem por trazê-las para uma sala de interrogatório. Meu escritório não é grande o suficiente para todos nós. — O detetive Peters sorriu e se recostou levemente a sua cadeira. — Bom, o que querem me contar?

Julie se ajeitou na cadeira, inquieta. Após a hospitalização de Parker, ela conversara com policiais suficientes para saber que Peters estava tentando fazê-las falar mais do que pretendiam.

Julie trocou olhares com as outras. Mackenzie pressionava as pontas dos dedos umas contra as outras, formando padrões rápidos e nervosos. Seu cabelo louro-escuro estava preso em uma trança lateral bagunçada. A boca de Caitlin era uma linha fina em seu rosto. Ela parecia ainda menor que de costume com o enorme moletom do time de futebol norte-americano. Parker apertava a borda da mesa como se fosse a beira de um penhasco e ela não tivesse mais onde se segurar.

— Acho que sei quem matou o Nolan Hotchkiss — disse Ava, finalmente. Sua voz estava tão baixa que Julie mal conseguiu ouvir.

O detetive Peters ergueu as sobrancelhas.

— Acho que foi o Sr. Granger — adicionou Julie. — Nosso professor de cinema.

O detetive umedeceu os lábios, juntando as mãos sobre a mesa.

— É uma acusação muito séria, Srta. Jalali — disse ele, enfim. — Por que está dizendo uma coisa dessas?

— Ele teve... *intimidade* com várias garotas da nossa turma — disse Ava. — E

o Nolan sabia. Ele o estava chantageando.

— Entendo — disse o detetive Peters em um tom sério. — Você tem alguma prova disso?

— Ele deu em cima de mim — disse Ava, infeliz. — Hoje.

— Eu soube que isso aconteceu também com outras garotas — intrometeu-se Julie, apesar de tudo aquilo ser novidade para ela.

— E como sabem que o Nolan sabia?

Desta vez, Parker pigarreou.

— Porque eu era amiga dele. Ele me contou. Ele disse que o Granger tinha fotos das garotas no iPhone.

Julie olhou para Parker, perplexa com sua capacidade de pensar rápido. Elas não tinham ensaiado aquilo. As outras garotas também pareciam ficar surpresas e satisfeitas.

O detetive coçou a cabeça. Ele fixou os olhos em Parker, mas logo os desviou, talvez com aversão de seu rosto.

— Entendo.

— Você deveria verificar o telefone dele — disse Ava. — E... revistar a casa dele para achar a oxi.

— E você deveria pelo menos prendê-lo pelo que está fazendo com essas alunas — acrescentou Julie. — É errado.

O detetive Peters ficou tamborilando sobre o tampo da mesa. Finalmente, balançou a cabeça.

— Talvez o Granger tenha de responder por algumas coisas, mas, até onde sei, a morte do Nolan não é uma delas. — Então ele se recostou na cadeira outra vez e lançou um olhar longo e indecifrável para elas. — Mas temos algumas perguntas para todas vocês.

CAPÍTULO DEZOITO

MAS TEMOS ALGUMAS PERGUNTAS para todas vocês. As palavras reverberaram pela mente de Mackenzie, mas Peters continuou antes que ela tivesse a chance de imaginar o que ele estava falando, que *tipo* de perguntas podia fazer.

— Analisamos o telefone do Nolan logo depois de sua morte. Encontramos algumas fotos suas bastante sensuais, Srta. Wright — disse ele, olhando direto para Mackenzie.

Seu estômago afundou e ela baixou a cabeça, humilhada demais para encarar as outras. Pela reação das outras, ficou claro que não sabiam do que ele estava falando.

— O Nolan faz isso com todo mundo — murmurou ela.

Peters não se deixou impressionar.

— Também rastreamos o endereço de IP de um cyber café, onde o indivíduo postou aquelas fotos do Sr. Hotchkiss... *desfigurado*... na festa. Várias pessoas dizem que uma garota loura da sua altura e compleição física foi vista na hora em questão.

Mac sentiu suas bochechas ficarem vermelhas.

— Não fui eu.

Então o detetive se virou para Ava.

— Também encontramos uma ameaça de morte sua.

Ava se surpreendeu.

— Do que você está falando?

Ele abriu uma pasta de papel pardo que estava na mesa e tirou dali um arquivo grosso. Quando o abriu, a primeira página mostrava mensagens de texto impressas.

— “Se contar a mais alguém, eu mato você” — leu ele em voz alta.

A boca de Ava se curvou para baixo.

— Ele estava espalhando boatos sobre mim. Eu só queria que parasse.

— Vinte pessoas disseram que a viram subindo com ele na noite da festa, Srta. Jalali. — Ele abriu um sorriso de falsa confusão. — Acho que você estava meio desnorreada na última vez em que conversamos, não é?

Então o detetive olhou para Caitlin.

— Todo mundo sabe por que você desejaria a morte dele, Srta. Martell-Lewis. Mas matar um bully não é o jeito certo de lidar com um problema.

Caitlin empalideceu.

— Você não sabe nada sobre mim — disparou ela.

— E guardei o melhor para o final — disse o detetive, erguendo uma foto com um close-up mostrando a palavra *Monstro* no rosto de Nolan. Julie ficou sem ar.

— Ainda estamos esperando o relatório final da perícia, mas estão vendo esse *M* estranho com uma volta no meio? Familiar, não é?

O detetive se levantou.

— Olhem, não sei o que tudo isto significa, mas sei que vocês estão mentindo. Não sei por quê, mas vou lhes dar uma chance: digam a verdade *agora*, e daremos um jeito. É melhor revelar tudo antes que as coisas fiquem muito caóticas.

A sala estava em um silêncio mortal. As mãos de Mac tremiam em seu colo. Ela pensou em confessar que ajudara a colocar oxi naquela bebida. Tinha sido apenas uma brincadeira; afinal de contas, nada mais. Elas não eram *assassinas*.

Julie tomou a palavra.

— Só viemos aqui porque você prometeu que não teríamos problemas se déssemos informações sobre o assassinato. Sabemos que foi o Sr. Granger. Ele tinha a arma, que foi a droga, e o motivo. E você só precisa provar isso.

O detetive Peters sorriu de novo. Dessa vez não foi um sorriso afável e tranquilo, e sim frio e duro.

— Garanto que vamos investigar a possibilidade de o Sr. Granger estar atacando sexualmente as alunas, senhoritas, e vamos conversar com ele sobre isso. Mas quero conversar com vocês sobre Nolan. O Nolan não morreu por causa de oxicodona. Ele foi envenenado com cianureto.

— Envenenado com cianureto? — disparou Mac, embora não tivesse a intenção de falar. Ava a chutou de leve sob a mesa.

— Isso mesmo. — Peters voltou a fechar sua pasta, olhando vagarosa e atentamente para cada uma delas. — Bom, se vocês bolarem mais alguma teoria, não deixem de vir me ver imediatamente. Ou talvez eu lhes faça uma visita antes disso.

Ele olhou para elas como se soubesse de tudo. Por alguns segundos, ninguém se mexeu. O cérebro de Mac girava sem parar em torno da mesma palavra. *Cianureto. Cianureto.*

Então Caitlin se levantou de repente da mesa, empurrando a cadeira para trás e indo até a porta. Mackenzie se levantou e correu atrás dela, e as outras as seguiram.

Do lado de fora, elas se aglomeraram perto do Ford Escape de Mackenzie.

Caitlin enxugou lágrimas furiosas dos cantos dos olhos, depois se virou com raiva e chutou o meio-fio.

— O que vamos fazer? — Os olhos de Mackenzie estavam arregalados. — Devemos confessar a pegadinha? Não colocamos cianureto na bebida dele. Eu nem sei qual é a aparência de cianureto, muito menos como *consegui-lo*.

— Não — insistiu Julie. — Você o viu lá dentro. Ele não vai acreditar em nós.

— Gente, qual é a probabilidade de alguém ter matado o Nolan *exatamente como nós planejavamos*? — disse Caitlin. Seu rosto estava vermelho e sua respiração, rápida, como se ela fosse hiperventilar. — É impossível ser coincidência. Totalmente impossível.

— Com certeza. O Granger *só pode* ter entre ouvido a nossa conversa — disse Ava. — Só pode ser ele. Agora só precisamos de provas. — Seus olhos iam de um lado para o outro. — E acho que sei onde consegui-las.

Era fácil entrar na Beacon Heights High, mesmo tarde da noite: tantos eram os alunos aplicados que iam lá para reuniões e ensaios, que os seguranças mantinham as portas abertas até depois das dez horas quase todas as noites. Quando Mac e Ava passaram pelo saguão, não havia ninguém na cabine da frente para liberar a entrada. Os corredores estavam quietos e escuros, seus passos escoavam pelo vazio. As garotas tinham decidido que era melhor apenas duas irem, e Mackenzie e Ava prometeram ligar para as outras quando terminassem.

— Acha que vamos conseguir encontrar alguma coisa? — perguntou Mackenzie quando pararam diante da porta de Granger. Elas tinham pensado em invadir a casa dele, mas haviam decidido começar pela escola. Por algum motivo, parecia menos extremo.

— Só existe um jeito de descobrir. — Mas, antes de tentar entrar, ela olhou para Mac com curiosidade. — Aquelas fotos no telefone do Nolan das quais a polícia estava falando. Ele estava chantageando você, não é?

Mac baixou os olhos.

— Não exatamente. Foi uma aposta tosca com os amigos dele. E eu fui idiota de cair.

— Todas nós éramos idiotas quando o assunto era ele — disse Ava, segurando a mão dela e apertando com força. — Você não deveria ficar envergonhada. Ele fazia isso com todo mundo. Eu soube que tinha o mesmo tipo de foto da sua amiga Claire.

— Claire? — Mac tomou um susto. Claire nunca lhe contara isso. — Quando? Ava deu de ombros.

— Foi quando eu e o Nolan namorávamos. Mas quem sabe? Ele podia estar

mentindo. Disse que tinha fotos de um monte de garotas.

Então ela se virou e tentou girar a maçaneta. Trancada. Mas Mackenzie também tinha um plano para essa situação. Uma vez, durante uma viagem para um recital, um fagotista do Oregon tinha lhe ensinado a abrir uma fechadura com uma palheta. Ela olhou para os dois lados do corredor e tirou a dura palheta de madeira de sua bolsa de retalhos coloridos. Curvando-se sobre a maçaneta, Mackenzie a balançou. Logo depois, ouviu um suave clique. Elas tinham conseguido.

— Como você aprendeu a fazer isso? — perguntou Ava, perplexa.

Mac abriu um sorriso malicioso.

— Eu sou cheia de surpresas. — Ela recolocou a palheta no bolso e elas fecharam a porta com cuidado ao entrar.

Ainda dava para ver as silhuetas fantasmagóricas de palavras mal apagadas no quadro-negro. Ava foi até o escritório de Granger, que também estava trancado. Mas Mac conseguiu abri-lo e elas entraram.

Estava escuro lá dentro, e o escritório era mais empoeirado que a sala de aula. O ar tinha um leve cheiro do sabonete de pepino da Aveda que Granger usava, e as prateleiras estavam cheias de livros e equipamentos de fotografia.

Mac abriu a gaveta de cima. Estava cheia de trabalhos, pilhas de dever de casa, um bloco de passes de liberação para a excursão que fariam brevemente ao Majestic Theater em Beacon, canetas e cliques de papel. Em um compartimento, elas encontraram um maço de cigarros e uma maçã passada.

— Nada — murmurou Ava.

Mackenzie puxou outra gaveta e percebeu que estava trancada. Ela se agachou diante dela, mexendo com a palheta.

— Esta é difícil — murmurou ela, balançando a palheta, frustrada.

Do lado de fora da porta, alguém assobiava a melodia de “Low Rider”, fora do tom. As garotas congelaram. Um molho de chaves tilintou de forma musical e algo raspou o buraco da fechadura.

Os olhos de Ava se arregalaram no escuro.

— Precisamos sair daqui.

— Estou quase conseguindo! — Mac agitou a palheta mais uma vez e a gaveta se abriu.

A maçaneta da porta chacoalhou sem virar. As chaves balançaram de novo enquanto alguém procurava a certa. Ava enfiou as unhas no braço de Mac.

— Ande *logo*!

— Olhe — murmurou Mac.

Dentro da gaveta estava todo o contrabando do ano anterior. Um Nintendo DS sobre uma revista em quadrinhos. Ao lado, um canivete de madrepérola, um

Zippo e um pequeno cantil prateado. Ava revirou a gaveta com uma expressão angustiada.

— Não tem nada aqui — murmurou ela. — Nada remotamente suspeito.

Algo raspou outra vez na fechadura. Mackenzie puxou Ava pelas costas da camiseta e se escondeu embaixo da mesa no instante em que a porta se abriu.

Randy, o zelador hippie da escola, apareceu no vão da porta. Sua cabeça estava inclinada, e ele olhou em volta, como se conseguisse pressentir que havia alguém ali.

Mac contraiu os lábios, tentando não respirar. Seu coração batia depressa no peito. O que *ele* estava fazendo ali àquela hora? Se Randy as pegasse ali, sem dúvida contaria para o Granger. E Granger contaria à polícia.

Lentamente, Randy andou até o escritório. Seus passos ressoavam no chão. Seu assobio havia parado. Mac não conseguia vê-lo, mas sentiu que estava parado na porta. Ela fechou os olhos e tentou não se mexer. Ava apertou sua mão com força. Mac tinha quase certeza de que ouvira Randy prender o fôlego, avaliando a situação.

Mas aí ele expirou. Ela percebeu que ele se virara, e os passos recomeçaram. Houve o estalido metálico de uma lixeira batendo contra a grande lata de lixo que ele empurrava pela escola. Logo depois, não havia mais passos, e a porta se fechou.

Mac se levantou devagar e olhou a sala de aula vazia diante delas. Assim que percebeu que estava em segurança, correu para a porta, ansiosa para sair dali. Fora por pouco... *muito* pouco. Com a polícia de olho nelas, um passo em falso podia ser o fim de tudo pelo que tinham trabalhado tanto: formatura, faculdade, *Juilliard*. Um passo em falso e suas vidas perfeitas estariam acabadas.

CAPÍTULO DEZENOVE

NA MANHÃ DE SÁBADO, Parker estava sentada no consultório de Elliot, segurando os joelhos com as mãos. O cômodo tinha um leve aroma de vela de canela, e uma música New Age cheia de sons de sinos de vento e didjeridus tilintava suavemente pelos alto-falantes escondidos. O terapeuta lhe oferecia um sorriso gentil do outro lado da sala.

— Então — disse ele. — Como foi essa semana?

— Difícil — admitiu Parker.

— Pode me dizer por quê?

Parker fechou os olhos.

— Muitos policiais estiveram na escola. É horrível.

— Algum deles falou com você?

Ela se enrijeceu.

— Por que falariam comigo?

Elliot ergueu as duas mãos.

— Eu imaginei que falassem com todo mundo em um caso como esse.

Parker deixou seu cabelo cair ao redor do rosto danificado e contorceu a boca. *Isso mesmo, sua idiota*, pensou ela. *Assim você fica parecendo superculpada. Por que não confessa logo o que fez?*

Ela pigarreou. Elliot estava sentado a sua frente com toda a paciência. Ela quase sentia que *podia* contar tudo para ele. Precisava de alguém que ouvisse e quera que fosse ele. Mas depois pensou nas outras garotas. Elas tinham jurado manter aquele segredo.

— A polícia falou comigo, sim — murmurou ela.

Elliot juntou os dedos.

— Perguntaram sobre seu relacionamento com o Nolan?

Parker ergueu um dos ombros.

— Na verdade, *não*. — O detetive tinha avaliado os motivos de cada garota, uma por uma, mas mal olhara para Parker. — Talvez ele tenha sentido pena de mim — murmurou ela. Ela achava que ele se lembrava da época da prisão de seu pai.

Elliot cruzou as pernas e se inclinou para a frente.

— Você *quer* que ele pergunte sobre o Nolan?

— Não — disse Parker rapidamente. Mas depois olhou para o teto. — Talvez.

— É porque quer que saibam o que ele fez? Que foi em parte responsável?

Parker olhou para ele. Lágrimas encheram seus olhos quando ela lembrou que Nolan nem a olhara quando ela tinha voltado à escola depois de ficar internada no hospital.

— Eu só queria que ele tivesse se desculpado — disse ela. — Não teríamos continuado a ser amigos depois daquilo, mas eu poderia ter deixado tudo para trás.

Elliot assentiu, pensativo.

— Já pensou em perdoar o Nolan?

Parker fez uma careta.

— Eu nunca conseguiria.

— Ouça, Parker. O que aconteceu já aconteceu: você não pode voltar atrás. Seu pai está preso, o Nolan está morto. Agora você precisa encontrar um jeito de seguir em frente.

Parker inclinou a cabeça.

— Como faço isso?

Elliot se levantou e estendeu a mão.

— Que tal fazermos uma excursão?

— Você não tem outra sessão?

Elliot balançou a cabeça.

— Hoje só tenho você, Parker Duvall. Então não tem como se livrar de mim.

Ele a conduziu pelo corredor de carpete cinza e os dois saíram por uma porta pesada que dava para o estacionamento. A bicicleta de Parker estava acorrentada ao suporte, mas Elliot a ignorou, dirigindo-se a um carro prateado com alguns adesivos de empresas de carros de corrida na traseira.

— Vamos dar um passeio — disse Elliot, abrindo a porta do carona para Parker.

— T-tudo bem — disse ela, mas seu coração estava acelerado. Ela conhecia Elliot no contexto de uma sala segura. Aventurar-se fora dela era diferente, meio estranho. Mas ela confiava nele.

Elliot se sentou diante do volante e ligou o motor. Em segundos, um rock pesado e rápido de uma banda que Parker nunca tinha ouvido saía em volume alto do rádio. Elliot abaixou o volume, lançando um olhar tímido para Parker.

— Desculpe.

— Tudo bem — disse Parker, tirando o cabelo do rosto por um instante. Ela se viu de relance no espelho lateral e levou um susto. O ângulo das sombras a deixava com uma aparência quase... *normal*. Suas cicatrizes estavam praticamente invisíveis. Elliot entrou na rua principal e dirigiu alguns

quilômetros por um terreno de altos e baixos. Eles passaram pela praça principal e por todas as lojas, várias construções, a escola, e a rua em que Nolan morava, uma rua que antigamente Parker conhecia bem. Ela olhou para o retorno e depois para Elliot.

— Hm, afinal, aonde estamos indo? — Ela pensou que iam estacionar diante da casa do Nolan, e talvez Elliot lhe pedisse para dizer adeus no jardim ou coisa do tipo.

— Você vai ver — anunciou Elliot, pisando no acelerador.

Parker deu de ombros. Talvez continuassem dirigindo até o mar. Até sair de sua *vida*.

Mas Elliot estava parando. Parker franziu a testa ao ver as colinas a sua frente, depois os portões de ferro fundido à esquerda. Em letras ornamentadas se lia CEMITÉRIO MCALLISTER.

Seu coração congelou.

Elliot colocou o carro em ponto morto e desligou o motor. Ele saiu, contornou o carro e abriu a porta de Parker.

Ela o encarou.

— O que você está fazendo? — Sua voz saiu dura e severa. Parker balançou a cabeça com veemência. — Não. Nem pensar.

Elliot franziu a testa.

— Como assim?

— Eu não vou entrar lá. — Parker saiu do carro e se afastou alguns passos.

— Por quê? — Elliot inclinou a cabeça. — O que está se passando na sua mente?

Parker não sabia o que estava acontecendo, só sabia que aquela situação disparava vários alertas. Ela viu flashes de luz, depois sentiu a dolorosa pontada do começo de uma enxaqueca. O rosto de Nolan flutuava em sua mente com os olhos semiabertos. Depois ela viu o rosto do pai, a mão dele descendo várias vezes. Ela ouviu alguém gritar e só mais tarde percebeu que fora ela. Que ela tinha ficado ali deitada, mole e inerte no chão.

Quando olhou para Elliot, só conseguiu balançar a cabeça. A dor a queimava entre as têmporas.

— Não posso entrar lá — sussurrou ela com os olhos bem fechados. — Simplesmente não posso.

Um corvo voou acima deles. A garganta de Elliot oscilou quando ele engoliu.

— Tudo bem — disse ele em um tom fraco. — É que...

— Parker?

Parker se virou. Julie estava atrás dela, angelical em uma blusa diáfana branca e o cabelo sobre os ombros. Seus olhos estavam arregalados de preocupação.

— Eu estava indo à cidade buscar uma coisa para a minha mãe e vi você aqui. O que está acontecendo?

— Graças a Deus você está aqui — disse Parker, apoiando-se em Julie.

— Vamos — disse Julie, estendendo a mão. Ela olhou para Elliot. — Vou levá-la para casa. Pegaremos o próximo ônibus.

Elliot se surpreendeu.

— Hm, claro — disse ele, abrindo caminho. — Eu só estava tentando ajudar.

— Você precisa ter cuidado com ela — disse Julie em um tom protetor, pegando o braço de Parker com cuidado.

A dor de cabeça chegara com força total, bloqueando totalmente a visão de Parker, revirando seu estômago, causando ondas de dor em suas costas.

— Está tudo bem — ela ouvia Julie dizer. — Você vai ficar bem.

— Eu não consegui — gemeu ela, ainda que cada palavra falada doesse. — Simplesmente não consegui.

— Eu sei — disse Julie, parecendo entender, apesar de a própria Parker não compreender muito bem. Talvez fosse outro buraco em sua memória: talvez a antiga Parker odiasse cemitérios. Talvez algo de ruim tivesse acontecido com ela em um lugar daqueles.

Mas, naquele momento, ela não se importava com o motivo. Tudo o que queria era se sentar no banco do ônibus de olhos fechados. Tudo o que queria era nunca mais pensar.

CAPÍTULO VINTE

NAQUELA TARDE, Caitlin estava sentada na ponta da maca coberta de papel em sua clínica ortopédica, empurrando o pé contra a palma da mão do fisioterapeuta em sua consulta semanal.

— Ok, agora flexione — disse o fisioterapeuta, um russo alto e forte cujo nome era Igor, observando seu rosto enquanto ela rodava o tornozelo.

— Não está doendo — disse Caitlin.

— Que bom. — Igor continuou rodando seu tornozelo em várias direções com suas mãos frias e cuidadosas.

No canto, a TV estava ligada em uma estação de notícias local, no mudo, mas com legendas. Um alerta passava pela parte inferior da tela. GAROTO LOCAL ASSASSINADO COM CIANURETO.

Ela estremeceu. Igor a olhou de imediato.

— Doeu?

— Não. — Ela engoliu em seco, de repente com sede. Igor soltou seu pé delicadamente. — Hm, você poderia aumentar o volume? — pediu ela. Igor ficou confuso por um segundo, depois pegou o controle remoto em uma mesinha e o entregou a Caitlin. O som voltou na mesma hora.

“Vamos falar um pouco sobre cianureto”, dizia a repórter com a voz estranhamente alegre. “E, para isso, eu gostaria de apresentar o doutor John Newlin, especialista forense. Doutor Newlin?”

O médico pigarreou.

“O envenenamento por cianureto é um método clássico tanto de assassinato quanto de suicídio, sobretudo porque a droga age com tanta rapidez que parece um problema cardíaco. O veneno impede a vítima de usar o oxigênio, fazendo-a sentir que está sufocando.”

“E o cianureto não é uma substância comum, certo?”, interrompeu a repórter. “No caso Hotchkiss, como um assassino poderia ter tido acesso a ela?”

“Bom”, disse o médico, “há diversas profissões que garantiriam o acesso ao cianureto em uma ou outra forma: químicos, fotógrafos, controle de pestes, refino de minerais, tingimento, impressão... Provavelmente os investigadores estão avaliando pessoas que tenham ligações com essas áreas.”

Caitlin se contraiu. Ela tinha presumido que cianureto seria algo difícil de

encontrar, mas parecia que havia um milhão de jeitos de consegui-lo. E se ela ou as outras garotas o tivessem na garagem de casa ou no porão e nem soubessem? E aí?

“E quanto ao laboratório de química da escola?”, perguntou a repórter.

John Newlin fez uma pausa.

“Um professor de química *saberia* como obter cianureto de potássio. Na verdade, os antigos kits de química o incluíam. Mas é difícil imaginar um professor apresentando uma substância química tão perigosa à turma.”

“Obrigada pela participação, John. A polícia continua sem pistas na investigação do caso Hotchkiss. Na próxima hora...”

Caitlin desligou a TV e se recostou à mesa. Seu coração estava disparado.

— Você era amiga dele? — perguntou Igor com um olhar simpático.

Caitlin mordeu o canto do lábio.

— Eu não o conhecia muito bem.

Igor assentiu.

— Bom, um crime como esse afeta a comunidade inteira, mesmo a quem não era amigo dele. É terrível. Espero que o culpado apodreça na cadeia.

Apodreça na cadeia. Seu coração bateu no ritmo das palavras. Aquele poderia ser seu futuro. Caitlin se lembrou do interrogatório da polícia e do rosto sorridente do detetive quando disse que ela claramente tinha um motivo. Ela estremeceu ao pensar que a polícia estava sentada sem fazer nada, falando sobre *ela*.

Sobre *elas*.

Ela olhou para seu telefone. Ava tinha enviado uma mensagem na noite anterior: *Acabei de revistar as coisas do Bogie no farol. Nada.* Era um código: *Bogie* era o nome que tinham dado a Granger, por causa do Humphrey Bogart, de quem ele sempre falava, e o *farol* era a Beacon Heights High. Para onde iriam depois dali? Como podiam incriminar Granger? Será que ele tinha acesso a cianureto? A repórter dissera que fotógrafos usavam a substância e Granger tinha um clube de fotografia.

Rapidamente, ela mandou uma mensagem para o grupo. *Fotógrafos usam cianureto.*

Seu telefone vibrou quase no mesmo instante. Ela esperava que fosse uma das garotas, mas era uma mensagem de... *Jeremy*.

Está passando uma maratona de Dragon Ball. Achei que você devia saber...

Isso colocou um sorriso inesperado em seu rosto. Ela não falava com ele desde que a levara ao treino na semana anterior, mas tinham se visto nos corredores da escola e sorrido timidamente um para o outro.

Nerd — respondeu ela.

Um nerd reconhece outro — escreveu ele.

— Bom, está tudo melhorando bem — disse Igor, tirando uma caneta do bolso. — A boa notícia é que provavelmente você só vai precisar de mais algumas sessões.

— Ótimo. — Caitlin assentiu.

— E Caitlin? — disse ele alegremente.

Ela o olhou.

— Sim?

— Acabe com eles no grande jogo, está bem? — Ele piscou para ela com um ar conspiratório.

— Obrigada — disse ela, percebendo de repente que mal pensara nas semifinais da quarta-feira seguinte. Com tudo que estava acontecendo, o jogo parecia quase... trivial. Ela pegou a bolsa e saiu. Quando ouviu uma buzina no meio-fio, ergueu o rosto. Josh estava em seu Jeep Cherokee.

— Como está o Igor? — disse ele.

Caitlin se endireitou. Tinha esquecido que ele estava esperando por ela.

— Russo como sempre.

Ela entrou no carro e colocou o cinto de segurança. Josh se inclinou para cumprimentá-la com um beijo. Mas quando ela fechou os olhos para retribuir imaginou-se sentada na garupa da Vespa de Jeremy com os braços a sua volta. Ela estremeceu, horrorizada.

— Então, para onde vamos? Para o Dirk's? — Era o lugar que servia seu hambúrguer preferido, famoso pelas batatas doces fritas.

Caitlin fez uma careta.

— Acabei de comer.

Josh balançou a mão.

— Bom, *eu* estou faminto; então se importa se formos? — Ele ligou o carro sem esperar a resposta dela. — Depois que você sentir o cheiro daquela batata frita vai querer um pouco.

Eu falei que não estava com fome, pensou Caitlin quando se afastaram do meio-fio.

“Empire State of Mind” do Jay Z começou a sair no volume máximo pelos alto-falantes. Caitlin se sobressaltou com o barulho repentino, batendo a palma da mão contra o painel como se tentasse se apoiar. Josh aumentou o volume ainda mais.

— Essa música sempre me faz lembrar da viagem a Cape Disappointment — gritou ele. — Lembra? Nós a ouvimos a caminho de lá umas, tipo, quinhentas vezes?

O baixo era tão pesado que parecia um segundo coração vibrando por seu

corpo. A viagem a Cape Disappointment fora logo depois do primeiro ano deles. Josh acabara de tirar a carteira de motorista e eles foram passar uma semana na praia com vários outros jogadores de futebol. Ela ainda se lembrava das árvores salpicadas de sol passando do lado de fora da janela do carro, todos cantando a plenos pulmões sem nenhuma preocupação. Ela se lembrava da mão de Josh em seu joelho e dos pequenos choques de atração elétrica disparados entre eles. Fora quando Taylor ainda estava vivo, quando Caitlin ainda era feliz e inocente. E antes que ela soubesse quanto o mundo pode machucar as pessoas.

Parecia que tinha sido há muito tempo.

Caitlin sentiu um peso no joelho, olhou e viu a mão de Josh sobre sua calça. Ela ficou chocada ao perceber quanto a mão dele era desajeitada em sua perna. Na verdade, era quase *irritante*.

Ela olhou pela janela, pensando no que Jeremy dissera naquela noite. *Às vezes eu acho que é preciso se afastar para ter um pouco de perspectiva*. Ela não conseguia parar de pensar naquilo. Parecia que estava dizendo que seu jeito de levar a vida era totalmente errado. Mas o que isso queria dizer, afinal? E o que ela devia fazer? O que devia mudar?

Ela olhou para Josh.

— Já pensou no que você faria se não pudesse mais jogar futebol? — A pergunta saiu sem querer.

Ele franziu a testa.

— Quê?

O cinto de segurança parecia apertar sua garganta, e ela o puxou.

— Se você se machucasse ou coisa assim. Ou se desanimasse.

Josh franziu a testa outra vez.

— Por que se preocupar com algo assim? Seu tornozelo está ótimo, Cate. Com certeza você vai continuar jogando futebol.

— É, mas... — Ela soltou um grunhido de frustração. — Quer dizer, e se você se machucasse feio ou coisa assim. Ou se não *sentisse* mais vontade de jogar. O que faria?

Josh quase ultrapassou um sinal vermelho ao olhá-la.

— Você vai parar?

— Não. — Ela se virou para olhar pela janela. — Só estou fazendo o papel de advogado do diabo.

Ele lhe lançou um olhar vazio e quase nervoso, balançando a cabeça.

— Não entendo por que pensar em uma coisa que não vai acontecer. Futebol é vida. — Ele sorriu. Era o slogan de um dos adesivos colados na traseira de seu carro.

— Mas na verdade, Josh, isso vai acontecer. — O coração de Caitlin acelerou.

— Não vamos jogar futebol para sempre. Depois da Universidade de Washington, se nós dois entrarmos... bom, virar profissional é improvável, mesmo que você seja um dos melhores. E precisamos ter *algum* tipo de plano.

Josh parecia magoado.

— Não acha que posso me tornar profissional?

— Não foi isso o que eu disse! — insistiu ela. — E não é essa a questão. Você não acha que é uma boa ideia... sei lá. Desacelerar de vez em quando? Olhar em volta e ver o que quer da vida?

Ele fez um som de desdém. Caitlin o observou por um instante, mas ele não pareceu pensar na pergunta.

— Afinal, o que deu em você nos últimos tempos? — perguntou ele. — Você anda estranha.

Ela deu de ombros, depois decidiu dizer o nome que estava guardando.

— Acho que tenho pensado muito no Taylor. A coisa do Nolan... trouxe à tona muitas lembranças. E, tipo... a vida é *muito* curta. E nós a passamos correndo de um lado para o outro do campo.

Josh balançou a cabeça.

— Sinceramente não entendo o que o Taylor ou o Nolan têm a ver com o futebol.

Ela virou a cabeça para ele.

— Eles têm tudo a ver com o futebol. Se eu não estivesse tão envolvida com o futebol, talvez tivesse percebido o que estava acontecendo com o Taylor. E agora não consigo parar de pensar nisso.

Josh continuava com uma expressão vazia.

— Bom, talvez devesse parar. Porque isso vai estragar seu jogo. Estragar sua chance de entrar para a Universidade de Washington.

Ela ficou boquiaberta.

— E depois... o quê? Você não vai mais gostar de mim se eu não ganhar o grande jogo? Não vai mais gostar de mim se eu *pensar* no que aconteceu em vez de varrer tudo para debaixo do tapete?

Josh parou em um sinal vermelho.

— Nossa, Caitlin. Você anda implicando comigo nas últimas duas semanas. E eu nem *fiz* nada.

Mil palavras ficaram congeladas na garganta dela. *Eu só queria que você me ouvisse, teve vontade de gritar. Quero poder conversar com você sobre o Taylor sem você ficar estranho. Quero que você me abrace e diga que vai ouvir, seja pelo tempo que for. Quero que você entenda, mesmo que não entenda. E é isso o que mais magoa.*

Mas, por algum motivo, ela não conseguia falar aquilo. Talvez fosse porque os

dois estavam juntos havia tempo demais. Tinham desenvolvido o hábito de *não* dizer tantas coisas, que era estranho ser honesta. Ou talvez fosse porque tudo era verdadeiro demais, e falar provaria o quanto os dois estavam desconectados. Perceber aquilo era duro, mas de repente Caitlin enxergava claramente: além do futebol, ela e Josh não tinham *nada em comum*. Nada mesmo.

Ela tirou o cinto de segurança e abriu a porta do carro.

— O que é isso? — perguntou ele, voltando o rosto chocado para ela.

Ela saiu do carro e ergueu uma das mãos.

— Amor, volte para dentro do carro — exigiu Josh.

Caitlin balançou a cabeça, batendo a porta com força.

— Preciso de um tempo sozinha — disparou ela pela janela aberta.

— Caitlin, o que foi que eu fiz?

Por um instante, Josh ficou indeciso, e ela quase teve medo de que ele saísse do carro e fosse atrás dela. Porém, o sinal abriu. Atrás dele, os carros começaram a buzinar. Ele a encarou por um bom tempo. Confuso. Depois balançou a cabeça, ergueu a mão em um gesto de “que se dane”, saindo em alta velocidade pela rua.

Ela ficou ali por um instante, sentindo os cheiros de exaustão dos carros e das folhas levemente podres. Seu coração latejava alto em seus ouvidos. Ela nunca fizera nada assim, ela e Josh quase nunca discutiam. Era assustador fazer algo tão incomum. Mas, de certa forma, também era libertador.

Ela pegou seu telefone, prestes a chamar alguém para buscá-la: — suas mães? *Jeremy*? — quando viu alguém que passava correndo. Ela olhou com mais atenção. *Granger*.

Ele estava de short de corrida e camiseta de manga comprida, mas seu passo era lento, quase relaxado. Ele a encarou ao passar. Um sorrisinho estranho repuxou os cantos de sua boca. Ele deu um pequeno aceno irônico e se foi.

A mão de Caitlin tremia. Ela conhecia aquele olhar. Ela o lançara a Nolan mil vezes depois da morte de Taylor. A mensagem era muito clara: *você vai se ferrar, e não há nada que possa fazer a respeito*.

CAPÍTULO VINTE E UM

NO SÁBADO À NOITE, Julie entrou no Maru's Sushi e chacoalhou a água do guarda-chuva xadrez que acabara de pegar emprestado. Estava caindo um temporal, mas embora sua casa fosse cheia de, bem, *absolutamente tudo*, ela não conseguira encontrar um único guarda-chuva em nenhuma das pilhas. Entretanto, tinha encontrado dois grupos de alunos da escola no estacionamento, e várias pessoas tinham se oferecido para lhe emprestar um guarda-chuva. Uma das garotas, uma aluna do penúltimo ano chamada Sadie, dissera que *seguraria* o guarda-chuva sobre a cabeça de Julie enquanto ela percorria a curta distância até o restaurante. “Vocês são umas fofas”, dissera Julie, aceitando graciosamente o guarda-chuva Burberry de Sadie e prometendo devolvê-lo na segunda-feira. Às vezes, a popularidade tinha seus privilégios. Era a única alegria de um mundo em colapso.

Agora, ela olhava o restaurante vermelho e dourado. O ar cheirava a molho shoyu e gengibre, sua combinação preferida de aromas. Lanternas de papel pendiam em cima das mesas, emanando uma luz suave. Atrás do bar, um chef de comida japonesa franzia a testa de concentração e sua faca se movia rapidamente sobre a tábua de corte. Finalmente, ela viu Carson em uma mesa no canto sob o enorme quadro de um salmão em estilo *Gyotaku*. Ele estava olhando para o cardápio e não a notou. Ela ainda não conseguia acreditar que deixara Parker convencê-la a fazer aquilo. “Você *merece* um encontro perfeito, ainda mais depois das últimas semanas”, dissera ela, e pegara o telefone de Julie, respondendo a mensagem de Carson com um enfático *sim*.

— Oi — disse ela ao se aproximar, nervosa.

Os brilhantes olhos verde-oliva de Carson se ergueram para os dela, e ele pareceu se surpreender, levantando-se tão rápido que seus joelhos bateram na mesa. Julie escondeu o sorriso. Ela usava seu vestido preto preferido, com detalhes de couro falso, e grandes brincos cintilantes. Parecia algo que a Ava usaria.

— Oi. — Ele contornou a mesa a fim de puxar a cadeira para ela. — Hm, você está fantástica. — Ela adorava o jeito como ele dizia as vogais com sotaque. Fan-tás-ti-ca.

— Obrigada. Você também. — Ele usava um blazer cinza, calça jeans surrada

e uma camiseta vintage com uma estampa dos anos 1970 de um sol se pondo sobre palmeiras. Julie percebeu que todas as garotas do restaurante se viravam para olhá-lo, mas fingiu não notar.

A garçonete se aproximou da mesa com a caneta posicionada sobre o bloco. Carson olhou o cardápio.

— Então, o que tem de bom aqui?

— Bom, sem dúvida devemos pedir rolinhos de atum picantes e sashimi de enguia e de salmão. E o *ebi*. Ah, e a sopa de missô. E provavelmente um pouco de *inari* — disse Julie.

Ele começou a rir.

— Quanto peixe você planeja comer?

— Fique sabendo que isto aqui não é para amadores. — Ela ergueu uma das sobrancelhas, fingindo um desafio, e ele sorriu para a garçonete.

— Tudo bem. Traga tudo o que ela disse.

— E um pouco de edamame! — adicionou Julie quando a garçonete começou a se afastar. — Por favor!

Ela olhou nos olhos de Carson e sorriu. Ele era deslumbrante, com as manchinhas douradas nos olhos e a pele escura e lisa. Julie quase não conseguia acreditar que quisera sair com *ela*.

— Então, Julie, conte alguma coisa sobre você que eu não saiba — disse ele, brincando com o canudo de seu copo de água.

Julie se surpreendeu. Havia muito que ele nunca poderia saber. Ela analisou os detalhes de sua vida, procurando algo inócuo.

— Eu sou salva-vidas na piscina coberta do Centro de Recreação de Beacon. São só um monte de crianças bagunceiras e velhinhas nadando.

Os olhos dele cintilaram.

— Uma salva-vidas? Tem certeza de que não é australiana?

— Talvez eu seja uma australiana honorária — brincou Julie. — Imagino que lá todo mundo já nasça sabendo nadar, não é?

— É mais ou menos isso — disse Carson, com o punho apoiado no queixo enquanto olhava para ela. — E, sabe, todo mundo vai para a escola de canguru e luta com crocodilos.

— E eu pensando que vocês só ficavam dirigindo pelo deserto e falando com um sotaque sexy.

— Você acha meu sotaque sexy? — A voz dele estava baixa, e um sorriso brincava em sua boca.

Julie também sorriu, cheia de uma autoconfiança repentina.

— O sotaque, sim. Ainda não cheguei a uma conclusão sobre todo o resto.

— Bom — disse Carson, inclinando-se para a frente e apoiando os cotovelos

na mesa. — Vejamos se consigo fazer você mudar de ideia.

A garçonete trouxe o edamame, e eles trocaram histórias, rindo quase o tempo todo. Carson lhe contou que fazia filminhos cômicos com os amigos em Sydney, e que surfava no mar de Tasman.

— Uma vez, um tubarão branco ficou rondando a minha prancha por quarenta minutos — disse ele, arregalando os olhos. — Tive de ficar ali e esperar que fosse embora. Tive certeza de que ia virar isca de tubarão.

— Você acha isso assustador? — implicou Julie. — Uma vez, minha amiga Parker me convenceu a pegar carona até Portland para um show da Taylor Swift. Passamos horas na autoestrada sem ter sorte. E então um cara bizarro nos pegou. O carro dele era cheio de bonequinhos *bobbleheads*, tipo, *lotado*, e ele não parava de cantarolar uma música esquisita que parecia ser de um filme de terror. Estávamos tão apavoradas que o fizemos nos deixar na saída seguinte. E então apareceu *outro* carro, e era o Sr. Downing, nosso professor de álgebra. — Ela riu ao se lembrar. — Digamos apenas que não conseguimos ver a Swift.

Carson pegou uma vagem de edamame.

— Eu viajei um pouco de carona em Sydney e nos arredores... às vezes é perigoso. Quem é essa amiga de quem você está falando? A Parker?

— É. — O sorriso de Julie diminuiu um pouco.

— Ela estuda na nossa escola?

Julie puxou uma bolinha imaginária de sua manga. Mas, antes que tivesse de pensar em como descrever Parker, a garçonete chegou com os sushis e os rolinhos, e o assunto morreu. Carson fingiu estar horrorizado ao ver a montanha de comida na mesa.

— Como vamos comer isso tudo?

— Você já *provou* enguia? — desafiou Julie. — Pode acreditar em mim. Você vai lamber o prato. — Ela pegou uma peça com seus pauzinhos e a mergulhou no molho shoyu. Carson sorriu e seguiu seu exemplo.

Depois de um pouco mais de conversa amena, Julie se levantou e pediu licença. Ela entrou no banheiro e verificou sua maquiagem no grande espelho redondo acima da pia. Depois experimentou dar um grande sorriso, honesto e lindo. Tudo estava indo tão bem que ela quase conseguia acreditar nele. Talvez realmente *pudesse* fazer aquilo. Talvez pudesse até ter um relacionamento. Talvez fosse fácil guardar seu segredo. Nyssa nunca fora à casa de Julie e elas eram amigas havia anos.

Ela revirou as profundezas de sua bolsa em busca do batom rosa-pétala que comprara especialmente para aquela noite, pensando em como fazer mais perguntas a Carson sobre a vida na Austrália. Ele era muito brincalhão e engraçado sem ser convencido ou chato. Ela fechou a tampa do batom e

estendeu a mão para pegar um pedaço de papel e retirar o excesso. Então um rosto apareceu no espelho atrás dela.

Julie quase gritou.

— Oi para você também — disse Ashley Ferguson, abrindo um sorriso frio nos lábios finos.

Ashley estava com uma minissaia que era no mínimo um tamanho menor que o dela. Seus seios apareciam de um jeito constrangedor por cima do decote do suéter justo de caxemira. Sua maquiagem era quase igual à de Julie, só que ela tinha usado tons levemente errados: a base era escura demais e ela conseguira espalhar um iluminador cintilante pelo rosto inteiro. Era como olhar para si mesma em um espelho de parque de diversões, distorcida e grotesca.

— O-o que você está fazendo aqui? — disparou Julie.

Em silêncio, Ashley arrancou a bolsa de Julie de suas mãos, pegando o batom e aplicando-o diante do espelho. Era claro demais para sua pele, mas ela estalou os lábios em aprovação. Depois jogou o batom na própria bolsa.

— Hm, desculpe, mas isso é meu — disse Julie, encarando Ashley sem acreditar.

— Mas você é tão legal que achei que ia querer dividir — disse Ashley suavemente, jogando o cabelo por cima do ombro.

— Bom, eu não quero. Devolva, por favor — disse Julie, estendendo a mão. Aquele batom lhe custara dois salários.

Mas Ashley se limitou a olhá-la com um ar desafiador.

— Não.

Julie trocou o peso de um pé para o outro, perdendo a paciência. Já tinha de lidar com coisas demais naquele momento, não precisava daquela garota obcecada ainda por cima.

— Você não pode sair por aí roubando as coisas dos outros. *Nem* a aparência — bufou ela. — E você nem fica gata com esse estilo.

Em vez de ficar perplexa ou envergonhada, Ashley se limitou a sorrir, estranhamente animada.

— *Gata*. Que escolha interessante de palavra.

— Que se dane, Ashley. Arrume o que fazer da vida e pare de tentar roubar a minha — disse Julie, pegando seu batom na bolsa da outra e saindo do banheiro, orgulhosa de finalmente ter enfrentado alguém. Talvez a polícia conseguisse atormentá-la, mas Ashley Ferguson, não.

E, sobretudo, ela tinha um encontro para terminar.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

NA SEGUNDA-FEIRA SEGUINTE, Ava entrou se arrastando na aula de cinema de cabeça baixa. Essa era a pior parte da escola: independentemente do que acontecesse e de com quem você brigasse, quem terminasse com você ou se um professor tentasse molestar você na casa dele, mesmo assim era preciso ir para as mesmas aulas todo dia. Enfrentar os mesmos demônios e humilhações. Não dava para fugir e se esconder, por mais que se quisesse.

Por exemplo: lá estava o Sr. Granger andando entre as carteiras, com os dedos enfiados com insolência nos prendedores de cinto e uma expressão de superioridade.

— Então — disse ele para a turma. — O que *O destino bate à sua porta* tem de diferente dos outros filmes a que assistimos nesta unidade?

Silêncio. Quando Granger passou pela carteira de Ava, ela baixou a cabeça de propósito. Para seu horror, ele parou a seu lado. Ficou tão perto que ela sentia o calor de seu corpo.

— Srta. Jalali? — Ela estremeceu ao ouvir o seu nome. A voz dele era gélida. — O que você acha?

Ava ergueu o rosto e olhou através de sua longa cortina de cabelo.

— Hm... uma das coisas que me chamou atenção foi o fatalismo do filme — conseguiu dizer ela. — Em *O vingador invisível*, a questão era que o juiz tinha de punir as pessoas porque senão nunca seriam punidas. Então o filme fala da humanidade tentando ter um pouco de controle sobre a própria condição. Mas nesse filme é quase como se o destino tivesse feito uma armadilha antes que os personagens nem se conhecessem. A Cora e o Frank são punidos porque são, tipo, condenados à punição.

— Porque eles são, “tipo, condenados”? — desdenhou o Sr. Granger. — Muito articulada. Alguém tem uma observação menos óbvia a fazer? Colette, o que você acha?

Ava se curvou na cadeira, ouvindo ao longe o murmúrio de seus colegas de turma. Tudo o que ela queria era encontrar um jeito de provar que Granger tinha assassinado o Nolan para ele ser preso e suas amigas ficarem seguras.

Mas então notou algo em sua mesa. Era um pedaço de papel dobrado, aparentemente deixado ali um segundo antes. Ava olhou para os outros alunos,

mas ninguém estava prestando atenção nela. Na verdade, o único olhar que recaía sobre ela era o de Granger. Ele a encarava da frente da sala, baixando os olhos para o papel.

O estômago de Ava se contraiu. *Ele* escrevera aquilo.

Ela colocou o pedaço de papel no colo e o abriu, reconhecendo a letra dele por causa dos comentários em seus trabalhos.

Algumas pessoas sabem que devem ficar caladas... acho que você não é uma delas. Eu tomaria cuidado se fosse você.

E P.S.: Se mostrar isso para alguém, eu vou saber. Não brinque comigo.

Ava ficou boquiaberta. Ela olhou para Granger outra vez, mas ele estava virado para o quadro-negro, segurando o giz. Aquilo era uma ameaça? Como a polícia não tinha encontrado aquelas fotos? Ela lembrou aquele momento na casa dele, quando ele a vira olhando para seu telefone. Ele devia ter percebido que ela as vira e deletado todas as provas. Finalmente, o sinal tocou e Ava se levantou rapidamente, desesperada para sair da sala. Ela precisava se afastar o máximo possível de Granger.

— Ei! Ei, Ava, espere!

Embora soubesse que era o namorado, Ava não diminuiu o passo. Alex a alcançou no corredor, ofegando.

— Ei, você está bem?

— Ótima — disse ela, sem desacelerar.

— O que deu no Granger hoje? Ele foi um babaca. O que você falou tinha tudo a ver.

Ela deu de ombros.

— Acho que ele estava de mau humor.

— Ei. — Alex segurou o braço dela e a fez parar no meio do corredor. Os olhos dele perscrutaram seu rosto. De repente, Ava não conseguiu mais resistir. Seus olhos se encheram de lágrimas, seu lábio inferior começou a tremer. Ela tentou virar as costas, mas ele tocou seu cotovelo.

— Ei — disse ele suavemente, olhando-a com ternura. — Quer sair daqui?

Ela hesitou. Não sabia se estava com vontade de ter companhia, de *ninguém*. Mas a ideia de ficar no campus, onde ela se arriscava a esbarrar com o Granger ou, pior, com o detetive Peters, lhe causou uma onda de enjoo. Ela enxugou as lágrimas com impaciência.

— Ok — disse ela. — Vamos.

Eles pegaram o carro de Alex. Ava olhava pela janela enquanto eles passavam por lojas sofisticadas e pedestres sob guarda-chuvas coloridos. Alex aumentou um pouco o volume do rádio quando “Here Comes the Sun” dos Beatles

começou a tocar, cantando junto em voz baixa enquanto passavam pelo lago Washington e entravam na cidade. Ele era adoravelmente desafinado.

Enfim os dois chegaram ao arboreto do Washington Park. Alex abriu um enorme guarda-chuva de xadrez azul e verde e bateu a porta do carro, contornando-o para colocá-lo sobre a cabeça de Ava quando ela saiu para a chuva. Ela respirou fundo. O ar tinha cheiro de terra e pinheiros.

— Eu não vinha aqui desde que era criança — disse Ava, olhando em volta. — Mas sempre amei este lugar.

— Achei que ia alegrar você — disse Alex em um tom carinhoso.

Ele comprou duas entradas e eles entraram no parque. A respiração de Ava ficou presa na garganta. Seattle não tinha muitas cores de outono, pois a chuva mantinha tudo verde e viçoso durante o ano todo, mas ali um choque de folhas douradas e vermelhas se agitava no alto como chamas. Um riacho tranquilo ziguezagueava entre pedras cobertas de limo, murmurando suavemente na chuva. Eles começaram a percorrer o caminho de pedras, as únicas pessoas no parque. *As únicas pessoas no mundo*, pensou Ava, olhando para Alex.

— Então, você está deixando o Granger te afetar — disse ele. — Dá para notar.

Ava baixou a cabeça.

— Ele estava de mau humor. Talvez não tivesse garotas suficientes suspirando por ele hoje de manhã.

Alex balançou a cabeça com uma expressão enojada.

— Eu não entendo por que tantas garotas estão a fim dele. Ele parece um tarado. — Ele franziu a testa. — Mas parecia que vocês estavam se dando bem. Tipo, ele elogiava você por *tudo*. O que aconteceu com o trabalho que você ia refazer?

Ava desviou os olhos. Deveria ter imaginado que Alex não esqueceria aquilo. Ela deu de ombros.

— No final das contas, ele não me deixou refazer.

— Ava — disse Alex em um tom sério. — Eu *conheço* você. E esse seu comportamento está muito estranho. Está acontecendo alguma coisa, não é? Por favor, me conte. Seja o que for, eu vou entender.

Ava sentiu suas bochechas corarem. Aquilo não era justo com Alex. Talvez ela precisasse abrir o jogo. Bom, pelo menos abrir *um pouco*.

— Ele meio que... deu em cima de mim, ok? — soltou ela.

Uma expressão de raiva passou pelo rosto de Alex.

— *Quando?*

Ela balançou a cabeça, humilhada.

— Eu fui vê-lo outra vez. Na casa dele. — Ela baixou a cabeça. — Era para o

trabalho ou pelo menos foi o que achei. Na verdade, era tudo uma armação.

Alex a puxou para um abraço, acariciando suas costas em pequenos círculos.

— Sinto muito, Ava. Mas você precisa ir à polícia. Sabe disso, não é? Ele vai ser demitido.

— Para ser sincera, eu tentei.

Alex se afastou e a olhou, perplexo.

— Tentou?

Ava estava morrendo de culpa. Em geral, ela e Alex contavam tudo um para o outro.

— Há alguns dias. Eles não acreditaram em mim.

— Por que não?

Ava deu de ombros, tentando encontrar uma resposta que fizesse sentido.

— Porque sou só uma garota bonita inventando coisas. Ou talvez eles também tenham ouvido os boatos. — Ela riu, constrangida.

— Isso não é engraçado. — Alex andava de um lado para o outro. — Nossa, que horror. Lembra que eu disse que tinha uma coisa para contar sobre ele? Bom, já vi garotas irem à casa dele. *Muitas*. De idade universitária. Talvez até da *nossa* idade. E agora que ele deu em cima de você... é pior ainda. Ele precisa ser punido.

— Espere. — Ava o encarou. — Você viu garotas da nossa idade entrarem na casa dele? Tem *certeza*?

Alex assentiu.

— Absoluta.

Ela segurou a mão dele.

— Talvez *você* possa falar com a polícia.

Alex deu de ombros.

— Não sei o que iam pensar disso depois de não terem acreditado em você. Provavelmente iam achar que só estava tentando defender você ou coisa do tipo. Não tenho provas concretas.

— É verdade — disse Ava, desanimada, curvando os ombros.

— Mas posso observá-lo, se você quiser — disse Alex em um tom delicado.

— Esse cara precisa ser detido. O que ele está fazendo é errado.

— Obrigada. — Ava o olhou. — Então, não está zangado?

— Com você? — Alex balançou a cabeça. — Ava, eu te *amo*.

— Eu também te amo.

Ele a abraçou de novo, e ela se apoiou nele, sentindo uma onda de gratidão. Se Alex continuasse vigiando Granger, talvez encontrasse provas do que ele estava fazendo. E se a polícia o prendesse por ser um nojento, talvez investigassem todo o resto de sua vida. *Incluindo* o Nolan.

Sua pulsação começou a se acelerar outra vez quando ela percebeu que não tinha sido totalmente sincera com Alex. O que contara era *quase* a verdade... mas deixava muito de fora. Tudo sobre o Nolan.

Tomara que ele nunca precisasse saber.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

NO DIA SEGUINTE, Mackenzie e Julie se encolhiam sob o para-brisa do carro de Julie que estava no estacionamento de Beacon Heights. A aula já tinha acabado, e um sol estranhamente quente batia nelas através do teto solar. Mac estava impressionada com o carro imaculado de Julie, não havia um papel de chiclete nem uma lata de refrigerante em lugar algum, apenas um casaco extra no banco de trás. E embora elas estivessem cercadas por Mercedes, BMWs e Audis comprados por pais que tinham mais dinheiro do que conseguiam gastar, o carro de Julie era um Subaru velho de câmbio manual.

— O que os seus pais fazem, afinal? — perguntou Mac em um tom preguiçoso. Ela tinha acabado de perceber que não sabia muito sobre a vida doméstica de Julie. As outras garotas se queixavam da vida: Ava reclamava de seu pai e de sua madrasta, Caitlin resmungava pelo fato de suas mães fazerem os papéis de policial mau e policial bom, e ela sem dúvida lamentava seus pais ultrarrígidos e sua irmã enjoada.

Julie desviou o rosto.

— Hm, eu não convivo com o meu pai. E a minha mãe... — Ela se contraiu. Abaixou-se. Lá está ele.

Mac se abaixou bem na hora em que o Sr. Granger saía por uma das portas sob a marquise em direção ao ginásio com a sacola balançando em uma das mãos. Em instantes, ele desapareceu ao passar pela porta dupla do ginásio.

Julie olhou para ela.

— Será que ele vai malhar?

— Parece que sim — disse Mac. A academia da Beacon Heights High era de primeira linha, e muitos professores também a usavam.

— Devemos entrar? — murmurou Julie.

Mac deu de ombros. Elas estavam seguindo Granger havia uma hora e meia. As outras haviam feito turnos no dia anterior e naquele na esperança de que algo que ele fizesse as levasse à verdade do que acontecera com Nolan. Mas até então suas emboscadas tinham sido um fracasso. No dia anterior, elas o haviam seguido até o supermercado, a biblioteca pública e a um bar de esportes lotado de fãs do Seahawks... e ele nem sequer dera em cima da garçonete. Naquele dia, elas o haviam seguido da escola até o Starbucks e agora de volta ao ginásio.

Mac encostou a cabeça no apoio do banco e suspirou.

— Ele é o assassino mais entediante da história.

Julie balançou a cabeça.

— Mais cedo ou mais tarde ele vai escorregar. Só precisamos estar presentes quando isso acontecer.

Mackenzie torceu a boca para o lado, cética. Ela queria acreditar em Julie, mas não tinha a mesma certeza. Granger parecia estar vivendo sua vida sem a menor preocupação. Ele não fazia *nada* suspeito.

— Eu só queria que o namorado da Ava tivesse um registro das garotas que entram e saem da casa dele — murmurou ela. Ava lhes contara a revelação que o namorado fizera no dia anterior sobre os casos extracurriculares de Granger.

— Mesmo assim, isso pode não ligá-lo ao Nolan — disse Julie. Depois olhou para Mac. — Você pode ir, sabe. Provavelmente precisa ensaiar, não é? É inútil estragar o futuro de nós duas.

Mac fechou os olhos. Claro que ela precisava ensaiar, mas isso estava longe de seus pensamentos. Seu telefone tocou baixo nas profundezas de sua mochila. Ela o procurou, e, quando viu o nome na tela, seu coração se acelerou. *Blake*.

Eles não se viam havia uma semana. Na verdade, Mac também não via Claire havia alguns dias; elas não tinham se falado no final de semana, e ela não fora à escola no dia anterior nem naquele. Mac pensara em mandar uma mensagem de texto para ver se estava doente e precisava de seus deveres de casa, algo que faziam antes, mas por algum motivo não conseguira se obrigar a fazer isso. Só conseguia pensar que Claire havia mentido para ela naquele dia na Disneylândia.

O telefone continuou tocando. Mac sabia que não devia atender a ligação de Blake, mas mesmo assim sentiu seus dedos se aproximarem do botão de atender na tela.

— Oi, Macks. — A voz suave de Blake saiu pelo fone. — O que você está fazendo?

— Hm, nada — mentiu ela, lançando um olhar culpado a Julie. — E aí?

— Venha me encontrar na balsa — disse ele.

— Como assim, em Seattle? — zombou ela. — Não posso.

Julie ergueu uma das sobrancelhas para ela, mas virou-se para a janela.

— Por que não? — Blake parecia decepcionado.

— Porque... porque preciso fazer umas coisas. — *E porque você não é meu*, ela queria adicionar.

— Mas não vejo você há dias — murmurou ele. — Venha. Tem uma sorveteria na Bainbridge Island que faz o melhor doce de leite. Eu compro uma casquinha para você. Compro dez casquinhas para você. — Ele fez uma curta pausa. — Estou com muitas saudades.

O coração de Mac saltou. Há quanto tempo ela queria que ele dissesse algo assim? Ela olhou para Julie, cobrindo o telefone com uma das mãos.

— Será que você *poderia* terminar isto sem mim?

Julie assentiu.

— Claro.

Mac ficou feliz por Julie não perguntar o motivo.

Mackenzie retirou a mão e voltou a falar no telefone.

— Ok, estou indo.

O píer estava cheio quando ela chegou, quarenta e cinco minutos depois. Filas de carros de gente voltando do trabalho esperavam para embarcar enquanto turistas posavam para fotos diante do Puget Sound. Gaivotas soltavam gritos agudos, girando no alto e mergulhando em direção à corrente. O sol estava se pondo e a luz mudava constantemente, como se alguém estivesse brincando com um interruptor que controlasse o clima.

Blake a encontrou perto da cabine de passagens da balsa. Seu cabelo revoltado saía por baixo do gorro preto. Ela ergueu a mão para cumprimentá-lo, sem graça.

Ele parecia meio surpreso por ela realmente ter ido, como se tivesse acabado de ganhar um concurso ou coisa do tipo. Depois se abaixou e pegou sua mão.

— Vamos.

Eles subiram a longa escada e embarcaram. O deque panorâmico não estava muito cheio; um grupo grande de aposentados com casacos combinando olhava por binóculos, e uma garota magra com uma calça larga de fibra de cânhamo estava sentada em um banco abraçando os joelhos, mas fora isso estavam sozinhos. A buzina da balsa ressoou sobre a água quando saíram. Atrás deles surgia a silhueta de Seattle.

— Eu amo barcos — disse ele, encostando-se à grade de proteção. — Às vezes eu venho aqui até no meio do inverno. Normalmente sou o único no deque panorâmico durante uma chuva gelada. Os mais inteligentes ficam na galeria bebendo chocolate quente.

— Você já foi às ilhas San Juan? — perguntou Mackenzie. Como ele fez que não com a cabeça, ela continuou. — Meus pais têm um chalé lá. Vamos todo verão. Bom, íamos. Agora, somando minha irmã e eu, temos competições e ensaios demais para tirar um mês de férias. — Ela sorriu, lembrando a casinha de praia manchada de maresia. — Meu pai nos levava para velejar todos os dias de manhã. Eu adorava.

Eles ficaram lado a lado em silêncio por alguns minutos, observando a balsa atravessar a água. Respingos do mar pontilhavam levemente seu rosto. O vento estava um pouco frio, e ela ficou feliz por estar usando seu sobretudo vintage.

— Olhe — disse ele, apontando para a água. — Baleias. — Ela se virou e viu algumas costas cinzentas atravessando a água. Seus olhos se arregalaram quando uma enorme barbatana cinza saiu da água antes de bater contra a superfície e desaparecer. Os aposentados encostados à grade arfaram de satisfação. Uma segunda baleia colocou a cabeça para fora d'água e olhou a balsa com os olhos redondos.

Mackenzie virou-se para Blake.

— Eu terminei com a Claire — disparou ele, antes que ela conseguisse dizer qualquer coisa.

Mackenzie tomou um susto.

— Você... o quê?

— Ontem à noite. Falei para ela que tinha acabado.

Mackenzie se segurou à grade com os membros repentinamente pesados e moles. Talvez fosse por isso que Claire não tinha ido ao ensaio da orquestra. Devia estar em casa se debulhando em lágrimas. Uma minúscula parte dela sentiu pena da amiga, ainda mais depois de ter descoberto com Ava que o Nolan também podia ter chantageado a Claire. Mas depois se lembrou outra vez de que Claire havia mentido para o Blake sobre ela e o roubado.

— Vocês brigaram?

Ele deu de ombros.

— Na verdade, não. Mas, como eu falei, isso já estava para acontecer havia muito tempo. — Ele olhou para a água. — Eu não contei a ela sobre nós, só para você saber. A última coisa que quero é estragar a amizade de vocês.

Mackenzie tirou os óculos e enxugou as gotas d'água nas lentes.

— Sinceramente, a nossa amizade já é bem estragada.

— Como assim?

— Que tipo de amigas constantemente torcem para a outra fracassar? — Ela deu de ombros. — Nós competimos por tudo. Até por você.

As bochechas de Blake coraram.

— Desculpe por ter ficado entre vocês duas.

— Se não fosse você, teria sido outra coisa ou pessoa. Às vezes eu me pergunto se realmente a conheço.

— Sabe o que ela falou quando terminei? — disse Blake. — Que em breve eu voltaria rastejando.

Mac estremeceu.

— Sério? — Mas baixou o rosto. Talvez isso não devesse surpreendê-la. Claire passava por cima de tudo o que estivesse no seu caminho ou lhe causasse dor; sempre conseguia o que queria. Provavelmente era por isso que ela, e não Mac, ficaria com a vaga na Juilliard. Afinal de contas, era Mac quem estava ali,

quando Claire provavelmente estava treinando. Seu coração doeu. Valia a pena ela sacrificar aquilo por Blake? Ela estava com a cabeça no lugar?

Mas quando olhou outra vez para ele, achou que talvez valesse.

— Como você está? — perguntou ela em um tom suave.

Ele ergueu o rosto com uma expressão de surpresa. Depois abriu um sorriso tímido.

— Sinceramente... meio que ótimo. Quer dizer, eu nunca quis magoá-la, mas parecia que eu estava carregando um peso enorme.

Mackenzie arrancou um pedaço de tinta solta da grade de metal. Ela tinha a impressão de que não estavam falando de algo muito importante. Mac tinha medo de perguntar, mas já cometera esse erro. Era o que havia acontecido na última vez em que ela tivera uma chance com Blake. Ela tinha gostado dele de longe, olhando quando passava pelos corredores, nunca dizendo como realmente se sentia. Aquela era sua chance. Ela respirou fundo.

— O que isso significa para nós? — Sua voz quase desaparecia no vento, mas ela se obrigou a encará-lo.

Ele a olhou fixamente.

— Depende de você. Acho que já sabe que sou louco por você.

Por uma fração de segundo, ela pensou em Claire. Era fácil imaginar seu rosto chocado, magoado e molhado de lágrimas. Mas também era fácil se lembrar de sua expressão convencida quando tinha aparecido de mãos dadas com Blake no concerto de primavera do ano anterior.

Antes que pudesse mudar de ideia, Mackenzie se aproximou, pressionando sua boca contra a dele. O vento batia ao redor dos dois, os respingos do mar eram gelados em suas bochechas. Ele passou os braços ao redor de sua cintura e a puxou para perto.

Seu coração vibrou no peito. Naquele momento, ela não sabia o que era melhor: finalmente conseguir o garoto... ou tirá-lo de Claire.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

ÀS SETE DA MANHÃ da quarta-feira, Julie acordou com os passarinhos cantando do lado de fora da janela. Sonolenta, ela piscou por causa da luz do sol que se infiltrava através das cortinas, virando-se para ver se Parker já tinha acordado.

Só que Parker sumira. Sua cama fora feita com capricho, o travesseiro fora afogado e suas coisas não estavam em lugar algum. Ela estendeu a mão para o criado-mudo para pegar seu iPhone e abriu o contato de Parker. *Cadê você?*, escreveu ela. *Me liga*.

Julie sentiu um aperto no peito. Para onde ela tinha ido? Ultimamente, Parker passava cada vez mais tempo sozinha, incluindo Julie cada vez menos. Julie queria pensar que a terapia de Parker com Elliot estava dando certo, mas depois de pegar a amiga no cemitério no sábado não tinha tanta certeza assim. Naquele dia Parker estava... *desvairada*.

Meia hora depois, Julie terminou de atravessar a bagunça do corredor, tentando limpar uma caixa de areia, quando a campainha tocou. Ela suspirou aliviada. Parker devia ter esquecido a chave de novo.

Ela colocou o robe sobre os ombros e atravessou o corredor, tentando suprimir a ansiedade que sempre sentia ao ver as caixas empilhadas e encostadas nas paredes dos dois lados. Gatos contornavam seus pés, miando, e observavam de cima das pilhas de lixo que cobriam tudo. Um gato rajado gordo de olhos sujos soltou um espirro chiado de dentro de um chapéu de sol virado, onde estava aninhado.

— Julie! Quem está na porta? — A voz de sua mãe vinha aguda e assustada do quarto.

— Eu atendo — respondeu Julie, abrindo a porta depressa. Então seu queixo caiu.

Era a *Ashley*.

— Julie! — gritou ela. Ela estava com o mesmo sorriso estranho e falso daquele dia em que tentara invadir o encontro de Julie. — Como você está?

O coração de Julie martelava. Ashley vira o jardim atarracado de móveis. As pilhas de pneus de carro e mobília extra na varanda. As decorações de natal que ainda estavam montadas havia dois anos. Um gato andou pela grama, pausando para fazer xixi. E duas pilhas de caixas ficavam perto da garagem, só porque a

garagem estava lotada demais para colocá-las lá dentro. Estavam todas úmidas e quase mofadas de ficar na chuva.

— C-como você descobriu onde eu moro? — disse Julie.

Ashley inclinou a cabeça.

— Por quê? É segredo?

Claro que é segredo!, gritou uma voz na cabeça de Julie. Ela nunca colocava seu endereço verdadeiro no manual da escola. Até as assinaturas de revistas e folhetos de universidades ela recebia em uma caixa postal. Será que Ashley poderia ter seguido seu caminho sinuoso para casa? Ela sempre fazia curvas extras para o caso de ter alguém da escola atrás dela.

Ashley fez um gesto indicando a casa e depois apontou para dentro, ainda com aquele sorriso meloso no rosto.

— E eu tive uma conversa longa com a sua mãe no outro dia — disse ela em um tom doce. — Ela me contou tudo sobre seus gatos. *E* me contou sobre a Califórnia.

Julie ficou de boca aberta.

— V-você falou com a minha mãe? — disse ela em um tom fraco. Sua cabeça girava. Ela já estivera ali? Nossa, sua mãe deixara a Ashley *entrar*? Tinha contado que elas haviam sido *despejadas*?

Julie ainda se lembrava do dia em que os inspetores do conselho de saúde tinham chegado à casinha delas, acompanhados por dois policiais nojentos com um mandado. Os inspetores usavam trajes de proteção contra contaminação. A Sra. Redding tinha ficado histérica, soluçando e arrancando os cabelos, implorando que não levassem seus “bebês”. Eles finalmente a haviam algemado. Julie ficara sentada ao lado da mãe no meio-fio, olhando os inspetores carregarem gaiolas e mais gaiolas de gatos doentes e ariscos para a van. Doía ver sua mãe sofrendo tanto. Mas parte dela queria gritar: *Me levem também!*

— Foi um choque enorme descobrir. Você parece tão... equilibrada por fora — disse Ashley. — Isso só prova que nunca se deve julgar uma vadia pela capa.

Julie encarou Ashley, tremendo.

— Você não pode contar para ninguém — sussurrou ela.

— E por que não? — Ashley cruzou os braços. — Segredos devem ser compartilhados. Especialmente os *sujos*. — Seu sorriso se endureceu. — Aproveite a sua popularidade enquanto ainda a tem, Julie. Logo, eu não vou ser a única que sabe quem você realmente é.

E então ela acenou e saiu da varanda, manobrando com cuidado ao redor de uma mesa com um ombrelone e cadeiras enferrujadas que ficavam no gramado da frente. Julie observou seu carro sumir rua abaixo, depois cobriu o rosto com as mãos.

Julie havia trabalhado muito para apagar seu passado, para esconder seu segredo no presente, mas seu castelo de cartas estava desmoronando ao seu redor. Parker estava surtando. A polícia tentava incriminá-la e às amigas por algo que não tinham feito, e agora era só uma questão de tempo até seu segredo ser revelado. Julie não era quem dizia ser, e logo todo mundo saberia a verdade.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

NA NOITE DE QUARTA-FEIRA, Caitlin estava no vestiário feminino, balançando os braços e as pernas e pulando para se manter aquecida. Seu uniforme recém-lavado cheirava a amaciante de roupas. Suas meias estavam puxadas para cima, e as caneleiras estavam no lugar. Ela tinha checado o elástico de seu rabo de cavalo pelo menos seis vezes para ter certeza de que estava bem preso. Monk, seu chaveiro de macaco, estava enfiado em sua sacola de equipamentos, e ela tinha um estoque de Gatorade de framboesa para os intervalos.

Estava na hora. O maior jogo de sua carreira no ensino médio. Do lado de fora do vestiário, ela ouvia o estádio se encher. Antes de trocar de roupa, ela encontrara a recrutadora da Universidade de Washington, uma mulher atlética de uns trinta e poucos anos chamada Monica. Se ela jogasse bem durante aquela partida, teria uma vaga garantida no time do ano seguinte.

E se não jogasse...

Caitlin fechou os olhos. Ela não queria pensar assim.

Ela se sentou e massageou o tornozelo, tentando ignorar as pontadas de dor que sentira nos últimos dias. De repente, percebeu que alguém a encarava do outro lado do vestiário. Ursula, que também estava com a blusa e o short do uniforme, sorria para ela dos bebedouros.

— Você está bem? — implicou ela, olhando o tornozelo de Caitlin.

— Ótima — disse Caitlin em um tom tenso.

— Que bom. Eu odiaria que você estragasse tudo! — cantarolou Ursula. Então, a caminho da porta, ela parou e se virou. — Ah, esqueci. Tem uma pessoa procurando você.

Caitlin franziu a testa.

— A recrutadora da Universidade de Washington? Já falei com ela.

— Não... — Ursula sorriu, arrogante. — Na verdade, era um policial.

O coração de Caitlin parou.

— P-por quê? — disparou ela.

— Ah, acho que é por causa da coisa do Nolan — disse Ursula. — Eles estão se metendo na vida de todo mundo.

Então saiu bem alegre do vestiário. O coração de Caitlin martelava. A oxícodona. Só podia ser. *Será* que a tinham ligado a ela? Ou talvez tivessem

combinado sua letra com a amostra de caligrafia. *Pare de pensar nisso*, disse a si mesma. *Ela só está tentando atormentar você.*

Contraindo o maxilar, ela colocou sua bolsa de equipamentos no ombro e saiu às pressas do vestiário, entrando pelo longo e ecoante corredor. Alunos com a família lotavam cada canto. Ursula correrá até os pais e estava se gabando de algo para o pai, um homem atarracado com uma camiseta que dizia AAA PISCINAS E JARDINAGEM.

Então Caitlin procurou um policial, torcendo para ele não estar ali de tocaia tentando pegá-la. Quando alguém puxou sua manga por trás, ela se soltou com o coração aos saltos.

— Opa! — Jeremy recuou com um sorriso surpreso. — Desculpe.

Os ombros de Caitlin relaxaram.

— Não vi você. — Então ela o olhou. — O que você está *fazendo* aqui? — Até onde ela sabia, Jeremy nunca fora a um jogo de futebol, nem mesmo do Josh.

Jeremy inclinou a cabeça.

— É este, não é? O grande jogo? Eu queria torcer por você.

— Ah. — Caitlin abriu um sorriso nervoso, depois olhou o corredor e o pequeno pátio que levava ao campo. Será que o Josh estava ali? Ela não o vira, e eles mal tinham se falado a semana toda. Mas seria uma loucura ele não ir. Ele sabia o quanto aquilo significava para ela. E se os estivesse observando naquele exato momento?

— Hm, vamos para outro lugar — disse ela, sentindo-se repentinamente paranoica.

Ela pegou o braço de Jeremy e o levou lá para fora, indo para um lugar escondido e escuro embaixo da arquibancada. Sons metálicos de pessoas subindo e descendo ecoavam de cima. Um grupo de adolescentes caiu na gargalhada. Depois alguém disse “Opa!” e um rio de líquido escuro caiu por um buraco da arquibancada, quase caindo na cabeça de Jeremy.

— Oops — disse Caitlin, puxando-o para longe do perigo. — Jogos de futebol são perigosos, sabia?

— Nervosa? Animada? — perguntou Jeremy com os olhos brilhando.

— Acho que um pouco de cada — admitiu Caitlin. Ela sentiu suas bochechas corarem. — Obrigada por vir hoje. Significa muito para mim.

— De nada. Na verdade, eu trouxe uma coisa para você. — Jeremy procurou nos bolsos e pegou um objeto longo e fino. Caitlin o analisou por um instante, depois percebeu que era uma caneta. E não era uma caneta *qualquer*, e sim uma caneta do Dungeons & Dragons.

Ela ergueu o rosto.

— Essa foi a caneta que emprestei para você?

Jeremy assentiu.

— A que era do Taylor. Achei que você devia tê-la de volta.

Caitlin sorriu e seus olhos se encheram de lágrimas por um segundo antes que ela piscasse para afastá-las.

— Obrigada.

— Devo acrescentar que ela me deu sorte ao longo dos anos — disse Jeremy.

— Eu a usei no meu teste para tirar a carteira de motorista. Eu a usei nas provas finais do semestre passado. Eu estava com ela no bolso durante o debate nacional do modelo diplomático. Eu me sinto meio que... *seguro* com ela. Ainda que isso talvez tenha a ver com o fato de que era sua.

Ele a olhava de um jeito tão doce e sincero que era como se ela fosse a coisa mais importante de sua vida. Caitlin sentiu sua garganta se fechar, mas seu coração se abriu. De repente, o que ela precisava fazer ficou totalmente claro. Sim, seria uma confusão, mas era o que ela queria. E, se tinha aprendido alguma coisa com o Taylor ou com o fato de que a polícia estava em cima dela, era que a vida era curta.

Ela olhou em volta para ter certeza de que não tinha ninguém vendo. Depois se inclinou para a frente e o beijou.

Por um instante, Jeremy ficou imóvel, com os olhos abertos. Mas, quando retribuiu o beijo, seus lábios eram suaves e quentes. Caitlin sentiu o cheiro de relva de suas roupas. Ela passou as mãos por seu cabelo, que eram muito mais compridos que o cabelo raspado de atleta do Josh. Seu corpo inteiro formigava.

Quando eles se afastaram, ambos sorriram.

— Desculpe — disparou Jeremy.

Caitlin o olhou como se ele estivesse louco.

— Pelo quê? Fui *eu* que beijei você.

— Ah. — Jeremy olhou para baixo. Suas bochechas estavam muito vermelhas — Bom, é. Parece que sim.

O apito soou no campo, e eles se olharam de novo. Em poucos minutos, o jogo de Caitlin começaria. Mas, de repente, ela percebeu outra coisa. Ela se sentia... mais leve, por algum motivo. Mais livre. O beijo de Jeremy tinha aberto um mundo inteiramente novo, e ela não se sentia mais presa. Se ela jogasse bem, ótimo. Mas se não... talvez também não tivesse problema. Afinal de contas, ela já tinha ganhado uma coisa naquele dia, independentemente do placar final.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

NA QUINTA-FEIRA DEPOIS DA AULA, Parker estava do lado de fora do consultório de Elliot. O sol passava pelas janelas, salpicando o carpete. O trânsito passava do outro lado da janela, criando um som calmante que dava sono. Elliot não a tinha visto ainda, e olhava intensamente para algo na tela de seu computador. Parker se perguntava o que era. Um fórum de psicólogos? O *Seattle Times*? Pornografia?

Então Elliot ergueu o rosto. Ele ficou pálido e se sobressaltou, depois abriu um sorriso constrangido.

— Parker! — disse ele bem alto. — Eu não tinha visto você aí! Entre, entre!

Parker entrou curvada na sala, puxando bem o capuz sobre a cabeça. Ela se deixou cair na poltrona e abraçou uma almofada. Ela sentia Elliot olhá-la.

— Está tudo bem? — perguntou Elliot, hesitante.

Parker deu de ombros. Ele devia perceber como ela estava ansiosa. Como estava irritadiça. Ela hesitara na porta da frente do prédio por no mínimo dez minutos antes de entrar, sem saber se queria enfrentar o interrogatório dele durante aquela sessão. Porque *sabia* que haveria um interrogatório. Até a louca da Parker precisava dar satisfações sobre seus ataques.

Elliot se recostou e cruzou os braços.

— Então, Parker. Imagino que você não queira conversar sobre o cemitério.

— Não — vociferou Parker. Ela cobriu as orelhas. — Não, não, não.

— Ei, está tudo bem. — Elliot se levantou, deu um passo para a frente e ergueu as mãos dela com delicadeza. Ele olhou em seus olhos, e seus lábios delineados se curvaram em um sorriso. — Olha, não precisamos falar disso. Prometo. Podemos falar sobre outra coisa.

Parker se surpreendeu.

— P-por que não quer que eu fale sobre isso? — pressionou ela.

— Porque obviamente você não está pronta — disse Elliot, erguendo as palmas das mãos. — E não tem problema. Você tem seus motivos para não gostar de cemitérios. Podemos explorar isso ou falaremos de outra coisa. Nunca vou forçá-la a nada.

Parker ficou quieta por um instante, refletindo sobre aquilo. Parecia psicologia reversa, mas o mais irritante era que estava *dando certo*.

— É como se alguma coisa me impedisse de entrar lá, um bloqueio mental ou coisa do tipo — declarou ela, tentando entender seus sentimentos. — Sabe quanto um médium sabe se um lugar é amaldiçoado, marcado ou se alguma coisa ruim aconteceu lá? É uma sensação assim, talvez.

— O que acha que aconteceu lá?

Parker deu de ombros.

— Não sei. Gente morreu, obviamente. Talvez seja só isso.

Elliot assentiu, mas pareceu não acreditar nela completamente. Parker não sabia se acreditava em si mesma, mas sabia que não queria atravessar aquele portão.

— Está zangada comigo por levá-la lá? — perguntou Elliot, preocupado.

Parker balançou a cabeça.

— Não exatamente — disse ela em voz baixa. — Quer dizer, acho que eu me senti um *pouco* pega de surpresa. Mas não sabia que ia reagir daquele jeito até chegar lá.

— Como foi a reação?

Parker fechou os olhos.

— Eu queria conseguir explicar. Mas não consigo. Desculpe.

— Tudo bem, Parker. — Ele sorriu, olhando direto para ela. Nos últimos tempos, as pessoas não a olhavam mais nos olhos. — Podemos ir com calma. — Ele fez uma pausa e olhou para as próprias mãos. — Não há pressa.

Eles sorriram um para o outro, e o coração de Parker saltou de novo. Ela não tinha o hábito de fazer confissões emotivas aos outros. Até a antiga Parker mantinha suas emoções em segredo. Mas ela precisava de alguém a seu lado além de Julie.

Então ele se levantou de repente.

— Sabe, tenho um livro sobre articulação de sentimentos que pode ajudar você. Espere aí... está na sala de espera. Vou pegar.

Ele saiu pela porta e sumiu rapidamente. Parker se recostou, ainda com o coração acelerado. Mas também se sentia bem, parecia mesmo que Elliot a *entendia*.

Ela olhou o consultório, pensando que sabia muito pouco sobre ele. Não havia muito sobre a mesa, apenas um abajur antiquado, uma caixa para cartas vazia e uma flor de plástico com um painel solar que balançava as folhas à luz fraca do sol. Quem era Elliot Fielder? Por que ele era como era? Será que tinha família na área? Ele era casado? O que gostava de ler? Que tipo de música tinha em seu iPod? *O que* estava vendo em seu computador quando ela chegara? Será que ninguém se perguntava sobre informações básicas? Afinal de contas, Elliot sabia tanto sobre *ela* que a recíproca era até justa.

Ela olhou mais uma vez pela fresta da porta. Ele ainda estava procurando o livro na estante principal. Em silêncio, ela se levantou e foi até o computador. Quando moveu o mouse, o protetor de tela com a foto de natureza da *National Geographic* desapareceu, e uma tela de login apareceu.

Sem pensar, ela pegou o teclado e o virou. Quando trabalhava na secretaria da escola no segundo ano, ela colava todas as senhas que tinha dificuldade de se lembrar ali. Eles deviam pensar de forma parecida, porque ali estava um pedaço de papel com uma letra pequena e coesa.

FIELDER_E/pr0m3th3us_b0und

Sem pensar duas vezes, ela a digitou.

Uma foto encheu a tela do computador. Parker a princípio ficou confusa. Ela reconheceu o lugar imediatamente. Tinha sido tirada no Arbor Mall, perto da praça de alimentação. Uma garota de capuz preto estava sentada sozinha em uma mesa, tomando uma Coca de canudinho, com o cabelo longo aparecendo sobre a gola do moletom.

Era... *ela*.

Ela clicou na seta. Outra foto se abriu... novamente *ela*. Estava sentada na varanda de sua mãe, fumando um cigarro, com o capuz sobre o rosto. Outro clique na seta. A foto seguinte fora tirada de frente da escola, quando ela passava pela porta dupla. Outra a mostrava de tênis e short, com o mesmo capuz, correndo no lago.

Não tinha sido sua imaginação. Alguém a *estava* seguindo. *Elliot*.

— O que você está fazendo?

Elliot estava parado na porta, com um livro de capa mole em uma das mãos. Seu rosto estava branco como uma nuvem, seus olhos ficaram repentinamente duros. Ela se levantou depressa, derrubando algo da mesa sem querer, mas não parou para pegar.

— O que *você* está fazendo? — perguntou ela com a voz tremendo de raiva mal controlada. — O que essas fotos estão fazendo no seu computador?

— Esse computador está cheio de informações confidenciais — disse ele, jogando o livro na poltrona e dando um passo na direção dela. — Você imagina como eu poderia me prejudicar se você visse o que não devia?

Ela soltou uma risada áspera e aguda.

— O que não devia? Como o fato de que você está me *perseguindo*?

Ele se moveu mais rápido do que ela esperava. De repente, a mão dele segurava seu pulso com força.

— Você precisa me ouvir, Parker.

Mas, antes que ele terminasse a frase, um grito saiu da garganta dela. Por um instante, ela ficou sem saber onde estava. Mal sabia *quem* ela era. O pânico a

dominou, e tudo o que sabia era que tinha de sair dali. Ela chutou o joelho de Elliot com toda a força. Um estalo seco encheu o ar. A mão dele se soltou e ela correu para a porta.

Depois correu sem parar, até seus pulmões ofegarem dolorosamente no peito e suas pernas parecerem borracha. Se pudesse, ela teria corrido para sempre para longe de Elliot, para longe de Beacon e para longe de sua vida horrível.

CAPÍTULO VINTE E SETE

OK. RESPIRE FUNDO. Vai ficar tudo bem.

Era tarde de sexta, e Mackenzie estava no corredor cinzento e institucional do prédio de música da Universidade de Washington, segurando o violoncelo contra o peito. Era quase hora de sua audição, o que significava que naquele momento Claire estava lá dentro, maravilhando os jurados. Mac não a vira entrar, mas a hora da audição de Claire estava gravada em seu cérebro. Ela se perguntou se Claire estava nervosa. Ela se perguntou se ela tinha lavado as mãos desesperadamente ao menos três vezes antes de entrar, um pequeno tique que tinha antes de todas as audições.

Como Mac era a última audição do dia, não havia mais ninguém no corredor. Ela fechou os olhos e tentou respirar, mas o pânico borbulhava em seu interior. Ela sabia, lá no fundo, que não tinha ensaiado o suficiente. Estava preocupada demais com Nolan e a investigação. Passara tempo demais com o Blake.

Mas até naquele momento pensar em Blake puxava seus lábios em um sorriso. Ela tirou o telefone do bolso para ver se ele havia respondido alguma de suas mensagens de texto. Quando chegara ao campus, ela enviara: *É tudo ou nada*. Mas ele ainda não tinha respondido. Isso era muito incomum. Ele sabia que ela tinha uma audição naquele dia. Mas estava trabalhando, talvez a loja estivesse muito cheia.

De repente, uma corrente de ar abriu um pouquinho a porta da sala de recitais, e uma melodia familiar saiu por ali. Mac se surpreendeu ao ouvir as notas precisas e o estilo emotivo de Claire. A peça era familiar, e de repente ela entendeu por quê. Era a *sua* peça. O Tchaikovsky.

Mac se levantou de repente. Aquilo não podia estar acontecendo. Claire deveria tocar o Popper. Blake dissera que ela tocaria. Mas será que deveria estranhar o fato de ela ter mudado de repente? Mas como sabia que peça Mac tinha escolhido? Ela só havia contado aos pais, que não diriam *nada*, e ao Blake.

Blake. O coração de Mac parou. Ela olhou outra vez para seu telefone. Ainda sem resposta. *Não*, disse a si mesma. Não podia ser. Blake não a trairia desse jeito. Claire descobrira de outro jeito.

— Srta. Wright? — Uma mulher de cabelos cor de ferro e terninho de alfaiataria apareceu na porta com uma prancheta, olhando-a por cima dos óculos.

— Está pronta?

Mackenzie sentiu que o violoncelo pesava duzentos quilos quando o carregou para dentro da sala de recitais. O palco estava muito iluminado, e ela mal conseguia ver os cinco jurados algumas fileiras para trás. O acompanhador da Juilliard, um homem moreno e careca de camisa social e gravata, estava sentado ao piano de cauda do palco com ela. No mais, a sala estava vazia. Com as mãos tremendo muito, ela começou a tirar seu instrumento do estojo e arrumar suas coisas.

— Meu nome é Mackenzie Wright. Obrigada pela atenção — disse ela, com a voz insegura. Mas então algo lhe ocorreu. *Esqueça a Claire*, disse uma voz. *Esqueça todo mundo. Pense no seu talento. Pense no quanto quer isto.*

Ela respirou fundo e começou a tocar.

Não houve aplausos após cada peça, mas não importava. Ela sabia que estava se saindo muito bem. Ela não errou uma nota do Elgar ou do Beethoven, e sua interpretação de “O Cisne” se elevou com elegância de seus dedos.

— Desculpe — disse ela antes da última música, engolindo em seco. — Eu gostaria de mudar minha última escolha, se você não se importar.

Ele pareceu ficar surpreso, mas sorriu. Mac respirou fundo. Era agora ou nunca, e ela não ia perder a vaga. Ela olhou para os juízes.

— Sei que coloquei no meu formulário que tocaria o *Pezzo capriccioso* de Tchaikovsky, mas vou tocar *Spinning Song* do Popper para vocês.

Ela ergueu o arco, ficando absolutamente imóvel por um bom tempo. Então, assentindo para o pianista, começou uma das peças mais difíceis do repertório do violoncelo.

A música começava com uma sucessão frenética de notas agudas. Era extremamente rápida e fazia as mãos do violoncelista voarem pelo braço do instrumento em uma velocidade estonteante. Mackenzie sempre achara a música meio irritante, mas era uma das melhores para se exhibir, e naquele momento, enquanto tocava, algo estranho aconteceu. Pela primeira vez, ela encontrou o caráter brincalhão da peça. Em vez de soar tensa, maníaca e frenética, soava *divertida*. Frívola, despreocupada e enérgica. Ela quase riu enquanto tocava. Por apenas um instante, nada podia prejudicá-la.

Ao terminar, ela ficou parada, quase sem fôlego. Não sabia se aquilo seria o suficiente para entrar, mas sabia de uma coisa: fizera a melhor audição de sua vida.

— Obrigada, Srta. Wright. Foi lindo — disse uma voz entre os jurados. — Entraremos em contato em breve.

Mac quase saiu da sala de recitais saltitando.

— Isso — disse ela, fazendo o sinal da vitória com o punho fechado no

corredor. Ela olhou outra vez para o telefone, mas ainda não havia nenhuma mensagem de Blake.

Ela mal se lembrava de dirigir até a loja de bolinhos. Estacionou na frente e estava prestes a empurrar a porta e chamá-lo. Mas quando viu Blake atrás do balcão congelou na calçada.

Os braços de outra garota estavam à volta dele. Uma garota de cabelo curto e encaracolado, vestida dos pés à cabeça no preto típico dos concertos. *Claire*.

— Foi perfeito — disse Claire, olhando nos olhos de Blake. Havia duas janelas abertas na frente da loja; Mac ouvia cada palavra. — Eu arrasei. E também a vi entrar. Ela estava superpálida. Provavelmente surtou por eu ter tocado o Tchaikovsky.

O sangue de Mackenzie ferveu. Ela virou as costas, com as mãos na maçaneta da porta, quando a voz de Claire soou.

— Ah, oi, *Macks*. — Sua voz pingava sarcasmo. — Como foi a sua audição? Você não estava despreparada nem nada, não é?

Mackenzie se virou e viu o sorriso horrendo de Claire. Então olhou para Blake. Ele estava de cabeça baixa. Havia ficado pálido. Todos os pensamentos de seu cérebro congelaram.

— Eu achei que vocês tinham terminado — disparou ela.

Claire se desprende de Blake e saiu de trás do balcão.

— Eu sabia que você ia cair — disse ela para Mac em um tom de desdém.

Mac ficou perplexa.

— Cair no quê?

— Eu falei para o Blake andar com você, marcar alguns ensaios extras da banda. — Claire sorriu. — Eu sabia que você ia largar tudo. Até os ensaios da sua audição.

— Você... o quê? — Ela olhou para Blake, mas ele continuava sem olhar para ela. Nada daquilo fazia o menor sentido.

— Eu queria que ele a distraísse antes da audição. — Ela abriu um sorriso malicioso. — E ele distraiu. Ah, e as suas confissões para o Blake? Ele me contou tudo. Inclusive que você ia tocar Tchaikovsky. — Ela estendeu a mão por cima do balcão e segurou a dele. — E nós não terminamos. Estamos mais fortes do que nunca.

Mac encarou Blake com o coração acelerado.

— Isso é verdade?

Mas Blake ainda estava de cabeça baixa. Ele não respondeu, mas também não contradisse Claire. Parecia preso e humilhado.

— Eu... — começou ele, mas desviou o rosto.

— Sim — Claire falou por ele. — É tudo verdade.

Mac sentia lágrimas se formando em seus olhos. Mas então percebeu: ela podia dar a Claire exatamente o que ela queria e cair no choro ali mesmo ou podia ganhar de Claire no único jogo que importava para as duas. Ela colocou as mãos nos quadris e encarou a ex-amiga.

— Bom, talvez o Blake não me queira — Mac se ouviu dizer. — Mas tenho quase certeza de que a Juilliard quer. Boa sorte em Oberlin — disse ela, torcendo o nariz só para complementar.

Antes que Claire conseguisse dizer mais alguma coisa, Mackenzie virou as costas e empurrou a porta.

CAPÍTULO VINTE E OITO

NA NOITE DE SEXTA-FEIRA, Julie estudava o moinho em miniatura diante de si, mordendo o lábio. Ela e Carson estavam no campo de minigolfe de Beacon Heights, onde faziam um torneio de garotas contra garotos com vários outros alunos da escola. Ela precisava acertar exatamente o tempo daquela jogada para conseguir que a bola passasse pelas pás do moinho e chegasse ao outro lado, onde uma bandeirinha branca flutuava sobre a grama sintética, marcando o último buraco do minigolfe.

Ela deu um passo à frente, endireitou os ombros e puxou o taco para o swing.

— Não erre — implicou Carson no instante em que o taco de golfe encostou na bola.

A bola rosa-neon de Julie saiu completamente do curso e caiu na água à direita.

— Ei! — gritou ela. — Isso não é justo. — Mas as palavras morreram em sua garganta quando ela viu o sorriso malicioso de Carson.

— Ah, desculpe, estamos jogando limpo agora? — brincou ele, estendendo a mão para colocar uma mecha do cabelo de Julie atrás da orelha. Julie estremeceu e fechou os olhos. A sensação era *incrível*.

— Ande logo, Wells, está na sua vez — gritou James Wong atrás deles. Julie se afastou, sentindo-se mais leve que de costume. Ela sabia por quê: Ashley não estava lá.

Ela olhou para Carson, desviando os olhos para o ponto em que a bainha de sua camiseta azul-clara encontrava a bermuda cargo da Bonobos, revelando uma fina tira de barriga. Carson a flagrou e piscou. Por um instante, nada mais importava.

Era a vez de Carson. Ele segurou o taco e fez uma jogada habilidosa, lançando a bola com facilidade para dentro do buraco em apenas uma tacada.

— Isso! — exclamou Carson. Os outros garotos comemoraram a vitória, batendo com os punhos fechados no dele.

Quando todo mundo começou a andar até o buraco seguinte, Carson acertou o passo com Julie, pegando sua mão e apertando. O coração dela disparou com o contato.

— Desculpe por jogar sujo — disse Carson em voz baixa. — E se eu

compensar você? Poderia ajudá-la nesse buraco, ensinar a técnica correta.

— Ah, você vai, não é? — sussurrou Julie, adorando aquilo. Então ela ergueu o rosto... e congelou. Parada sob o grande guarda-chuva vermelho e branco da barraquinha de lanches estava Ashley. Ela encarava Julie e Carson com os olhos cintilando.

Julie soltou a mão de Carson.

— Hm, quer saber? — gaguejou ela. — Na verdade, eu preciso trocar meu taco. — Era uma desculpa idiota, pois todos os tacos eram iguais. — Já volto.

— Hm, tudo bem — disse Carson, confuso. Mas Julie já estava andando pela calçada, com o sangue fervendo nas veias.

— O que você quer? — explodiu com Ashley, que estava em uma mesa de piquenique de metal tomando limonada. Julie notou que Ashley usava a calça jeans turquesa Alice + Olivia que ela não tivera dinheiro para comprar, e uma blusa branca bufante quase igual a sua, só que a de Ashley era decotada demais e tinha uma mancha no ombro.

Ashley sorriu.

— Uma garota não pode dizer oi para uma amiga? Sabe, Julie, esse é o *pulo do gato*.

— Por favor, Ashley. — Julie odiou o tremor em sua voz. Parecia fraqueza. Ela tentou se endireitar um pouco. — Por favor, não conte a ninguém o que sabe. Como posso fazê-la mudar de ideia?

Os olhos de Ashley cintilaram.

— Não é assim que as coisas funcionam. Ao contrário do resto do seu exercitozinho de subordinados, eu não sigo ordens cegamente. — Ela assentiu na direção do grupo, depois abriu um sorriso. — Só queria ver você em seu hábitat pela última vez. Aproveite seus momentos finais de liberdade.

— Ashley...

— Poupe fôlego para alguém que se importa. — Ashley jogou a limonada no lixo e saiu andando.

Julie ficou ali parada, observando Ashley se afastar, perplexa. Com certeza ela não revelaria seu segredo. Mas e se revelasse? O que aconteceria se todo mundo descobrisse... se o *Carson* descobrisse? De repente, Julie só conseguia pensar em sua escola anterior, depois que descobriram seu segredo. Ninguém falava com ela. Ela almoçava sozinha no banheiro. As pessoas abriam um grande vão para ela nos corredores com medo de pegar alguma doença, já que sua casa era imunda.

A pior parte era que ela deveria ter percebido. Andava distraída demais com o Carson, e não tinha notado que Ashley a seguira até em casa naquele dia. Em geral, ela era cuidadosa e protegia muito bem seu segredo. Fora assim que

mantivera seu status por tanto tempo. Era por isso que tinha a regra de não namorar. Não só porque não podia deixar ninguém entrar em sua casa, mas também porque corria o risco de perder a cabeça. E agora *tinha perdido*.

Ela voltou para perto do grupo, colando um sorriso no rosto. *Aproveite seus momentos finais de liberdade*. O que quer que Ashley fosse fazer, seria em breve.

E então tudo desmoronaria ao seu redor. *Outra vez*.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

NA NOITE DE SEXTA-FEIRA, Alex e Ava estavam sob a marquise iluminada do Majestic Theater, na primeira vez em que saíam para jantar e ir ao cinema em muito tempo. Pingos de chuva cintilavam sob as luzes coloridas. Havia uma pequena multidão de clientes do cinema sob a marquise, a maioria universitários com suéteres e cachecóis grossos de brechó. Eles conversavam em vozes animadas e passavam cigarros de cravo uns para os outros.

— Você passou a noite inteira muito quieta — disse Alex, pegando a mão de Ava.

Ava olhou para ele com o coração acelerado no peito. Ele usava uma camisa de flanela macia e uma calça jeans escura. Naquela noite, seus cachos desgrenhados e barba malfeita não pareciam tão desarrumados, e sim... charmosos. Ela notou algumas das garotas de faculdade olhando para eles com inveja e sorriu.

— Ah, só estou pensando no filme — disse ela. Eles tinham acabado de sair de uma exibição de *Asas do desejo*. Ava nunca vira nada parecido. Não tinha muito enredo, porém, falava de anjos que seguiam pessoas por Berlim, ouvindo os pensamentos dos humanos. Não sabia se tinha entendido, mas era estranho, triste e lindo, e a deixou com saudades da mãe.

Alex abriu o guarda-chuva e o segurou acima da cabeça dela enquanto iam até o carro.

— Não é legal? Eu assisti pela primeira vez na aula de alemão e fiquei impressionado. Queria que o Granger passasse mais coisas estrangeiras como essa. Todos os filmes antigos de Hollywood são ótimos, mas são meio iguais, sabe? — Os lábios dele se curvaram em um sorriso arrogante. — Claro, eu não acho que ele seja inteligente o bastante para ensinar algo realmente desafiador.

O estômago dela ficou gelado ao ouvir o nome de Granger.

— Ele é mais inteligente do que você imagina — murmurou ela. *Talvez até inteligente o bastante para se safar de um assassinato.*

Alex lançou um olhar enviesado a ela.

— Por que o está defendendo?

— Não estou — disparou Ava. — Você sabe que não gosto dele. Mas não acho que só porque ele é um babaca também seja burro. Ele é claramente

inteligente para conseguir sair ileso do que está fazendo.

— Tudo bem, tudo bem. — Alex ergueu as mãos, mostrando as palmas, com uma expressão arrependida. — É que aquele cara está cada vez mais bizarro. Ontem estava acordado às seis da manhã cavando no quintal.

Ava sentiu um calafrio na espinha.

— Você o filmou ou algo do tipo? Algo para mandar para a polícia?

Alex fez uma cara de decepção.

— Eu corri para pegar meu telefone, mas quando voltei ele já tinha entrado. Mesmo assim. Foi muito suspeito. Fico imaginando o que está escondendo lá.

Ava tamborilou os dedos em seu bracelete Hermès. Obviamente, Granger não estava enterrando o Nolan... mas o que mais podia estar fazendo? De repente, ela desejou poder contar tudo a Alex. Detestava guardar aqueles segredos.

Eles foram para casa em um silêncio agradável, o som dos limpadores de para-brisa colocando Ava em uma calma sonhadora. A chuva embaçava a paisagem, o carro estava aquecido, e sua música preferida do National tocava suavemente no rádio. Depois de uns dez minutos, Alex parou na entrada circular de cascalho da casa dela. As luzes do saguão estavam acesas. Ainda não eram dez horas, e seu pai ainda devia estar acordado assistindo ao noticiário da noite na sala de TV. Ela mordeu o lábio, sentindo-se insensata. Será que Leslie diria mesmo alguma coisa se ela entrasse com Alex só um pouquinho?

— Quer entrar? — perguntou ela, virando-se para ele.

Um sorriso tímido se abriu no rosto dele.

— Ia ser legal.

— Sinceramente, não vai ser. — Ela soltou uma risada nervosa. — Quer dizer, a Leslie vai ser uma escrota. Ela vai ficar zangada por eu desobedecer suas ordens estritas. — Ela revirou os olhos.

— Eu já lidei com ela antes, posso lidar de novo. — Alex segurou o rosto dela com as mãos e se aproximou para beijá-la. Mas antes que suas bocas se tocassem, o mundo explodiu em som e luz.

Quatro carros de polícia chegaram em alta velocidade com as luzes piscando e as sirenes tocando. Ava se endireitou no banco de repente quando as viaturas pararam de cada lado deles. Ela saltou do carro e quase esbarrou no detetive Peters.

— Srta. Jalali — disse ele, com um tom sério na voz grave. — Bem na hora.

— O que está acontecendo? — perguntou Ava, puxando o xale sobre os braços descobertos, com os olhos arregalados. Com o canto do olho, ela viu o pai e a madrastra aparecerem na varanda. Eles olharam para a viatura... e depois para Ava. Alex pegou sua mão e a segurou com força.

— Finalmente conseguimos um mandado de busca para a sua casa — disse o

detetive calmamente. — Todos acharam que a meia dúzia de testemunhas que diz ter visto Nolan Hotchkiss pela última vez quando estava subindo com você é o suficiente para considerá-la suspeita. Juntando isso com a ameaça de morte que você mandou para ele...

— Eu nunca o ameacei! — A voz dela saiu como um grito agudo e desesperado.

O detetive Peters nem piscou.

— Temos um registro seu dizendo para Nolan que ia matá-lo. Também temos testemunhos de que você orquestrou um plano para matar o Nolan durante uma de suas aulas na escola.

Alex soltou a mão dela. Ava balançou a cabeça em silêncio, confusa. Um testemunho da discussão delas na aula de cinema. Ela sabia exatamente quem o dera. *Granger*.

— Não é o que parece — disse ela, ofegando. E então algo chamou sua atenção na varanda. Leslie estava com a boca contraída em uma linha tão fina que seus lábios eram invisíveis. Ao lado dela, lágrimas rolavam pelo rosto de seu pai. Ele olhava para Ava como se nem a reconhecesse. Ava esperou que ele fizesse alguma coisa, dissesse à polícia que ela era uma boa garota, uma pessoa que nunca, jamais, machucaria ninguém. Mas ele não fez nada. Só ficou ali parado.

Os policiais mostraram o mandado para seu pai e ele abriu caminho debilmente, de repente pequeno e curvado. Ava sentiu o braço de Alex contornar sua cintura, estabilizando-a. Ela se apoiou a ele, soltando um único soluço que atravessou seu peito.

— Ava — perguntou ele. — Do que ele está falando? Você fez alguma coisa com o Nolan?

Ava piscou com força, e lágrimas desceram por suas bochechas. Ela viu a luz de seu quarto se acender no segundo andar. Silhuetas escuras de policiais revistavam seu quarto. Ela tinha quase certeza de que não havia nada incriminador na casa. As garotas não haviam deixado mensagens, bilhetes ou recados sobre seu plano de pregar a peça em Nolan, e ela não escrevia no diário havia semanas. Mas a polícia estava tentando incriminá-la, e aquilo significava que o tempo do grupo da aula de cinema era curto.

Ela se virou para Alex, tremendo sob a chuva.

— Não posso explicar agora — sussurrou ela.

Ele passou um bom tempo olhando para ela, franzindo a testa cada vez mais.

— Por que não? — gritou ele. — Ava, o que você fez?

Ela balançou a cabeça.

— Não é o que você está pensando. Isto é... uma confusão.

Alex ficou com a mão na maçaneta do carro, virando-se para olhá-la com uma expressão aflita. Seu pai e Leslie viraram as costas, entrando com outro grupo de policiais.

— Alex — disse ela em um tom monótono. — Vá logo.

Ele se virou sem mais uma palavra e entrou no carro, que ela ficou observando sair da entrada de sua casa, com uma dor profunda no peito. Alex acreditava nela. Mesmo quando as coisas pareciam estar piores do que nunca, ele estava do seu lado. Parte dela queria poder chamá-lo de volta, pedir que ficasse. Mas não podia. Dependia dela sair daquela confusão.

Ela pegou seu telefone e ligou para Caitlin.

— Reúna as outras — sussurrou ela. — Precisamos entrar na casa do Granger e encontrar o cianureto. Vamos pôr um fim nisto. Hoje à noite.

CAPÍTULO TRINTA

UMA HORA DEPOIS, Parker estava sentada no banco de trás do carro de Caitlin enquanto elas se aproximavam do bairro de Granger. Caitlin estacionou a cinco quarteirões da casa dele, e todo mundo saiu em silêncio e andou com o máximo de indiferença que pôde até o pequeno bangalô. Uma lua cheia brilhava através das finas nuvens roxas, lançando sombras distorcidas sobre os gramados do subúrbio.

Parker olhou para as outras, percebendo as expressões assustadas, mas resolutas. Ela sentia pontadas de dor na cabeça, mas cerrou os dentes e as ignorou. Julie tinha tentado convencê-la a não ir, mas ela fizera questão.

Enquanto andavam, Julie tocou seu braço.

— Você está bem?

— Na verdade, não — murmurou Parker.

Ela tinha se encontrado com Julie pouco antes de Caitlin chegar para buscá-las e lhe contara o que tinha acontecido com o Dr. Fielder no dia anterior. Julie ficara horrorizada e tinha exigido saber por que Parker não a procurara antes.

— Eu precisava de um pouco de espaço hoje — dissera Parker... e era verdade.

Agora, Julie balançava a cabeça.

— Por que acha que ele tem fotos suas?

Parker deu de ombros.

— Porque ele é um maluco. — Que tipo de pessoa fica seguindo uma paciente, *espionando-a*? Ela se sentia muito traída. Muito *invadida*. Aquilo a fazia lembrar de seu pai. Às vezes ele a espionava. Descobria as coisas erradas que ela fazia. E, quando ela chegava em casa e negava as alegações, ele mostrava fotos que tinha tirado e batia bem na sua cara.

O olhar de Julie se endureceu.

— Você precisa entregar aquele desgraçado para a polícia. Precisamos *pegá-lo*.

— Acho que esse vai ser nosso objetivo depois, não é? — Parker apontou para a casa de Granger, diante da qual elas estavam agora. Todas as luzes estavam apagadas. Sinos de vento tilintavam na varanda. BEM-VINDOS, AMIGOS dizia uma placa na porta. Parker fez um som de desdém. Só avós e perdedores tinham

placas como aquela.

Mac colocou as mãos nos quadris e avaliou o terreno.

— Como vamos entrar? — perguntou em voz baixa. — Não sei se consigo arrombar essas fechaduras. E ele pode ter um sistema de segurança.

— Não vamos precisar disso — respondeu Ava. — Naquela vez em que estive aqui, a janela do banheiro estava aberta. Talvez ainda esteja.

— Vamos dar uma olhada — disse Parker.

O portão rangeu de leve quando Julie o abriu. O quintal de Granger era cheio de mato, e as folhas arranhavam os tornozelos de Parker. Como era de esperar, uma janela guilhotina estava aberta cerca de dez centímetros. Parker via apenas uma cortina de chuveiro lá dentro.

Caitlin deu um passo para trás e avaliou a altura da janela.

— Tenho certeza de que consigo entrar ali se alguém me ajudar.

Julie ficou ao lado da parede da casa e se curvou. Caitlin tirou os sapatos e meias para conseguir mais apoio. Então pisou com delicadeza nas costas de Julie, que soltou um grunhido suave, mas continuou firme quando Caitlin abriu a janela mais alguns centímetros. Então, sem aviso, ela pulou e ficou com o torso pendurado na janela aberta. Por apenas um momento, suas pernas balançaram. Depois ela entrou.

— Ela aprendeu isso no futebol ou no Cirque du Soleil? — murmurou Parker. Logo depois, a porta do pátio dos fundos se abriu.

— Andem logo — sussurrou Caitlin na escuridão.

Elas entraram em fila na casa e ficaram um instante paradas na cozinha de Granger. A luz acima do fogão estava ligada, iluminando apenas o suficiente para enxergar. Havia pratos sujos de molho na pia, e migalhas salpicavam a bancada do fogão. A geladeira tinha meia dúzia de cardápios de delivery. Claramente a casa de um solteiro.

— Quando estive aqui da última vez, tinham mandado equipamentos de fotografia em uma caixa para ele. Talvez houvesse cianureto ali. Mas acho que ele colocou tudo no carro, não sei se ainda está aqui.

— Vou olhar o quarto — disse Caitlin.

— Eu e a Mackenzie ficamos com a sala de estar — voluntariou-se Ava. — Só sobra o escritório.

Parker olhou para Julie.

— Vamos lá.

Julie tinha uma pequena lanterna de LED presa no chaveiro e iluminou as paredes quando elas atravessaram o corredor atravancado e entraram no escritório. Em uma mesa da IKEA ficavam o computador e, atrás dele, um pequeno arquivo de três gavetas. Um quadro de avisos na parede atrás da mesa

exibia dezenas de canhotos de shows e de jogos dos Mariners, o convite de casamento de um casal chamado Tony e Mandy, e uma cópia do programa de sua aula.

O poste da rua emitia apenas luz suficiente para elas verem o que estavam fazendo. Julie não viu a caixa que estavam procurando, mas era possível que o material não estivesse mais encaixotado. Ela abriu a primeira gaveta do arquivo e começou a passar as pastas. Parker se curvou sobre a mesa. Uma pasta grossa acabou não sendo nada além de trabalho de casa corrigido. Sob ela havia um pedaço de papel de caderno. Ela estreitou os olhos para conseguir ler.

Oi, Sr. Granger, eu queria saber se conseguiria uma ajuda extra sua, se é que você me entende. Beijos, você sabe quem.

Parecia que alguém tinha aspergido o bilhete com Coco Mademoiselle. Parker enrugou o nariz e o amassou na mão. *Patético.*

Julie apontou para o computador.

— Grave os dados. — Ela tirou um pen drive rosa do bolso.

— Pode deixar — disse Parker, indo até o computador e encaixando o pen drive. Seus dedos se moveram rapidamente, lembrando-se dos dias em que ela e Nolan limpavam os computadores de seu pai só por implicância. Era irônico que algo que ela e Nolan faziam juntos acabasse sendo útil para pegar seu assassino.

Fazendo upload de arquivos, dizia uma mensagem na tela. Enquanto esperava, Parker olhou o restante da mesa. A primeira gaveta não tinha nada além de lápis e um grampeador, mas quando ela abriu a segunda engoliu um grito de surpresa. Bem em cima havia um grosso envelope de papel pardo. Em uma letra que ela reconhecia do quadro-negro, lia-se JULIE REDDING.

Ela olhou para Julie, que ainda estava de costas. Por que ele tinha uma pasta sobre Julie? Será que havia transcrições ali dentro? Detalhes pessoais? Talvez ele soubesse a história das, hmm... peculiaridades da mãe dela. Parker tocou o envelope, temendo olhar o que tinha dentro. Ela o pegou e enfiou em sua bolsa mensageiro. Julie protegia Parker havia anos. Agora era sua vez de fazer o mesmo.

Então ela viu outra coisa. Sob o envelope havia um bloco de papel coberto com a letra de Granger. Parker o pegou e o virou para a luz da janela. Quando leu a primeira linha, quase o deixou cair.

Nolan — Cianureto.

— Julie — Parker sussurrou. Julie levantou a cabeça e se virou. Parker gesticulou para ela ler o que encontrara.

Claire, musicista rival. Madrasta. Pai de Parker. (?)

— Está datada — ofegou Julie. — Oito de outubro.

— O dia em que falamos sobre *O vingador invisível* — disse Parker. Uma

pontada de dor lancinante atravessou sua testa. Seu corpo inteiro estremeceu, mas ela tentou se manter equilibrada. Precisava manter a cabeça no lugar.

Os olhos de Julie esquadrinharam o papel.

— Olhe, é uma transcrição de tudo aquilo que falamos. Ele *realmente* nos ouviu.

Parker engoliu em seco.

— Precisamos contar para as outras.

Elas correram para a sala de estar. Ava estava olhando as cartas de Granger enquanto Mackenzie examinava os livros da estante.

— Gente! — sussurrou Julie.

Ambas ergueram o rosto. Logo depois, Caitlin saiu do quarto.

— Nada de caixa, mas achei o estoque privativo de fotos dele — disse ela.

— Esqueça isso. — Julie ergueu o bloco. — Ele tem uma transcrição, ele escreveu tudo o que dissemos naquele dia na aula.

Mackenzie se levantou tão rápido que bateu a cabeça em uma das prateleiras. Ava cobriu a boca com a mão. Todo mundo se aproximou correndo para examinar a transcrição. Um som baixo e rouco escapou da garganta de Mac.

— Acham que é o bastante para nos incriminar? — perguntou Caitlin. — Não é uma prova concreta.

— É, mas vai saber o que mais ele tem contra a gente? — disse Ava, com os olhos arregalados. — E se ele tiver gravado o que falamos naquele dia?

— Ou se tiver outra cópia como esta no computador? — perguntou Mac.

— Estou tirando todos os dados do computador dele — disse Parker. Então ela tocou a parte de fora de sua bolsa mensageiro, pensando no envelope ali dentro. *O que diria sobre Julie?* Por que ele tinha aquilo? Uma sensação gelada se espalhou por seu corpo. A dor de cabeça latejava ritmicamente, como se alguém estivesse enfiando um punhal no meio de sua testa e empurrando-o um pouco mais a cada vez que seu coração batia, tentando parti-la ao meio.

Julie olhou para ela.

— A transferência de dados já está acabando?

Parker assentiu.

— Vou lá checar. — Mas assim que ela se virou para o escritório ressoaram passos na varanda. Alguém pigarreou. Chaves tilintaram, depois veio o som metálico da fechadura.

Parker congelou. Uma onda de terror correu por seu corpo.

Ava se virou para as outras com os olhos escuros arregalados e cintilando.

— *Escondam-se!* — sussurrou ela.

Os olhos de Parker encontraram os de Julie. Frenética, Julie apontou para o banheiro... e para a janela aberta.

— Vá para o carro — sussurrou ela para Parker, que assentiu rapidamente, depois correu para o banheiro, ergueu-se no parapeito e saiu pela janela... exatamente no momento em que Granger abriu a porta da frente.

CAPÍTULO TRINTA E UM

AVA VIU SUAS AMIGAS se esconderem atrás de cortinas e se fecharem em armários. Mas, em vez de segui-las, ela ficou no meio da sala e ajeitou o cabelo. Quando Granger abriu a porta, ele a encarou de olhos arregalados. Estava com roupa de corrida, e seu cabelo e pele brilhavam de suor.

— Ava? — disse ele, mais confuso que zangado. — O que você está fazendo aqui?

Ava pensara rapidamente nos últimos trinta segundos e sabia o que tinha de fazer. Era a única coisa que as salvaria, a mesma coisa que fizera com Nolan na noite de sua morte. Ela entreabriu os lábios, pensativa, inclinando a cabeça para o lado e olhando para ele com os olhos bem abertos.

— Pensei em surpreender você.

Com o canto do olho, ela via Mackenzie, encolhida atrás do sofá. Parecia que Ava estava em uma montanha-russa pelo jeito que seu estômago se agitava, porém, manteve o controle. Porque se Granger descobrisse por que ela realmente estava em sua casa seria impossível saber o que ele faria.

Ele colocou as chaves em uma mesa perto da porta e se virou para ela. Algo lutava com a surpresa em seu rosto, e ela levou um instante para reconhecer que era desejo.

— Invadindo a minha casa e ficando aí parada no escuro?

Ava engoliu seu medo e deu alguns passos lentos e provocantes na direção dele. Seus olhos se fixaram nos quadris dela, depois voltaram para o rosto.

— Quer que eu vá embora? — murmurou ela. Ela colocou a mão no peito dele, obrigando-se a não fazer uma careta. A simples ideia de tocá-lo era repulsiva. Mas era preciso.

— Não — decidiu Granger. — Definitivamente, não. É que... o que a fez mudar de ideia?

Ava fez seu biquinho de donzela mais inocente e baixou os olhos.

— Você é meu professor, Sr. Granger. É errado, e eu fiquei com medo. Mas não consegui ficar longe de você. Eu queria muito isto.

Então, respirando fundo, ela se aproximou para beijá-lo. Ele a puxou para perto com força. Suas narinas se encheram com o cheiro forte dele. Ele pressionou sua boca contra a dela, apertando-a com os braços. Ava sentiu a força

de seus músculos. Ele teria facilidade de machucá-la se quisesse.

Então ele a soltou com um sorriso estranho. Deu alguns passos para o sofá. Ava teve certeza de que ele tinha visto Mackenzie ali atrás. Ela se enrijeceu, sem saber se fugia pela porta ou se jogava em cima dele. Mas ele se deixou cair no sofá, avaliando-a.

— Não sei, Ava — brincou ele. — Você meio que me magoou. Vai ter de provar de verdade que quer consertar as coisas comigo.

— Qualquer coisa que você quiser — disse Ava.

Um sorriso malicioso apareceu nos lábios de Granger.

— Então está bem. Vamos começar com essa camisa.

Ela congelou.

— O quê?

O Sr. Granger se recostou no sofá e assentiu para ela.

— Você ouviu o que eu disse. Quero vê-la tirar a roupa. Devagar.

As bochechas de Ava ardiam. Ela não sabia o que planejava, estava improvisando completamente, tentando ganhar tempo para fugir, mas não queria fazer aquilo.

Ela olhou para si mesma. Ainda estava com o vestido chemise que usara para sair com Alex naquela noite. Ela ergueu o rosto para Granger, que estava com a cabeça encostada ao sofá, observando-a com os olhos semicerrados. Lentamente, ela abriu o primeiro botão. E depois o segundo.

— Assim? — perguntou ela com a voz baixa e rouca.

De repente, ele se inclinou para a frente, arregalando os olhos.

— Isso — disse ele asperamente. — Assim.

Ela pensou nas outras garotas vendo-a fazer aquilo dos cantos e ficou enjoada. *Eu não sou assim*, ela queria dizer. Mas não tinha escolha. Um por um, botão por botão, ela abriu a frente do vestido. Ela despiu um dos ombros. O Sr. Granger estava com uma expressão ávida, seus olhos brilhavam à meia-luz.

Ela tirou o vestido e ficou de sutiã e calcinha, sentindo-se completamente humilhada. Ele se levantou e se aproximou dela, colocando as mãos em seus quadris.

— Você é tão linda — murmurou ele, inclinando-se para beijá-la. Ela ergueu o dedo para deter seus lábios.

— Agora posso fazer um pedido? — perguntou Ava com o coração acelerado outra vez. — Quero que você tome um banho quente e fique limpo para mim — pediu ela. — Quero que seja perfeito.

Um sorriso ávido se abriu no rosto de Granger.

— Claro. Quer se juntar a mim?

— Eu gostaria — murmurou Ava, olhando-o por baixo dos cílios. — Mas

preciso preparar algo especial enquanto você estiver no chuveiro.

Os olhos dele se acenderam. Ele olhou seu corpo de cima a baixo uma última vez. Depois a soltou e foi para o banheiro. Acendeu a luz. Fechou a porta.

Ava se esforçou para escutar.

— Saiam daqui! Rápido! — sussurrou ela para as amigas no instante em que ouviu a água bater nos ladrilhos.

Mackenzie apareceu de trás do sofá.

— Ava, isso foi...

— Não fale nada — implorou Ava, recolocando o vestido e pegando os sapatos. — Estou me sentindo nojenta.

— Eu ia dizer *incrível* — disse Mac.

As outras saíram de seus esconderijos com os rostos pálidos e exaustos.

— Você salvou a nossa pele — sussurrou Caitlin.

— Vamos sair daqui — disse Julie. — Não temos muito tempo.

Ava balançou a cabeça.

— Vou logo depois de vocês. Antes preciso fazer mais uma coisa.

As garotas saíram correndo pela porta. Mackenzie parou no vão, parecendo querer discutir, mas logo depois se virou e seguiu as outras. Ava correu para o escritório dele, pegou o pen drive, depois atravessou a cozinha e saiu para o pátio.

Ele estava acordado às seis da manhã cavando no quintal, dissera Alex.

O quintal estava escuro, mas a lua atravessava as nuvens. Ava só levou um instante para encontrar a terra recém-revirada no canto.

Ava se ajoelhou e começou a tirar a terra com as mãos. Estava úmida e densa, e grudou em sua pele enquanto ela cavava, mas ela não parou. Poucos centímetros abaixo, suas mãos encontraram algo duro e retangular. Ela espanou o resto de terra e puxou o objeto.

Era uma caixa de metal simples com um fecho. Com as mãos tremendo, ela a abriu.

Outro pen drive.

Ela o olhou boquiaberta. Depois se deu conta: estava silencioso. Silencioso demais.

O chuveiro fora desligado.

Ava enfiou os dois pen drives no bolso e se virou para correr pelo gramado do Sr. Granger com o vestido meio desabotoado. Seu sutiã aparecia a cada passo. A barra do vestido se ergueu, revelando sua roupa de baixo. Seus pés descalços afundavam na grama úmida. Os faróis de Caitlin se acenderam diante dela e a porta de trás se abriu para ela entrar.

— Vamos! — gritou ela quando bateu a porta.

Só quando saíram em alta velocidade pela rua é que Ava olhou pela janela e viu alguém na rua olhando para ela. A princípio achou que era Granger, que ele tinha descoberto. Mas depois sua garganta se fechou. Não era Granger.

Era o Alex.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAITLIN DIRIGIA RÁPIDA E CEGAMENTE, passando por cima do meio-fio ao fazer uma curva rápida para a direita. Ninguém parecia estar atrás delas. Ela via o rosto de Ava, pálido e sujo de lama, pelo espelho retrovisor. Parecia que ela ia vomitar.

Ela entrou na rua principal e pisou no acelerador.

— Diminua a velocidade — disse Julie em um tom tenso. — A última coisa de que você precisa agora é levar uma multa.

Caitlin tirou um pouco o pé do pedal, mas os nós dos seus dedos ainda estavam brancos ao volante. Elas tinham acabado de *invadir uma casa*. Elas tinham acabado de assistir ao seu professor *praticamente fazendo sexo com Ava*. E o que ela sentira, escondida na cozinha... bem, ela nunca mais queria se sentir tão aterrorizada na vida.

Depois de passarem por dois sinais de trânsito, Ava olhou em volta com cautela e segurou algo entre os dedos. O objeto brilhou à luz da rua quando o carro passou.

— Encontrei isto enterrado no quintal dele.

— O que é? — perguntou Mackenzie, estreitando os olhos.

— Outro pen drive — respondeu Ava.

— Dê aqui. — Julie o pegou. Depois vasculhou a mochila que tinha levado e tirou um laptop. Ele apitou quando ela o ligou e esperou carregar.

— Você disse que ele *enterrou* isto? — perguntou Caitlin.

— Isso mesmo — respondeu Ava. — O Alex o viu enterrar uma coisa. — Seu rosto se contraiu quando ela disse o nome de Alex. — Encontrei uma caixa de metal, e só tinha isto lá dentro.

— O que acha que ele tem aqui? — perguntou-se Caitlin. — Mais fotos de garotas?

— Só pode ser algo ruim o bastante para enterrar — supôs Ava. Ela fechou os olhos com força. — Tenho certeza de que ele sabe que eu só brinquei com ele. Talvez saiba até que o pen drive sumiu. Se não conseguirmos prendê-lo logo, ele virá atrás de nós.

— Gente.

Todas olharam para Julie. Seu rosto estava azul à luz do computador.

— Este pen drive não é do Granger. — Ela ergueu o rosto com os olhos cheios de terror. — É do *Nolan*.

Todas perderam o fôlego. Caitlin fechou a boca com força, com a pele pinicando. Ela parou em um estacionamento vazio. A distância havia um prédio de tijolos velho que abrigava uma loja de encanamentos. Do outro lado da rua, a luz forte de uma loja de conveniência lançava um brilho sinistro sobre o asfalto.

— Mas isso é bom, não é? — Caitlin quebrou o silêncio, virando-se para olhar Julie. — Digo, por que o Granger enterrou isso no quintal? O fato de que o tinha será incriminador.

— Teria sido, se tivéssemos deixado no quintal dele. — Julie começou a abrir os arquivos, olhando para a tela. — Agora, todos vão achar que está com *a gente*. — Ela moveu o dedo pelo touch pad. — O e-mail dele está aqui. As mensagens vão até o dia em que ele morreu.

Ela virou a tela para que Caitlin e Mackenzie no banco da frente pudessem ver direito. Caitlin a observou abrir a pasta de *Enviados*. Caitlin se inclinou para a frente para enxergar melhor, arregalando os olhos. Havia dezenas de e-mails para Lucas Granger.

Julie abriu o primeiro. O assunto era apenas *Crédito Extra*.

Oi, Sr. G. — Acho que você pode ter cometido um erro quando corrigiu meu trabalho sobre Jean Cocteau. Tenho certeza de que deveria ter sido um A.

Depois Julie clicou no anexo. Era uma foto do Sr. Granger inclinado sobre Justine Williams. Ava ofegou.

Depois Julie abriu um e-mail que dizia *Excursão*. Caitlin estreitou os olhos para ler a mensagem.

Você é engraçado, Sr. G. Infelizmente não posso fornecer todos os originais a não ser que a gente dobre a quantia anteriormente combinada. Arranharam meu carro de novo. Consertar isso é caro, sabia?

— Como se o Nolan precisasse de dinheiro de alguém que ganha salário de professor — murmurou Mackenzie. — O cara era cheio da grana!

— Vamos tentar não sentir pena do Granger — rosnou Julie.

O coração de Caitlin martelava. Ela pegou seu telefone no bolso.

— Vou ligar para o detetive Peters. Esta é uma prova concreta de que o Nolan estava chantageando o Sr. Granger.

— Eu falei — disse Ava.

— Ligue mesmo — ordenou Julie.

Com os dedos trêmulos, Caitlin ligou para a delegacia. Chamou seis vezes antes que alguém atendesse.

— Preciso falar com o detetive Peters — disse ela depois que o oficial se identificou. — Por favor — acrescentou ela.

O policial fungou.

— O Peters está de folga. Quer deixar um recado?

Ela se surpreendeu. Desde quando detetives tinham folga? Ela pensava que eles eram como médicos, sempre de plantão.

— O parceiro dele está aí? O detetive Mc... McGillicutty?

— Senhora, se você não notou, são dez da noite. É urgente?

— Bom, realmente é muito importante. É sobre o caso do Nolan Hotchkiss. Eu... encontrei uma coisa. Será que posso deixar com você?

O policial fez uma pausa, quase como se estivesse pensando no assunto.

— Você vai ter de falar com o Peters. Vou dizer que você vai vir. Qual é o seu nome? — disse ele, enfim.

Caitlin congelou. Dizer seu nome parecia uma má ideia, mas mesmo assim ela disse. O policial o repetiu, depois disse que Peters a veria ao meio-dia do dia seguinte. Aí desligou.

Caitlin se voltou para as outras com a boca aberta.

— E aí? — perguntou Mac. — Nós vamos?

Ela balançou a cabeça, explicando o que tinha acontecido. Os ombros de Julie se curvaram.

— O que devemos fazer nesse meio-tempo? — perguntou Mackenzie.

Todas ficaram em silêncio por um bom período, pensando. Então Caitlin ligou novamente o carro.

— Acho que faremos o que é preciso — disse ela. — Esperamos a noite acabar... e depois vamos entregar esse idiota.

Ela deixou as garotas no estacionamento onde tinham parado seus carros. Elas planejaram se encontrar na manhã seguinte na delegacia. Então Caitlin saiu com a cabeça girando. Embora soubesse que ia chegar em casa e descansar, sabia que estaria agitada demais para dormir. Precisava conversar com alguém.

E, de repente, percebeu quem era esse alguém.

Dez minutos depois, ela parou no meio-fio diante da casa dos Friday. A maioria das janelas estava escura, mas uma única brilhava no porão. O coração de Caitlin batia com força quando ela saiu do carro. Por sorte, o carro de Josh não estava na entrada. Mais cedo, naquela noite, ele tinha lhe mandado uma mensagem de texto perguntando se ela queria sair com seus amigos para comemorar a vitória do grande jogo da quarta-feira, algo em que ela mal havia *pensado* desde então. Mas ele não tinha parecido muito chateado quando ela recusara. Além do mais, não era o Josh que ela queria ver naquela noite. Era Jeremy.

Caitlin foi na ponta dos pés até os fundos da casa, onde as janelas do porão davam para fora. Seu coração ficou leve. Ali estava Jeremy, lindo, sentado no

sofá e vendo Cartoon Network.

Ela bateu uma vez na janela. Ele ergueu a cabeça na hora e seu rosto se alegrou quando ele a viu. Ele se levantou rapidamente e destrancou a porta do porão.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ele com a voz confusa e as bochechas coradas.

— Eu... eu queria ver você — disse Caitlin, sentindo-se repentinamente envergonhada.

— Achei que você estava com o Josh — disse Jeremy. Depois olhou para ela com atenção. — Você está com uma cara... exausta. Está tudo bem?

Caitlin desviou o rosto. Claro que ela não estava bem, mas não podia arrastá-lo para aquele pesadelo do Granger.

— É que os últimos dias foram estranhos e confusos.

Jeremy inclinou a cabeça.

— Achei que você ia estar nas nuvens depois da vitória no futebol.

Caitlin fechou os olhos. Ela *deveria* estar nas nuvens. Tinha marcado três gols naquele jogo. A recrutadora da Universidade de Washington fora pessoalmente encontrá-la depois da partida, dizendo que havia uma vaga para ela na equipe da universidade. Suas companheiras de time e suas mães a haviam cercado, dando-lhe grandes abraços, e ela quisera se sentir alegre e vitoriosa, como acontecia quando seu time ganhava. Mas sentiu que havia um buraco em uma parte dela que antes amava futebol. Ou talvez todo o resto que a preocupava e ocupava sua mente tomasse todo o espaço disponível.

— A vida é mais que futebol — disse ela apenas, olhando para Jeremy.

— Entendo — disse Jeremy, assentindo. Sua garganta oscilou quando ele engoliu. — Hm, quer entrar?

— Sim — disse Caitlin, surpresa com sua audácia. Ela ficou ainda mais surpresa ao pegar a mão de Jeremy e deixá-lo guiá-la para dentro. O porão tinha cheiro de pipoca, e o cachorro da família, Scruffy, estava deitado em sua cama no canto. Ele viu Caitlin e abanou o rabo, depois baixou outra vez a cabeça.

— Oi, Scruffs — disse ela.

Caitlin e Jeremy se sentaram juntos no sofá com os joelhos encostados. Jeremy baixou o som e a encarou.

— Eu estava com saudades de você — soltou Caitlin.

— Eu tenho pensado muito em você — disse Jeremy ao mesmo tempo.

Ambos recuaram, envergonhados, e riram. Depois Caitlin estendeu a mão e tocou a bochecha lisa dele. Jeremy estremeceu. Ele olhou nos olhos dela outra vez e se inclinou para a frente. Suas bocas se tocaram, e arrepios percorreram a espinha de Caitlin. Ah, como ela queria aquilo, *precisava* daquilo. O beijo

dissipou imediatamente tudo de ruim que estava sentindo.

Ela não sabia por quanto tempo eles tinham se beijado, com o rosto todo iluminado pela anime da TV. Finalmente, Jeremy se afastou, sem fôlego.

Ele segurou as mãos dela.

— Caitlin — disse ele suavemente. — Eu quero ficar com você.

Ela contraiu a boca.

— Eu sei.

Ele respirou fundo.

— Mas eu entendo que é... complicado.

Caitlin mordeu o lábio. O que ele estava falando era óbvio. E também estranho. Ali estava ela, na casa de Josh, no portão de Josh, em um sofá onde ela e Josh tinham se beijado centenas de vezes. Era muito familiar, e mesmo assim totalmente... *novo*.

— Quer dizer, você e o Josh ainda estão juntos — disse Jeremy cauteloso. — Mas você não quer ficar com ele, não é?

Caitlin pigarreou.

— Não — admitiu ela. — Acho que não.

Os olhos de Jeremy cintilaram.

— Está pronta para ficar comigo? Para, tipo, ficar *mesmo* comigo? Não para se esconder debaixo da arquibancada. Não para entrar escondida no meu portão. Porque eu estou pronto para ficar com você.

Era uma pergunta muito simples, mas Caitlin hesitou. Ela pensou no que aconteceria se terminasse com o Josh. No que o time pensaria. Nas festas para as quais não seria mais convidada. Em como o ano seguinte na Universidade de Washington seria desconfortável.

Mas tudo isso ela podia superar. Era a parte das famílias dos dois que a preocupava. Suas mães e os pais de Josh *adoravam* o fato de eles estarem juntos. Será que suas mães ficariam decepcionadas?

Então Jeremy se aproximou e a beijou de novo. De repente, todas as dúvidas de Caitlin desapareceram. Ela passou as mãos pelo abdômen duro dele, inalando seu cheiro.

— Sim — sussurrou ela. — Sim, Jeremy. Estou pronta.

Os lábios dele se moveram suavemente por seu pescoço e maxilar, e ela fechou os olhos, jogando a cabeça para trás. Foi quando viu uma fresta de luz amarela vindo da porta no final da escada. E foi quando viu um vulto parado no vão da porta, olhando para eles.

Caitlin recuou depressa quando Josh desceu a escada, mas era tarde demais. O olhar dele foi de Caitlin para o irmão. Seu lábio se curvou e ele enrugou o nariz. Suas mãos se fecharam em punhos apertados.

— Josh — disse Caitlin em um tom preocupado, com medo de que Josh socasse o irmão mais novo. — Não é culpa dele.

Josh a encarou de novo.

— Então é culpa *sua*? — Suas narinas se expandiram. — Ele é a fim de você há *anos*, Caitlin. Só nunca achei que você ia cair nessa.

Então a porta do porão se abriu. Caitlin se virou. Os pais de Josh e Jeremy desceram a escada. Ambos de robes e meias.

— O que está acontecendo aqui? — disse o Sr. Friday em uma voz sonolenta. Depois ele viu Caitlin. — Caitlin? — Sua voz ficou séria. — Eu não sabia que você estava aqui.

— Ah, a Caitlin queria ficar um pouco sozinha com o Jeremy. — A voz de Josh estava amarga. — Não é, Caitlin?

Todos os olhos se voltaram para ela. Havia várias palavras presas em sua garganta, mas ela não conseguia colocá-las para fora. Ela sentia Jeremy sentado a seu lado, esperando que ela dissesse a verdade. Que dissesse: *É verdade. Eu escolhi o Jeremy.*

Mas por algum motivo, embora fosse verdade, ela simplesmente não conseguiu.

Então o que fez foi se levantar do sofá e recuar até a porta do porão.

— Hm, tenho que ir — disse, tentando encontrar a maçaneta. — Desculpem.

A maçaneta girou em suas mãos e ela saiu para a garagem. Pouco antes de fechar a porta, ela se virou e lançou um último olhar para todos. A fúria estava clara no rosto de Josh. O Sr. e a Sra. Friday pareciam cansados e confusos. E ali estava Jeremy, boquiaberto. Seus olhos estavam tristes. Era como se Caitlin tivesse acabado de lhe dar um tapa na cara.

Mas tudo o que conseguiu fazer foi apertar o botão para abrir a porta da garagem. A porta se movimentou e ela nem a esperou se abrir completamente para sair. Ninguém foi atrás dela quando ela correu até o carro. Talvez porque ninguém soubesse o que pensar do que tinha acontecido.

Ou talvez porque soubessem.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

NA MADRUGADA DAQUELA NOITE, Parker se encontrou com Julie no Jaime's Big Bite, o único restaurante vinte e quatro horas de Kirkland, uma cidade que ficava a vinte minutos de Beacon Heights. Nas paredes forradas de madeira, datadas do começo dos anos 80, havia fotos desbotadas de pratos do café da manhã. De acordo com a lenda da Beacon Heights High, pedir um frango com waffles e acompanhamento de bacon com xarope de bordo no Jaime's absorvia magicamente todo o álcool do sangue de quem comia e garantia uma manhã sem ressaca no dia seguinte. Antes de tudo acontecer, Parker e Julie costumavam parar ali ao voltar das festas, Parker drogada ou bêbada e Julie normalmente sóbria, já que ia dirigindo. Elas dividiam uma batata frita enorme e um milkshake de Oreo e riam de todas as loucuras que tinham acontecido naquela noite. Olhando o restaurante, Parker via versões das duas mais novas fazendo aquilo, garotas com cabelo lambido e maquiagem borrada rindo de piadas idiotas de bêbado. Ela sentiu uma familiar pontada na boca do estômago pelo futuro perdido.

Uma garçonete as sentou sob uma foto de uma rabanada, e Julie pediu batatas fritas apimentadas para as duas. Ela e Julie se sentaram do mesmo lado da mesa, um hábito que tinham instituído havia muito tempo, basicamente uma paródia irônica de todos os casais melosos do ensino médio que não aguentavam passar um único jantar sem ficar de mãos dadas. Mas naquela noite elas também deram as mãos. Parker não sabia de Julie, mas tocar a palma de outra pessoa impedia sua mão de tremer descontroladamente.

— Obrigada por me tirar de lá — murmurou Parker quando a garçonete colocou as batatas fritas na mesa apenas segundos depois de pedirem.

— De nada — disse Julie, pegando o frasco de ketchup. — Eu não ia deixar você ser pega. Não acho que teria aguentado.

Parker assentiu.

— Provavelmente, não.

Elas até que não falaram muito enquanto comiam. As mãos de Parker continuaram a tremer enquanto molhava uma batata frita coberta de pimenta em pó no ketchup. Era como se não comesse há dias. Nos últimos tempos, não tinha apetite por causa de tudo o que vinha acontecendo. Mas talvez, finalmente, o

pesadelo estivesse quase no fim.

Ela ergueu o rosto, tendo uma ideia.

— No ano que vem, vamos nos afastar o máximo possível desta pocilga — disse ela de repente.

Julie tomou um susto, depois pegou mais uma batata frita.

— Para onde você quer ir?

Parker deu de ombros.

— O seu espanhol é bom. Vamos morar no México. Cabo, Cozumel, Cancún. Algum lugar de praia. Aposto que é barato.

— E quanto à faculdade?

Parker bufou.

— Ninguém vai me aceitar com as notas que tenho. E, além do mais, minha mãe nunca pagaria.

Julie olhou para o prato.

— É, também não sei como vou pagar a faculdade. Acho que vou ficar presa aqui. A mensalidade de residente da Universidade de Washington não é baixa, mas se eu trabalhar talvez consiga pagá-la. — Ela viu o rosto de Parker e franziu as sobrancelhas. — Espere, você está falando sério?

— Sim — disse Parker em um tom de desafio. — Estou.

Elas passaram um bom tempo se olhando. A cabeça de Parker começou a latejar de um jeito agourento. De repente, ela percebeu que logo ela e Julie poderiam estar longe uma da outra. Ela sempre presumira que, em qualquer situação, ela e Julie ficariam juntas em algum lugar. Se Julie decidisse se mudar para Seattle, o que ela faria? Não podia mais ficar naquela cidade. O lugar tinha lembranças ruins demais.

Então o olhar de Julie se fixou em um ponto à direita. Suas bochechas empalideceram, e sua boca se abriu.

— Ai, meu Deus.

— O que foi? — perguntou Parker desviando os olhos do prato de batatas fritas. Ela seguiu o olhar de Julie... e também ficou de queixo caído. Elliot Fielder estava no balcão de comida para viagem, entregando seu cartão de crédito ao caixa. Ele pegou uma caixa de isopor e virou-se para sair.

Então seus olhos encontraram os de Parker, e ele congelou. O coração dela começou a bater com força. Ela se sentiu murchar na cabine. E, para seu horror, Elliot começou a andar *em direção* a elas.

— Fique calma — sussurrou Julie, pegando sua mão. — Estou aqui com você.

Elliot estava com uma expressão estranha ao se aproximar. Parker queria se levantar e sair correndo, mas se sentia presa com um alfinete como um inseto.

Julie se endireitou no banco quando ele parou à mesa delas.

— O que você está fazendo aqui? — pressionou ela. — Você nos seguiu?

Elliot nem sequer olhou para ela. Estava com os olhos fixos em Parker. De repente, um sorriso estranho se abriu em seu rosto.

— Vocês estão juntas.

— Hm, *dã* — Julie disse em um tom de desafio. — Mas eu fiz uma pergunta. *Você nos seguiu?*

— Não. — Ele ergueu o recipiente de comida para viagem. — Só vim pegar um hambúrguer. Juro. Não estou seguindo vocês.

— Que bom. Então vá embora. — Julie o enxotou com um gesto.

Mas Elliot continuou sem olhar para ela. Ele lançava um olhar penetrante para Parker, como se a esperasse dizer alguma coisa. Parker olhava para a mesa. Vê-lo a enchia com uma sensação profunda e violenta de desespero. Pouco tempo antes, ele a fazia sentir que havia esperança para ela, que algum dia, com a ajuda adequada, com esforço, ela poderia até encontrar um pouco de paz. Aquilo tornava a traição ainda demais dolorosa.

Julie balançou a cabeça com os olhos arregalados.

— Não vou deixá-lo ficar perseguindo a Parker impunemente. É melhor parar. Os olhos escuros de Elliot eram insondáveis.

— Eu não estou perseguindo ninguém — disse ele calmamente.

— Ah, é? — disse Julie em voz alta. Uma garçonete que passava olhou confusa para eles. — Então o que eram todas aquelas fotos no seu computador?

— A Parker não deveria ter encontrado aquilo — disse Elliot. — Olhe, eu só estava tentando descobrir mais sobre o problema da Parker. Acho que posso ajudá-la. Talvez consiga até ajudar você, Julie. Se conseguir ajudar uma de vocês, provavelmente ajudarei as duas.

Julie bufou.

— Não acho que preciso da sua ajuda, mas obrigada.

Parker sentiu o olhar dele outra vez.

— Parker, desculpe por não ter contado que estava observando você. Mas fiz isso por um motivo importante. — Ele enfiou a mão no bolso e tirou um cartão de visitas. — Acabei de ganhar uma bolsa e vou me mudar para o Arizona, mas se em algum momento você quiser conversar estou aqui. — Sua voz ganhou um tom de urgência. — Por favor, me dê uma chance. Pode confiar em mim.

As palavras dele pairaram no ar por um bom tempo. Parker sentia que tanto Elliot quanto Julie esperavam que ela finalmente falasse. Ela respirou fundo, erguendo o rosto para olhar nos olhos de Elliot.

— Sabe quem teve chances, chances e mais chances? — sussurrou ela. — Meu pai. Eu aprendi a lição.

O rosto de Elliot ficou vermelho. Ele deu um passo na direção dela, mas Julie

se levantou e ficou entre eles com os olhos cintilando. Quando ela falou, sua voz saiu baixa e controlada, mas era impossível não perceber sua fúria.

— Indo ou não para o Arizona, se o pegarmos seguindo a Parker de novo, vamos denunciá-lo no comitê médico. Vamos dizer a eles que você a seduziu. Você vai perder sua licença. E vai perder tudo.

A expressão do terapeuta mudou, deixando cair a máscara cuidadosamente neutra e revelando um sorriso frio e também arrogante. Ele ergueu uma das sobrancelhas, olhando bem para Julie pela primeira vez desde que chegara à mesa.

— Mesmo que fosse verdade, ninguém acreditaria nela.

— Então vou dizer que foi comigo.

Ele e Julie se encararam pelo que pareceu uma eternidade. Então, lentamente, Elliot sorriu.

— Tudo bem. Você venceu. Eu nunca mais vou entrar em contato com nenhuma de vocês duas.

Ele deu alguns passos na direção da porta, depois se voltou e sorriu para elas, dessa vez quase com gentileza.

— Sabe, eu fico feliz por vocês terem uma à outra — disse ele. — Vão se ajudar a sobreviver. — Então ergueu a mão em um gesto de despedida. Os sininhos da porta tocaram quando ele saiu.

Parker olhava para as batatas fritas frias sob um cobertor de queijo endurecido.

— Bom — murmurou ela. — Isso foi estranho. — Então ela pegou a mão de Julie. — Obrigada. Sabe, por tudo.

— De nada — disse Julie suavemente, dando um abraço apertado em Parker. — Graças a Deus ele está indo embora.

Depois daquele encontro, Parker se sentia exausta, drenada. Mas Elliot estava certo em uma coisa: ela *realmente* precisava de Julie. A simples ideia de se afastar de Julie, depois de tudo o que tinham passado juntas, a enchia de pânico. Julie era a única pessoa que ainda a amava. A única pessoa que a conhecia, que sabia o que ela tinha enfrentado e ainda se importava com ela.

Ela ergueu o rosto e percebeu que Julie também a olhava. E, como sempre acontecera com elas, Parker teve a sensação de que Julie estava pensando a mesma coisa.

— Eu não quero deixar você — sussurrou Julie.

— Eu sei — disse Parker. — Se quiser ficar aqui e ir para a faculdade, também fico.

— Combinado — disse Julie. Depois sorriu. — Mas *precisamos* arrumar um lugar só nosso para morar. Aqueles gatos acabam com o nosso charme.

— Vamos arranjar um lugar lá no Capitol Hill — disse Parker em tom sonhador. — Nós mesmas podemos decorar.

— Vou arrumar um emprego na piscina da universidade e você vai trabalhar na livraria insultando as escolhas literárias dos clientes — divagou Julie.

— Ninguém vai conseguir nos incomodar. Vamos ficar bem sozinhas.

Julie pegou a mão de Parker e a apertou com força.

— Toda essa confusão com o Nolan vai ficar no passado para sempre.

Parker sorriu, acreditando naquilo sinceramente. Que se danassem Elliot Fielder e suas tentativas inúteis de ajudar. Ela estava com Julie, e isso era tudo o que importava.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

DEPOIS DE UMA NOITE EM CLARO, Mackenzie se sentou na cama e esfregou os olhos. Embora fosse cedo, ela ouviu os sons do café da manhã lá embaixo. Engolindo em seco, ela calçou as pantufas e foi para a cozinha. Sua mãe e seu pai estavam ao lado da bancada, ambos usando robes. Sierra também estava ali, tomando chocolate quente em uma caneca com a estampa de uma chave de sol.

— Vocês acordaram cedo — disse ela com a voz enrolada.

Sua mãe pulou do banco e correu até ela, abraçando-a com força.

— Bom, *tentamos* esperar você ontem à noite, mas você chegou muito tarde.

Mac franziu a testa. Sua mãe enviara uma mensagem de texto perguntando onde ela estava, e Mac mentira, dizendo que estava na casa de sua nova amiga, Julie Redding, e que chegaria logo. Será que estava encrencada? Seu coração acelerou. Será que eles sabiam que ela tinha invadido a casa do Granger?

Mas aí ela olhou para o pai. Ele sorria de felicidade. Até Sierra parecia meio animada. Mac se sentou em um banco ao longo de uma bancada.

— O que está acontecendo?

— Tem uma mensagem na secretária eletrônica — disse animadamente a Sra. Wright. — Você entrou!

Mac tomou um susto.

— Entrei?

— Para a *Juilliard*! — A Sra. Wright correu até o telefone sem fio do outro lado da cozinha. — A minha amiga Darlene ligou! Ela fica sabendo de *tudo* o que acontece no setor de admissões da Juilliard, e...

Ela apertou o play. Depois de um bipe, a voz de uma mulher ressoou pelo cômodo. “Oi, Elise, aqui é a Darlene! Olha, ainda não é oficial, mas o juiz ficou *emocionado* com a apresentação da Mackenzie”, disse ela animadamente. “Esperem uma carta na semana que vem! E dê muitos parabéns à sua filha! Ela está seguindo seus passos e indo para a Juilliard!”

Mac gritou. Ela havia conseguido. *Ela tinha entrado*. E nem se incomodava por seus pais terem descoberto antes. Era a notícia mais maravilhosa que já ouvira.

Sua irmã mais nova se aproximou um pouco e a abraçou.

— E você não vai acreditar na outra novidade — disse ela, empolgada. —

Conte, mãe.

A Sra. Wright sorriu.

— Bom, a Sra. Coldwell me ligou ontem à noite. Eles também têm contatos internos e parece que a Claire também vai entrar.

Mackenzie congelou. Um zumbido agudo retiniu em seus ouvidos.

— Espere. O quê?

— Não é o máximo? — Sua mãe balançou a cabeça, maravilhada. — Quem diria! Mas vocês duas vão. Não é incrível? Podem ficar no mesmo quarto!

Um gosto amargo encheu a boca de Mackenzie. Toda a empolgação de um instante antes se contraía dentro dela, mudando de forma até ela não saber mais o que sentia. Raiva, decepção, ressentimento e ansiedade estragavam a breve sensação de triunfo que tivera. Tudo o que ela queria era derrotar a Claire, de uma vez por todas.

Mas, em vez de se vingar, Mackenzie ficaria presa com ela por mais quatro anos.

— Isto pede uma comemoração! — Sua mãe correu até a geladeira e pegou um bolo de chocolate decorado com notas musicais em uma delicada cobertura branca. Seu pai começou a despejar leite em taças de vinho. Apenas Sierra ficou sentada com uma expressão astuciosa, observando Mackenzie. Ela sempre suspeitara do que a irmã sentia pela “melhor amiga”.

— E então? Você não tem nada a dizer? — perguntou sua mãe, entregando-lhe um prato.

— É mesmo, garota da Juilliard, como está se sentindo? — disse seu pai.

Sierra ergueu sua taça.

— Discurso! Discurso!

Mackenzie olhou sua família, segurando a fatia de bolo. De repente, o cheiro a levou de volta em uma onda repentina de lembranças à noite em que ela e Blake tinham se beijado no Reino do Cupcake. Lágrimas arderam em seus olhos, mas ela piscou para afastá-las para ninguém ver.

— Nunca estive tão feliz — disse ela.

Nem tão infeliz.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

NAQUELA MANHÃ, JULIE COLOCOU UM VESTIDO azul-escuro e se avaliou no espelho de corpo inteiro. Atrás dela, Parker soltou uma risadinha.

— É *isso* que você vai usar para ir à delegacia? Você parece uma daquelas crianças do *Harry Potter*.

Julie franziu a testa. Ela estava tentando passar a impressão de que era responsável e devia ser levada a sério, mas, pensando melhor, o longo vestido azul era meio Hogwarts-chique. Ela o tirou por cima da cabeça e o trocou por uma combinação de cardigã cinza e calça jeans escura.

— Tem certeza de que não quer ir? — perguntou ela a Parker quando colocava os brincos de pérolas falsas. — Talvez seja... não sei. Satisfatório.

— Não, obrigada. — Parker balançou a cabeça enfaticamente. — Enquanto o Elliot estiver por aí, não quero sair desta casa. De um jeito ou de outro, vocês não precisam de mim, não é? É só entregar o pen drive do Nolan para a polícia.

— Você está certa — disse Julie, depois balançou as mãos, nervosa. Ela só queria que aquilo *terminasse*. Mal podia esperar para Granger estar atrás das grades e tudo poder voltar ao normal.

Enquanto escolhia um par de sapatilhas, notou a bolha do e-mail em seu laptop piscando. Ela clicou, pensando que podia ser alguém pedindo uma carona. Mas então viu o nome... e o assunto. Seu coração parou no peito.

De: Ashley Ferguson

Para: Ashley Ferguson

Cc: Julie Redding

Assunto: O segredinho sujo de Julie Redding

No corpo do e-mail não havia texto, apenas o link para uma matéria, a que descrevia que Julie e sua mãe tinham sido despejadas de sua antiga casa em Oakland. A que Parker tinha *apagado*.

Bom, Ashley dera um jeito de ressuscitá-la.

Julie se inclinou para a frente e apertou a borda da mesa até os nós de seus dedos ficarem brancos, concentrando-se em contar. *Um, dois...* Ashley tinha colocado os destinatários em cópia oculta; quem eram eles?... *três, quatro...* Será que era a escola inteira?... *cinco, seis, sete...* Ou ela tinha mandado apenas para

Julie para lembrar que ela estava sob seu poder?

— Julie? — disse Parker do outro lado do quarto.

Julie soltou um soluço baixo e triste. Parker chutou as cobertas e correu até ela.

— O que foi?

Sem falar nada, Julie abriu caminho. O olhar de Parker percorreu rapidamente o e-mail.

— Aquela *vaca* — rosnou ela.

— Não entendo — disse Julie em um tom de voz fraco. Ela não parava de contar. *Vinte e seis, vinte e sete*. Não estava ajudando nem um pouco. — Por quê? Por que ela fez isso?

Parker andou pelo quarto de Julie, nervosa de repente, como se o espaço não fosse grande o suficiente para contê-la.

— Ela é tudo o que existe de errado com o mundo. Não dá para confiar em ninguém além dos seus verdadeiros amigos.

Mas Julie não estava prestando muita atenção. Ela procurou seu telefone, digitando o número de Ashley com as mãos trêmulas.

Ashley atendeu no primeiro toque.

— Oi, garota suja — cantarolou ela. — Gostou do meu e-mail?

— Que *droga* é essa, Ashley? — disparou Julie, furiosa. — Para quem você mandou aquilo?

— Ah, sabe como é. Para todo mundo.

Julie se curvou para a frente, certa de que ia vomitar. Ela pensou em todo mundo lendo aquela matéria. Vendo sua foto. Juntando as peças. *Ah!* pensariam eles. *É por isso que a Julie nunca recebe ninguém em casa!*

— Mas por quê? — soluçou ela ao telefone. — Eu nunca fiz nada para você!

— Exatamente — disse Ashley em um tom amistoso. — Você nunca fez *nada* para mim... ou por mim. Você não via problema em ficar sem fazer nada enquanto suas amigas zombavam de mim. E sinceramente... você não tem sido exatamente legal nos últimos tempos; bom, agora é a sua vez de sentir como é ficar de fora. Vejo você na escola! — Ela fez uma pausa. — Ah, e mande um oi para a sua mãe por mim! Talvez, se você tiver sorte, vai ser igualzinha a ela quando crescer! — E, com isso, ela desligou.

Julie ficou olhando o telefone em sua mão. Lágrimas desciam por seu rosto. De repente, seu laptop apitou de novo. Era outra mensagem de Ashley. *É isso que o Carson pensa de você agora*, dizia o assunto.

A única coisa na mensagem era uma foto. Julie aproximou o rosto do laptop. Era uma foto de Carson... e Ashley. Eles estavam diante da estátua de porco no Mercado de Peixe Pike, e o mesmo sol que brilhava do lado de fora da janela de

Julie os iluminava. Carson tinha uma expressão enojada e o polegar virado para baixo. Ashley segurava sua outra mão. Eles estavam muito perto um do outro.

Julie soltou um gritinho. Bom, isso definia as coisas.

Parker se sentou ao lado dela, apertando seu ombro com força. Julie piscou tentando imaginar como seria o restante do ano letivo, mas só conseguia ver um enorme buraco negro. Parker realmente *era* tudo o que ela tinha agora. Nada de amigos. E, definitivamente, nada de Carson.

Nada de *nada*.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

UMA HORA DEPOIS, AVA PAROU NO ESTACIONAMENTO da delegacia. Ela baixou o espelho e olhou seu reflexo: o mínimo de maquiagem, apenas um toque de rímel e brilho labial transparente, o cabelo preso em um rabo de cavalo baixo. Sua grande camiseta masculina dos Huskies pendia solta sobre a calça de ioga da Lululemon. Sua pele ainda pinicava com a lembrança do striptease que fizera para o Sr. Granger... o striptease que suas amigas tinham visto, que provavelmente o *Alex* tinha visto. Ela queria uma aparência completamente diferente da noite anterior.

Ela pegou o telefone de novo e ligou para o número de Alex. O telefone tocou e tocou, depois caiu na caixa postal. Um caroço se formou em sua garganta. Será que ele estava ali do lado, olhando para seu nome piscando na tela?

— Por favor, me deixe explicar — disse ela depois do bipe da caixa postal. — Não foi o que você está pensando, ok? Eu te *amo*.

Mas todos os seus protestos eram fracos e patéticos. O que Alex devia pensar? Ela não tinha nem abotoado o vestido ao sair correndo da casa do Granger. Será que esse era o preço que tinha de pagar para provar sua inocência?

Frustrada, ela saiu do carro e bateu a porta. O céu estava feio e cinzento, o ar pesado de chuva. O interior da delegacia estava silencioso, havia apenas uns poucos policiais em suas mesas. Não havia recepcionista na entrada, e nem sinal de suas amigas. Ela pegou o telefone e enviou uma mensagem para o grupo: *Estou aqui. Andem logo!*

Tensa com a energia contida, ela andou de um lado para o outro na recepção, examinando o quadro de avisos coberto de pôsteres de garotas desaparecidas e traficantes de drogas procurados, anúncios de fiadores e advogados locais. Havia até um anúncio de um conselheiro de saúde mental chamado Elliot Fielder, da Beacon Heights Mental Health Outreach. Quando o telefone apitou, ela o pegou com pressa, torcendo para ser Alex. Mas era apenas um e-mail de uma aluna do penúltimo ano que ela vira com Julie algumas vezes, uma garota chamada Ashley Ferguson. O assunto era *O segredinho sujo de Julie Redding*.

Curiosa, Ava clicou e leu a matéria anexa. O seu coração saltou. Pobre Julie. Aquilo explicava por que às vezes era tão reservada, tão fechada. Como devia ser viver assim? E não era de estranhar que nunca quisesse que ninguém a

encontrasse em casa.

Logo depois, todas as garotas entraram às pressas. Ava viu Julie entrar por último, com uma cara exausta e olhos inchados. Claramente ela também lera a matéria. Ava deu um passo para a frente, querendo dizer alguma coisa a ela, que Ashley Ferguson era uma vadia horrenda, talvez, e que o carma a pegaria algum dia.

Mas não conseguiu dizer isso.

— Para mim não importa onde você mora ou qual é a situação. Estou feliz por termos nos tornado amigas — foi tudo o que conseguiu dizer.

Os olhos de Julie se encheram de lágrimas. Sua boca tremeu. Ela baixou a cabeça e foi para os braços de Ava. Ela a abraçou com força, notando os olhares solidários de Mac e Caitlin. Elas também deviam ter visto o e-mail. Talvez a escola *inteira* tivesse visto.

Então Julie se afastou e enxugou os olhos.

— Então, hm, está com você? — perguntou ela, olhando para Caitlin, que tinha ficado com o pen drive durante a noite.

Caitlin assentiu e deu um tapinha em sua bolsa de lona.

— Eu chequei cinquenta milhões de vezes. Está aqui.

Um policial que parecia ser novo passou, e Ava pigarreou.

— Hm, estamos aqui para ver o detetive Peters e o detetive McMinnamin.

O policial olhou as garotas com ceticismo, mas, antes que tivesse a chance de responder, os dois detetives apareceram pelos fundos da delegacia. McMinnamin vinha na frente, claramente o mais antigo dos dois parceiros.

— Tudo bem, garotas — entou o detetive McMinnamin, passando a mão pelo cabelo louro e ralo. — Sigam-me.

Ava respirou fundo e passou por uma série de mesas bagunçadas com pilhas altas de formulários e copos de café de papel. Elas entraram por um longo corredor, passaram por um bebedouro e pelas portas dos banheiros masculino e feminino, e se acomodaram na mesma sala de interrogatório para onde ela fora levada naquela mesma semana. Parecia que fazia muito mais tempo.

Assim como na primeira vez, as venezianas estavam abertas, revelando dois espelhos longos. Ava olhou para eles com nervosismo. Será que tinha alguém do outro lado observando-as?

— Então — começou Peters, entrelaçando os seus dedos enormes em cima da mesa. — O policial de plantão disse que vocês têm informações sobre Nolan Hotchkiss. Estão prontas para compartilhá-las?

As garotas se entreolharam. Julie assentiu de forma encorajadora. Então Caitlin empurrou o pen drive sobre a mesa. Seus dedos pegajosos deixaram marcas de suor na superfície escura.

— Era do Nolan — explicou Julie em uma voz hesitante. — N-nós encontramos na casa do Lucas Granger. Isso *prova* que o Nolan sabia que o Granger estava ficando com alunas.

— E que ele estava chantageando o Granger — intrometeu-se Ava. — Pedindo que ele lhe desse notas melhores, escrevesse cartas de recomendação, pagasse coisas... enfim, tudo.

— Foi o Granger — assim disse Mackenzie. — Ele matou o Nolan... e agora está tentando nos incriminar.

Peters se voltou para Ava com os olhos castanhos indecifráveis.

— E como encontraram esse pen drive? Ele simplesmente o entregou? — Havia um sorriso malicioso em seu rosto.

Ava corou. Julie se mexeu na cadeira. Caitlin se inclinou para a frente com os olhos cintilando.

— Bom, ele tentou seduzir a Ava. Ela pegou o pen drive quando fugiu dele.

McMinnamin suspirou e esfregou as têmporas.

— Então você... *roubou*?

Ava ficou boquiaberta.

— Bem, eu...

— E a que horas foi isso, moças? — perguntou Peters com as sobrancelhas franzidas.

Ava olhou para as outras. Ela não sabia que importância tinha aquilo.

— Hm, não sei. Já estava de noite.

— Onze? Meia-noite?

— Por que vocês não *olham* o conteúdo desse pen drive? — interrompeu Julie, empurrando o objeto na direção deles. — E *depois* tomam uma decisão? Porque eu acho que isso prova que o Granger é o assassino e prova que vocês deveriam prendê-lo.

— Não duvido de que o Granger estivesse fazendo algo ilícito — disse McMinnamin em um tom arrogante. — Mas seria impossível prendê-lo.

Ava se sobressaltou, repentinamente desanimada.

— O quê? Por quê?

O olhar do detetive era firme.

— Porque ele está morto.

Ava ofegou.

— *O quê?* — disse ela em um tom quase inaudível.

— Ligaram para a emergência da casa dele ontem à noite — disse Peters. — Quando a ambulância chegou, havia sinais de luta.

O sangue subiu à cabeça de Ava. Aquilo não fazia o menor sentido. E, de repente, ela entendeu aonde o detetive queria chegar.

— Eu não fiz nada com ele — disse ela, muito devagar.

— Tome cuidado com o que vai dizer agora — grunhiu Peters. — Porque temos uma testemunha que coloca todas vocês na cena do crime às dez da noite, mais ou menos na hora da morte.

O coração de Ava batia tão furiosamente que ela ficou surpresa por ele não saltar do peito.

— Quem? — E então, de repente, ela se deu conta. Ela se lembrou do vulto no gramado. A expressão traída, enojada e horrorizada em seu rosto. Seu coração se partiu em um milhão de pedaços.

— Alex Cohen — disse Peters, olhando para ela. — Ele mora no mesmo apartamento, estou certo? E acho que disse que você é *ex-namorada* dele. — Peters abriu um sorriso nojento. — Acho que não queria namorar uma garota que agora está sendo investigada por assassinato.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

PARKER CORREU para a entrada da delegacia, de onde as outras garotas saíam para o sol. Todas estavam com uma cara péssima. Julie lhe mandara mensagens de texto com atualizações durante todo o tempo que Parker levou para chegar ali de ônibus: que a polícia as estava liberando, dizendo que não havia provas suficientes para acusá-las pelo assassinato de Granger até terem revistado completamente a casa dele; que tinham colhido suas impressões digitais e DNA. Tinham até tirado fotos delas sob fortes luzes fluorescentes. Parker não conseguia imaginar que Julie tivesse lidado muito bem com *aquilo*. Ela e Julie se entreolharam, depois Parker correu e puxou a melhor amiga para um abraço.

— Não tentem fazer nenhuma idiotice — gritou o detetive Peters da entrada. — Estamos de olho em vocês... *todas* vocês — acrescentou ele, olhando para Parker e franzindo a testa. Parker estremeceu. Suas digitais já estavam nos arquivos da polícia por causa do que acontecera com seu pai. Ela era tão suspeita quanto as outras.

Parker olhou para as outras depois que o policial entrou. Ava soluçava. Caitlin contraía o maxilar. Mac parecia prestes a vomitar.

— Meus pais vão me matar — sussurrou ela.

— Não creio que eles ligaram para os nossos pais — disse Ava, infeliz. A boca de Julie teve um espasmo, e Parker pegou a mão dela, pensando naquela mensagem horrível que tinha circulado apenas uma hora antes. Mas, comparado àquilo, será que o segredo de Julie realmente importava? Será que *alguma coisa* importava?

Julie segurou a mão de Parker como se fosse a única coisa que a mantivesse de pé.

— Eles vão perceber que cometeram um erro — disse ela em uma voz calma. — A polícia vai perceber que fomos incriminadas.

— *Será?* — Os olhos de Ava estavam desvairados. — Nós estávamos *lá*, Julie. O Alex nos *viu*. E as nossas impressões digitais estão pela casa toda. — Lágrimas desciam por seu rosto. — Eu achei que tudo ia *acabar*. Achei que o Granger estava fazendo isso conosco. E agora é outra pessoa?

Parker estremeceu. Aquele pensamento tinha passado pela sua cabeça também. Elas não tinham solucionado nada. Ela fechou os olhos com força e

vasculhou seu cérebro, tentando juntar as peças da noite anterior. Quem dera conseguisse se lembrar de alguém rondando o terreno do Granger. Um carro misterioso estacionado do outro lado da rua. *Alguma coisa*. Mas quando tentou acessar suas lembranças havia apenas um vazio. Ela só conseguia se lembrar de sair correndo da casa de Granger com o coração batendo com força. E depois um abismo de escuridão. Provavelmente tinha se encolhido em algum lugar, desligando-se como sempre fazia. E depois encontrara Julie um pouco mais tarde na lanchonete, grogue e confusa.

— Quem estava nos observando ontem à noite? — sussurrou Parker.

— E o Granger é o assassino do Nolan? — perguntou em voz alta Caitlin. — Ou o assassino do Nolan também matou o Granger... e fez parecer que fomos nós *de novo*?

Ava franziu as sobrancelhas.

— Mas por que o assassino do Nolan precisaria matar o Granger?

Parker engoliu em seco, considerando essa possibilidade.

— Talvez o Granger soubesse alguma coisa sobre ele.

— Então procuramos a coisa errada na casa dele? — perguntou Ava.

— Não sei — disse Parker lentamente. Ela olhou o grupo. — Mas talvez tudo o que achamos que sabíamos não seja verdade.

Todas estremeceram. Caitlin voltou o rosto para cima, franzindo a testa. Parecia que o cérebro de Julie tinha acabado de explodir. Mas Parker se perguntou, de repente, se podia ser verdade. A memória era algo traiçoeiro, mas a realidade era ainda mais. Depois que alguém chegava a uma conclusão era difícil compreender que a verdade era outra. Mas e se *fosse*? E como elas podiam descobrir?

E se fosse tarde demais?

AGRADECIMENTOS

ESTOU BASTANTE FELIZ com o resultado final deste livro. Alfred Hitchcock disse: “Sempre faça a audiência sofrer o máximo possível”, e esta série realmente faz isso do melhor jeito! Quero agradecer aos cérebros da Alloy Entertainment por me ajudarem a colocar as peças do quebra-cabeça nos lugares certos: Josh Bank, Les Morgenstein, Sara Shandler, Lanie Davis e Katie McGee. Novamente, pelo que parece ser a milionésima vez, vocês são incríveis e habilidosos. Muito obrigada a Liz Dresner por criar a capa perfeita para as nossas perfeccionistas.

Meu muito obrigada também a Jen Klonsky, Kari Sutherland e Alice Jerman da HarperCollins por dar o aval para o projeto deste livro e por acompanhar nossa louca caminhada. Também agradeço aos cineastas do passado que inspiraram não apenas parte da premissa desta história, mas cujos dramas sombrios, distorcidos e tortuosos ajudaram a criar seu clima. E um imenso, IMENSO obrigada a Jen Graham. Você é um verdadeiro talento e este livro não existiria sem você!

Leia também os livros da série:

Pretty Little Liars

Maldosas
Impecáveis

*Perfeitas
Inacreditáveis
Os segredos mais secretos das Pretty Little Liars*

Perversas

Destruidoras

Impiedosas

Perigosas
Traíçoeiras
Implacáveis

Estonteantes

Devastadoras

Os segredos de Ali

Arrasadoras

Letais

The Lying Game

O jogo da mentira
Eu nunca...

Duas verdades e uma mentira
Caça ao tesouro

*Juro pela minha vida
Sete minutos no paraíso*

Título original
THE PERFECTIONISTS

Copyright © 2014 by Alloy Entertainment e Sara Shepard
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra
pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou
meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema
de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do
editor.

“Edição brasileira publicada mediante acordo com Rights People, Londres.”

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Preparação de originais
SOFIA SOTER

Coordenação Digital

MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital

MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub

PENHA DUTRA

Edição digital: agosto, 2017.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S553p

Shepard, Sara, 1977-

As perfeccionistas [recurso eletrônico] / Sara Shepard; tradução Joana Faro. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2017.

recurso digital (As perfeccionistas; 1)

Tradução de: The perfectionists

ISBN 978-85-7980-359-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Faro, Joana. II. Título III. Série.

17-38853 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

SARA SHEPARD é autora de duas séries bestseller do *The New York Times*, *Pretty Little Liars* e *The Lying Game*. Ela se formou na Universidade de Nova York e é mestra em escrita criativa pela Brooklyn College. Conheça mais sobre ela no site www.saracshepard.com